COLLECTION: FLOTSAM & JETSAM 💪 BLIND EAR: CLAUDIO DAVID (OVERDOSE)

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

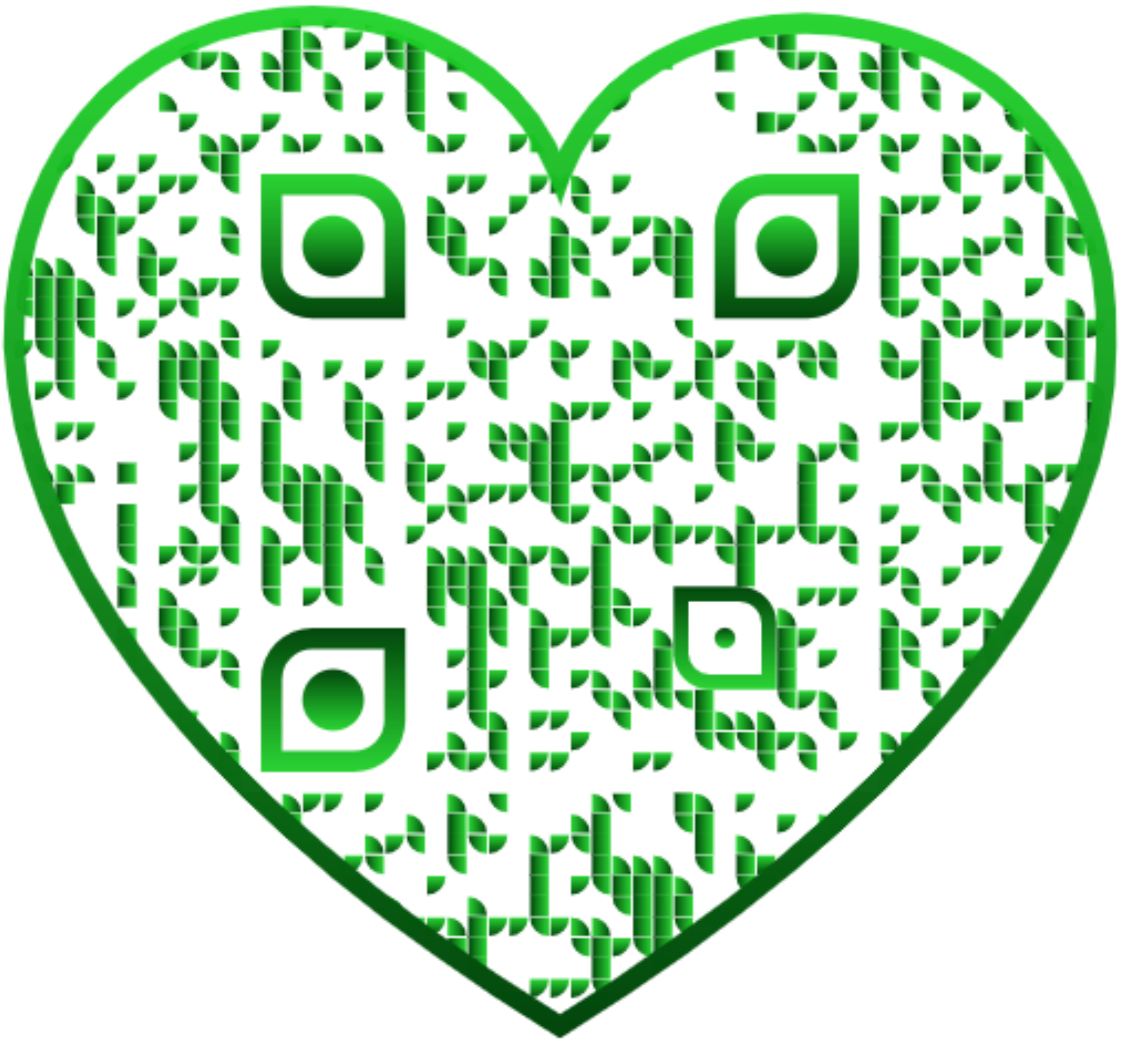
Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

O DNA HEAVY ROCK DO SCORPIONS

ENTREVISTAS:

SAXON 💪 JETHRO TULL 💪 ABORTED
HAMMERFALL 💪 RHAPSODY OF FIRE
DARK FUNERAL 💪 THE HELLACOPTERS
ENSLAVED 💪 INCITE 💪 MYSTIC CIRCLE
SWALLOW THE SUN 💪 CADAVER 💪 AEON

O PRIMEIRO ÁLBUM SEM ANDRE MATOS



Brasil Revistas

Entre em nosso Canal no Telegram.
Acesse t.me/BrasilRevistas

Tenha acesso as principais revistas do Brasil.

Distribuição gratuita, venda proibida!

SHAMAN

NOVO ÁLBUM E NOVO MERCHANDISING

Enviado por gentileza de t.me/BRASILREVISTAS

CAMISETA FRENTE E COSTAS

CD + DVD
DIGIPACK + LUVA + ENCARTE

CAIXA ESPECIAL

29/04 - MANAUS @ Teatro Manauara *
01/05 - FORTALEZA @ Armazem *
06/05 - CARIACICA @ Matrix Music Hall *
08/05 - RECIFE @ Clube Internacional *
13/05 - RIBEIRÃO PRETO/SP @ Quinta Linda C.E. *
14/05 - BRASÍLIA @ Toinha Brasil Show *
15/05 - GOIÂNIA @ Bolshoi Pub *

20/05 - RIO DE JANEIRO @ Sacadura 154
22/05 - PORTO ALEGRE @ Opinião
27/05 - BELO HORIZONTE @ Mister Rock
28/05 - CURITIBA @ Ópera de Arame *
29/05 - CRICIÚMA @ Collier de Cha *
03/06 - LIMEIRA @ Mirage Eventos

* Aliança Metal Brasil - Show com MOTORNAIL

Spotify DEEZER amazon Prime Music Available on iTunes

WWW.SHAMANBAND.COM

AGÊNCIA ARTÍSTICA

Foto: Thiago Kiss (SHN)

ad by: www.jfunedesign.com

TOKIO MARINE HALL

Pra onde você resolver ir,
A MÚSICA TE LEVA

TOKIOMARINEHALL.COM.BR

Patrocínio: Da Magrinha 100% INTEGRAL | Programa: TudoAzul | Mídia Partner: uol | Apoio: ESTANPLAZA, shift, CONSIGAZ | Realização: grupo Tom Eventos | CLIENTES TOKIO MARINE TEM BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS

Seguimos todos os protocolos internacionais de segurança e higienização. Menores de 16 anos somente acompanhados dos Pais ou Responsável Legal.
Os descontos não são válidos para meia entrada. Pré-venda: mínimo de 48 horas de antecedência do público geral exclusiva para segurados ou colaboradores da Tokio Marine Seguradora S.A. ou corretores cadastrados no Portal do Corretor. Na pré-venda os 50 primeiros segurados ou colaboradores ou corretores têm direito a compra de 04 ingressos, pelo CPF, com desconto exclusivo de 50%. Artigidos os 50 primeiros CPFs e ainda estando dentro das 48 horas da pré-venda, segurados ou colaboradores ou corretores terão 20% de desconto até o limite de 30% da carga de ingressos. Após a pré-venda será aplicado o desconto de 20% para segurados ou colaboradores ou corretores, não cumulativo com outras promoções e limitado a 4 ingressos por CPF. Segurados passam a ter direito ao desconto um dia após a emissão da apólice e até o término da vigência do seguro. Seguros adquiridos por meio de apólices coletivas, certificados e bilhetes não participam da promoção. Todos os descontos dessa regulamento são aplicados no valor do ingresso na data da compra e NÃO são cumulativos com outros descontos e outras promoções. A compra da mesa/cadeira é pessoal e intransferível e a legitimidade está condicionada à apresentação dos documentos que comprovem esta condição na entrada do espetáculo, conforme LEI Nº 2844 DE 13 MAIO DE 1992. Capacidade máxima = 4.000 pessoas | Protocolo de Vistoria nº 201239.23021. R. Bragança Paulista, 1281 | www.tokiomarinehall.com.br | PUBLIPOS: (11) 5585.2120

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

BATE CABEÇA
O PODCAST DA ROADIE CREW

PODCAST ROADIE CREW BATE-CABEÇA

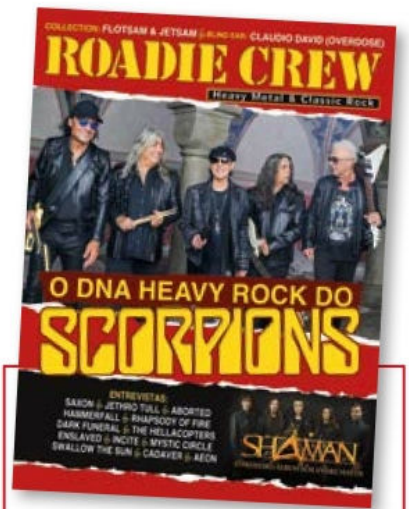
Apresentação de
RICARDO BATALHA
LUIZ TOSI

Toda quinta-feira
no YouTube às 11 horas
www.youtube.com/roadiecrewmagtv

E também via
Podcast no Spotify,
Apple Podcasts, Google Podcasts,
Amazon Music e Deezer.

ÍNDICE

06 CENÁRIO
18 PORTAL RC
20 SCORPIONS
26 DARK FUNERAL
30 HIDDEN TRACKS
Cold Sweat
32 SAXON
36 PLAYLIST
Alan Wallace (Eminence)
38 THE HELLACOPTERS
42 COLLECTION
Flotsam & Jetsam
44 INCITE
46 SHAMAN
50 RELEASES
53 FRONT COVER (MARCELO VASCO)
Kreator - Pleasure to Kill
55 ROCK AVERAGE
Mötley Crüe - Shout at the Devil
64 RHAPSODY OF FIRE
66 SWALLOW THE SUN
68 ENSLAVED
70 BLIND EAR
Claudio David (Overdose)
72 ETERNAL IDOLS
Taylor Hawkins (Foo Fighters)
74 HAMMERFALL
78 ABORTED
80 CLASSICREW
Wishbone Ash, Riot, Triumph e Bloodbath
82 BACKGROUND
Golpe de Estado (Parte 2)
86 HEADPHONES IN FURY
Rodrigo Flausino (RF Force)
88 AEON
90 JETHRO TULL
92 MYSTIC CIRCLE
94 CADAVER
96 COLUNISTAS
It's Only Rock'n'Roll / Brotherhood
98 PROFILE
Armandö Macedö (Flageladör)



FOTOS:
Scorpions: Marc Theis • **Shaman:** Divulgação

BEHIND THE STAGE

A edição anterior, com o especial sobre *Creatures of the Night* e Revenge, mostrou a força dos fãs do Kiss e muitos leitores nos enviaram fotos segurando a capa da revista com orgulho. A última turnê da banda pelo Brasil emocionou a todos, incluindo o staff da ROADIE CREW. Afora os shows em si, outro fato reconfortante foi presenciar e sentir na pele a emoção do reencontro com os que nutrem a mesma paixão pela música pesada. Como mencionei na resenha do show de São Paulo, publicada em nosso site, coisas simples e corriqueiras que não fazíamos há tempos, como cumprimentos com apertos de mão, abraços e beijos, enfim voltaram à realidade em um show de rock. E também voltamos a sentir o mesmo durante a apresentação do Metallica no Morumbi, em sua sétima passagem por São Paulo (décima no Brasil). Porém, em que pese a grandiosidade de ambos os grupos, o Kiss veio pela última vez e, claro, deixará muitas histórias e saudades.

Quem também se acostumou a fazer shows por aqui, desde a primeira edição do Rock in Rio em 1985, foi a banda que estampa a nossa matéria de capa: Scorpions. Na entrevista, o vocalista Klaus Meine explica como o mais recente álbum, *Rock Believer*, o 19º disco de estúdio de sua discografia, é a volta do grupo ao início dos anos 80 – a matéria traz ainda um box sobre os quarenta anos de *Blackout*. "Queríamos provar para nós mesmos que não somos apenas 'os reis da balada', mas que também ainda somos os reis do heavy rock e do hard rock", declarou Meine.

Outra formação de peso que sempre faz apresentações memoráveis no Brasil é o Saxon, que atualmente promove seu 24º álbum de estúdio, *Carpe Diem*. Na entrevista, o baterista Nigel Glockler explicou por que Inspirations (2021) e *Carpe Diem* estão diretamente ligados à pandemia e contou como trabalha nos arranjos de bateria – você também pode conferir a entrevista no canal da ROADIE CREW no YouTube no quadro "Inside".

Mais um destaque de capa é o Shaman, que apresenta o novo trabalho, *Rescue*, o primeiro após o falecimento de Andre Matos. Na entrevista, Luis Mariutti e Alirio Netto falam sobre perda de Matos, a decisão pela volta do grupo e, claro, tudo sobre *Rescue*.

Além destes destaques e das tradicionais seções, incluindo o retorno do "Blind Ear", a ROADIE CREW traz entrevistas com Dark Funeral, The Hellacopters, Incite, Rhapsody of Fire, Swallow the Sun, Enslaved, Hammerfall, Aborted, Aeon, Jethro Tull, Mystic Circle e Cadaver. Boa leitura.

Ricardo Batalha

ROADIE CREW

EDIÇÃO: 268
MAI-JUN/2022
ANO 25

EDITOR
Claudio Vicentin - claudio.vicentin@roadiecrew.com

EDITOR ONLINE
Luiz Tosi - luiz.tosi@roadiecrew.com

REDATOR-CHEFE
Ricardo Batalha - rbatalha@roadiecrew.com

CONSELHO
Airton Diniz - airton@roadiecrew.com

EDITOR DE ARTE
Leandro de Oliveira - leandro@roadiecrew.com

REDAÇÃO
Antonio Carlos Monteiro - tony@roadiecrew.com
Daniel Dutra - daniel.dutra@roadiecrew.com
Guilherme Spiazzi - guilherme@roadiecrew.com
Valtemir Amler - valtemir.amler@roadiecrew.com

COLABORADORES
Alessandro Bonassoli, Écio Souza Diniz, Heverton Souza, Ivanei Salgado, João Messias Jr., Leandro Nogueira Coppi, Leonardo M. Brauna, Luiz Cesar Pimentel, Marcelo Vasco, Matheus Vieira, Paulo César Teixeira Júnior e Thiago Prata

Fotógrafos: Roberto Sant'Anna, Marta Ayora

COLABORADORES NO EXTERIOR
EUA: Chris Alo, Ken Sharp, Mitch Lafon

ASSINATURAS E EDIÇÕES ANTERIORES
Maria Diniz - assinaturas@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 96380-2917

PUBLICIDADE
Depto. Comercial - anuncios@roadiecrew.com

DISTRIBUIÇÃO PARA TODO O BRASIL
Roadie Crew
www.roadiecrew.com/roadie-shop

DISTRIBUIÇÃO NAS BANCAS
RAC Mídia

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Grafilar

ROADIE CREW é uma publicação da Roadie Crew Editora Ltda.
Caixa Postal 43015 - CEP: 04165-970
São Paulo/SP - BRASIL
WhatsApp: +55 11 96380-2917
E-mail: redacao@roadiecrew.com
Site: www.roadiecrew.com
Facebook, Twitter e Instagram: @roadiecrewmag
YouTube: www.youtube.com/roadiecrewmagtv

ISSN 1415-322X

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa dos editores.
Todos os artigos aqui publicados são de responsabilidade dos autores, não representando necessariamente a opinião da revista
For International Contacts: +55 11 96380-2917

SOMOS FILIADOS ABEMÚSICA

Entre em nosso Canal no YouTube ROADIE CREW BRASIL E REVISTAS

FACES OF DEATH
WHEN CALLS THE DEATH
Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS
WHEN CALLS
THE DEATH
NOVO SINGLE / NOVO VIDEOCLIPE
NOVA FORMAÇÃO
ASSISTA AGORA:
WWW.FACESOFDEATH.COM.BR
CORUN

AMERICA BOULEVARD
TRILHANDO NOVOS CAMINHOS

Certamente não é como se estivéssemos diante do roteiro mais original da história da música, na verdade essa talvez seja a história mais comum de todo o universo do rock: um grupo de amigos que são fãs de música pesada resolvem se reunir para, ao mesmo tempo, tentar a sorte no mundo artístico e prestar uma homenagem aos seus velhos ídolos, seus grandes motivadores. Sem dúvida, não é o roteiro mais original que você já ouviu, mas ele tem sido forte o suficiente para manter o rock vivo e produtivo por várias décadas, e tenho certeza de que é exatamente dessa forma que o manteremos aí para sempre, mesmo tão longe dos olhos e ouvidos do mainstream. Surgida como uma banda cover, a America Boulevard mudou sua formação e a sua proposta, e hoje atua com o vocalista Henry Wright, o guitarrista Rodrigo Miranda, o baixista Luis Paniago e o baterista Ronnie Stuart. Eles não abrem mão de seu passado, mas começam a trilhar novos caminhos com o lançamento de *Getaway*, single que apresenta ao mundo a face autoral do America Boulevard. Nosso entrevistado, Rodrigo Miranda, adianta que a banda já possui outras ideias prontas para serem registradas e que muito em breve mais hard'n'heavy oitentista será trazido até nós. Confira os principais passos desse início de jornada na entrevista abaixo.

Ronnie Stuart, Henry Wright, Rodrigo Miranda e Luiz Paniago preparam o disco de estreia do America Boulevard

Em geral, as bandas de rock nascem a partir de fãs de rock, e é visível que este é exatamente o caso da America Boulevard. Portanto, gostaria que nos falassem como a paixão pelo rock foi despertada em suas vidas?

Rodrigo Miranda: Falando por nós quatro, a experiência é bem parecida: desde adolescentes ouvimos Guns N'Roses, AC/DC, Metallica, Slayer e muitos clássicos, principalmente hard rock anos 80. A paixão surgiu dos DVDs , CDs e discos de vinil, uma paixão construída dia após dia como um estilo de vida.

Atuando como America Boulevard, percebemos vocês como músicos muito abertos, que vão do rock clássico ao metal. Isso se deve aos gostos pessoais de vocês na música? Como percebem esses diferentes movimentos dentro do rock e como isso agrega ao som de vocês?

Rodrigo: Com certeza! Ouvimos desde o rock nacional mainstream, como Paralamas do Sucesso, até metal mais extremo, como Death, Slayer e afins. Isso é de grande ajuda na hora de compor, cada membro da banda traz influências diferentes que agregam bastante.

Falem um pouco sobre o nascimento da America Boulevard. Como se conheceram e como foram os primeiros dias da banda?

Rodrigo: Tudo começou com nosso vocalista, Henry, que tinha o sonho de fazer uma banda de hard rock com pegada anos 80. Nós nos conhecemos pelo Facebook através de vídeos, assim como o primeiro baixista e batera da banda, em uma antiga formação. A banda se desfez depois de um choque de objetivos: eu e Henry estávamos a fim de trabalhar no hard rock autoral e os outros caras optaram por seguir nos covers, puxando para uma linha mais rock nacional, algo que nunca foi o objetivo da banda. Após isso, chamamos o baixista Luiz e o baterista Ronnie para a banda, eles eram amigos nossos já algum tempo, os conhecíamos de um tributo antigo de Metallica, e assim seguimos no jogo.

Baseando-se principalmente na página de vocês no Facebook, percebemos que atuam também como banda cover tocando clássicos de AC/DC, Guns N'Roses, Judas Priest, Metallica e tantos outros. O que essa experiência com a música de seus ídolos tem agregado na experiência de vocês?

Rodrigo: Acho que tem agregado principalmente em relação aos elementos colocados nas músicas: levadas, timbres, técnicas, ritmos e a forma com que as músicas são estruturadas e pegando isso tudo como experiência.

Em 2021 vocês apareceram com o single *Getaway*. Essa foi a primeira composição de vocês como banda? Como o processo funcionou para vocês?

Rodrigo: Foi a primeira música que gravamos em estúdio. Possuímos outras composições que ainda não foram finalizadas. Nosso processo de composição é bem orgânico, partimos de uma ideia de riff e vamos para o estúdio, onde alinhamos as ideias e estruturamos a música de forma conjunta.

Musicalmente, *Getaway* segue aquela premissa que comentávamos, a pluralidade de estilos musicais, mas com forte acento no hard rock clássico. Essa pegada deverá ser mantida nas próximas composições ou existe alguma ideia diferente em vista?

Rodrigo: A princípio, seguimos com a mesma proposta de hard rock clássico. Entretanto, buscaremos em composições futuras elementos do metal moderno, como afinações mais graves dos instrumentos e viradas de bateria mais complexas, mas sem perder a raiz hard rock/heavy metal clássica, digamos que é uma mistura sempre de Guns N'Roses com Metallica e pitadas de elementos modernos.

Aliás, como tem funcionado o processo de composição? Vocês já têm mais músicas compostas?

Rodrigo: A composição é algo bem natural. As ideias iniciais são propostas por algum integrante e trabalhadas a fundo em estúdio depois por cada um de nós. Algo bem livre, como uma jam. Tocamos algum trecho, damos ideias, efetuamos mudanças que agradem primeiramente à banda em sua totalidade e assim por diante, até o produto final. No momento temos várias músicas esperando para serem gravadas e estamos trabalhando nisso.

Vocês já têm um nome firmado com as covers e agora começam a trilhar o caminho do autoral. Como deverá ficar o repertório de vocês para as próximas apresentações?

Rodrigo: Buscamos sempre mesclar nosso repertório de músicas já conhecidas com as autorais, para que aos poucos o público conheça nosso som.

Um grande abraço e o espaço final é de vocês para abordarem o assunto que desejarem e falar diretamente com nossos leitores. Muito obrigado pela entrevista!

Rodrigo: Primeiro queremos agradecer imensamente a espaço e a entrevista, e também agradecer ao público que nos acompanha diariamente nas redes sociais e quem tem feito tudo isso ser possível e se tornar realidade. Obrigado pelo apoio e lembre-se: o rock não morreu, está mais vivo que nunca, basta ouvir.

Valtemir Amler

EVE DESIRE
SOB AS BENÇÃOS DE GAIA

Vontade férrea de seguir em frente e a continua inspiração que leva à mudança. Esses têm sido os principais ingredientes da Eve Desire, banda brasileira radicada na Argentina desde 2020 e que lançou o debut *Prelude to Singularity* também em 2020. Apostando em um metal sinfônico repleto de mergulhos líricos que vão do espiritual/filosófico ao físico/matemático, eles apresentam seu novo capítulo com o single *Gaia*, recentemente lançado e que conectará o primeiro com o vindouro segundo álbum. Dando sequência ao capítulo que versava sobre as reflexões do homem diante do tempo, o novo disco promete um capítulo ainda mais emocionante da trilogia. Como diz a vocalista Arya Medeiros: "O tempo é implacável, passa de qualquer maneira. Como você quer que o seu tempo passe?"

Wagner Cappia e Arya Medeiros, estreando a nova fase com o single *Gaia*

Fotos: Divulgação

Na primeira vez em que conversamos, em 2020, vocês estavam lançando o álbum de estreia, *Prelude to Singularity*. Imagino que as circunstâncias acabaram atrapalhando parte dos planos de promoção, certo?

Arya Medeiros: Sim e bastante. Mas fizemos o que podia ser feito naquele momento: festivais online, entrevistas, lives, collabs. E também mudamos de país. Voltamos a tocar agora em janeiro aqui em Buenos Aires e está sendo a melhor experiência que tivemos até aqui trabalhar na Iberoamérica.

Falando sobre a temática, *Prelude* abordava a relação do homem com a morte, ou melhor, com o tempo de que dispomos. Esse tema que ganhou todo um novo sentido e uma nova amplitude em 2020, mas o álbum já vinha sendo composto muito antes, certo?

Arya: Eu diria que foi um disco que adivinhou o que viria. Existe uma história, 'O Homem, o Amor e a Morte'. Tudo se resume nisso. O homem vê sua vida sob diferentes prismas, vê a mulher e tem que aceitar que, talvez, o que ele e a sociedade imaginam dela não seja exatamente o que ela é. A morte que lhe instiga, que lhe diz que é assim porque é. Uma decisão pequena que ocasiona uma série de acontecimentos – pode ser boa ou ruim, depende do que vem depois.

Na nossa primeira conversa, você falou sobre *Eternally*, uma das minhas favoritas. Porém, é difícil não destacar faixas como *Elysium*, dona de ótimas melodias.

Arya: *Elysium* foi composta inspirada na *Sinfonia no. 9* de Beethoven. A morte é a protagonista e chega pedindo a moeda para o barqueiro. Os Jardins de Elísio são uma promessa, mas não. A vida nunca acaba, ela segue. É nisso que acreditamos. São tempos e lugares diferentes, mas tudo é um círculo em que não se sabe o começo e o fim. É um convite à reflexão sobre o uso do seu tempo, quando a Morte pergunta o que ele fez com o tempo dele na Terra. É uma das minhas favoritas também.

Agora, fale-nos um pouco mais sobre aquela que é para mim a canção que mais 'cresceu' desde 2020, a ótima *New Past*.

Arya: Nessa a protagonista é o Amor, ou A Mulher. A mulher contemporânea, dona de si, livre, que, apesar de todos acharem que está derrubada pela perda que sofreu, ela está bem e tem que seguir. É sobre ser dona das suas escolhas e sobre viver nos nossos termos. Sobre ser guerreira, sobre ser eterna, sobre levar no nosso sangue tanta ancestralidade poderosa. E dela nasceu *Gaia*, no último dia 22 de abril, já aqui em Buenos Aires.

Com o tempo vem a mudança e a Eve Desire já começou a seguir seus planos futuros. A banda hoje está sediada na Argentina, certo?

Arya: Isso, nos mudamos em novembro de 2020. Uma das principais razões foi a banda. Queríamos trazê-la para o mercado iberoamericano, porque sabemos da força do heavy metal latino aqui. E foi a melhor decisão que tomamos na vida. Aprendemos espanhol, começamos a conhecer gente, voltamos a tocar. O público ama bandas autorais e a cultura do cover é bem menor. Há infinitos lugares para tocar e todos os países são como irmãos que têm nomes de países diferentes. Parece que não tem fronteiras entre eles. Compartilham o idioma e a cultura, cantam em espanhol como forma de identidade.

O primeiro fruto dessa nova fase é o single *Gaia*, lançado recentemente. Lembro que você dizia que *Prelude to Singularity* era a primeira parte de uma trilogia, então existe um ponto de conexão aqui?

Arya: Sim, existe. *Gaia* é um 'spin off'. Fala da ancestralidade feminina guerreira, dos povos originários da América. Da invasão que chamaram de descobrimento. *Gaia* vem falar da identidade americana. Somos americanos. Podemos ser descendentes de imigrantes, mas somos americanos e somos o presente e o futuro do mundo. Um continente jovem que se tornará um gigante. Depois do massacre dos povos originários pela colonização portuguesa no Brasil e espanhola na Ibero América, somos, talvez, os primeiros americanos de fato. O tempo passa a roda gira, e somos essa mistura de identidades entre o indígena e o europeu, essa raça colorida sem muita cara definida. Isso me encanta.

E quanto aos palcos? Agora que as coisas finalmente estão começando a flexibilizar, já é possível fazer planos de turnê?

Arya: Voltamos com tudo em janeiro deste ano. Em março, fizemos dois shows com o Dr. Sin aqui em Buenos Aires. Agora estamos com os shows de lançamento de *Gaia*, que serão em maio aqui em Buenos Aires e 5 de junho em São Paulo, no Manifesto Rock Bar. E mais datas estão sendo confirmadas. Em abril, gravamos o clipe de *Gaia*.

Para encerrar, como está a formação da banda?

Arya: Estamos tocando com nossos Hermanos: Alejandro Aguilar nas guitarras, Leandro Aguilera no baixo e Nicolás Jourdain na bateria. Está sendo muito rico trocar culturas e ritmos. Estamos 'super boa onda', como se diz aqui. Mas, eventualmente, tocaremos também com outros músicos, por viabilidade e para tocar com amigos e antigos integrantes, é sempre rico compartilhar o palco com pessoas novas ou já conhecidas, e temos um monte de gente com quem queremos tocar aí! Como será no show de São Paulo, por exemplo.

Muito obrigado pela entrevista e parabéns pelo ótimo trabalho!

Arya: Obrigada por seguir acompanhando nosso trabalho aqui nas terras portenhas! A banda nunca deixará de ser brasileira, temos nossos fãs e amigos aí e sempre estaremos aí para compartilhar música boa. *Gaia* nasceu argentina, é a primeira filha argentina, foi composta, gravada, tudo aqui, mas a sonoridade é da alma brasileira, como serão todas as músicas daqui para frente. Levar a música brasileira para o mundo está sendo uma experiência incrível, e ver como o público respeita a nossa música é outro show à parte. Esperamos todos em nossas redes e shows. Muito obrigada por estarem sempre junto com a gente e nos vemos em breve!

Valtemir Amler

Entre no nosso Canal no Telegram: t.me/BRAVOREVISTAS

INORBITO
EMBALANDO MOMENTOS "FORA DE ÓRBITA"

"Música feita para incomodar puritanos musicais" é uma definição possível, mas a melhor maneira de explicar o conteúdo deste *Idade Mídia*, disco de estreia da Inorbito, é "boa música". Simples assim. Tão simples quanto isso é a fórmula musical de Willy Arioli, vocalista e idealizador da banda, e de seus parceiros, que já se preparam para o lançamento de novas músicas. Se você tem o coração, a mente e os ouvidos abertos para música boa e "fora da casinha", conheça aqui o início de jornada desta banda e se prepare para aquilo que virá a seguir.

Jhony Paul, Thiago Salo, Willy Arioli, Fellipe Soriak e Jean Lucas, caminhos plurais dentro do rock
Divulgação

Antes de conversarmos sobre sua música, por favor, fale-nos um pouco sobre o seu background. Como nasceu a sua paixão pela música pesada e como foi o início da sua jornada como músico e compositor?

Willy Arioli: Bem, a verdade é que no começo nem eu sabia que cantava alguma coisa, eu interpretava algumas músicas de sertanejo em casa quando era criança, mas um dia, ouvindo *The Final Countdown*, do Europe, com o Jean (guitarra), eu tentei cantar alguma coisa dela, mesmo sem saber inglês na época. Ele curtiu aquilo e disse que eu deveria ser cantor. Ele me ensinou alguns acordes no violão e mais tarde fui estudar canto na Escola de Música Villa-Lobos aqui no Rio de Janeiro. A paixão pelo rock veio quando eu tinha uns 10 anos; Comecei ouvindo grunge, mas depois que ouvi *Nova Era*, do Angra, a coisa mudou, foi a primeira música de metal que ouvi na vida e dali em diante não parei mais de ouvir.

Sabemos que o Inorbito surgiu como um projeto solo. Para começar, fale um pouco sobre a escolha do nome para o projeto: como o nome Inorbito se relaciona com a música que você compõe?

Willy: Vamos por partes... Primeiramente, o nome é uma consequência de diversos acontecimentos na minha vida, acontecimentos repetidos e por diversas vezes engraçados (risos). O que acontece é que quando eu tenho alguma ideia de música, eu me desligo totalmente do mundo à minha volta, me desconecto totalmente das pessoas, do lugar onde estou e fico um tanto abestalhado às vezes (risos). Me desligo tanto que às vezes as pessoas falam comigo, me perguntam coisas e eu ajo como se elas nem estivessem ali. E isso acontece em qualquer lugar! Num churrasco, no cinema, no banho, eu fico 'fora de órbita', e daí surgiu o neologismo 'Inorbito' (sem o acento na escrita).

Foi dito que esse projeto nasceu com o objetivo de compilar as canções que você ia desenvolvendo ao longo dos anos. A grande variedade de elementos musicais presentes no álbum de estreia se deve mais ao amadurecimento das suas ideias ao longo dos anos ou tem mais a ver com a pura exploração dos seus gostos e influências na música?

Willy: Eu acho que tem ligação com as duas coisas. Há coisas que são, sim, de um amadurecimento como músico e compositor, mas há coisas que nasceram por puro improviso no estúdio, que experimentamos e ficou legal e eu vejo como algo enriquecedor. Acho que experimentar é muito bom e também acho que apresentar suas influências ao máximo mostra o quanto o artista acredita no seu trabalho. E eu acredito muito no meu.

Apesar de compilar ideias colecionadas ao longo do tempo e da citada variedade musical, *Idade Mídia*, o álbum de estreia, soa coeso, com uma direção clara.

Willy: Olha, foi um trabalho de produção de dois anos junto com Diego Sena (produtor do disco). As músicas sofreram algumas alterações até chegarmos no resultado final. Por exemplo, as cordas que se ouvem em *Viver e Mudar* não existiam quando enviei as demos pra ele, mas, depois de muito ouvir, a introdução antiga me incomodou muito – a ponto de eu quase remover a faixa do disco. Daí ele disse: 'Se não lhe agrada, refaça. Vale tudo antes do lançamento.' E assim fizemos também em outras partes do disco, então, acho que a homogeneidade do álbum se deve a isso, parar, ouvir e refazer se necessário.

Quando foi que o Inorbito deixou de ser um projeto solo e se tornou uma banda?

Willy: Tudo começou quando o mesmo Diego disse que eu deveria fazer um show de lançamento – eu nem pensava em lançamento na verdade, ele me convenceu das coisas aos poucos, então, com alguns contatos e amigos da cena aqui da favela da Maré, montei a banda para um único show que seria depois da pandemia. Mas com o tempo eu vi que a vibe era outra, que não tinha sentido continuar como um projeto solo, não me sentia confortável com isso, então propus a eles que fosse uma banda, que já até sofreu alteração e hoje é: Jean Lucas na guitarra, Jhony Paul na bateria, Thiago Salo no baixo, Fellipe Soriak no teclado e, claro, eu nos vocais.

Falando sobre as canções, existem duas em especial que gostaria que comentasse. Comecemos com *Cada Vez Mais Forte*.

Willy: Sabe, acho que todos temos aquela pessoa que se foi, mas que ainda sentimos no nosso coração, acho que este é o ponto aqui, se você tem essa pessoa, com certeza se identifica com esta canção.

Fale-nos agora sobre *Quando o Dia Amanhecer*, outro dos destaques do disco de estreia.

Willy: Ela é que melhor representa as dualidades do disco, pois todas as canções têm pelo menos duas interpretações, uma óbvia e outra bem metafórica. Além disso, essa música é especial porque faço um dueto com minha irmã, que também toca violoncelo em *Viver e Mudar* e *Fique Bem Longe*. Assim como *Cada Vez Mais Forte*, tenho certeza de que incomoda aquele metaleiro 'truezão' e, francamente, amo incomodar esse tipo de pessoa.

Gostaria também que comentasse o título do álbum, *Idade Mídia*.

Willy: O título é uma espécie de cabideiro, é uma linha de raciocínio sobre a tecnologia, redes sociais em si e as músicas – as roupas –, todas se interligam ao cabideiro e o definem, tudo o que se lê por aí está fragmentado nas músicas, desde as discórdias políticas, assuntos polêmicos, atitudes comportamentais das pessoas com o celular (como por exemplo dormir com o celular etc.), fake news, está tudo lá, nas linhas e entrelinhas.

Por fim, gostaria que falassem sobre os planos futuros: o que vem por aí?

Willy: Voltamos aos ensaios com o planejamento de ir para os palcos, curtir, trabalhar e se divertir junto com toda a massa que está sedenta por eventos. Também estamos produzindo nosso EP, que vem um pouco diferenciado de *Idade Mídia*, pois há a carga, bagagem e arranjos da banda. No nosso canal do YouTube estamos disponibilizando o processo do nascimento deste EP, que esperamos lançar em breve. Gostaria de agradecer pela entrevista, pela oportunidade de estar aqui. Muito obrigado!

Valtemir Amler

Proibido uso não autorizado. Telegram: @GERADORDEVIPS

Postado em Rosso Cultural no Telegram / Line BRASIL ROCK STARS

THE GIANT VOID
O UNIVERSO DO METAL EM SINTONIA

No fim dos anos 90, Felipe Colenci concretizou o sonho de ter uma banda de metal por meio do Fire Diamond, na qual permaneceu até 2004. Em 2010, mais por hobby, formou o Blackdome, tendo lançado o EP *Higher* (2013) e o full *The Chaos Suite* (2016). Então veio a pandemia, que serviu como divisor de águas. "Nesse período, resgatei aquele menino que havia em mim e que queria fazer algo grande no metal", ressalta Colenci. Inicialmente um projeto, The Giant Void se tornou uma banda, com Hugo Rafael, cantor do Sambô e finalista do The Voice Brasil 2021, mostrando seus dotes como vocalista de metal, e Colenci atuando como multi-instrumentista. Com Michael Ehré (Gamma Ray, Primal Fear) registrando as baterias e mais uma série de convidados, *Thought Insertion* (2021) emergiu. E é sobre o disco e os próximos passos do grupo que conversamos com Felipe.

Felipe Colenci e Hugo Rafael não colocam limites na sonoridade do The Giant Void

O convite ao Hugo traz uma história interessante, que envolve o trabalho de vocês em sua produtora de áudio, a Fuzzr, especializada em jingles, spots e efeitos sonoros.

Felipe Colenci: Trabalhamos com publicidade há muitos anos. E o Hugo sempre canta nos jingles. Além disso, conversamos sobre rock'n'roll, metal e classic rock. A intenção inicial era o grupo ser um projeto, com vários vocalistas. Aí o Hugo cantou uma música, e achei sensacional. Impressiona como ele está soando. Ele gosta de metal, mas é mais do classic rock. E quando vieram as músicas, não soou como aquela coisa só aguda ou só de ópera. Claro que gosto de vocais assim, mas não queríamos ser mais uma banda com esse tipo de voz. Falei para o Hugo para seguirmos como uma banda.

E *Thought Insertion* é completado pelo baterista Michael Ehré, que comentou que as músicas do The Giant Void são desafiadoras e divertidas de tocar.

Felipe: Quando enviei as músicas, ele me respondeu falando exatamente isso. E o cara falou de forma humilde, do quanto as músicas são criativas e que ficou surpreso com elas em tão pouco tempo de banda. Como trabalho em estúdio, consigo fazer arranjos de batera e enviei as ideias para ele. Mas o Michael toca do jeito dele. Ele mandou coisas diferentes e criativas, que somavam demais, colocou alma no negócio. Não posso dizer que ele seja da banda, mas existe essa troca. E não é uma troca fria, pois ele toca com tesão.

No entanto, vocês continuarão como duo, certo? Ao vivo, a intenção é ter sempre músicos contratados? E em estúdio, é possível ter outros músicos?

Felipe: Para o segundo álbum, já em andamento, não pretendo adicionar outros músicos, a não ser participações. E o Michael estará presente na bateria novamente. Então, no estúdio, teremos esse mesmo formato. E ao vivo estaremos com uma formação fixa, comigo, Hugo, Marcus Castellani (ex-Manowar) na bateria e Guilherme Durão no baixo. Guilherme é um guitarrista fenomenal também, melhor do que eu (risos). Mas ele fica com o baixo ao vivo.

O álbum começa com *Voidwalker*, com um ar prog/heavy no início, mas que logo se transforma em um power/heavy.

Felipe: Geralmente, eu fico livre no meu estúdio. Sem pensar muito, me sento e começo a 'viajar' no tempo, uns vinte anos atrás, para fazer o disco que eu sempre quis. A *Voidwalker* me traz aquela coisa do Iron Savior, da música *Deadly Sleep*, do álbum *Unification* (1999). E tem muito do Rage também. Eu fiz aula com Victor Smolski (ex-guitarrista do Rage). Mas não fiquei pensando muito em ser a primeira faixa.

Já a seguinte, *Bite the Bullet*, vem com as primeiras participações especiais, incluindo o vocalista Adrián Barilari (Rata Blanca). Como foi ter esse acréscimo de vocais em espanhol?

Felipe: Essa música é a única que tem uma letra megapositiva, como uma mensagem a tudo que estamos vivendo e passando. Eu a escrevi durante a segunda onda da pandemia. Queria uma participação foda nela. Quando entrei em contato com o Adrián, não imaginava que ele não cantaria em inglês. O que aconteceu foi que o empresário dele respondeu dizendo que a voz dele não ficaria boa em inglês, mas que ele cantaria em espanhol e se prontificou em colocar espanhol na letra. E não foi aquele tipo de tradução de Google Tradutor. Quem escreveu em espanhol foi o próprio Adrián. Quando ele nos mandou alguns takes, a gente até chorou. O cara, com uns sessenta e poucos anos, pegou a composição, escreveu a letra e colocou a alma. Ficou incrível.

Temos também o Renan Roveran (Warshipper) em *Pale Blue Dot (Meant to Last)* e *Chernobyl*. Como é ter mundos tão distintos adentrando o universo do The Giant Void?

Felipe: O Renan acaba sendo nosso 'brother do gutural'. *Chernobyl* é atual. O disco diz muito sobre poderes que enfiam na cabeça das pessoas. Parece que está pior, por causa da internet. Aqui temos uma história escrota, pesadíssima, de um acidente que virou um massacre e que tentaram dar uma abafada. O Renan é um cara que conversa muito comigo, nos conhecemos há mais de vinte anos. No Warshipper, ele também não quer limites, é um cara que faz com o coração.

Queria que falasse sobre a conexão da faixa-título com a capa do álbum, de autoria de Carlos Fides (Shaman, Kamelot, Evergrey).

Felipe: Aquele lugar na capa representa o que estamos vivendo, um mundo desolado. Não sou pessimista, tento ver o lado positivo das coisas. Mas sou consciente de que estamos num momento em que um quer dominar o outro, um mundo em que as pessoas estão se matando e destruindo o planeta. Tem uma portinha ali pequenina, que mostra como é difícil sair daquela região desolada. É um paralelo com o mito da caverna, do Platão. E aquele triângulo tem a ver com a segunda parte, que virá no segundo disco.

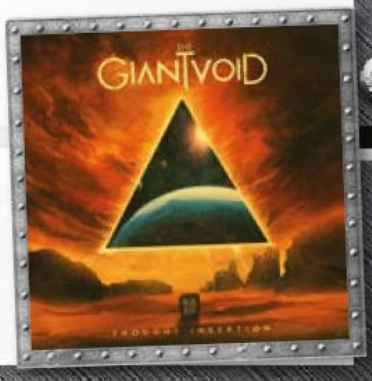
E como está o andamento deste segundo álbum?

Felipe: Teremos 13 faixas e uma bônus, que será uma versão para *Billie Jean*, do Michael Jackson, e que sairá numa coletânea de hits pop dos anos 80 com bandas brasileiras. As músicas são mais curtas que as do primeiro álbum, com umas quatro ou cinco beirando os quatro minutos. Mas também tem as longas. Haverá um clipe com uma animação sobre a história de um soldado brasileiro na Segunda Guerra Mundial. Ficou animal. Quero entrar em contato com a família do cara e mostrar essa faixa.

Deixei para o final uma pergunta não menos importante. Qual a origem do nome da banda?

Felipe: (risos) Existem regiões do espaço e temos enormes porções no universo em que não há absolutamente nada. Um imenso vazio e que nos faz questionar também sobre nós. Então, tem um vazio no universo e um vazio pessoal.

Thiago Prata



Impresso com exclusividade para assinantes da BANCA DE REVISTAS

LITTLE BLACK BIRD
MISTURANDO ESTILOS

Pegue um pouco de grunge, adicione heavy metal, coloque uma pitada de psicodelismo e deixe o resultado denso, até mesmo sombrio. Em poucas palavras, é assim que dá pra definir o som do Little Black Bird, power trio formado por Vine (vocal, baixo e guitarra), Caio (guitarra) e LG (bateria). O álbum de estreia, que leva o nome do grupo paulistano, acaba de ser lançado e conversamos com Vine para saber mais sobre ele.

Caio, Vine e LG: criando climas sombrios

Foto: Divulgação

Começando pela história da banda. O nome remete de cara aos Beatles do 'Álbum Branco' pela associação com a música *Blackbird*. Mas o som de vocês nem tem tanto a ver com o rock sessentista e psicodélico... Ou tem?

Vine: A referência para o nome não tem relação com os Beatles. Na verdade, a ideia veio da letra de *Crow*, a primeira música que eu escrevi pra banda. Sobre a influência do som, temos algumas referências do rock psicodélico, mas elas são bem sutis e aparecem em poucos momentos do disco. Mas, sim, é uma das nossas referências.

Ainda falando sobre esse assunto: há uma forte influência do grunge na música do Little Black Bird, mas dá pra identificar outras referências ali, como Black Sabbath, por exemplo. Concorda? O que mais inspira vocês?

Vine: Sim, com certeza. Eu cresci ouvindo sons do grunge, desde os mais puxados pro lado punk, como o Nirvana, até os mais complexos e pesados como, Soundgarden e Alice in Chains. Isso acaba sendo uma referência até mesmo inconsciente pro nosso som. Black Sabbath com certeza é uma referência forte, pelo tom sombrio e pesado que é muito marcante. Mas posso dizer que outra forte influência para o nosso som é o Queens of the Stone Age, que talvez seja minha maior referência musical e criativa até hoje.

De acordo com o material de divulgação, cada música trata de um conceito, 'relacionando situações como estados de espírito, frustrações, descobertas e libertação'. A pandemia, com tudo que ela trouxe (mortes, confinamento, enfrentamento do desconhecido, temor pelo futuro etc.), teve parte importante na hora de criar esses temas?

Vine: Na verdade, o tema e as músicas foram escritos até antes da pandemia. Mas toda a situação inesperada de confinamento, incerteza e medo com certeza trouxe sentimentos que contribuíram para que pudéssemos colocar ainda mais emoção na gravação.

Então seria em função disso que o disco como um todo tem um clima soturno, até meio sombrio?

Vine: Com certeza todas essas situações da pandemia carregaram ainda mais o tom do disco. As composições já foram pensadas assim porque são temas com os quais muita gente pode se relacionar, mas a pandemia provavelmente intensificou esse sentimento que o disco carrega.

Falem sobre a produção, que, além de deixar o som claro, cristalino e equilibrado, deixou o disco com um registro um pouco mais grave do que o habitual, o que ajuda a reforçar aquele clima que comentamos na pergunta anterior.

Vine: Acho que tem muita relação com a escolha dos timbres. As guitarras em sua maioria são bem saturadas e o trabalho que o (produtor) Luiz Fernando Vieira fez, desde a captação até a mixagem, contribuiu muito pra alcançarmos uma sonoridade realmente diferente. Pessoalmente, eu acredito que todo som autoral, toda banda autoral precisa trazer coisas novas sempre. O clima do nosso disco com certeza se beneficiou desse registro mais pesado e grave, e acho que conseguimos apresentar algo bem diferente.

Como foi a gravação do disco: vocês conseguiram se reunir no estúdio ou gravaram cada um na sua casa, sem se encontrarem pessoalmente?

Vine: Os encontros foram poucos, na verdade. Gravamos o disco no AudioArena, dentro do estádio do Morumbi, e nos encontrávamos em algumas sessões, mas em geral as gravações foram individuais. Eu gravei algumas das guias em casa, porque não era possível ensaiar juntos devido às restrições, mas as gravações basicamente foram feitas individualmente em estúdio.

Vocês deixaram a masterização a cargo de Maor Appelbaum, em Los Angeles. Qual vocês acreditam ter sido a maior contribuição dele no resultado final?

Vine: O trabalho do Maor abrilhantou ainda mais a mix, que já soava incrível pra nós. Uma parte dessa sonoridade mais grave certamente também tem a ver com a masterização, que trouxe ainda mais peso ao disco.

Um detalhe que chama a atenção são as vocalizações sutis acompanhando temas pesados, como em *Erase My Name*, por exemplo. Gostaria que falasse a respeito.

Vine: Eu gosto bastante dessa mescla de elementos pesados com alguma melodia marcante. Sempre penso em uma forma de criar linhas vocais que fixem na mente do ouvinte, que comuniquem de alguma forma. Acredito que esse equilíbrio entre opostos traz uma sensação muito única, desperta coisas no ouvinte, e isso, em minha opinião, é fundamental na música.

Outra música de que eu gostaria de saber mais detalhes sobre composição, criação de arranjos etc. é *Monotony*, que pra mim é a melhor do disco.

Vine: *Monotony* é a única música do disco que não foi escrita por nós. Ela é de autoria de Márcio Américo, que a escreveu muito tempo atrás. Ela talvez seja a música mais 'rádio' de todo o disco e também é uma das minhas preferidas! Fizemos algumas mudanças nos riffs e incluímos detalhes para deixar o refrão mais pesado, com harmonias entre as guitarras e uma linha de baixo que carrega o groove junto com a bateria. Com certeza é uma das músicas que tem a melodia mais bonita de todo o disco.

O disco está saindo em versão física ou apenas nas plataformas de streaming? Aliás, como vocês convivem com essa 'disputa' entre 'mídia física x música digital'?

Vine: Hoje as plataformas digitais permitem que as pessoas conheçam sons novos com facilidade e isso é muito valioso para bandas que estão começando, como é o nosso caso. Porém, temos planos de lançar cópias físicas também, várias pessoas que escutam nosso som perguntam sobre isso. Apesar de não ser mais o principal meio de distribuição, nossa ideia é ter, no futuro, CDs e também vinis.

Quais os planos da banda para os próximos meses? Apresentar o disco nos palcos está entre eles ou pretendem esperar um pouco mais?

Vine: Foram quase dois anos sem ensaiar, então estamos retomando, tirando a poeira e a ferrugem, justamente para nos prepararmos para os shows.

Antonio Carlos Monteiro

Impresso com exclusividade para Telegram @BRAZILLEVISIAS

RICKY DE CAMARGO
TALENTO IMPLACÁVEL

"Cara, *Relentless* é aquele álbum que eu vou ouvir daqui dez, vinte anos e sentir orgulho de ter feito", declara o guitarrista Ricky de Camargo, empolgado com seu mais novo e terceiro disco solo. "Modéstia à parte, ele é hoje o melhor que eu tenho a oferecer em termos de composição e sonoridade de guitarra", dispara, para completar com uma comparação com o álbum anterior: "Ao contrário de *Maverick* (2020), ele tem zero orquestrações. Tudo que você ouve aqui é guitarra, baixo e bateria". Pois é assim, em eterna evolução e com uma fórmula mais rocker que ele apresenta o novo álbum, que ainda destaca a participação especial do ás dos teclados, Derek Sherinian.

O guitarrista Ricky de Camargo em seu terceiro voo solo

Divulgação

Fale-nos um pouco sobre seu primeiro álbum solo, *Origins* (2019). Como foi o processo de composição? Imagino que nele conte estejam suas primeiras composições, certo?

Ricky de Camargo: *Origins* de fato conta com composições bem antigas minhas. São músicas de 2010, 2012, 2015 e 2019, que foi o ano de lançamento. Esse foi um álbum que eu fiz com zero budget, com equipamentos bem questionáveis, mas com muita vontade de fazer. Uma coisa que eu sempre achei importante é fazer as coisas. Acho que muita gente peca em ficar esperando as 'composições certas' ou a tal da inspiração. Claro que a gente sempre quer encher os álbuns com faixas 'perfeitas e maravilhosas'. Mas se você esperar isso acontecer provavelmente não vai lançar nada. E não lançando nada seu e que faça as pessoas começarem a te notar vai te desmotivar no longo prazo. Mas também é importante destacar que você pode passar a carreira inteira sem lançar nada e ainda assim ser bem sucedido na sua jornada. Por exemplo, um músico que toca covers na noite. Ele não tem esse objetivo, então não está errado. Depende muito mesmo do perfil e do objetivo de cada um. Uma das coisas legais do mundo da música é isso, você tem opções de carreira. Só precisa definir qual ou quais você quer seguir e lutar pelos resultados.

Revelando maturidade, seu registro seguinte, *Maverick*, é um disco mais complexo, com estruturas musicais mais ousadas e composições mais maduras. Com uma diferença de tempo tão pequena entre o primeiro e o segundo álbuns, a que atribui essa mudança que sentimos ao ouvir os dois trabalhos? Você diria que ele reflete o momento mais introspectivo que vivemos em 2020?

Ricky: De fato, eu comecei a gravar em março de 2020, então estávamos ainda no começo da pandemia. Então, realmente estávamos trancados em casa, eu e minha namorada. Assim, juntando o prazer de gravar mais o fato de ter que ficar em casa, nada melhor do que escrever um álbum, certo? Então lá fui eu pela segunda vez. Dessa vez já contava com mais alguns instrumentos, como baixo, um teclado, e mais umas duas guitarras. Com relação à sonoridade, em *Maverick* eu quis trazer muitos elementos de músicas de jogos de videogame. Eu adoro ouvir 'Original Sound Tracks'. Então achei que seria muito legal e desafiador trazer elementos desse universo para algo mais guitarrístico. A questão era que eu estava morando em São Paulo e não conhecia nenhum tecladista ou arranjador com o qual pudesse me encontrar para construir as ideias e estruturas. Foi quando decidi eu mesmo escrever o que conseguisse tocar e aquilo que não conseguisse, iria escrever em softwares e depois utilizar VSTs para reproduzir minhas ideias. A faixa-título foi a primeira experiência nesse sentido e até hoje considero a música mais legal que eu já escrevi. Ela tem a parte metal, com os arranjos de piano e outros instrumentos no background para reforçar os temas, e segunda parte é progressiva, toda escrita em 15/8, com modulação de tom e uma infinidade de solos de synth que eu escrevi como mencionei, e depois fiz a parte de MIDI para encontrar o melhor som para minha ideia pra essa música. Todas as demais faixas seguem essa ideia de ter bastante arranjo de orquestra, com pianos, horns, xilofones, cordas, orgão etc. É um álbum realmente experimental e que eu tenho muito carinho e orgulho de ter feito. Ah, e ele deve ser relançado em breve, fiquem ligados. Vou trazê-lo remasterizado, e vai ser bem legal vê-lo em todo seu potencial.

Falemos agora sobre o mais novo álbum solo, *Relentless*. Levando em conta o momento que vivemos, existe uma mensagem em torno do título, que também aparece na faixa de abertura?

Ricky: Cara, se posso dizer que há uma mensagem, é que realmente precisamos ser implacáveis nas coisas que fazemos. Se você está fazendo um projeto, faça, mas faça o negócio pra ser o melhor que você pode. Vai pra cima mesmo. E foi o que fiz. Não é um título que escolhi porque acho uma palavra bonita, mas pelo sentimento e pelo significado da palavra mesmo.

Falando na faixa-título, quem é o responsável pelas linhas de bateria e o que é aquilo no final da música, que quebradeira sensacional! (risos) Apesar de naturalmente voltadas à guitarra, as canções não funcionam apenas para guitarristas, pois existe muita coisa acontecendo em cada parte.

Ricky: Com relação à bateria, isso é algo que gosto sempre de frisar e que me ajuda a criar as faixas: ter uma bateria como guia. Criei todas essas faixas usando baterias de outras músicas que adoro e depois chamei o André Luckner, que hoje é meu parceiro na banda Enorion, e deixei na mão dele. Trocamos tudo que havia ali, não ficou nada. Na verdade, ele nem chegou a ouvir as baterias que eu usei como guia para não influenciar na composição dele. Com relação à segunda parte da pergunta, acho que muito disso, apesar de estilos diferentes, vem do Steve Vai e Plini. Não comparando evidentemente, são caras que estão na mais alta prateleira do gênero.

Fale-nos um pouco sobre a participação de Derek Sherinian, que abrilhanta uma das melhores composições do novo álbum.

Ricky: O caso do Derek foi curioso. Eu já estava com o álbum praticamente pronto, inclusive a faixa de que ele participa, *Nightmare*. Então, ele criou um concurso em que as pessoas enviavam suas músicas pra ele, ele ouvia e decidiria se gravaria um solo ou não. Eu pensei comigo: 'Ah, vai que de repente ele gosta da faixa' e mandei. Como era um concurso de tiro curto, dias depois ele me respondeu por e-mail, deu a autorização e assim foi feito. Ele é um cara muito gente boa e profissional. Pelo pouco que conversamos, direto ao ponto. E isso é muito legal, um cara que sabe o que quer e, claro, uma lenda no cenário internacional.

Valtemir Amler

Proibida venda. Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

NUCLEAR BLAST

NUCLEAR BLAST

A Nº1 EM MÚSICA EXTREMA

Shinigami 死神 Records

KREATOR

HATE ÜBER ALLES

15º ÁLBUM DE ESTÚDIO DA LENDA DO THRASH METAL ALEMÃO E PRIMEIRO COM FRÉDÉRIC LECLERQ (EX-DRAGONFORCE, SINSAENUM) NO BAIXO. COM A PARTICIPAÇÃO ESPECIAL DE PATRIK BABOUMIAN, DETENTOR DO TÍTULO "O HOMEM MAIS FORTE DA ALEMANHA", NOS BACKING VOCALS DA FAIXA 'STRONGEST OF THE STRONG'.

arte: www.idiastudesign.com

Entre em nosso Canal no Telegram: CANAL REVISTAS

BELPHEGOR
THE DEVIL

BLACK VOID
ANTITHESIS

BLEED FROM WITHIN
SHRINE

DECAPITATED
CANCER CULTURE

THE HELLACOPTERS
EYES OF OBLIVION

IBARAKI
RASHOMAN

SEPTICFLESH
MODERN PRIMITIVE

WATAIN
THE AGONY & ECSTASY OF WATAIN

www.ShinigamiRecords.com.br 11 3719-0993 @NuclearBlastRecords

JANAINA MELO
UM TRIBUTO ÀQUELES NASCIDOS NO CAOS

"Com 15 anos, fui apresentada ao álbum *Oracle*, da Kittie, que mudou a minha vida. Posso dizer que foi amor à primeira ouvida. Na hora fiquei fascinada quando vi que era uma banda só de mulheres." Foi assim que a baterista Janaina Melo nos relatou o início de sua paixão pela música pesada e pela bateria no metal, já que ela antes trilhava por caminhos mais acessíveis. "O fato de ver que tinha uma mulher tocando bateria me influenciou muito. Mesmo não sabendo tocar com pedal duplo e tudo mais, foi partindo dessa vontade louca de tocar metal que juntei amigos e montei minha primeira banda cover de Kittie." Desse ponto em diante, as coisas foram ficando bem mais pesadas e Janaina firmou seu nome em várias bandas, até chegar ao mais recente passo, em que começa a jornada solo. Claro que os detalhes você confere aqui.

Após passar por várias bandas, Janaina Melo explora ao máximo suas referências em seu novo projeto solo

Fotos: Divulgação

Proibido Uso Canal no Telegram t.me/BRAGIBEVISTAS

Você participou de várias bandas e gravou alguns álbuns. Sei que cada experiência tem seu lugar no caminho, mas quais foram os momentos mais marcantes, aqueles que julga definitivos para a sua carreira?

Janaina Melo: Todos eu julgo como importantes, cada fase mostrava um jeito de tocar diferente, uma evolução diferente, uma conquista diferente, mas posso citar três de grande importância: Autopse (*Insinaty*, 2016), uma vez que toda uma evolução na bateria foi notória nesse trabalho, e foi o álbum que fez a Autopse ser ainda mais conhecida. Ele deu a oportunidade de rodarmos quase todo o Nordeste e fez a banda ser conhecida até fora do Brasil – na época, fechamos com uma grande gravadora de fora, a Secret Service Records. Outro destaque é o single com a Sinaya, *Riddle of Death*, de 2019. Primeiro e único trabalho que gravei com a banda, o clipe também gerou boa repercussão e reconhecimento do meu trabalho, e deixou registrado o tempo que passei com a banda. Tem também o single *Lullabies of Madness*, do Chaos Rising Project. Trabalho internacional, esse eu posso dizer que zerei a minha carreira, já que era uma baterista do Nordeste tendo seu trabalho num projeto internacional, formado por mulheres de todo o mundo. Lembro até hoje que quando recebi o convite fiquei sem acreditar, já estava numa fase da minha careira em que me sentia bem desanimada com tudo e quase desistindo. Foi o segundo convite para o projeto, tenho gravado um som cover, *Greed Killing*, do Napalm Death.

E quanto à estrada, quais foram suas experiências mais marcantes nos palcos?

Janaina: Todas as edições em que a Autopse tocou no Palco do Rock (2013/2015/2017) e no Abril Pro Rock 2018. Com a Sinaya teve o River Rock Fest, em Santa Catarina, em 2019. Eu realmente considero todos os festivais como algo de peso e de grande importância para a minha carreira.

Sua jornada solo começou com *Reborn of Chaos*, mas esse single já nasceu com a ideia de ser algo solo? Como foi a concepção da ideia e a busca pelas parcerias para o projeto?

Janaina: Como o próprio nome já diz, *Reborn of Chaos* foi o renascimento de uma carreira que já se encaminhava para o fim no primeiro semestre de 2021. Na última banda de que participei, o final não foi dos melhores, o ambiente e as pessoas não me trazem boas memórias. Não sou de falar muito da vida pessoal, não gosto de me expor, mas 2021 seria o final da minha carreira. Era pra ser o fim, mas não foi. Eu me vi num buraco, com fortes crises de ansiedade, quase entrando numa depressão e tive que ser forte o suficiente para dar a volta por cima na pior fase da minha carreira. O que me puxou para fora desse buraco foi a construção de *Reborn of Chaos*, que até então seria só o nome do single, mas depois vi que se encaixava perfeitamente pra título do álbum, já que fala do meu momento. Este trabalho dependia só de mim, então me joguei nele e continuo extremamente focada. Toda vivência vem como um aprendizado certo? Se não mata, fortalece. E para este momento fugi do formato banda, busquei por algo que pudesse trazer minha identidade sem ter pessoas me limitando ou não comprando minha ideia. O foco era ter menos estresse e mais saúde mental (risos), e tive a honra de fechar com bons músicos, então dou a liberdade aos convidados para trazer suas referências, ou seja, trabalhar em grupo dessa forma funciona melhor naquilo que busco. Mas nem tudo é um mar de rosas, carreira solo dá muito trabalho. Porém, era algo que já queria fazer, meu foco sempre foi muito 'banda', mas agora é apenas 'Janaina Melo'.

***Reborn of Chaos* mostra uma faceta ainda mais pesada e técnica da sua abordagem na bateria. Essa busca foi algo consciente?**

Janaina: Total! Como disse antes, me via num ambiente em que não tinha as minhas ideias compradas ou elas eram muito desmerecidas com afirmações de que tecnicamente eu estaria muito atrás das outras integrantes da banda. No período em que estava pensando em desistir da minha carreira, me questionava muito nisso e pensava tipo: 'Nossa, eu sou realmente muito ruim no que faço, várias pessoas falaram isso pra mim, não foi só uma, larga dessa bateria.' Os pensamentos destrutivos eram os piores, e foi numa reunião comigo mesma que falei: 'Você vai deixar como está ou vai sair desse ponto e buscar por melhoras?' Foi quando a chave virou e o guitarrista do meu primeiro single era um cara extremamente técnico, ele veio com um desafio montado, fomos compartilhando ideias. Ele trouxe algo que eu via como incapaz de executar, então o desafio foi estudar muito numa fase que minha mente estava destruída, mas ele fechou comigo e acreditou que eu podia trazer um bom resultado. Passei a acreditar mais na minha competência como baterista e ver que a oportunidade de brilhar estaria no meu trabalho. Eu sou muito grata ao guitarrista Leandro Mota, ele apareceu no momento certo, e o resultado dessa obra vocês podem conferir no meu canal do YouTube.

Este single é apenas a primeira mostra de algo maior, então, a quantas anda o processo de composição de novas músicas?

Janaina: *Reborn of Chaos* vem sendo trabalhado música por música, não foi um álbum já fechado que levei para estúdio e gravei todas de uma vez. Quero poder dar dedicação máxima a toda produção, lançamento e clipes. Sabemos que o processo de um trabalho solo é bem mais difícil e demorado. Envolve muito trabalho, investimento e dedicação, mas o importante é que está acontecendo, tem muita coisa já gravada e sendo gravada. O segundo single, *Manipulated Minds*, está em todas as plataformas digitais, com estreia do clipe para o mês de junho. Eu sou grata à ROADIE CREW por ter concedido este espaço. É de grande honra ter meu trabalho reconhecido e divulgado por essa grande revista.

Valtemir Amler

TROPA DE SHOCK
SOBRE FLORESTAS E BRUXAS

Pouco precisa ser falado para apresentar a Tropa de Shock, uma das mais longevas bandas do metal tradicional em nosso país, mas é sempre prazeroso falar sobre esse grupo. Afinal, eles enfrentaram com o mesmo vigor os tempos de bonança e de intempérie, e chegam com fôlego aos 34 anos de carreira, celebrados com o mais novo e muito bom *The Circle of Spells* (2021), que em breve deverá ser lançado em formato físico. Para saber mais sobre a carreira e o novo álbum, conversamos com o vocalista Don.

Miguel Kriston, Paulo Punk, Don, Márcio Minetto e Carlos Henrique, há 34 anos erguendo a bandeira do metal tradicional

São mais de três décadas dedicadas ao underground. Como tem sido essa viagem?

Don: Nossa viagem tem sido uma montanha-russa de acontecimentos bons e ruins, principalmente porque fazer rock no Brasil é uma grande aventura. Ainda bem que as coisas boas foram a maioria, como tocar com grandes nomes, tipo Paul Di'Anno, Primal Fear, Overkill, Uriah Heep, Focus, Dr. Sin, DC Cooper e Pink Cream 69, entre outros grandes artistas, com quem sempre aprendíamos cada vez mais.

Vocês viveram momentos importantes do cenário nacional nos anos 90, quando o metal nacional atingiu o ápice, e no início dos anos 2000, quando ele voltou a crescer após um período estranho na segunda metade dos anos 90. Como foram essas fases?

Don: Bom, começamos no fim de 1988 fazendo shows e preparando nosso debut, *Fragmentos*, cantado em português. Na época, fizemos muitos shows e aparições em canais de TV, tipo Rede Mulher, Record, o Clip Trip na TV Gazeta e outros. Fizemos muita coisa durante três anos e, a partir de 1994, resolvemos compor em inglês para alcançar novos horizontes. Lançamos o segundo álbum, *Angels of Eternity* (1997), que rendeu uma longa tour e entrevistas em grandes revistas do meio metal. Fomos a lugares como Grécia, Holanda, Alemanha e Bélgica, e em 98 lançamos *The Blade of the Wind*, que também acabou gerando outra turnê, desta vez em países como Itália, França, Reino Unido e, acredite, Egito.

A banda não ficou imune às muitas mudanças na formação, mas sempre foi capaz de manter seu estilo reconhecível. Este foi um dos grandes desafios que enfrentaram ao longo dos anos?

Don: Sim, foi muito complicado, pois sempre tivemos uma visão muito objetiva da nossa sonoridade. Nossa sorte é que eu e o Márcio (N.R.: Minetto, baterista), além de cantar e tocar bateria, também tocávamos guitarra, o que facilitou manter a identidade nas composições.

O novo álbum, *The Circle of Spells*, começa chamando a atenção por conta do conceito, que traz a forte conexão do metal com o universo do cinema e literatura de fantasia. Existe algum autor ou obra que os inspire na hora de conceber uma história?

Don: Essa é uma pergunta bem legal! Sou formado em Artes, leio muito sobre tudo e sempre que planejamos algo novo, tento encontrar assuntos que me digam algo. No caso de *The Circle of Spells*, quis criar um 'metalverso' em que as linhas do tempo se mesclassem. Então, eu precisava de um 'motivo' e uma 'solução'. O motivo: um mágico de rua encontra numa caverna um estranho instrumento, e quando ele o toca, esse instrumento gera sons que, em uma outra linha do tempo, abre os portões por onde viajam as bruxas que se espalham pelo metalverso. Agora a solução: um herói, que vem de outra linha temporal, possui uma relíquia que consegue achar restos de magia. Ele é acompanhado pelo Dr. Praga, que tem a função de desfazer os feitiços lançados pelas bruxas de várias linhas temporais. O conceito é o seguinte: a banda viaja em um zepelim, que consegue atravessar as linhas temporais, e como menestréis vão cantando canções sobre cada bruxa, com o herói e o Dr. Praga. No final, sobram apenas as sereias, que se escondem nas profundezas dos oceanos, lamentando a prisão e a morte de suas irmãs bruxas. Então, funciona assim: eu crio meus universos e os transformamos em músicas. Admiro Edgar Allan Poe (qualquer obra dele é ótima), C.S. Lewis ('As Crônicas de Nárnia') e André Vianco ('Os Sete').

Como é o trabalho para manter o álbum musicalmente fluindo de forma correta sem perder o foco narrativo?

Don: Cada música funciona como se fosse uma série de TV, são pequenos episódios que culminam numa visão geral do conceito. Exemplo: começamos com a soltura das bruxas, no meio falamos das bruxas, do caçador de bruxas, do Dr. Praga curando as magias e termina com o lamento das sereias.

Gostaria de comentar algumas músicas, começando por *Rising of the Witch*, que inicia a narrativa.

Don: Essa música fala a respeito das bruxas que são libertadas acidentalmente por um mágico, então elas invadem várias épocas para vingar sua prisão. O que elas não sabem é que o caçador de bruxas também é libertado, iniciando-se uma caça voraz entre as linhas do tempo.

Com um disco liricamente conectado às bruxas e seus feitos, *Forest Blair* acaba sendo um destaque.

Don: Sou simplesmente apaixonado pela vanguarda desse filme, uma linguagem da época que foi muito usada depois. Daniel Myricke e Eduardo Sanchez (N.R.: diretores do filme 'A Bruxa de Blair', de 1999) criaram todo um universo, fazendo com que muita gente acreditasse na história. Em minha opinião, acredito num espírito maligno que tenha possuído um homem que raptou sete crianças, mas eles mesmos disseram que criaram a lenda. E essa é a nossa homenagem a esses dois gênios que criaram esse novo estilo de contar histórias.

E sobre dois momentos que parecem ser pontos fundamentais da narrativa, a dobradinha *The Evil Queen* e *Returning to Be Human*?

Don: Elas são bem pontuais mesmo, talvez as mais diretas. *The Evil Queen* fala da bruxa da Bela Adormecida. É uma narrativa contada na terceira pessoa por alguém que estava lá e presenciou a princesa espetar seu dedo no fuso da roca de fiar. Essa pessoa viu tudo o que aconteceu, inclusive a morte terrível da bruxa transformada em dragão, que cai no penhasco com a espada do príncipe no peito. *Returning to Be Human* fala justamente do papel do Dr. Praga no metalverso, que é ajudar os seres humanos a se libertar dos feitiços terríveis das bruxas. Ele carrega consigo uma maleta cheia de poções, ervas relíquias que na maioria das vezes salvam os enfeitiçados.

Com o novo álbum lançado e os shows voltando, quais são os planos futuros?

Don: Estamos aguardando pelo lançamento do álbum pela MS Metal Records em formato físico, que terá também uma tiragem limitada de um box em comemoração dos 34 anos de carreira. Os projetos agora são formatar um novo show, levar nosso som pra onde der e quem sabe voltar às turnês internacionais. Agradecemos muito a vocês pelo importantíssimo espaço cedido. Um grande abraço a todos.

Valtemir Amler

Proibido plágio. Telegram: t.me/BRAZILPOWERMETAL

CRUCIFIXION BR
GUERREIROS DA ARTE EXTREMA

Já são mais de duas décadas e meia dedicadas ao metal extremo e com gana, raça e competência para seguir em frente levantando a bandeira do underground nacional. Nascido em 1996, em Rio Grande (RS), depois relocado para Porto Alegre (RS) e, desde 2016, estabelecido em São Paulo (SP), o Crucifixion BR tem em *Human Decay* (2021), sucessor do debut *Destroying the Fucking Disciples of Christ* (2014), sua mais recente manifestação artística, um dos motes desta conversa que tivemos com o vocalista e guitarrista Maxx Guterres e a baterista Juliana Novo.

Divulgação

Juliana Novo e Maxx Guterres já planejam novos ataques de blackened death metal

A banda utiliza o termo blackened death metal para descrever seu som. Gostaria que dissecassem essa proposta.

Juliana Novo: É um termo recente, as bandas que se encaixam nesse gênero são Hate, Vader e Behemoth. E a gente se encaixa nesta proposta. É um death obscurecido, com elementos de black metal, mas o que predomina é o death metal.

Maxx Guterres: Apesar de que, hoje em dia, com o amadurecimento, acho que o Crucifixion é arte extrema, metal extremo com muita honra e verdade. Mas (o blackened death metal) é um conceito bem interessante. Combina até com nosso primeiro álbum, que era black e já tinha elementos de death. É um termo que se encaixa ao Crucifixion BR, dos primórdios até o *Human Decay*.

Na prática, o fã de death pode encontrar em *Human Decay* sons bem brutais e técnicos em faixas como *Annihilation and Victory* e *Bloody Fire Victory*. Como funciona o processo de composição dentro da banda?

Maxx: Não tem regra. Às vezes começo com uma letra ou um riff, porém, geralmente penso numa base e numa linha vocal para compor as músicas e elas vão surgindo naturalmente. Desde as primeiras demos, temos a mente aberta para misturar elementos, mas tendo um cuidado para misturá-los. Foi assim em *Destroying*, que tem black, death e algumas coisas de doom/black metal. Às vezes a inspiração vem do nada, de madrugada ou de estar em um lugar e surgir uma ideia. *Annihilation and Victory* é uma música mais cadenciada. Estava escutando alguns álbuns do Morbid Angel, principalmente *Gateways to Annihilation* (2000), e queria botar alguma coisa assim no Crucifixion. Acho uma música bem diferente do play, mas ao mesmo tempo com a cara da banda. É uma das minhas canções preferidas. *Bloody Fire Victory* foi uma das últimas faixas compostas. Quis fazer uma homenagem ao Bathory. Na letra, coloquei uma coisa mais introspectiva. As letras são feitas por mim, uma mensagem do que sinto. É uma das preferidas minhas também.

De que forma vocês descreveriam o disco de estreia, *Destroying the Fucking Disciples of Christ*, e o segundo, *Human Decay*, tanto na questão de musicalidade quanto no quesito letras?

Maxx: Eles têm uma ligação. *Destroying* é um álbum em que escrevi coisas que sentia naquele momento e que continuam ainda, mas só que agora fiz de uma forma mais inteligente. Em *Destroying* eu queria fazer um black metal com influências de death. E também colocava outras coisas, pois ouvia muito doom metal. *Human Decay*, liricamente, é uma sequência. Mas penso de uma forma mais inteligente e concreta sobre religião, dogma, o universo no qual as pessoas vão para qualquer tipo de igreja e ficam doutrinadas, se acham deusas e donas da razão. E você vê que isso (igreja) não funciona. Continuo criticando qualquer tipo de igreja, cristianismo etc. Outro ponto nas letras é o de olhar para a gente e focar no que queremos para nossa vida, largar um pouco do lance de se importar com o que os outros pensam. Acredito muito que a vida é feita muito na tua intenção, no que tu quer fazer. Claro que nem sempre conseguimos fazer, porque não somos perfeitos. Mas acho que é o primeiro direcionamento.

No mais recente trabalho estão as participações de André Rod (Attomica) e Dave Ingram (Benediction). Contar com os dois era algo que imaginavam desde o começo ou que surgiu em meio ao processo de composição e/ou gravação?

Maxx: Estava ouvindo e curtindo a pré-mixagem e me deu uma intuição ao ouvir *Human Decay*. Na parte do refrão, imaginei alguém para fazer um backing vocal. Mandei mensagem a várias pessoas via Instagram ou pelos contatos que eu tinha no Brasil e fora. E o primeiro a responder foi o André, um grande amigo meu. Acompanho a carreira dele desde que eu era moleque no Rio Grande. Eu tinha cassete e LP do Attomica. Depois acabei abrindo para o Attomica, banda que curto para caramba. O André topou de cara, foi um dos primeiros a gravar. Me mandou três versões, um cara excepcional, que levo no coração. Em *Bloody Fire Victory*, pensei no Dave Ingram e acabou rolando. Ele mudou um pouco as partes da letra, ficou do caralho, encaixou perfeitamente. Foi bem gratificante. Também tinha LPs e uma camiseta branca do Benediction. Acompanho a carreira do Dave Ingram desde o começo. Mais um brinde do álbum.

A capa, de autoria de Romulo Dias (Shaman, Edu Falaschi), também é de se exaltar. O quanto ela ilustra a proposta da banda e do disco e como se deu o trabalho com ele?

Juliana: Conheci o Romulo um tempo atrás. Acabei descobrindo mais adiante que ele era designer gráfico. A capa representa a decadência da sociedade ao longo dos anos. Quando a gente descreveu a mulher, ele associou com a deusa Hel, que representa algo pagão, anticristão. As pessoas contribuíram para destruir gradualmente o mundo, tanto espiritual quanto fisicamente. É como se tivesse uma revolta do planeta contra seus habitantes ingratos.

Em termos de futuro, quais os planos do Crucifixion BR para este e os próximos anos?

Juliana: Nosso plano é avançar as fronteiras, divulgar o Crucifixion para o mundo com este novo álbum. E tem mais alguns clipes que estamos planejando fazer de músicas do *Human Decay*. Também estamos planejando relançar as demos antigas de 2002, *In the Shadows of the Obscurity* e *Diabolical Profecies*, remasterizadas. E, se der tempo, lançar um single novo ainda este ano.

Muito obrigado pela entrevista.

Maxx: Agradeço pelo espaço e pela entrevista, de coração. A mensagem que quero deixar aos fãs que seguem o Crucifixion é que escutem o *Human Decay*, se concentrem nas letras. Que possam passar algo além da música.

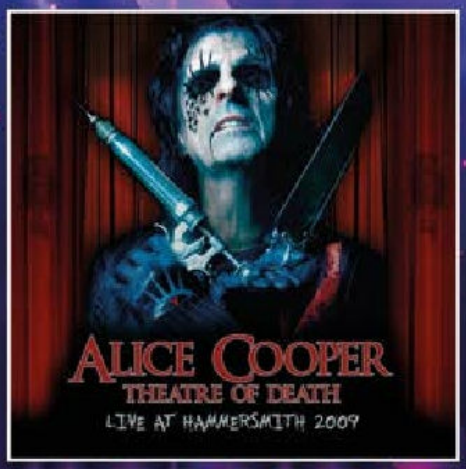
Juliana: Queria agradecer à ROADIE CREW pela oportunidade e a todos os nossos fãs que nos apoiam tanto comprando merchan quanto indo aos shows e nos apoiando nas redes sociais.

Thiago Prata

Exemplar de assinante Rio Telegram ROADIECREW

SOUND CITY RECORDS

e·a·r MUSIC



Shinigami 死神 Records

ALICE COOPER
THEATRE OF DEATH – LIVE AT HAMMERSMITH 2009

Alice Cooper completou sua turnê mundial Theatre of Death em 2009 filmando o show final no lendário Hammersmith Apollo de Londres. O show apresenta muitos dos grandes sucessos de Cooper, incluindo 'School's Out', 'I'm Eighteen', 'Poison' etc.

H.E.A.T
ADDRESS THE NATION

Terceiro álbum da banda sueca de AOR/Hard Rock, lançado originalmente em 2012 e primeiro com o até então novo vocalista Erik Gronwall que foi vencedor da edição de 2009 da versão sueca do programa Idol.

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

ANNIHILATOR
METAL II

Reedição batizada de Metal II - Jeff Waters acompanhado do vocalista Stu Block (Into Eternity, ex-Iced Earth) e do baterista Dave Lombardo (Suicidal Tendencies, ex-Slayer), além de diferentes convidados especiais.
A mixagem ficou a cargo de Mike Fraser

DEEP PURPLE
TURNING TO CRIME

12 releituras impressionantes de grandes nomes do rock incluindo Fleetwood Mac, Cream, Bob Dylan, Bob Seger, Yardbirds e muito mais. Imperdível!

MARILLION
AN HOUR BEFORE IT´S DARK

Questões sociais, políticas ou pessoais, tudo envolto com o som único conhecido por composições incríveis, melodias e musicalidade de alto nível.

JOE SATRIANI
THE ELEPHANTS OF MARS

O novo álbum de estúdio do artista de rock instrumental mais vendido do mundo! "The Elephants of Mars" é um álbum que vai deixar uma marca em sua mente. É o trabalho mais ousado do lendário guitarrista em seus 35 anos de carreira.

VEM AI! PRÓXIMOS LANÇAMENTOS!

H.E.A.T
TEARING DOWN THE WALLS

URIAH HEEP
OFFICIAL BOOTLEG VOL. 2
LIVE IN BUDAPEST, HUNGARY 2010

NEW MODEL ARMY
WINTER

NEW MODEL ARMY
BETWEEN WINE AND BLOOD

SAVATAGE
RETURN TO WACKEN

11 3719-0993 www.shinigamirecords.com.br loja@shinigamirecords.com

PORTAL ROADIE CREW DESTAQUES ONLINE

ENTREVISTA
GRETA VAN FLEET
Rock'n'Roll monumental

Jake Kiszka, Josh Kiszka, Sam Kiszka e Danny Wagner: rock'n'roll de gente grande

Em entrevista ao jornalista Daniel Dutra, o baterista Danny Wagner falou da expectativa para o retorno da banda americana Greta Van Fleet ao Brasil, desta vez em shows ao lado do Metallica. Além disso, comentou sobre o álbum mais recente, *The Battle at Garden's Gate* (2021), do saudoso Taylor Hawkins e, claro, de Led Zeppelin. "Existe realmente uma geração que não faz ideia de que o Led Zeppelin existiu, de onde tudo veio, de onde tudo nasceu", observou. "Nós não zombamos das pessoas que nos comparam a eles porque é algo para ser comparado, mesmo! E estamos falando de um dos maiores período da música e do rock'n'roll: o fim dos anos 60 e o início da década de 70! Foi uma época monumental! Portanto, ter essa reação das pessoas, só de ter as pessoas falando sobre aquela época é maravilhoso", acrescentou o baterista.

YOUTUBE
BATE-CABEÇA PODCAST

Fotos: Divulgação

A ROADIE CREW estreou o podcast Bate-Cabeça, comandado por Ricardo Batalha e Luiz Tosi, e disponível no YouTube e no Spotify. Em um dos episódios, Fernanda Lira falou sobre o Crypta, sua saída da Nervosa e as experiências anteriores na carreira. O podcast Bate-Cabeça, que sempre tem um novo episódio às quintas-feiras no YouTube, também traz papos com Hugo Mariutti (Shaman), Henrique Fogaça (Oitão), Anderson Bellini (diretor do documentário Andre Matos – Maestro do Rock), Fernandão Schaefer (Worst), Felipe Andreoli (Angra) e outros. Confira!

Este é um acervo Cultural no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

MEMÓRIA
RC #196

Mark Sullivan

"O que a gente nunca pode esquecer é que o instrumento que você toca, seja a voz ou uma guitarra, é um veículo para expressar uma emoção", Paul Rodgers falando sobre a música do Bad Company ser única e atemporal.

YOUTUBE
Roadie Crew Online Festival

A Roadie Crew, em parceria com o Som Do Darma, vem apresentando um evento repleto de bandas no canal do YouTube. Confira!

ASSINATURAS
E números atrasados

Se não encontrou nas bancas, procura uma edição específica ou quer fazer a sua assinatura e receber a ROADIE CREW em casa, acesse www.roadiecrew.com/assinaturas ou entre em contato pelo fone: (11) 5058-0447.

TOP 3 OS PREFERIDOS DO MÊS

LEITOR: envie um e-mail para roadiemail@roadiecrew.com, colocando seus dados (nome completo, cidade/estado). Publicaremos alguns preferidos dos leitores a cada edição!

Claudio Vicentin (Editor)
Joe Satriani - *The Elephant of Mars*
Silent Skies - *Nectar*
Shaman - *Rescue*

Ricardo Batalha (Redator-Chefe)
Vio-Lence - *Let the World Burn*
Ronnie Atkins - *Make It Count*
Voivod - *Synchro Anarchy*

Leandro Nogueira Coppi (Redator)
Hardcore Superstar - *Hardcore Superstar*
Testament - *The Legacy*
Overdose - *Progress of Decadence*

Mario Regatieri Filho (Leitor)
Winger - *Pull*
Alias - *Alias*
Alleycat Stratch - *Deadboys in the Trash City*

Luis Evandro Cavalheiro Moreira (Leitor)
Ghost - *Impera*
Watain - *The Agony & Ecstasy of Watain*
Tiamat - *A Deeper Kind of Slumber*

Leonardo de Abreu dos Santos (Leitor)
Powerwolf - *The Sacrament of Sin*
Queensrÿche - *Operation LiveCrime*
Star One - *Revel in Time*

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Marc Theis

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

SCORPIONS

VENENO ANTIGO E PODEROSO

Klaus Meine explica como *Rock Believer* é a volta do Scorpions ao início dos anos 1980; e assim nos leva a uma viagem na história da banda alemã

Por Daniel Dutra

Fevereiro de 1972. Com sete anos de vida, o Scorpions lançava seu primeiro álbum, *Lonesome Crow*. Fevereiro de 2022, se aproximando dos 60 anos de estrada, o quinteto solta seu 19º disco de estúdio, *Rock Believer*, e mostra por que é o maior nome alemão na música internacional. E as cinco décadas que separam os dois trabalhos não parecem mesmo pesar para o vocalista Klaus Meine, integrante original assim como o guitarrista Rudolf Schenker – Matthias Jabs (guitarra, desde 1979), Paweł Mąciwoda (baixo, 2003) e Mikkey Dee (bateria, 2016) completam a usina de força germânica. Sim, porque Meine, aos 73 anos, mostrou a empolgação e a vitalidade de um iniciante ao falar do novo álbum, especialmente das razões que levaram o Scorpions a abraçar seu passado heavy rock. Simpático e falante, antecipou respostas a perguntas que não precisaram ser feitas, deu declarações fora do script e contou histórias como se tivesse passado dias festejando em Las Vegas... Bom, ele tinha mesmo acabado de voltar da Cidade da Luz. Deleite-se!

A situação está melhorando, mas como você está e como tem passado nessa pandemia?

Klaus Meine: Foi um período difícil para todo mundo, lidar com todos os lockdowns, e acredito que foi ainda pior para artistas jovens e bandas da nova geração, que têm de divulgar suas músicas e tocar ao vivo, porque de repente tudo acabou. Para nós, que estamos na estrada há tantos anos, diminuir a velocidade um pouco não foi nem tão ruim, até porque tomamos a decisão de gravar um disco novo em meados de 2018 e ainda assim seguimos em turnê. Eu comecei a escrever letras para *Rock Believer* em 2019, e na segunda metade daquele ano nós ainda estávamos terminando a turnê, então, quando voltássemos, já teríamos bastante material para entrar em estúdio. Foi em março de 2020 que fizemos nosso último show, em Cingapura, e creio que foi em maio de 2020 que entramos no Peppermint Park Studios, em Hanôver, nossa cidade natal na Alemanha, e começamos a trabalhar no material novo. Nós sabíamos que, para gravar um novo álbum, precisaríamos de um tempo fora da estrada, então esse trabalho não foi fruto da pandemia. Ele já estava planejado, e nós tivemos a oportunidade de nos trancar no estúdio e deixar a crueldade do coronavírus do lado de fora, focando nas músicas novas. A pandemia ainda não acabou, e não pudemos fazer a residência em Las Vegas por duas vezes, por causa da situação mundial, mas foi possível realizá-la agora, em 2022 (N.R.: nos dias 26 e 30 de março; e nos dias 1º, 3, 7, 9, 12, 14 e 16 de abril). Acabamos de voltar, fizemos nosso último show lá no último fim de semana, e vou te falar... Foi inacreditável! Estar no palco, de frente para uma plateia de verdade, nos deu a sensação de que o vírus acabou, porque ninguém usava máscaras (risos). Mas tudo correu bem, e nós nos divertimos muito por poder mostrar as músicas do novo disco para nossos fãs. Estamos muito empolgados por estar de volta à estrada, e esses nove shows em Vegas foram o começo perfeito para nós.

De qualquer maneira, o Scorpions veio com 16 novas músicas no total, então foi um período prolífico e muito criativo para a banda, certo?

Klaus: Sabe, ainda em 2018, nós não estávamos muito convencidos se deveríamos fazer um novo disco. Foi depois de um show na Grécia que um amigo nosso, que trabalha no nosso selo em Berlim, nos disse: 'Caras, se vocês fizerem um disco como o *Blackout*, se vocês focarem e reativarem o DNA original do Scorpions... Será fantástico se vocês se programarem mentalmente para a época do *Animal Magnetism* e *Blackout*, e todos os fãs, no mundo inteiro, vão enlouquecer!'. E nós falamos: 'Ok, é fácil falar, meu amigo, porque isso foi há 40 anos. Dá um tempo! Como iremos alcançar isso de novo!?' (risos) Mas ouvi-lo dizer aquilo foi como se ele estivesse nos desafiado, sabe? Daí, pensamos: 'É, talvez devêssemos buscar esse tal DNA do Scorpions, seja lá o que isso signifique' (risos), e de repente o meu entendimento disso foi não usar muitos compositores externos, manter as composições dentro da banda, do nosso jeito. Então, esse disco é basicamente feito de composições Schenker-Meine, sendo que o Matthias também trouxe ótimas músicas, e assim mantivemos as composições entre nós. Quanto à produção, nosso desejo era produzi-lo em Los Angeles com Greg Fidelman, mas, com todas as restrições de viagem por causa da pandemia, ele não podia vir até nós, e nós também não podíamos ir até ele. Então Greg se envolveu na pré-produção fazendo reuniões via Zoom conosco, e chegou um momento em que tivemos de decidir se esperaríamos a pandemia arrefecer para podermos ir a LA ou se faríamos sozinhos, e foi isto que fizemos. Acredito que foi a decisão certa na hora certa, afinal, depositamos nossa fé no nosso próprio pessoal, no nosso time, trabalhando com Hans-Martin Buff, um excelente engenheiro de som. Do ponto de vista técnico, temos uma excelente configuração aqui em Hanôver, e, sendo bem franco, não foi nada mal dormir nas nossas próprias camas, para variar um pouco! (risos) Pudemos usar o período do lockdown para ficar em casa, passar esse tempo com nossas famílias, descansar um pouco e, em alguns dias, ir até o estúdio tocar com a banda completa tão logo as restrições de viagem fossem encerradas, já que Paweł e Mikkey, que moram na Polônia e Suécia, respectivamente, tinham que cumprir a quarentena ao chegar aqui para poder se juntar a nós. Estar com todos os caras juntos no estúdio, ensaiando, tocando e compondo como uma banda, trabalhou a nosso favor. Foi ótimo! As contracapas de nossos discos sempre diziam 'Gravado em Los Angeles', mas dessa vez diz 'Gravado em Hanôver, Alemanha'. A nossa cidade! Precisávamos apenas confiar em nós mesmos e colocar toda a nossa fé e confiança no nosso pessoal, e disso resultou um disco muito forte. Acreditamos em nós mesmos, nos divertimos e tentamos entender o que faz uma grande música do Scorpions, e parece que chegamos perto da resposta certa.

Quando ouvi Lennon e McCartney cantando *Twist and Shout* e *I Saw Her Standing There*, foi quando eu me tornei um 'rock believer' no coração

EXCLUSIVO Nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILRevistas

Mikkey Dee está na banda desde 2016 e, embora tenha gravado três músicas (N.R.: *Follow Your Heart*, *Melrose Avenue* e *Always Be With You*) para *Born to Touch Your Feelings* (2017), *Rock Believer* é o primeiro álbum completo dele com o Scorpions. Como foi a dinâmica agora?

Klaus: É muito divertido ter o Mikkey na banda. Já fizemos tantos shows com ele, que é um cara maravilhoso e um músico sensacional. Mikkey é uma usina de força e fica ainda mais forte quando se junta com Paweł. Tocar e gravar as músicas ao vivo no estúdio faz uma grande diferença, ainda mais tendo um baterista incrível atrás de você, empurrando-o para frente. Ele deu ao Scorpions uma injeção de energia nova e, dentro do estúdio, estava sempre nos pressionando, quis fazer a melhor performance da vida, então estava constantemente focado e motivado a dar o melhor dele. Isso fez com que cada um de nós fizesse o mesmo,

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILROCKS

então tentávamos todos os dias até que todos nós juntos tivéssemos aquela sensação de 'Agora sim!'. Mikkey foi uma parte bastante importante disso tudo.

Perguntei isso porque *Rock Believer* tem apenas uma balada, o que foi uma surpresa para mim. Então eu me pergunto se, além da ideia de resgatar o DNA original do Scorpions, ter Mikkey na bateria ajudou a banda a fazer um álbum de rock'n'roll direto...

Somos apaixonados e emotivos pelo que fazemos, e nisso temos muito em comum com o nosso público na América do Sul, porque são pessoas emotivas, também

Klaus: Esse era o nosso plano inicial. Todo mundo sabe que nós fazemos grandes baladas, mas dessa vez queríamos atingir o oposto: queríamos provar para nós mesmos que não somos apenas 'Os reis da balada', mas que também ainda somos os reis do heavy rock e do hard rock, com músicas bem objetivas. Como *When I Lay My Bones to Rest*, que é um tapa na cara e pode ser o tipo de música que as pessoas atualmente já não esperam mais de nós, mas que mostra o que tínhamos em mente: fazer algo que nos lembrasse de onde nós viemos, dar uma chance a essa nossa raiz e fazer um álbum forte. Sabemos que as baladas são tiro certo e sempre as tivemos em nossos discos, porque fazem parte da nossa história, mas agora o desafio era fazer hard rock puro. Não sabemos se conseguimos, mas queríamos provar para nós mesmos que ainda podemos fazer isso, que ainda sabemos como fazer isso.

***Rock Believer* foi lançado há quase dois meses (N.R.: esta entrevista foi realizada no dia 21 de abril), e mídia e fãs o receberam muito bem. Mas como você se sente a respeito dele agora que a banda já tocou cinco novas músicas ao vivo [N.R.: *Gas in the Tank*, *Peacemaker*, *Rock Believer*, *Seventh Sun* e *When You Know (Where You Come From)*]?**

Klaus: Nós mal podíamos esperar para tocar essas músicas ao vivo! E com a direção que tomamos como o álbum, é claro que queríamos criar um show todo novo, com nova produção, então tivemos muito trabalho antes de irmos para Vegas. Além disso, também precisamos dar uma chacoalhada no repertório antigo. Obviamente que os grandes hits e os clássicos tinham que estar no set, mas queríamos inserir as novas músicas para perceber como seriam recebidas. Acredito que *Gas in the Tank* é uma música de abertura incrível para o show, enquanto *Rock Believer* foi feita de uma forma que o público possa cantar o refrão, e mesmo que as novas músicas ainda não sejam amplamente conheci-

Marc Theis

das, foi incrível ver nossos fãs americanos cantando as letras. Deu tão certo que tenho certeza de que quando tocarmos pela Europa, agora no verão, e espero que em breve também na América do Sul, as pessoas vão cantar 'Scream for me, screamer! I'm a rock believer!'. Esse disco é dedicado a todos que creem no rock ao redor do mundo, porque lemos o tempo todo que o rock está morto por causa de outros estilos, como hip hop, grunge e alternativo. Sim, o rap e o pop são muito populares hoje em dia, mas quando estamos em turnê nós vemos todos esses 'rock believers' por aí, todas as noites, então o novo álbum e a faixa-título são para essas pessoas.

E *Rock Believer* é tão rock'n'roll que, nós últimos shows em Vegas, a música nova que saiu do repertório foi *When You Know (Where You Come From)*, a balada...

Klaus: E o retorno que recebemos, nas redes sociais, pelos shows em Vegas foi maravilhoso! Por causa de músicas como *Peacemaker* e, especialmente, *Seventh Sun*, que ficou excelente ao vivo e criou uma atmosfera diferente, um pouco como na época de *Blackout* e *Animal Magnetism*, de fato, de músicas como *China White* e a própria *Animal Magnetism*. Tem aquele peso despretensioso que cria uma atmosfera diferente no set, e isso foi fantástico em Vegas. Dava para sentir que os fãs amaram as novas músicas, e isso foi muito legal. Mal posso esperar para ver o que os fãs europeus vão achar. Acabamos de voltar de Las Vegas e ainda estamos lutando contra o fuso horário (risos), mas iremos para Nova York daqui a alguns dias para um show beneficente, em prol de Bangladesh, no Madison Square Garden. Quem poderia imaginar, meses atrás, que retomaríamos as atividades com uma residência em Las Vegas e, depois, um show no Madison Square Garden? Que loucura! (risos) Mas é isso o que fazemos. Já estamos entrosados agora, a produção está ótima, funcionando muito bem, e ver como as músicas novas se integraram ao repertório é ótimo. É gratificante perceber como usamos o período da pandemia tão bem, e, agora que o mundo está voltando a abrir, podemos voltar a viver uma vida normal e curtir tocar ao vivo de novo. E os fãs, claro, podem ir a shows novamente. Ainda precisamos tomar cuidados, embora em Vegas todos tenham se esquecido disso completamente, porque parecia que ainda estávamos em 2019 (risos). E ao mesmo tempo em que estávamos tocando em Las Vegas, pensávamos no que está acontecendo no Leste Europeu, com a guerra na Ucrânia, porque o disco foi lançado um dia depois de a Rússia invadir o país e começar a guerra. Para nós, era um dia para comemorar o lançamento de *Rock Believer*, mas também estávamos todos deprimidos e tristes com as notícias da invasão. Mal sobrevivemos à dor da pandemia e, em seguida, veio essa guerra avançando sobre nós, e no coração da Europa. É tão triste assistir ao noticiário, e só esperamos que esse conflito termine logo.

Acredito que o segredo da nossa longevidade é amizade, o trabalho em equipe, nos mantermos juntos nos momentos bons e ruins

E eu tenho de perguntar a você sobre a mudança na letra de *Wind of Change*, porque seria muito estranho, por assim dizer, romantizar a Rússia neste momento...

Klaus: Eu tinha bons motivos para romantizar a Rússia quando escrevi essa letra, porque era sobre 'Follow the Moskva' (N.R.: lema que, em Português, significa 'Seguir Moscou') para um futuro pacífico depois da Guerra Fria, depois do Muro de Berlim. Nós crescemos na Guerra Fria, então, quando a Cortina de Ferro caiu, quando o Muro de Berlim caiu, nós olhávamos com tanta esperança para um futuro pacífico, nos unindo em prol de um futuro pacífico para o mundo todo. Mas agora é o oposto disso. A realidade é muito dura para aguentar, e eu pensei: 'Quero apoiar a Ucrânia'. Todos na banda pensaram da mesma maneira, e foi aí que pareceu errado romantizar a Rússia nesses tempos atuais. Então, mudei a letra e fiz uma declaração sobre onde nossos corações batem agora, para apoiar o bravo povo ucraniano.

E apesar de o Scorpions não ser realmente uma banda política, *Wind of Change* é muito mais do que um enorme sucesso. É um depoimento de um momento importante da História.

Klaus: Sim! É um hino de paz que se tornou uma música antiguerra. E sempre será um hino de paz, porque, nos mais de 30 anos que tocamos *Wind of Change*, eu sempre a anuncio dizendo: 'Essa próxima música é sobre esperança. Esperança de um futuro pacífico para todos nós e para as próximas gerações'. Então, ela sempre foi sobre a expressão de um momento na História quando estávamos esperando

Baixe em nosso canal no Telegram t.me/BRASILREVISTAS

ROCK BELIEVER
Universal - Nac.

Rudolf Schenker, Paweł Mąciwoda, Klaus Meine, Mikkey Dee e Matthias Jabs: com a melhor das crenças, a no rock'n'roll

Encontre o nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

pela união de todos, esperando que os tempos antigos e pesados estivessem encerrados, porque enfim seguiríamos para um futuro melhor e pacífico. Para nós, enquanto uma banda alemã, isso significava muito! O mundo virou de cabeça para baixo agora, mas essa canção continuará sendo uma declaração de paz, especialmente neste momento em que todos queremos que a guerra acabe. São tempos difíceis, que teremos de superar, e precisamos pensar nos refugiados desse desastre militar. Nossa geração jamais pensou que veria algo assim novamente, mas o mundo é como é, e só esperamos que isso acabe logo.

O aniversário de 60 anos do Scorpions está chegando, pois num piscar de olhos estaremos em 2025. Como não vejo a banda desacelerando, acredito que haverá uma comemoração, certo?

Klaus: Nós não temos nem tempo de pensar em coisas assim (risos). Acabamos de comemorar o 50º aniversário de *Lonesome Crow*, nosso primeiro disco, lançado em 1972, então celebrar 50 anos como banda ativa é muito legal. O Rolling Stones vai comemorar os 60 anos por agora, e eles estão sempre um passo à frente (risos), então não sei. Vamos ver. Tudo o que sabemos hoje é que a estrada à nossa frente não é tão grande quanto a estrada atrás de nós. Somos muito agradecidos por ainda estarmos aqui, por termos um público global, por ainda termos chance de tocar em vários países pelo mundo, especialmente depois de dois anos sem subir num palco. Nunca tivemos tanto tempo de pausa assim. Estávamos muito nervosos, e foi uma sensação estranha, depois de tanto tempo, tocar ao vivo novamente, mas Vegas foi mesmo fantástica. Nossos fãs americanos são muito leais, e dessa vez havia muitos jovens na plateia, então foi um excelente início. Por isso, agora estamos muito confiantes para a próxima parte da turnê, na Europa, sabendo que o novo disco está acontecendo, com uma resposta tão forte nas paradas musicais pelo mundo. É uma sensação ótima voltar a fazer o que fazíamos, e, desde que possamos fazer o que queremos, nunca se sabe o que nos espera adiante. Foi reconfortante tocar durante aquelas semanas em Las Vegas, com uma recepção tão maravilhosa e sabendo que as portas estão abertas para nós, e tudo isso graças aos nossos fãs, e não apenas os americanos, mas os em todo o mundo. Sabemos que temos uma base de fãs muito forte, especialmente na América Latina, afinal, quem pode voltar ao palco principal do Rock in Rio depois de 30 anos!? Voltar ao Brasil e tocar novamente no Rock in Rio foi um momento marcante para nós. Lembro-me que fizeram uma pesquisa sobre qual banda o público gostou mais, e foi incrível saber que estávamos entre os primeiros da lista! Quando falamos sobre os grandes momentos da nossa carreira, temos sempre de voltar a 1985 e àquela primeira edição do festival, junto com Queen e AC/DC num dos maiores shows do planeta! Temos uma relação de carinho e proximidade com todos os nossos fãs, em todos os países e continentes ao redor do mundo, mas é realmente mais apaixonante e diferente como nos sentimos com os nossos fãs na América Latina, especialmente no Brasil. Não consigo me lembrar com precisão em quantas cidades brasileiras já tocamos ao longo do tempo, acredito que em dez ou 15, e sempre nos divertimos muito em todas. Nossa base de fãs é extremamente leal em cada uma delas, por isso mal podemos esperar para voltar e dividir esse novo disco com vocês!

Dito isso, o Scorpions passou por muita coisa desde o seu início. Tendências musicais, bandas surgindo e acabando, mudanças na indústria E 50 anos depois de *Lonesome Crow*, a banda lança um de seus discos mais fortes até agora. Qual é o segredo?

Klaus: Acredito que o segredo da nossa longevidade é amizade, o trabalho

em equipe, nos mantermos juntos nos momentos bons e ruins. Sabemos que, por sermos uma banda alemã, viemos de uma posição fora do círculo. A história do Scorpions é uma história única. Claro, hoje há bandas como o Rammstein, que é muito popular ao redor do mundo, mas nunca havia sido escrito no livro do rock'n'roll que havia um lugar para um grupo alemão, e nós fomos o primeiro a quebrar a barreira linguística e fazer parte da família internacional do rock. E isso é algo que não se pode ignorar, porque nós éramos forasteiros. Ao mesmo tempo, por sermos esses forasteiros no rock'n'roll, especialmente nos EUA, isso nos fortaleceu. Inicialmente, pensávamos que sermos diferentes era uma desvantagem, mas depois de um tempo percebemos que sermos diferentes funcionava bem para nós. Mesmo com o meu sotaque! (risos) No fim das contas, a razão para a longevidade e o sucesso do Scorpions está na composição das músicas. São elas em primeiro e a nossa performance em segundo, porque sempre saímos para o palco prontos para um show matador. O Scorpions sempre teve uma presença ao vivo muito poderosa, e por sermos uma banda oriunda da Alemanha e que toca ao vivo, tínhamos que provar nosso valor para estar na competição com os melhores do mundo: AC/DC, Van Halen, Aerosmith... Fomos lançados nessa competição internacional no fim dos anos 1970 e início dos anos 1980, e tínhamos que ser muito, mas muito bons. E muito fortes! Do contrário, eles teriam dito logo: 'Está bem, Scorpions. Hora de ir para casa' (risos). Mas não! Convencemos todo mundo de que pertencemos a essa família internacional do rock, e é a química entre nós e a amizade em todos esses anos que nos mantêm ativos. Damos o nosso melhor e também recebemos o melhor do público em troca, porque, depois de tocar para três, gerações, ainda hoje vejo jovens garotos e garotas curtindo *Rock You Like a Hurricane* ao vivo. Isso é motivador! Fazemos isso há tanto tempo e, ainda assim, não amolecemos, trabalhamos duro para fazer disso um sucesso. Somos apaixonados e emotivos pelo que fazemos, e nisso temos muito em comum com o nosso público na América do Sul, porque são pessoas emotivas, também. E é onde nossa música encontra seu lugar.

(...) nunca havia sido escrito no livro do rock'n'roll que havia um lugar para um grupo alemão, e nós fomos o primeiro a quebrar a barreira (...)

(N.R.: neste momento, com o limite de tempo já estourado, chega o aviso de que dava para fazer somente mais uma pergunta.) E o que faz de você um 'rock believer'?

Klaus: É o meu amor e minha paixão pela música. É um estilo de vida. Uma vez rockeiro, sempre rockeiro. É a forma como fomos inspirados por todas aquelas bandas britânicas incríveis, como Rolling Stones, The Who, The Beatles... Eles nos inspiraram quando éramos crianças a pegar as guitarras, sentar na bateria, cantar e descobrir se esse é o lugar a que pertencemos. Quando ouvi Lennon e McCartney cantando *Twist and Shout* e *I Saw Her Standing There*, foi quando eu me tornei um 'rock believer' no coração. E essa inspiração nunca me deixou.

Muito obrigado pelo seu tempo, Klaus, e o espaço final é todo seu.

Klaus: Espero vê-los todos em breve! Muito amor por nossos fãs brasileiros!

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILVIVAS

40 ANOS DE BLACKOUT, O DIVISOR DE ÁGUAS

Dez anos depois da estreia com *Lonesome Crow*, o Scorpions já vinha de uma boa receptividade com *Animal Magnetism*. Assim, após a concorrida turnê, o vocalista Klaus Meine, os guitarristas Rudolf Schenker e Matthias Jabs, o baixista Francis Buchholz e o baterista Herman Rarebell rumaram ao sul da França para se dedicar à pré-produção de um álbum que seria um divisor de águas na carreira da banda, e que a colocaria como uma das maiores do mundo.

Entretanto, Meine teve sérios problemas com os nódulos nas cordas vocais, o que quase levou o Scorpions a encerrar as atividades. O médico disse que ele teria de escolher entre cessar suas atividades por um tempo ou se arriscar a estourar as cordas vocais no meio de um show. Felizmente, sete meses depois, após ser submetido a duas intervenções cirúrgicas, o vocalista estava pronto para voltar à ativa e entrar em estúdio. Sua autoconfiança tinha voltado, e ele estava querendo mostrar que estava melhor que nunca.

Ainda assim, a pedido do produtor Dieter Dierks, o vocalista Don Dokken chegou a gravar backing vocals, mas nem mesmo ele sabe se a sua voz foi usada, já que é praticamente impossível distinguir. De concreto está apenas seu nome na lista de agradecimentos. "Apenas gravei backing vocals e a banda nem estava presente no estúdio. Klaus poderia ter feito tudo sozinho, mas como tinha acabado de sofrer uma cirurgia, eu o ajudei com os backings, mas não sei se mantiveram minha voz nas músicas que gravei: *No One Like You*, *Dynamite* e *You Give Me All I Need*", explicou Don Dokken.

Com a capacidade criativa afiada, o tiro foi certeiro. Em 1982, saiu *Blackout*, que vendeu mais de um milhão de cópias somente nos EUA. O álbum ficou no Top 10 das paradas americanas, impulsionado pelo hit single *No One Like You*, que figurou no Top 40 e teve seu clipe exibido nos programas de TV. O disco tem as poderosas *Blackout*, *Dynamite* e *Now!*; a balada *When the Smoke is Going Down*; e as não menos importantes *Can't Live Without You* e *You Give Me All I Need*. No total, mais de um milhão de pessoas viram o Scorpions na turnê de *Blackout*. Um crítico chegou a escrever que o médico tinha colocado cordas vocais de metal na segunda cirurgia de Meine.

Ricardo Batalha

Chaq Mol, Adra-Melek, Heljarmadr, Jalomaah e Lord Ahriman, a novíssima e poderosa formação da lenda do black metal sueco

Bartos Sydlowski

Cavaleiros do Apocalipse

Entre em grupos no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Lord Ahriman fala sobre o segundo álbum dos suecos com os vocais de Heljarmadr (Grá)

Por Valtemir Amler

Quando o Dark Funeral nasceu em Estocolmo, em 1993, a cena sueca de metal extremo já era reconhecida internacionalmente tanto pela sua qualidade quanto pela versatilidade e brutalidade. Se os gigantes da capital sueca já tinham definido os padrões do old school para sempre, também a cena de Gotemburgo tinha apresentado suas lições, adicionando doses gigantes de melodia ao som tradicional do death metal. Porém, essa mesma versatilidade imperava no black metal sueco daqueles dias: enquanto nomes como Marduk e Abruptum caminhavam por trilhos mais extremos, Dissection, Sacramentum e Unanimated mergulhavam o death e o black em ótimas melodias, mantendo assim o bom nome da escola sueca no cenário global. Figura ativa em toda essa história, Lord Ahriman – guitarrista fundador do Dark Funeral – usou sua banda para levar ainda mais adiante essa jornada, criando em torno de si todo um novo capítulo na história da música extrema. Trabalhando incessantemente na continuação desse capítulo, o Dark Funeral chega em 2022 ao seu sétimo álbum completo, *We Are the Apocalypse*, tema da entrevista que você lê nas próximas páginas.

Já se vão alguns bons anos desde o lançamento de *Where Shadows Forever Reign* (2016), e finalmente em 2022 temos o novo álbum do Dark Funeral. Mas, pelo que conheço da sua jornada, tenho certeza que você não passou todos esses anos apenas esperando o tempo passar, certo?

Lord Ahriman: Com certeza, eu nem conseguiria ficar sentado sem fazer nada só para depois ter que correr para fazer tudo de uma só vez. Não consigo funcionar assim, não é desse modo que faço música. A verdade é que muitas coisas aconteceram ao longo dos anos, desde o lançamento de *Where Shadows Forever Reign*. Primeiro foram várias turnês, depois começou a pandemia e aí vários ciclos de abertura e fechamento, mas nada disso realmente afetou a criação do novo álbum, justamente pela forma como costumo trabalhar novas composições.

Dito isto, quando começaram a trabalhar conscientemente em *We Are the Apocalypse*?

Lord Ahriman: As primeiras ideias começaram a surgir cerca de quatro anos atrás, quando ainda estávamos em turnê com nosso álbum anterior. Quer dizer, nós saíamos para uma turnê e outra, e entre elas eu continuava registrando minhas ideias e colecionando material, como costumo fazer. Claro que naquele estágio ainda não tínhamos muita coisa definida, mas foi naquela época que as coisas começaram a acontecer e eu sentia que naturalmente o novo álbum estava começando a tomar forma.

E quando as coisas começaram a tomar um rumo mais sério?

Lord Ahriman: Bom, apenas alguns dias antes da pandemia realmente acontecer, nós havíamos decidido

encerrar de vez as turnês do último álbum. Sentimos que era hora de relaxar por alguns dias e então começar a trabalhar mais seriamente nas novas músicas a partir das partes que eu vinha gravando. No começo foi um pouco estranho, pois cerca de um mês depois de decidirmos parar as turnês, o mundo realmente entrou em lockdown. Todos estávamos descansando, os integrantes da banda estavam viajando em férias em países diferentes, e vários deles ficaram 'presos' por algum tempo nesses lugares, pois as viagens ficaram suspensas por um tempo. E esse foi o único contratempo que tivemos e, ainda assim, só por alguns poucos dias. Assim que pudemos retornar, voltamos ao plano original e focamos no novo álbum, essa era a nossa prioridade.

O momento acabou sendo o menos prejudicial para o Dark Funeral.

Lord Ahriman: Sim, acabou sendo isso mesmo, e foi estranho que tenha sido assim. Quer dizer, se tivéssemos decidido continuar os shows por mais um mês ou dois a situação seria totalmente diferente em todos os sentidos. Mas nós já não esperávamos fazer shows nesse período mesmo, pois estávamos focados no processo de composição. Claro que esse período foi terrível para todos, mentalmente estafante e tudo o mais, mas não tivemos tantas perdas por pura coincidência, a pior fase da pandemia coincidiu com a época em que planejamos estar longe da estrada e focados na composição.

Imagino que a maneira como a Suécia controlou a pandemia também tenha ajudado, principalmente na hora de trabalharem nas gravações.

Lord Ahriman: Com certeza. Quer dizer, não precisamos fazer grandes mudanças na maneira como trabalhamos, principalmente se compararmos com o que fizemos em *Where Shadows Forever Reign*, ou seja, eu e Heljarmadr trabalhamos em nossos estúdios caseiros, compusemos e refinamos as composições, e então gravamos... Bem, as restrições foram bastante suaves, se comparadas com o que vimos em outros países, mas procuramos acatar as decisões do governo, respeitamos o momento e mantivemos o trabalho. Então, sim, todo o processo de composição e gravação foi bastante suave para o novo álbum.

Bom ver isso confirmado, já que é essa a sensação que temos ao ouvir *We Are the Apocalypse*. Ele realmente soa como uma evolução do que fizeram no disco anterior.

Lord Ahriman: Sim, é isso mesmo. Somos uma banda que vem evoluindo ao longo dos anos, disco após disco, sempre buscamos manter uma pequena evolução, nada grande demais que possa descaracterizar nossa música, mas sempre levando-a a um novo nível.

E o interessante é que sinto que essas mudanças não vêm do fato de contarem com dois novos integrantes neste álbum, a mudança está mais no cerne das composições do que na performance individual, concorda?

Lord Ahriman: Sim, eu concordo totalmente. Veja, a composição está centrada basicamente em mim e Heljarmadr, embora os outros integrantes sempre possam apresentar sugestões. Isto é reflexo do que fizemos no álbum anterior, quer dizer, é igual ao que fizemos antes. Porém, temos a bateria de Jalomaah

WE ARE THE APOCALYPSE
Century Media - Imp.

(N.R.: Janne Jaloma, baterista do Aeon e Night Crowned), que já vinha tocando ao vivo conosco há alguns anos, e o baixo de Adra-Melek (N.R.: Fredrik Isaksson, veterano da cena sueca com passagens por Excruciate, Therion e Grave). Certo, eles são integrantes novos, este é nosso primeiro álbum com eles, mas ambos contam com pontos positivos a seu favor. Veja, Jalomaah já vinha tocando ao vivo conosco na turnê do álbum anterior, estava mergulhado no universo da música do Dark Funeral todas as noites e já estava muito habituado ao nosso som muito antes de ir ao estúdio. Não foi como se ele tivesse que 'aprender' na hora, meio que no improviso, ele já sabia exatamente o que fazer, eu diria. Quanto a Adra-Melek, ele tem uma experiência tão grande quanto a minha ou até maior, são muitos anos dedicados ao metal extremo. Ele só precisou de alguns dias para se adaptar à intensidade da nossa música e já estava pronto para contribuir com uma performance incrível. Então, sinto que você está certo, pois eles não trouxeram elementos de fora para a nossa música, não deixaríamos isso acontecer. Sabemos como devemos e queremos soar, e todos rumam para aquele mesmo destino.

Muito bom. Ademais, Chaq Mol permanece ao seu lado na guitarra, um trabalho que vocês vêm dividindo há quase duas décadas e um dos destaques inequívocos da música do Dark Funeral. No novo álbum não é diferente, existem partes de guitarra realmente intrincadas aqui.

Lord Ahriman: Obrigado! Sim, Chaq tem sido um ótimo parceiro musical, ele é a pessoa que está há mais tempo ao meu lado na banda e isso é uma comprovação do quanto trabalhamos bem juntos. Legal você ter destacado nosso trabalho nas guitarras, pois não vejo muitas pessoas fazendo isso. Outra coisa que também não costumo ver são guitarristas tocando as nossas músicas corretamente, pois existem muitos pequenos detalhes ali que eles simplesmente ignoram, passam por cima, então, obrigado novamente por sua observação. Veja, como guitarrista, eu sempre penso no ponto de vista da guitarra quando componho uma música, e embora goste de ouvir, não gosto de tocar uma música muito simples, gosto de movimentos rápidos e complexos, gosto de mudanças abruptas e inesperadas, gosto de me sentir desafiado. Quer dizer, curto compor músicas que serão um desafio tocar ao vivo, pois isso me faz sentir mais empolgado para seguir adiante. Chaq tem essa mesma visão, e ele não passa por cima dos detalhes, ele observa e pratica, muitas vezes melhora a linha com uma execução primorosa. Sim, temos sido uma boa dupla ao longo desses anos.

Falamos sobre baixo, bateria e guitarra, mas a voz também tem sido um destaque nessa nova fase do Dark Funeral. Sinto os vocais mais dinâmicos, diria até que eles recordam alguns recursos que ouvimos antigamente, nos tempos de *The Secrets of the Black Arts* (1996). Você concorda?

Lord Ahriman: Sim, entendo completamente o que você quer dizer. Bem, na época do *The Secrets of the Black Arts* tínhamos os vocais do Themgoroth, que também gravou o EP de estreia (N.R.: *Dark Funeral*, de 1994). Eu definitivamente consigo ver mais semelhanças entre Heljarmadr e Themgoroth do que entre Magus Caligula e Heljarmadr, por exemplo.

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILHARDAS

A pior fase da pandemia coincidiu com a época em que planejamos estar longe da estrada e focados na composição
Lord Ahriman

Sim, Heljarmadr parece ser mais versátil, aparentemente é mais confortável para ele usar sua voz em diferentes situações, como os vocais declamados em algumas partes.

Lord Ahriman: Ah sim, isso é bem verdade. Caligula tinha um ataque bem direto e constante, era uma fera indomável e gosto muito do trabalho dele, que gravou alguns clássicos do Dark Funeral, mas entendo o que você diz. Heljarmadr também é um letrista diferente de Caligula e acho que isso acaba refletindo na forma de cantar de uma maneira ou de outra. Quanto aos vocais declamados, é verdade, acho que não usávamos isso desde *The Secrets of the Black Arts*. Eles voltaram em *Where Shadows Forever Reign* e agora de novo em *We Are the Apocalypse*. Justamente os dois álbuns gravados com Heljarmadr.

Seria esse um dos motivos para terem voltado ao esquema azul/preto para as artes do Dark Funeral?

Lord Ahriman: Bem, não conscientemente. Quer dizer, eu sempre gostei muito desse padrão, da mistura de preto e azul, dá uma sensação de escuridão e frio, ao mesmo tempo de solidão e falta de esperança, são ótimas cores para estampar uma arte black metal. A combinação é perfeita e foi usada em muitos clássicos do passado, tanto do Dark Funeral quanto de outras bandas. Eu realmente queria que esse padrão voltasse, pois ele diz perfeitamente quem somos hoje, uma banda que olha para frente, mas que permanece 'old school' e absolutamente fiel às suas velhas convicções.

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILDEVISTAS

Dito isto, é bom perceber essas 'velhas convicções' reafirmadas aqui, o novo álbum apresenta um bom apanhado delas. A faixa de abertura, *Nightfall*, é um dos típicos momentos da banda mergulhando fundo em sua origem, com partes muito rápidas.

Lord Ahriman: Sim, este é o tipo de música que as pessoas realmente esperam ouvir nos nossos álbuns. Ela começa extremamente veloz e depois vai ganhando novos movimentos, é bastante dinâmica e variada.

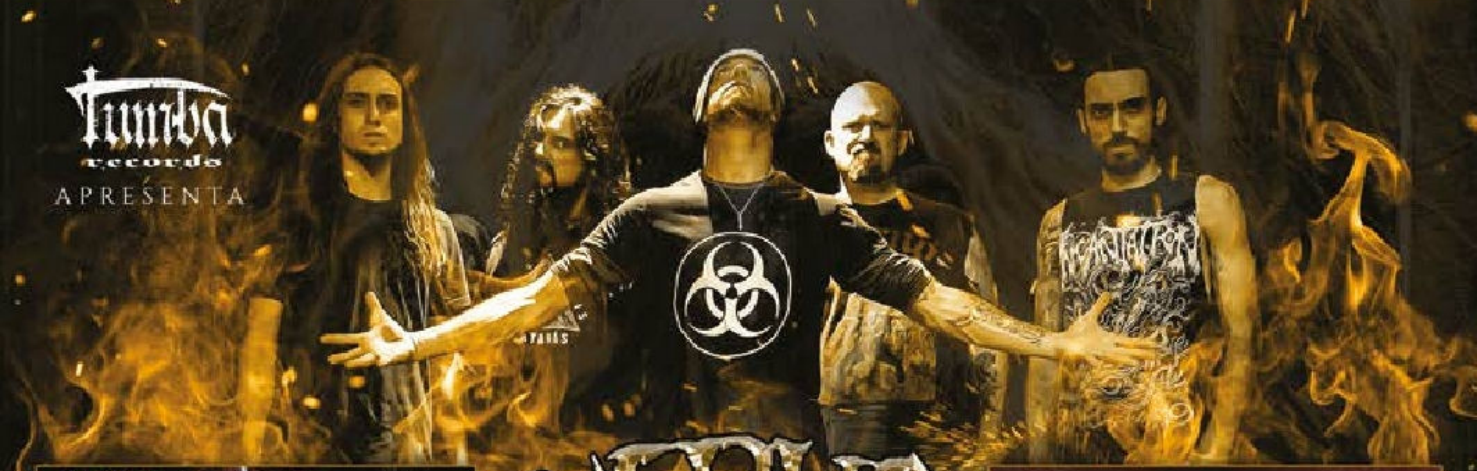
Sim, por isso mesmo quis destacá-la. Essa variação dinâmica me trouxe à memória a primeira música do Dark Funeral que ouvi, *Open the Gates* (faixa de abertura do EP de estreia, de 1994).

Lord Ahriman: Ah, sim, isso faz muito sentido. Tem a ver com aquilo que falamos anteriormente, Heljarmadr tem uma maneira de escrever muito mais próxima à de Themgoroth e acho que isso meio que ajuda na hora de fazermos novas músicas, elas ganham essa cara mais 'old school'.

Por fim, também gostaria de destacar as faixas *Let the Devil In* e *When I'm Gone*, que representam o outro lado da sua música, brutal e cadenciado, como ouvimos em *Goddess of Sodomy* (*Diabolis Interium*, 2001).

Lord Ahriman: Sim, é isso mesmo. Gosto de ter canções assim em nossos discos, nem sempre encontramos o lugar certo para encaixá-las, mas algumas vezes o disco pede algo assim para equilibrar as coisas. Apesar de não serem tão rápidas, elas não são canções tranquilas, não são como interlúdios, não são um 'descanso' para o ouvinte. É apenas uma forma diferente de ataque.

Tumba records
APRESENTA



NERVO CHAOS

NOVO ÁLBUM
ALL COLORS OF DARKNESS

AINDA DISPONÍVEL
DUG UP... DIABOLICAL REINCARNATIONS

NERVOCHAOS-STORE.MINESTORE.COM.BR

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

BRÉA EXTREME TOUR 2022

SOUTH AMERICA TOUR 2022

19.05 - Belém, Brazil @ Botequim
20.05 - São Luís, Brazil @ The Music Hall
21.05 - Fortaleza, Brazil @ Armazém
22.05 - Recife, Brazil @ Estelita
24.05 - Vila Velha, Brazil @ Correria Music Bar
26.05 - Belo Horizonte, Brazil @ Mister Rock
27.05 - Porto Alegre, Brazil @ Opinião
28.05 - Pomerode, Brazil @ Wox Club
29.05 - São Paulo, Brazil @ Carioca Club
01.06 - Buenos Aires, Argentina @ Uniclub
02.06 - Santiago, Chile @ Bloondie
03.06 - Lima, Peru @ CC Festiva
04.06 - Quito, Equador @ Ex-Teleférico
05.06 - Bogotá, Colombia @ Ace of Spades Club

HIDDEN TRACKS

COLD SWEAT

ORIGEM:
Estados Unidos

ÉPOCA:
Anos 90

ESTILO:
Hard Rock

FORMAÇÃO CLÁSSICA:
Rory Cathey (vocal), Marc Ferrari e Erik Gamans (guitarras), Chris McLernon (baixo) e Anthony White (bateria)

DISCOGRAFIA:
Break Out (1990)

Por Ricardo Batalha

O Keel vinha de um período de sucesso promovendo seu então quarto álbum, intitulado *Keel*, lançado em maio de 1987. "Naquele verão conseguimos o show das nossas vidas: a última etapa da turnê de *Slippery When Wet*, do Bon Jovi. Eu conhecia Jon Bon Jovi há alguns anos. Ele sempre foi muito cordial comigo, então mantive contato. Eu o encontrei em um clube em Los Angeles, logo após o lançamento de *Keel*. Tomamos alguns drinques e, no dia seguinte, mostrei algumas faixas a ele. Uma coisa levou à outra e, antes que percebesse, estávamos em turnê ao lado da maior banda da época", recordou o guitarrista Marc Ferrari, que chegou a fazer três noites no Madison Square Garden naquela tour.

Chris McLernon, Erik Gamans, Rory Cathey, Anthony White e Marc Ferrari deixaram apenas um álbum para a posteridade

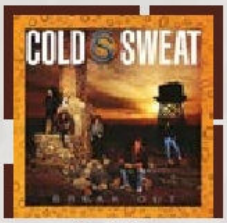
Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILPROGRESSIVO

Porém, após a excursão com Bon Jovi e as datas em clubes, Ferrari se sentiu desconfortável, como se tudo tivesse perdido o brilho. "Em fevereiro de 1988, decidi que era hora de o pássaro deixar o ninho e saí sozinho. Foi uma decisão difícil de tomar, mas no meu íntimo eu sabia que era a certa. Mal sabia eu o quão difícil seria voltar de onde parei", declarou.

Confessando que perdeu o impulso, Ferrari classificou os anos de 1988 e 89 como "perdidos". "A Goldmountain Records me informou que estava exercendo sua 'cláusula de saída de membro', que manteria meus serviços e financiaria meu próximo projeto. Tudo que tinha que fazer era montar uma banda, compor algumas músicas incríveis, lançar um disco e deveria voltar a ser a estrela do rock que era", detalhou.

O guitarrista levou os planos adiante e criou o Cold Sweat, nome inspirado no clássico do Thin Lizzy, inicialmente com o vocalista Oni Logan, que não ficou por muito tempo, pois se juntou ao Lynch Mob. O substituto foi o ex-Gibraltar, Rory Cathey. "Comecei a cantar por acaso, porque antes meu negócio era o esporte. No ensino médio, eu era muito atlético e jogava futebol americano na liga recreativa. Mas eu tinha alguns amigos que eram músicos e um deles tinha uma banda de rock. Então, quando estavam tocando *You Really Got Me*, do Van Halen, comentei que o vocal estava fazendo de um modo errado. Aquilo era meio que normal para mim e, então, quando menos percebi já estava lá cantando", contou o vocalista. "Estava tocando com a Gibraltar, que montei durante o colegial. Estávamos tocando na Flórida e acabei encontrando um de meus melhores amigos, Oni Logan. E foi ele quem me indicou", acrescentou.

Completado por Erik Gamans (guitarra), Chris McLernon (baixo) e Anthony White (bateria), o Cold Sweat lançou o álbum *Break Out* pela MCA Records em 1990. Elogios, single para *Let's Make Love Tonight*, músicas tocadas em algumas rádios e shows ao lado de Dio. Tudo parecia caminhar bem, a não ser pelo "pequeno detalhe" de que a década de 90 reservava surpresas nada agradáveis para bandas de hard rock. Mais ainda para quem fez a sua estreia em 1990 na MCA, que simplesmente lançou o disco e não o promoveu.



Break-Out (1990)

Além do single, o álbum destaca a acelerada *Four on the Floor*, composta por Ferrari e Tommy Thayer (Black 'N Blue, Kiss). Com um quê de Dokken, ela mostra o motivo pelo qual Cathey foi aprovado para o posto de vocalista. A bluesy *Cryin' Shame*, que chegou a ser tocada na Z-Rock, também é um dos destaques do repertório, que traz as instigantes *Lovestruck* e *Take this Heart of Mine*, a zeppeliana e melódica *Killing Floor*, a hardaça *Fistful of Money*, a rápida *Jump the Gun*, além do cover de Willie Dixon, *I Just Want to Make Love To You*, que o Saxon também gravou.

Com o fim do Cold Sweat, Ferrari criou o Medicine Wheel e depois passou a compor músicas para a televisão, até o retorno do Keel.

Break Out não deu em nada, mas se tornou uma pérola escondida para fãs de hard rock, que vibraram com o anúncio do retorno à ativa exatamente trinta anos após o lançamento do disco. O show na 'pre-party' do Monsters of Rock Cruise, ocorrido no dia 6 de fevereiro de 2020 no Magic City Casino, em Miami, impressionou o público – incluindo este que vos escreve.

Na ocasião, o vocalista Rory Cathey comentou: "Não fazíamos isso há trinta anos!" Pois bem, fui obrigado a falar pessoalmente com ele após o set: "Você disse trinta anos de ausência dos palcos, mas pelo que vi pareciam trinta dias!" Todos saíram de lá eufóricos, mas aí veio a pandemia...

FLAVIO BRANDÃO

STRATOSPHERE

PROJECT

HeJL Yeah! Music Company

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

FLAVIO BRANDÃO STRATOSPHERE PROJECT É UM PROJETO DE POWER METAL COM RAÍZES NOS ANOS 90, QUE APRESENTA CONVIDADOS DE TODO O MUNDO PARA CANTAR E TOCAR. O SINGLE "IMMORTAL EYES" ESTARÁ DISPONÍVEL EM 13/05 E FARÁ PARTE DO EP "LIFESTEALING YEARS", COM PREVISÃO DE LANÇAMENTO PARA O INÍCIO DE JUNHO DE 2022.

Biff Byford, Nibbs Carter, Nigel Glockler, Doug Scarratt e Paul Quinn: curtindo o momento e dando aula de heavy metal

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

SAXON

DIVERTIDO E CERTEIRO

Nigel Glockler conta detalhes do novo álbum, como o conceito que vale para toda a vida, e a abordagem que tem para gravar a bateria na banda inglesa

Por Daniel Dutra

Dois discos no período de um ano, sendo um de cover, *Inspirations* (2021), e o novíssimo de inéditas, *Carpe Diem*. O fã do Saxon não tem do que reclamar, até porque o 24º álbum de estúdio da veterana e icônica banda inglesa - formada por Biff Byford (vocal), Paul Quinn e Doug Scarratt (guitarras), Nibbs Carter (baixo) e Nigel Glockler (bateria) - é mais uma aula de heavy metal. Sendo assim, coloque-o para rodar e aumente o som para acompanhar o bate-papo com Glockler, que explicou por que os dois trabalhos estão diretamente ligados à pandemia da Covid; e contou como trabalha nos arranjos de bateria nas músicas do quinteto. Depois, você também pode conferir a entrevista no canal da ROADIE CREW no YouTube. Assim, curta o momento e aproveite o dia!

Como você tem passado esta pandemia sem fim?

Nigel Glockler: Eu estou bem. Particularmente, fiquei frustrado quando tudo começou, porque, com o lockdown, eu não podia ver os amigos. Do ponto de vista da banda, foi igualmente frustrante, uma vez que não pudemos fazer nenhum show até o verão passado! Foi assim como todo mundo, e aí conseguimos tocar no Bloodstock, em agosto, e no Metal Hammer Paradise, em novembro.

E o Saxon lançou o álbum de covers *Inspirations* e agora tem o novo disco, *Carpe Diem*, mas a agenda da turnê não foi a mesma, obviamente...

Nigel: Eu concluí a bateria de *Carpe Diem* pouco antes do início da pandemia, e a coisa certa a se fazer em seguida seria gravar as guitarras, o baixo e os vocais. Começamos a fazer isso quando tudo aconteceu, e a gravadora disse: 'Não queremos lançar o disco, porque vocês não podem sair em turnê', afinal é por isso que bandas saem em turnê: para promover o novo álbum. Ficamos pensando nisso por algum tempo, e aí o selo nos disse: 'Bem, temos esse espaço em branco na agenda que seria para o lançamento do novo trabalho. Por que vocês não fazem um disco de covers e o lançamos? Assim, preenchemos esse buraco e depois vemos como fazer com o autoral'. Então, de certa forma, isso foi bom porque nos permitiu passar mais tempo trabalhando no *Carpe Diem*, podíamos ouvi-lo para saber se faríamos alguma alteração e coisas do tipo, quando normalmente estaríamos em turnê. Mudamos pequenas coisas aqui e ali, como nas guitarras, e isso deu ao Biff a chance de brincar com as letras. Foi bom ter tempo extra para isso, mas, na época de lançar os singles, tivemos de nos certificar de que Andy Sneap estaria disponível depois de todo esse tempo para produzir e dar os toques finais, uma vez que ele é um cara muito ocupado! (risos) Mas deu certo, e fazer o *Inspirations* foi muito divertido porque nunca havíamos feito um disco inteiro de covers. Obviamente, já havíamos gravado alguns covers antes, mas um álbum inteiro é novidade, e foi ótimo porque todos se

> "Foi bom passar um tempo em casa, sabe? Todos estavam em casa com suas famílias, e isso foi muito legal. Por outro lado, foi frustrante porque não podíamos sair em turnê"
> NIGEL GLOCKLER (SOBRE A PANDEMIA)

envolveram para testar músicas e dar opinião sobre quais gravaríamos.

E você teve tempo livre para fazer coisas que normalmente não pode fazer? Tipo aproveitar os dias, mesmo...

Nigel: Foi bom passar um tempo em casa, sabe? Todos estavam em casa com suas famílias, e isso foi muito legal. Por outro lado, foi frustrante porque não podíamos sair em turnê. Mas fui chamado para fazer umas sessões ano passado. Toquei em algumas faixas do novo álbum do Alcatrazz (N.R.: *V*, lançado em 2021) e fiz um disco com o Jim Kirkpatrick, guitarrista da banda FM (N.R.: será o trabalho de estreia do projeto chamado The Flood). Por possuir o green card e ter morado nos Estados Unidos, eu podia viajar para lá nesse período onde apenas residentes e cidadãos podiam entrar no país, então fui gravar uma sessão com um amigo que tocou comigo no GTR, Robert Berry. Voei para São Francisco, entramos em estúdio e gravamos a bateria do disco inteiro lá, então tinha bastante coisa acontecendo! (risos) Isso foi muito bom porque eu me mantive tocando, e sempre falo para as pessoas: 'Não importa o quanto você pratique em casa! Não importa!', porque elas sempre acham que fazer um show basta, mas eu digo que não porque no show a adrenalina bate, tem a vibração do público e os ensaios, e não importa o quanto você ensaie. Fazer essas sessões me manteve tocando, o que foi ótimo.

Antes de falarmos de *Carpe Diem*, gostaria de fazer algumas perguntas sobre *Inspirations*. Como a banda chegou à lista final de covers?

Nigel: Foi muito divertido fazer esse disco porque todo mundo colocou suas próprias ideias sobre o que seriam suas inspirações. Conversamos sobre todas e decidimos quais entrariam na lista, e existem mais duas faixas que não estão no disco, mas foram lançadas como lado B dos singles e devem estar no Spotify ou algum lugar assim: *Shoot Shoot*, do UFO, e *One Last Cold Kiss*, do Mountain. Então ainda tem essas duas músicas extras flutuando por aí! (risos)

Ok, mas sei que já há um segundo *Inspirations* em andamento. O que você pode contar mais sobre isso?

Nigel: O mesmo esquema do anterior: nós nos reunimos para discutir o que queremos fazer, porque temos tempo devido à falta de shows, então entramos no estúdio e destruímos tudo de novo! (risos) O disco está no forno, mas eu não vou lhe contar quais músicas estão nele porque tem que ser surpresa. Se eu contar, estraga a surpresa! (risos) Imagino que será lançado no fim deste ano, mas não sei quais são os planos da gravadora para esse álbum. O nosso técnico de som, que o gravou para nós, começou a trabalhar nas coisas finais hoje (N.R.: a entrevista foi realizada no dia 17 de fevereiro), então nem mesmo nós ouvimos o material finalizado ainda! Toda a parte instrumental está finalizada, assim como toda a parte de edição e mixagem, mas ele está trabalhando na finalização agora.

Na noite passada, ele nos mandou uma mensagem no WhatsApp dizendo 'Vou começar isso amanhã', então está acontecendo enquanto nós conversamos.

Vamos falar de *Carpe Diem*, e minha primeira pergunta é sobre o título do álbum, porque é uma expressão latina que traz um lado positivo para o momento que vivemos. Era essa a intenção?

Nigel: O disco ganhou esse nome porque Biff queria escrever uma música sobre a Muralha de Adriano, que está na capa do disco. É onde os romanos defendiam seu território do norte da Inglaterra. Mas tudo fez sentido, porque a frase em si diz 'Aproveita o dia', e acho que esse é um bom conselho. Só temos uma chance nessa vida, então temos de extrair o melhor disso, nos divertir, aproveitar o momento, viver! Essa é uma frase para ser usada na vida em geral.

Perguntei isso porque a pandemia da Covid foi o tema principal da música *Remember the Fallen*, e *Carpe Diem* é, na verdade, um álbum para levantar o espírito.

Nigel: Sim, *Remember the Fallen* é sobre milhões de pessoas que morreram e, também, sobre agradecer às equipes de saúde que lutaram bravamente para salvar as pessoas. Eu as aplaudo por isso. Apesar da existência dos antivacina e dessas estúpidas teorias da conspiração, nós temos de fazer todo o possível para manter uns aos outros a salvo. Sempre que eu saio para fazer compras ou coisas assim, uso máscara não apenas por mim, mas para manter outras pessoas a salvo caso eu esteja contaminado. Eu sempre me testo quando saio de casa, ou pelo menos a cada dois dias.

Ainda sobre *Remember the Fallen*, li comentários no videoclipe YouTube, e tem um que chamou a minha atenção: 'Perdi meu pai para o Covid, e nós amamos o Saxon! É uma homenagem perfeita para o meu pai! Obrigado, Saxon!'. Você pensou que a música poderia alcançar os fãs neste nível?

Nigel: Eu não fico muito on-line, então não tinha lido esse comentário, mas é algo que toca o coração! Fico feliz por alguém se sentir assim, ainda que seja uma coisa triste, porque que a pessoa perdeu um ente querido. A música é um tributo a todos que faleceram nesses tempos horríveis e aos que atravessaram esse período, então ouvir algo como esse comentário é incrível. Agradeço a quem escreveu isso!

Aliás, quando eu disse que *Carpe Diem* é um álbum para levantar o ânimo, é também porque são dez músicas em 45 minutos. É como ouvir música nos anos 1980, quando as pessoas realmente ouviam um álbum inteiro. O Saxon vem fazendo isso há muito tempo, na verdade, mas faz sentido para você?

Nigel: Nós somos e sempre fomos autocríticos sobre nossas músicas, e não apenas no que diz respeito às composições, mas sobre a sonoridade e tudo mais. Para mim, como baterista, a coisa mais importante é o groove, e é por isso que sempre trabalho com metrônomo no estúdio. Não importa se a canção é rápida e soa insana nos meus fones de ouvido, porque eu vou mergulhar nela e ser até mais rápido que ela! Quando estamos ensaiando e criando demos das músicas, todos nós usamos para experimentar tempos diferentes. Se alguém traz um riff de guitarra, nós o tocamos na velocidade original, como foi criado, mas também o experimentamos mais lento ou mais rápido, tudo para que o groove fique correto. Eu só não uso 'click track' ao vivo, porque o que acontece em muitos casos, e em muitas bandas, é que se toca mais rápido quando a adrenalina bate. É algo natural, e eu tenho tanta culpa nisso quanto qualquer outra pessoa. Quando ouço alguma gravação nossa ao vivo, digo: 'Meu Deus! Isso está rápido demais!' (risos) Às vezes nem sou eu quem acelera o tempo, porque pode ser o guitarrista, mas eu tenho a opinião de que se parece lento para mim é porque provavelmente está certo! (risos)

Sobre as novas músicas, gostaria de começar falando da faixa-título, porque adoro a introdução tribal e como a bateria atinge o ouvinte na cara. É uma faixa de abertura perfeita...

Nigel: Eu compus e toquei essa introdução. Inicialmente, era um riff de guitarra depois da introdução, mas Andy perguntou o que eu achava, e vimos que seria melhor fazer uma introdução atmosférica e, em seguida, a bateria completa. Por ser algo que normalmente não fazemos, essa é a grande surpresa. Decidimos fazer assim, ficamos animados, e Andy conseguiu essa sonoridade incrível da bateria. Tenho certeza de que essa será a abertura dos shows!

Não sei se muita gente vai perceber isso em *Carpe Diem*, mas da quarta faixa, *Dambusters*, até a última, *Living on the Limit*, todas começam com um riff de guitarra e se transformam em músicas viciantes. Elas são a definição de heavy metal. Então, me pergunto se a ordem foi bem planejada...

Nigel: Nós trabalhamos nas músicas, no melhor enfoque delas. Às vezes, alguém chega com a demo de uma faixa que tem uma linha crua de bateria, mas se acharmos que é uma boa ideia, eu pego e faço do meu jeito. É assim que trabalhamos, e é o mesmo com todos os outros caras. Qualquer um pode chegar com um riff, porque o guitarrista vai pegar e fazer do jeito dele. Quem quer que escreva algo, todo mundo vai colocar sua influência em cima, afinal, são cinco caras no Saxon fazendo com que soe como Saxon!

Tenho de perguntar, então, sobre seu processo criativo na bateria quando se trata de escrever suas partes em torno dos riffs de guitarra, porque você ganha destaque em músicas como *Super Nova* e *Living on the Limit*.

Nigel: Eu gosto de gravar sozinho. O que normalmente fazemos é que as demos vêm com o 'click track', para que saibamos qual será o tempo, aí eu entro e troco o click pela bateria. E não me preocupo com mais ninguém. Para mim, no que diz respeito à bateria, acredito que as melhores tentativas são as quatro primeiras. Às vezes, consigo já na primeira, o que é ótimo porque fica fresco! No passado, gravávamos todos juntos, eu tocava um baita arranjo de bateria, alguém fazia merda no fim, e tínhamos de fazer tudo de novo. (risos) Do meu ponto de vista, o que acontecia era que, talvez depois de quatro ou cinco tentativas, acabávamos decidindo terminar a música a tocando de modo seguro, sem assumir riscos. Quando estou sozinho no estúdio, ainda que a demo seja minha, vou tentar outras formas de tocá-la. Faço com o sentimento do momento. Gosto que a minha bateria venha do meu coração.

> "SÓ TEMOS UMA CHANCE NESSA VIDA, ENTÃO TEMOS DE EXTRAIR O MELHOR DISSO, NOS DIVERTIR, APROVEITAR O MOMENTO, VIVER! ESSA É UMA FRASE PARA SER USADA NA VIDA EM GERAL"
> NIGEL GLOCKLER (SOBRE O TÍTULO DO NOVO ÁLBUM)

Há muitas músicas 'uptempo' em *Carpe Diem*, e há a épica *The Pilgramage*. Não é como se isso desse a você uma pausa, mas como você trabalha suas partes em uma canção como essa?

Nigel: E não me deu descanso mesmo! (risos) *The Pilgramage* é, para mim, o epítome de uma música com groove. Ela é 'midtempo', e em alguma outra entrevista eu disse 'Quando tocamos as músicas rápidas, o público fica assim (N.R.: Glockler imita o fã curtindo e agitando nas canções mais rápidas), mas no minuto em que tocamos algo com mais groove, como *Dogs of War* ou *Solid Ball of Rock*, eles piram!'. É ótimo e, sim, até um pouco de descanso para nós! (risos) Acredito que as pessoas também gostam das músicas mais cadenciadas, afinal, basta ver qual é a clássica banda de música 'midtempo': AC/DC!

CARPE DIEM
Heavy Metal Rock - Nac.

E o Saxon continua compondo e lançado álbuns com material novo, e isso é algo que eu adoro nos meus grupos favoritos. Na perspectiva do fã, é cansativo que algumas continuem tocando sempre as mesmas coisas ao vivo. Como o KISS, e olha que citei a minha banda do coração...

Nigel: Eu acho que eles devem ficar entediados. (risos) Mas eu amo o KISS! Vi-os pela primeira vez quando tocaram no Reino Unido, no Hammersmith, creio que em 1975 ou 1976, porque eu já era um grande fã do KISS. Seria ótimo se todas essas bandas fizessem mais música, e no caso do KISS, alguns dos discos mais recentes são brilhantes. Mas acredito que eles dão o que os fãs querem, não sei... Nós mesmos temos determinadas canções que devemos tocar, e ao mesmo tempo há fãs que querem ouvir coisas diferentes. Não se pode agradar a todos. É impossível! A única forma de fazer isso seria se tocássemos por oito horas seguidas (risos), e não creio que eu sobreviveria a isso! (risos) Quando estamos em turnê, alguma música pode não estar se saindo muito bem, então a trocamos por uma nova ou, às vezes, abrimos o cofre das que não tocamos há muito tempo. E tem outra coisa que temos de fazer, porque em países diferentes as músicas são diferentes. Determinadas canções são mais apreciadas em outros países, como, por exemplo, *Ride Like the Wind*, então temos de tocá-la em determinados países enquanto em outros ela não faz nenhuma diferença. No caso da América do Sul, os fãs gostam muito dessa música.

Muito obrigado pela entrevista, Nigel, e o espaço é todo seu para acrescentar o que quiser.

Nigel: Obrigado a você pelo convite, e eu gostaria de dizer obrigado aos fãs pelo apoio durante todos esses anos. Adoramos tocar no Brasil e, assim que pudermos, voltaremos! Sem vocês, nós não estaríamos onde estamos, então somos mesmo muito agradecidos pelo apoio de todos. Portanto, se cuidem e fiquem saudáveis! Nós nos veremos em breve!

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

"quem quer que escreva algo, todo mundo vai colocar sua influência em cima, afinal, são cinco caras no saxon fazendo com que soe como saxon!"
nigel glockler

PLAYLIST

Por Thiago Prata • Fotos: Divulgação

▶ **Codes of Imorality:** "Essa música é extremamente de cunho político: a ganância, a lavagem de dinheiro. E isso nos anos 90 estava mais forte do que nunca. Acredito que atualmente esteja pior. Mas em 1999, o Brasil passava por uma fase muito difícil, e a gente decidiu escrever essa música."
Álbum: Chaotic System (1999)

▶ **Rota:** "É uma música de um protesto contra a polícia. Tanto a Polícia Militar quanto a Civil estavam muito agressivas. E existiam muitas mortes no Brasil. Fizemos essa e *Codes of Imorality* com cunho político e socioeconômico também. Neste álbum, misturamos groove com hardcore, com influências de nu metal, que na época a galera não chamava de nu metal, chamava de alterna metal."
Álbum: Chaotic System (1999)

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

▶ **Alma Preta & Branca:** "O processo de composição de *Alma Preta e Branca* foi um pouco difícil (risos), principalmente pela divisão na banda de times diferentes. Eu não torço para time algum. Mas o Beto (Ferris), o vocalista da época, e o André (Marcio, baterista) são atleticanos, e o Jairo (Guedz, baixista na banda), cruzeirense. Ficou aquela coisa de "vamos fazer ou não vamos fazer?". E acabou rolando, pela arte e pelo convite feito pelo Marcelo Trippa e o Matheus Marotta, presidente e vice, respectivamente, da (torcida) Galö Metal. Fizemos essa música basicamente em uma semana, juntando processo de composição, pré-produção e gravação. A letra é do Jairo Guedz, e a música é minha."
Álbum: Galö Metal Torcida Organizada (2002)

▶ **Humanology:** "Eu acredito que *Humanology* foi a música em que procuramos colocar mais groove e hardcore em relação às outras do álbum. E ela ficou tão legal, com o esquema de groove e o riff (Alan cantarola o riff), que decidimos colocar o nome do álbum de *Humanology*. Tivemos a oportunidade de gravar esse disco em El Paso, no Texas, em um dos maiores estúdios dos EUA, o Sonic Ranch. A produção foi do Neil Kernon, que trabalhou com o Nevermore. Foi uma experiência muito legal."
Álbum: Humanology (2004)

ALAN WALLACE
EMINENCE

▶ **NOME COMPLETO:**
Alan Wallace Bello Ferreira

▶ **NASCIMENTO:**
30 de outubro de 1972

▶ **BANDAS QUE INTEGROU:**
Eminence, No Life on Earth e The Unabomber Files

▶ **6ix Degrees:** É uma das músicas mais longas do Eminence. Ela é totalmente diferente de tudo o que a gente compôs para este disco. Uma curiosidade é que tocamos muito pouco essa música. Não sei o porquê (risos). É uma música muito legal, tem um cunho político também. Quem sabe a gente não volta a colocá-la no set list?"
Álbum: Humanology (2004)

▶ **The God of all Mistakes:** "Poxa! Essa música foi a primeira que compus em 2006, a primeira da pré-produção. Foi uma fase super-difícil para a banda, estávamos sem gravadora. Teve algumas mudanças na formação. Precisávamos gravar um disco novo e começamos a pré-produção de algumas ideias e riffs. O primeiro riff que compus para o álbum foi o de *The God of all Mistakes*. Esse álbum foi um divisor de águas para a carreira da banda. Investimos pesado em sons eletrônicos, trabalhamos muito com samplers, dando uma pitada mais industrial."
Álbum: The God of all Mistakes (2008)

▶ **Day 7:** "Foi uma experiência nova. Tentamos fazer algo diferente, principalmente com os vocais limpos. Me lembro exatamente quando o produtor Tue Madsen chegou aqui para a gente fazer a gravação. Fizemos a gravação do álbum no estúdio do Skank, o Estúdio Máquina. E o Tue falou que essa música era diferente de tudo o que havia escutado na pré-produção. A gente fazia a pré-produção para ele, e da Dinamarca ele mandava algumas ideias. Trocávamos arquivos por e-mail. É uma música de uma nova fase que o Eminence começou. Trabalhamos bastante os vocais limpos e os refrãos melódicos. Uma música diferentona e que deu supercerto. A galera sempre pede *Day 7*. Nos levou a outro patamar."
Álbum: The God of all Mistakes (2008)

▶ **Injected Lies:** "Uma letra forte, que fala sobre mentira descarada, a famosa 'fake news', que hoje todo mundo comenta. A gente escreveu sobre isso em *Injected Lies*. É uma música longa também, com uns sons diferentes, muitos riffs de guitarra. Me lembro que não foi fácil gravá-la, com a palhetada sempre para baixo (Alan solfeja o riff). Não foi moleza... (risos)"
Álbum: The God of all Mistakes (2008)

▶ **Unfold:** "Fizemos Unfold mais ou menos na pegada da *Day 7*. E deu supercerto. Ela fala sobre nossos problemas, nossos demônios. A gente fez uma mistura diferente de whammy com sampler e riffs mais pesados e rápidos. No meio da música tem um peso, a gente quis mudar um pouco o andamento. Ficou muito legal. Também é uma das músicas que a galera mais pede ao vivo."
Álbum: The Stalker (2013)

▶ **Veins of Memories:** "Essa foi a primeira música da pré-produção de *The Stalker*. Lembro que Bruno Paraguay e eu sentamos para escrever esse disco. Basicamente todas as músicas do álbum foram escritas por mim e por Paraguay. A gente quis fazer uma pegada melódica e groovada. O riff é diferente, com afinação em lá sustenido. Ficou uma pegada diferente, com um riff e os vocais limpos do Bruno. Ficou interessante essa mistura. E foi a primeira música que a gente compôs junto."
Álbum: The Stalker (2013)

▶ **No Code:** "*No Code* foi piração (risos). Trabalhamos em compassos diferentes, 3/4, 5/4 e depois 4/4. Fizemos experiências na pré-produção. A gente gosta muito de pré-produzir antes de entrar em estúdio. Essa música é muito energética e com compassos muito diferentes. Na primeira vez que mostrei esse riff, o pessoal (banda e produtor) falou: 'você está pirando demais, está muito diferente'. Mas falei para a gente tentar. Demos uma lapidada, e deu certo. Música com compassos estranhos, bem agressiva e com uma letra também bem agressiva."
Álbum: The Stalker (2013)

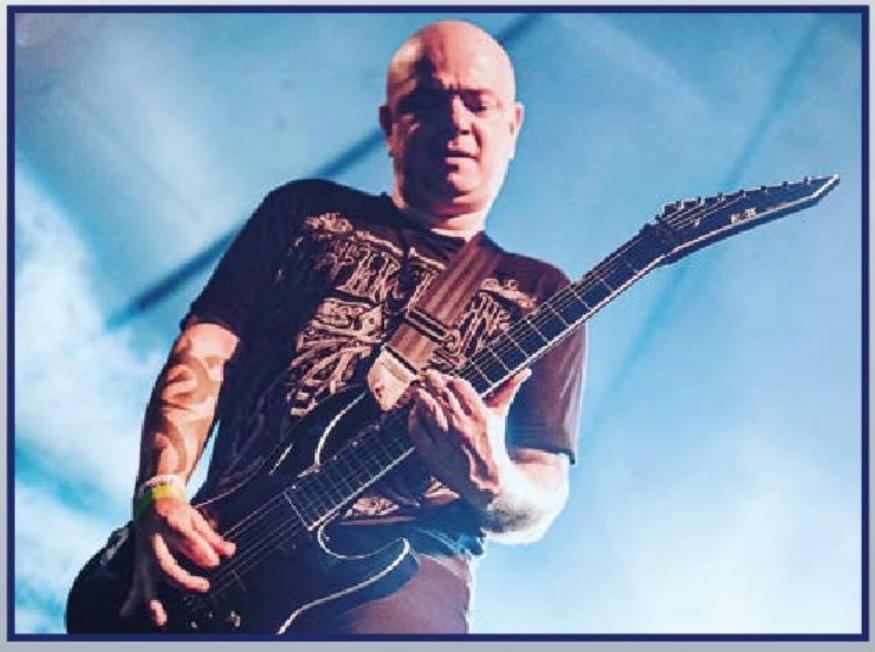
▶ **Obey:** "Essa música foi escrita pelo Davidson (Mainart), nosso baixista, ele fez a música inteira. O Paraguay fez a letra. Eu fiz a pré-produção dela e acrescentei alguns riffs. Mas 90% foram feitos pelo Davidson. Ele criou essa onda, essa atmosfera, todo o groove, a parte dos refrãos, os contratempos. Ele que veio com essa ideia diferente. O EP *Minds Apart* foi um desafio para mim, porque fiz a pré-produção e a gravação geral no nosso estúdio, o Eminence Studio."
Álbum: Minds Apart (2018)

▶ **Minds Apart:** "Me lembro que eu estava dirigindo, quando me veio essa melodia na cabeça. Fiquei com ela na cabeça o dia inteiro. Fui para o estúdio, criei praticamente a música toda numa levada. Gravei a guitarra, mostrei para a banda; a galera gostou. Uma letra forte, sobre depressão e suicídio. A gente havia perdido um grande amigo, o que nos inspirou a falar sobre esse assunto. A depressão é uma doença muito séria. Tem pessoas que não gostam de comentar, mas temos que falar e ajudar quem precisa."
Álbum: Minds Apart (2018)

▶ **Dark Echoes:** "Foi o primeiro riff de guitarra deste álbum. E foi um álbum muito difícil de gravar, pois foi a primeira vez que gravamos de forma remota, com cada um em sua casa compondo e mandando informações. Quando criei esta música, falei que poderíamos chamar alguém para participar. A gente mandou o convite para o Björn Strid, vocalista do Soilwork. A parceria com ele funcionou superbem. Foi a primeira música e o primeiro riff que fizemos para o álbum."
Álbum: Dark Echoes (2021)

▶ **Wake up the Blind:** "A música foi escrita pelo Davidson. A letra é do Bruno Paraguay. Eu entrei com alguns riffs. Mas a maior parte da música foi feita pelo Davidson. A letra fala muito sobre o planeta. O homem está devastando a Terra. É a ganância, a poluição... Por mais que as pessoas digam que é um assunto clichê, não é clichê, pois está acontecendo. Está cada vez pior. Então, vamos 'acordar os cegos', abrir os olhos antes que seja tarde demais."
Álbum: Dark Echoes (2021)

▶ **Into the Ashes:** "Acho que é a música mais diferente do Eminence, principalmente desta fase nova. Praticamente escrevi toda a parte da melodia da música. Fizemos uma parceria com o Márcio Buzelin, tecladista do Jota Quest, juntamente com o Marco AS, DJ e programador de São Paulo. A ideia era mesmo começar com um piano e a voz do Paraguay. Acabou que a música foi crescendo, com elementos eletrônicos. A letra é uma parceria minha com o Jay Arriaga (baterista), um americano de El Paso, no Texas. Mandei a primeira parte da letra, ele completou, e a escrevemos juntos. Essa mistura de eletrônico com peso funcionou. Foi uma inspiração durante todo o período de pandemia."
Álbum: Dark Echoes (2021)



Baixe em Nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILMETALHEADS

Entre em nosso canal do Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

OLHOS DA IMPORTÂNCIA

Nicke Andersson contextualiza a volta da banda sueca aos palcos até a gravação do novo álbum, o primeiro em 14 anos; e fala do seu amor pelo KISS

Por Daniel Dutra

Dá para dizer que foi impossível para quem gosta do bom e velho rock'n'roll não abrir um sorriso com a volta do The Hellacopters em 2016, depois de um hiato que durou oito anos. E o lançamento de um novo álbum, *Eyes of Oblivion*, seis anos depois do retorno, foi a cereja do bolo. Melhor ainda que o disco é tão bom, mas tão bom que aquele sorriso foi de orelha a orelha. Falamos sobre isso com Nicke Andersson, o guitarrista, vocalista e principal compositor do quinteto completado por Dregen (guitarra), Dolf de Borst (baixo, desde 2016 no lugar de Kenny Håkansson), Anders Lindström (teclados) e Robert Erickson (bateria). Sobre isso e mais um pouco, como a paixão de Andersson pelo KISS, mas o KISS da década de 1970. Confira um resumo bate-papo e sinceridade desconcertante do músico - uma que só vai irritar quem levas as coisas a sério demais.

Como a pandemia ainda não acabou, como você tem passado esses últimos dias?

Nicke Andersson: Eu estou bem, obrigado. Peguei Covid recentemente, mas foi muito leve porque eu já estava vacinado. Não senti quase nada, apenas um leve resfriado. As vacinas funcionam!

Antes de falarmos de *Eyes of Oblivion*, preciso perguntar como foi reunir a formação original em 2016, o sentimento desde o primeiro ensaio e depois os shows?

Nicke: Quando nos separamos em 2008, foi com a intenção de nunca tocar novamente, afinal, é por isso que as bandas acabam. Do contrário, só dariam um tempo (risos). Recebemos propostas para nos reunirmos um ano depois, e eu dizia: 'Não. A banda acabou, e é isso'. Mas as pessoas continuavam pedindo. Eventualmente, depois de alguns anos, nós voltamos a nos falar e nos perguntamos se deveríamos fazer isso, e a resposta foi: 'Claro! É um bom dinheiro, mas essa não pode ser a única razão', porque uma das razões que me levou a encerrar as atividades da banda é porque havíamos chegado a um beco sem saída. Estávamos fazendo as mesmas coisas, e estar numa banda apenas para pagar as contas não funciona para mim. Então, quando começamos a conversar, eu disse: 'Se vamos fazer isso, tem que ser muito bom. Tem que ser melhor do que era antes', e me pareceu que todos estavam pensando da mesma maneira. Quando decido fazer alguma coisa, eu faço. Não posso falar pelos outros caras, mas é claro que estávamos enferrujados, então trabalhamos até ficar bom o suficiente. Obviamente, havia alguns nervos expostos, mas também uma sensação incrível de que as pessoas realmente sentiram falta do Hellacopters. Quando me dei conta disso, da importância da volta, pensei: 'Caralho! As pessoas se importam com a minha banda!'. Sendo eu mesmo um fã de música, sempre achei um pouco complicado me ver e me colocar nesse lugar de importância, e isso é bom porque me mantém com os pés no chão. Mas foi ótimo, ainda mais porque sentimos que, se nós vamos continuar a fazer isso, tem que ser bom para cacete! Se tivermos dez shows no verão, o terceiro não pode ser "legalzinho". Tem que ser foda! Esse é o pensamento que eu sempre tive. Talvez não tanto no início, quando as festas controlam tudo, mas é como eu penso. As pessoas pagam para ver você tocar e ficam ansiosas por isso, e não interessa se é numa cidade pequena ou se é em São Paulo ou em Nova York. Todo

show tem que ser igualmente importante. Foi uma boa sensação, e acredito que isso foi o que nos fez continuar.

E quando você decidiu que era hora de gravar e lançar um novo álbum, 14 anos depois de *Head Off*?

Nicke: A minha memória com linha do tempo é muito vaga (risos), e não consigo lembrar detalhes nem mesmo de um ano atrás, mas acho que falamos a respeito quando decidimos fazer os shows. Se fôssemos continuar nos apresentando ao vivo, então não seria bom ser um show nostálgico, apenas tocando as coisas antigas. Não foi uma decisão tomada em apenas um dia, claro, porque falamos cuidadosamente a respeito disso por um tempo. E sei que os caras estavam animados. Dregen e Robert são impulsivos e falaram 'Sim, vamos gravar!', e eu já sou mais cauteloso: 'É, vamos, mas tem que ser bom, e sou eu quem compõe as músicas. Será que podemos desacelerar um pouco?' (risos). Senti-me um pouco sob pressão pela primeira vez na vida, porque dessa vez não seria apenas mais um disco do Hellacopters. Dessa vez, teríamos que competir com a nostalgia dos fãs. Houve um período grande entre discos, e fiquei pensando nisso, acho até que excessivamente, o que me deixou um pouco nervoso. Depois de um tempo, eu relaxei e parei de pensar nisso, então ficou fácil novamente. Não podemos agradar a todos o tempo todo.

E há novas músicas e outras escritas há algum tempo. Como foi trabalhar o material que você já tinha e o que teve de criar para chegar às dez músicas do álbum?

Nicke: Acredito que quando tivemos nossa primeira sessão de estúdio juntos, porque demorou muito mesmo para gravar esse disco... Quer dizer, nem tanto tempo gasto dentro do estúdio, foi mais pelos períodos de inatividade entre sessões, mas mostrei a eles as músicas antigas antes mesmo da nossa primeira sessão, e junto com o produtor nós escolhemos quais testar. Eram canções que eu já tinha há algum tempo, e os caras decidiram quais eram boas o suficiente para trabalhar. Eventualmente, comecei a compor material novo, especialmente quando parei de me preocupar com a pressão. A segunda música do álbum, *Can it Wait*, deve ter pelo menos 10 anos de idade, e eu a escrevi quando estava no Imperial State Electric, outra banda minha. Aliás, a razão por que nunca a gravamos foi porque, já naquela época, eu achava que ela soava demais como Hellacopters (risos). Assim, achei que seria uma boa faixa para começarmos.

E *Eyes of Oblivion* tem apenas 35 minutos de duração. É como nos dias do vinil, exceto pelo fato de que você não precisa ouvir o lado A e depois virar para o lado B. De qualquer forma, foi intencional?

Nicke: Eu não acho que seja um disco curto, mas é porque não escuto música atual. Então, realmente não faço ideia. Músicas longas não eram coisa dos anos 1990? As bandas ainda fazem isso? Bem, cada um com o que é seu, né? A fórmula do rock'n'roll funciona muito bem com tempos entre 30 e 40 minutos, como era antigamente. Especialmente hoje em dia, com as pessoas com uma capacidade de atenção muito pequena. Dar a elas um disco duplo, que dure duas horas... Elas não vão ouvir as últimas músicas, a não ser os mais puros dos fãs! Para ser honesto, existem pouquíssimos álbuns duplos que considero os melhores do mundo. Até mesmo o *Exile in the Main St.* (N.R.: décimo trabalho de estúdio dos Rolling Stones, lançado em 1972) seria melhor se fosse um disco simples. E sei que muita gente vai querer me matar por dizer isso (risos). Acredito que 30 ou 40 minutos são suficientes para um bom álbum de rock'n'roll, porque ninguém gostaria de um disco do AC/DC com uma hora de duração! (risos) Se você gostar muito, coloque-o para tocar de novo!

EYES OF OBLIVION
Nuclear Blast/Shinigami - Nac.

Bom, ainda há bandas lançando discos duplos, como Iron Maiden e Mastodon, mas desde o advento do CD, meio que virou moda gravar 80 minutos de música...

Nicke: Ah, mas mesmo com músicas curtas... Por exemplo, digamos que eu faça um disco de 40 minutos com 20 músicas, eu ainda acharia que é muita informação. Acredito que álbuns longos funcionam melhor para o rock progressivo, só que eu não gosto de rock progressivo (risos).

Vamos falar, então, de algumas músicas de *Eyes of Oblivion*, e gostaria de começar com *Tin Foil Soldier*, especialmente porque ela me remete diretamente aos Beatles...

Nicke: Em primeiro lugar, obrigado! Essa é uma das minhas antigas, e creio que, na época em que a compus, o que eu tinha na cabeça era o Slade dos anos 1970 e o Sweet. Esse foi o meu enfoque, ou seja, o glam rock britânico daquela época. É claro que ela soa como algo do Hellacopters quando a tocamos, mas acho ótimo que você tenha ouvido algo de Beatles nela, porque não haveria Slade ou Sweet sem os Beatles! Tin Foil Soldier é um pouco diferente das demais, e eu não estava muito certo se ela entraria no disco exatamente por isso. Por um tempo, acreditei que era diferente até demais, então fico feliz por você tê-la mencionado.

Na verdade, eu poderia dizer que todas as dez faixas são minhas favoritas, mas se eu tivesse que destacar apenas uma música, seria *So Sorry I Could Die*. Não consigo encontrar as palavras para descrever o quão sensacional é, mas preciso dizer que ela tem, possivelmente, a sua melhor performance vocal até agora.

Nicke: Cara, eu fico muito feliz por ouvir isso. Obrigado! Essa música nos fez perguntar: 'Conseguimos fazer isso?', porque é diferente do que costumamos fazer, e foi por isso mesmo que quisemos gravá-la. Pensamos que se funcionasse, então faria sentido tê-la no disco. Foi divertido tocar *So Sorry I Could Die*, e já falamos sobre colocá-la no repertório dos shows, porque pareceu para todos nós uma maneira interessante de dividir a apresentação. Fiquei feliz por você ter mencionado essa, também!

A propósito, há uma referência intencional ao Led Zeppelin em *So Sorry I Could Die* ou estou maluco?

Nicke: (rindo) Sim! E você fala do riff, né? Quisemos que fosse realmente óbvio (risos), e sendo novamente sincero, tem outro pedaço de Led Zeppelin no disco. O fim de *Eyes of Oblivion* foi diretamente roubado de *Stairway to Heaven* (risos). Mas é interessante que ninguém com quem eu falei até agora havia mencionado a referência ao Led...

Esta é uma pergunta que, desde que ouvi o *Grande Rock* (1999) pela primeira vez, sempre quis fazer: o que KISS representa para você?

Nicke: O KISS foi a banda que me levou para a música! Foi a minha primeira banda do coração. É claro que eu já tinha escutado música antes, mas o KISS

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILHEAVYMETAL

Robert Erickson, Anders Lindström, Dregen, Nicke Andersson e Dolf de Borst: sejam bem-vindos de volta!

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

se tornou o meu grupo favorito antes mesmo de eu sequer ouvir a sua música! Foi a minha formação, e só depois eu passei a ouvir outros estilos. O KISS foi a minha introdução ao rock'n'roll, por isso sempre terá um espaço no meu coração. É também uma relação de amor e ódio, porque por mais que eu ame o KISS dos anos 1970, eu não suporto a banda sem maquiagem dos anos 1980! (risos)

Eu perguntei isso porque a música *Paul Stanley* tem o riff de guitarra de *Tonight You Belong to Me*, e você gravou *Take Me Away (Together as One)* com o Lucifer, acho que o álbum solo do Paul Stanley de 1978 também significa muito para você...

Nicke: Ah, mas é o Paul quem escreve as melhores músicas da banda. E é curioso que você tenha mencionado a canção do Hellacopters a qual demos o nome dele, porque tínhamos aquele riff, mas não um título para ela. Achamos engraçado chamá-la de *Paul Stanley*, mas não tem nenhum sentido mais profundo, apenas percebemos que soaria legal (risos). Eu agradeço muito ao KISS por ter me levado para o rock'n'roll e ainda ouço a fase 1970 da banda. Aliás, vou vê-los ao vivo sempre que posso.

Então, imagino que tocar com o Lucifer no KISS Kruise, em 2018, foi uma experiência e tanto para você...

Nicke: Foi muito louco! A começar pelo fato de estar num navio imenso, junto com fãs que gostam somente de KISS! Fiquei muito feliz por termos feito aquilo, e também pudemos vê-los ao vivo. Só ficamos sabendo a bordo que os shows deles eram pagos à parte, mas de alguma forma conhecemos os roadies e conseguimos entrar (risos). Foi muito legal, mas eu passei meses até conseguir ouvir KISS novamente depois que cheguei em casa (risos). Nos corredores só tocava KISS, em todos os lugares só tocava KISS, o tempo todo só tocava KISS! (gargalhadas) Mais foi uma ótima experiência, realmente.

O KISS FOI A MINHA INTRODUÇÃO AO ROCK'N'ROLL, POR ISSO SEMPRE TERÁ UM ESPAÇO NO MEU CORAÇÃO
NICKE ANDERSSON

E aqui vai uma pergunta para Nicke Andersson baterista: como foi gravar *Take me Away (Together as One)*? Porque Carmine Appice fez dela uma ótima música para tocar na bateria, cheia de licks incríveis...

Nicke: Olha, é muito mais difícil fazer cover de uma música que significa muito para você do que interpretar uma que não te envolve tanto. Para mim, era importante tocar o mais próximo possível do Carmine Appice, porque acho a bateria dessa música perfeita! Se eu fizesse cover de uma música soul, por exemplo, não precisaria ser exatamente igual. *Take me Away (Together as One)* é absolutamente sagrada para mim, então tinha de ser o mais parecido possível. Na verdade, eu não gosto de fazer covers. Seria uma estupidez fazer cover do AC/DC, por exemplo, porque as músicas já são perfeitas, então o que mais você pode fazer? No entanto, eu curti quando Lucifer gravou *Evening Wind*, do Scorpions, porque aí eu disse: 'Agora sim posso ouvir essa música com bons vocais!' (risos).

MS METAL RECORDS
APRESENTA:

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

foto: Isa Arioli - arte: www.jduartedesign.com

UM VERDADEIRO AMÁLGAMA QUE REÚNE ELEMENTOS DO ALTERNATIVE ROCK, METAL E MÚSICA ERUDITA, CANTADO EM PORTUGUÊS.

Sucesso de vendas da gravadora na Europa e Ásia.

DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

MS METAL AGENCY · Spotify · DEEZER · amazon Prime music · Available on iTunes · MS METAL RECORDS

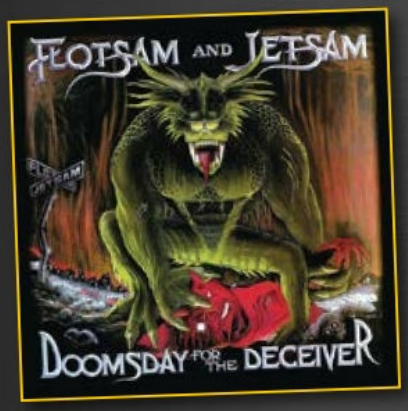
COLLECTION

Por Ricardo Batalha

Certamente você já ouviu diversas vezes o nome do grupo americano Flotsam and Jetsam relacionado como a "ex-banda do baixista Jason Newsted" quando ele integrava o Metallica. Pois bem, a fundação do grupo de nome esquisito tem a ver com ele quando o então músico da banda Gangster se mudou para Phoenix e se uniu ao baterista do Paradox, Kelly David-Smith. A dupla depois se juntou ao vocalista Eric A. Knutson e aos guitarristas Mark Vazquez e Kevin Horton. Estava criado o The Dogz, nome depois alterado para Flotsam and Jetsam por causa de um capítulo de "The Two Towers", de J.R.R. Tolkien. Porém, após das demo-tapes *Iron Tears* e *Metal Shock*, de 1985, até chegar ao debut, *Doomsday for the Deceiver* (1986), a formação foi alterada com a entrada dos guitarristas Edward Carlson e Michael Gilbert. Newsted saiu para integrar o Metallica no lugar do saudoso Cliff Burton, mas o grupo se manteve firme e jamais parou de produzir, tendo diversos álbuns de impacto e outros nem tanto em sua longa discografia, que conta com quatorze discos de estúdio. Aqui estão listados alguns, mas outros poderiam constar nas categorias "Bons", como *Dreams of Death* (2005), *The End of Chaos* (2019) e *Blood in the Water* (2021).

IMPERDÍVEIS

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS



DOOMSDAY FOR THE DECEIVER (1986)

Não é porque conta com o agora ex-Metallica, Jason Newsted, que o debut do Flotsam and Jetsam é aclamado. Tendo o diretor executivo da Metal Blade, Brian Slagel, como produtor e Bill Metoyer como engenheiro de som, *Doomsday for the Deceiver* possui qualidades de sobra. Lançado no Brasil em vinil pela Woodstock Discos, o repertório abre com *Hammerhead*, que também era a primeira da demo-tape *Metal Shock* (1985). Com um baixo cavalgado e mostrando todos os dotes de Newsted, o som segue a linha thrash/heavy e destaca o vocal limpo e mais agudo de Eric A.K., assim como em *Iron Tears*. "A gente ensaiava todos os dias. Quando começamos a compor, definitivamente havia química", analisou guitarrista Michael Gilbert sobre a parceria com Newsted. Com uma mescla de heavy, speed e thrash, outros destaques são *Desecrator*, *U.L.S.W. (Ugly Lying Stinking Wench)* e as longas *Metalshock* e a faixa-título, além da herança da NWOBHM em *Fade to Black* (gravada na primeira demo, de 1984, ainda quando se chamavam The Dogz) e *She Took an Axe*, que fala sobre Lizzie Borden, suspeita de matar os pais em 1892. O encerramento vem com *Der Fuhrer*, que faz duras críticas a Hitler, e a instrumental *Flotzilla*. Tudo isso dá o status de clássico máximo do quinteto de Phoenix. "Éramos apenas uma banda local e, de repente, as coisas começaram a decolar", resumiu Gilbert.

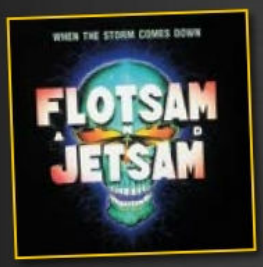
NO PLACE FOR DISGRACE (1988)

Com uma baixa considerável após a saída de Jason Newsted para ocupar a vaga do saudoso Cliff Burton, o Flotsam and Jetsam sentiu o golpe, mas conseguiu êxito com seu segundo álbum. *No Place for Disgrace*, lançado pela Elektra Records, contou com Troy Gregory no posto de Newsted, que ainda apareceu nos créditos de três faixas – *I Live You Die*, *N.E. Terror* e a faixa-título. "É um pouco diferente porque não tem a influência de Jason. Além disso, ele costumava cuidar de todo o business, mas agora nós temos que cuidar dos negócios, organizar as turnês e todas essas coisas de contratos", disse à época o vocalista Eric A.K. ao programa Monsters of Rock, apresentado por Mick Wall na Sky Channel. O resultado foi um álbum com faixas velozes, mais pesado e melódico, que conquistou a posição 143 da Billboard. Tendo Bill Metoyer como produtor e engenheiro de som, além de mixagem de Michael Wagener e masterização de George Marino, o repertório surpreendeu também pelo cover de *Saturday Night's Alright for Fighting*, de Elton John. Além desta, destaques para as rápidas *I Live You Die*, *No Place for Disgrace*, *Dreams of Death*, *Misguided Fortune* e *N.E. Terror*, além da pesada e cadenciada *Hard on You*. O encerramento vem com a instrumental *The Jones*. Curiosamente, a banda regravou o álbum e o soltou com o título *No Place for Disgrace 2014*.

EXCELENTES

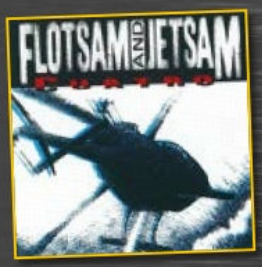
WHEN THE STORM COMES DOWN (1990)

O primeiro lançamento pela gravadora MCA foi produzido por Alex Perialas, responsável por diversos trabalhos com bandas de thrash metal e crossover. Porém, o resultado final não ficou a contento e é a grande falha deste álbum, considerado por alguns como o melhor da banda. Troy Gregory foi responsável por diversas letras, tidas como estranhas até mesmo por alguns integrantes. "Eu passava muito tempo lendo e escrevendo histórias. Tinha acabado de descobrir James Joyce e William S. Burroughs e a obra deles me influenciou. Além disso, eu estava começando a olhar para as infinitas escolas de pensamento encontradas na teologia e na ciência", contou ele ao No Echo. "Como as letras eram mais abstratas, eles pediram ao empresário, Eric Braverman, para torná-las um pouco mais claras. Eu não gostei, mas eles estavam certos sobre não serem apropriadas para o Flotsam", acrescentou o baixista que, tempos depois, saiu para se juntar ao Prong. Entre os destaques do repertório estão *The Master Sleeps*, *Deviation*, *Six*, *VI*, *Burned Device*, *Greed* e *Suffer the Masses*, esta última a mais conhecida e que saiu em videoclipe.



CUATRO (1992)

Cuatro, o (obviamente) quarto disco da banda, apresentou a estreia do baixista Jason Ward que, inclusive, introduz o repertório com o baixo da versátil *Natural Enemies*. Porém, claro que não foi só por esta mudança que o material, produzido por Neil Kernon, surpreendeu. A abordagem na concepção do thrash/heavy veio um pouco diferente, mas com grande impacto e com a energia habitual, além dos vocais de Eric A.K. se destacando. A faixa mais conhecida, *Swatting at Flies*, saiu em clipe, assim como *Wading Through the Darkness*. Uma curiosidade é que a cadenciada *The Message*, que tinha o título provisório de *Murder Is the Message*, contou com o saudoso Chris Cornell (Soundgarden, Audioslave, Temple of the Dog) como coautor da letra. "Nunca chegamos a conhecê-lo, mas ele enviou a letra para nós. Gostaria de ter tido a chance de me encontrar com ele", declarou o guitarrista Michael Gilbert. Outro que auxiliou nas letras, desta vez mais focadas em temas políticos e sociais, foi o antigo manager, Eric Braverman. Além das citadas, destaque para *Cradle Me Now*, *Never to Reveal*, *Hypodermic Midnight Snack*, *Are You Willing* e *Forget About Heaven*.



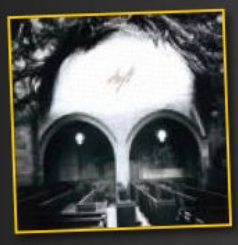
UGLY NOISE (2012)

Lançado através de uma campanha de financiamento coletivo no Pledge Music, *Ugly Noise* trouxe de volta Jason Newsted auxiliando nas letras de *Gitty Up* e na faixa-título. Ela, por sinal, começa com um piano macabro, ideia concebida pelo guitarrista Michael Gilbert. "Queríamos uma música de impacto, com uma introdução sombria e tenebrosa de piano. Chego a me arrepiar só de falar nisso! Tentamos ver as coisas do ponto de vista dos fãs e para nós essa era a melhor faixa para iniciar o disco, ela é envolvente, assustadora e explosiva", descreveu o baterista Kelly David Smith, que retornara ao grupo após sua saída em 1997. "Quando eu e Michael voltamos para a banda, o quinteto se reuniu e observamos tudo que aconteceu no grupo. Acho que *The Cold* (2010) é um ótimo disco, mas parece que a banda havia perdido um pouco da sua credibilidade por conta de algumas escolhas que havia feito anteriormente", acrescentou. Das mais aceleradas do repertório, destaque para *Gitty Up* e *Carry On*, mas vale conferir a semibalada *Rabbits Foot* e a épica *Run and Hide*, além de *Rage*, *Play Your Part*, *I Believe*, *To Be Free* e *Machine Gun*.

BONS

DRIFT (1995)

Trabalhando novamente com o produtor Neil Kernon, o último álbum pela gravadora MCA veio diferente de seu antecessor, *Cuatro*. Trata-se de um material versátil, mas que mostrou a banda se afastando do thrash. No entanto, isto não significou uma baixa na discografia. Muito pelo contrário... Em sentido amplo, a faixa de abertura, *Me*, até traz uma pegada meio Anthrax, mas é em *Empty Air* que entram alguns dos novos elementos. Eric A.K. imprimiu vocais mais rasgados, aliado ao seu tom melódico habitual. Além de Kelly David-Smith ousar mais em contratempos e variações de ritmos, como em *12 Year Old with a Gun*, *Smoked Out* e *Blindside*, os momentos com guitarras limpas e violões dão um tempero especial, como em *Pick a Window* e *Poet's Tell*. Destaque também para a pouco falada e longa *Missing*, que traz um belo groove, um bom trabalho de baixo de Jason Ward e um começinho com piano e violões. Durante a turnê com Megadeth, Fear Factory e Korn, a banda recebeu cartão vermelho da MCA e retornou para a Metal Blade. Em 2008, a polonesa Metal Mind relançou o material com três bônus, incluindo *Fairies Wear Boots*, cover do Black Sabbath.



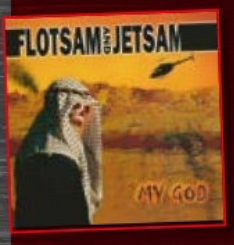
THE END OF CHAOS (2019)

Tudo bem, a arte de capa do 13º álbum do Flotsam and Jetsam remete ao debut, *Doomsday for the Deceiver*, mas nem de longe este é o grande destaque de *The End of Chaos*, produzido pelo dinamarquês Jacob Hansen. Esta honraria vai para a performance de Eric A.K., que muitas vezes não é lembrado pelos fãs de metal e pela mídia como um dos grandes vocalistas do estilo. Ao lado dele neste álbum está o guitarrista original Michael Gilbert, além de Steve Conley (guitarra), Michael Spencer (baixo) e o ótimo baterista Ken Mary (Accept, Alice Cooper, Fifth Angel, Chastain, TKO, Impellitteri, House of Lords e Bonfire). Embora dosando bem as partes agressivas com as melódicas, o disco não tem aquela faixa tão marcante que o faz colocar no repeat. O trabalho varia, como de costume, entre thrash, speed e metal tradicional e a audição flui bem, especialmente pela versatilidade e destreza individual dos músicos. Como já comentei certa vez: ouça a faixa de abertura, *Prisoner of Time*, e entenderá a proposta. Mas não deixe de conferir *Control*, *Recover* e *Prepare for Chaos*.

CUIDADO

MY GOD (2001)

Segundo o guitarrista Mark Simpson, a banda trabalhou cerca de um ano da criação até a gravação de *My God*, que tinha o título provisório de *Obsessive Repulsive* e foi mudado por sugestão do baixista Jason Ward. O repertório começa muito bem e com os pés fincados no thrash em *Dig Me up to Bury Me*. "Queríamos que houvesse faixas bem thrash, mas não que todas devessem soar agressivas. Não costumamos nos repetir e cada música tem seu impacto. Umas são mais pesadas, outras mais leves e é isto que torna o álbum interessante", apontou Simpson. Bem, interessante em termos, porque várias coisas esquisitas estão aqui, como o vocal "rápido" quase rap de Eric em *Nothing to Say*, a profusão de guitarras limpas e dedilhados, os efeitos nos vocais de *Camera Eye*. A curiosidade é que *Learn to Dance* trouxe um riff da época de Jason Newsted no Windows Rose. "Quando Jason se mudou de Chicago para Phoenix estava no Windows Rose e acredito que esta tenha sido uma das primeiras que compôs", contou Simpson. Além da abertura, os riffs marcantes da faixa-título, que fala sobre conflitos entre Israel e a Palestina, passam. E é só.



OUTROS: Dos não mencionados, o grupo ainda conta com os álbuns *High* (1997), *Unnatural Selection* (1999), *Dreams of Death* (2005), *The Cold* (2010), *Flotsam and Jetsam* (2016) e *Blood in the Water* (2021). Além disso, tem trabalhos ao vivo, como *Live in Phoenix* (2005) e *Once in a Deathtime* (2008), que saíram em DVD, e *Live in Japan* (2006). Um material que divide opiniões, e para muitos foi totalmente desnecessário, é *No Place for Disgrace 2014* (2014), que nada mais é que a regravação do segundo álbum. A banda também tem uma série de singles, entre eles o de *Saturday Night's Alright for Fighting* (1988), que traz o cover de Elton John e três faixas ao vivo, e *Blindside* (1995), com o cover de *Fairies Wear Boots* (Black Sabbath). Se você for curioso vale checar as demo-tapes *Iron Tears* e *Metal Shock*, ambas de 1985.

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILMETALISTAS

Lennon Lopez, Eli Santana, Richie Cavalera e Christopher Elsten, de volta ao lado mais visceral do thrash

Oleg Bogdan

INCITE

Prontos para a Destruição

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Richie Cavalera fala sobre o retorno aos palcos e o mais novo álbum da banda thrash do Arizona

Por Valtemir Amler

Confortavelmente sentado no ônibus de turnê, a caminho de Seattle, e segurando o celular diante de seu rosto, que carrega um enorme sorriso de orelha a orelha. Foi assim que encontramos o vocalista Richie Cavalera, que obviamente tinha muitas razões para estar tão feliz. Afinal, depois de serem forçados a interromper a turnê europeia de *Built to Destroy* (2019) por conta do agravamento da pandemia em 2020, foram cerca de dois anos sem subir nos palcos, e absolutamente sem possibilidade de fazer longas turnês. Com o retorno das turnês, veio também o novo trabalho de estúdio do Incite, o álbum *Wake up Dead*, sexto álbum completo na jornada de quase vinte anos da banda do Arizona. Carregando os mesmos velhos elementos de hardcore e groove, o novo disco mostra uma banda mais amadurecida, mais consciente de sua musicalidade e pronta para pisar fundo no acelerador com seu thrash violento e visceral, algo que era esperado depois de tanto tempo de 'abstinência' dos palcos. Porém, a dureza do momento também deixa marcas profundas na parte lírica deste *Wake up Dead*, com Richie escrevendo as letras mais pessoais que já fez em toda a sua carreira. Confira os detalhes dessa história na conversa que segue.

Pelo que vejo, as turnês estão voltando a fluir verdadeiramente nos Estados Unidos.

Richie Cavalera: Ah cara, eu estou tão feliz com isso, você não faz ideia! Sim, finalmente estamos podendo tocar várias e várias datas, organizar uma agenda de shows e seguir viagem sem medo de ter que parar tudo no meio do caminho por conta de um novo lockdown, enfim as coisas estão voltando a um lugar mais próximo do normal. Nós estamos há cerca de três semanas na estrada, de cidade e cidade e de show em show, e tem sido uma sensação incrível. Mal sei como dizer o que sinto cada noite no palco, é incrível. E também é emocionante, pois tanto nós como os fãs sentiam falta dos shows, estávamos todos vivendo uma espécie de 'síndrome de abstinência de contato social' e finalmente estamos novamente na estrada, revendo amigos, fazendo amigos, tocando com bandas legais e encontrando fãs alucinados... É esse tipo de coisa que faz querermos ter uma banda de metal, essa loucura e essa agitação da estrada, o contato direto com pessoas que são tão apaixonadas por música pesada quanto somos, então, foram tempos difíceis esses em que estivemos longe da estrada. Mas, aqui estamos, arrastando a bunda pela estrada e extremamente felizes com isso!

O álbum anterior de vocês, *Built to Destroy*, foi lançado em janeiro de 2019, então vocês tiveram ao menos algum tempo para divulgá-lo de maneira apropriada, certo?

Richie: Sim, tivemos algumas longas turnês pelos EUA em 2019, fizemos muitos shows por aqui e estávamos no começo de nossa jornada pela Europa quando as coisas começaram a ficar sérias por lá. Não vou mentir, aquilo foi uma sensação muito estranha. Estávamos muito felizes por ver os fãs, eles estavam empolgados com os shows, mas ao mesmo tempo existia uma tensão fortíssima no ar, havia bastante medo. Nós tocávamos uma noite e saíamos para a próxima cidade torcendo para que o show acontecesse, que não encontrássemos a cidade fechada e as ruas vazias. Foi uma época muito tensa. Lembro que tocamos na Inglaterra e em seguida tudo fechou, na Espanha e então tudo fechou, começamos a ficar preocupados se conseguiríamos retornar para casa, pois os aeroportos começaram a fechar, os voos internacionais começaram a ser severamente limitados. No fim das contas, todos tentamos lidar da melhor maneira possível com aquela situação, tenho certeza que entregamos shows poderosos, mas também sei que toda aquela tensão influiu diretamente

nas apresentações, então mal vejo a hora de voltar para esses mesmos lugares e entregar para as pessoas aquilo que realmente deve ser um show do Incite. Mas, vou te dizer, que experiência foi aquela! Uma coisa é certa, para o bem ou para o mal, jamais esquecerei o que passamos naqueles dias.

Espero que nenhum de vocês tenha sido infectado pelo vírus...

Richie: A verdade é que fomos extremamente sortudos neste sentido, especialmente dadas as circunstâncias naquela época. Ninguém ainda tinha ideia de como agir, ninguém sabia ao certo o que poderia ou não fazer, e estávamos em um outro continente, muito longe de casa, nem sabíamos como voltar. No fim das contas, nosso baterista (N.R: Lennon Lopez) foi o único a contrair o vírus, e ainda assim de uma forma muito leve, não chegou a ser internado nem nada do tipo. Quer dizer, com tudo o que estava acontecendo, acho que tivemos muita sorte.

Fico feliz em saber disso. Então basicamente foi chegar em casa, desempacotar o equipamento e começar a compor novas músicas, certo?

Richie: Sim, já estávamos começando a pensar em um novo álbum ainda antes de toda a pandemia acontecer, então quando tudo começou a fechar, não tivemos dúvidas de qual deveria ser o próximo passo. Acho que nossos planos mudaram algumas vezes durante o processo, antes pensamos em lançar alguns EPs durante a pandemia, mas acabamos com tanto material em mãos que fomos para um álbum completo.

As limitações da época não afetaram o processo de criação?

Richie: Não, foi tudo bem tranquilo, especialmente porque não houve uma grande mudança nesse sentido. Nossos últimos dois álbuns já tinham sido compostos basicamente à distância, ferramentas como o Dropbox já vinham sendo importantes para nós há anos, então apenas atualizamos as definições de software e seguimos em frente (risos). Você sabe, hoje vivemos espalhados por diferentes estados, então reunir todos apenas para compor pode ser muito trabalhoso e dispendioso – e com as facilidades oferecidas pela internet hoje, nem acho que isso faria sentido para nós. Por outro lado, se o processo foi mais moderno, acho que a composição em si está mais old school em *Wake up Dead*. Tudo aqui reflete quem é o Incite, temos o thrash, o groove, o hardcore, todos os elementos que fazem parte da nossa mistura, mas intencionalmente buscamos por uma sonoridade mais orgânica e direta, mais thrash metal, como tínhamos lá no início. Acho que a diferença real está na musicalidade, embora ainda seja puro Incite.

Conseguiram essa mesma naturalidade na hora das gravações?

Richie: De jeito nenhum, cara! (risos gerais) Essa sim foi uma experiência totalmente nova e bizarra, pois o período de gravação coincidiu com o auge da pandemia, a nova variante estava atacando com força total e todo mundo estava ficando doente, então tivemos que adequar todo o processo para conseguir funcionar como banda. Felizmente pudemos contar com regras um pouco mais relaxadas por aqui, então, desde que usando máscaras e permanecendo o tempo todo em uma 'bolha sanitária', sem contato com ninguém de fora do estúdio, podíamos estar lá juntos e gravar nosso álbum. Foram três semanas bem caóticas, só pensávamos em terminar logo para dar o fora dali (risos), foi realmente importante contarmos com um produtor experiente como Steve Evetts em um momento como esse (N.R.: o produtor já trabalha com a banda desde 2016). Ele foi incrível ao manter um ambiente saudável para todos trabalharmos em segurança.

WAKE UP DEAD
Atomic Fire - Imp.

Todas essas situações que a banda passou nos últimos anos transparecem claramente no novo álbum. Quer dizer, logo na abertura vocês já aparecem com *Fuck with Me (Wake up Dead)*, uma música realmente visceral.

Richie: Sim, essa música talvez seja o meu grande momento de fúria no álbum, uma espécie de desafogo para todas as emoções negativas que eu vinha acumulando ao longo dos dias, ela é realmente visceral e violenta. Acho que essa música já mostra claramente o quanto as letras se tornaram algo muito mais pessoal para mim neste disco. Cara, temos passado por tantas coisas nesses dias, é tanto estresse, é tanta notícia ruim, tantas pessoas morrendo ao redor do mundo e no meio disso tudo ainda temos que lidar com políticos imbecis que fazem pouco caso da tragédia de milhares, eu senti que era hora de abrir meu peito e gritar o que estava sentindo. Era isso ou eu ia explodir.

Depois de ouvir o novo álbum por completo, a pergunta que fica é por que você nunca fez isso antes? Essa nova abordagem lírica meio que garantiu sua melhor performance no vocal até hoje!

Richie: Muito obrigado, de verdade. Sabe, é difícil responder isso, mas a verdade é que eu sempre fui uma pessoa muito tímida, um tanto insegura, então não me sentia muito bem em pegar um microfone e gritar para o mundo o que eu realmente sentia. Foi por isso que fiquei tanto tempo assim, criando músicas com letras meio que em terceira pessoa, como que oferecendo um olhar de fora para a situação. Acho que foi só com esse momento extremo que vivemos que senti que não valia a pena me esconder, dessa vez eu queria gritar e sabia disso. Então, de longe esse é o álbum mais pessoal e especial que gravei até hoje e fico muito feliz que as pessoas estejam gostando dele. Acho que isso já é um ponto de partida para o que virá em seguida.

Por fim, algumas palavras sobre a capa do novo álbum. É uma homenagem ao seu estado natal, certo?

Richie: Sim, totalmente! Você sabe, sempre tivemos um cuidado especial com nossas capas, sentimos que elas são tão importantes quanto a música em si, e desta vez queríamos algo ainda mais especial. Brian Zellner foi muito feliz nesta arte, que tem essa coisa de revistas em quadrinhos e tal, coisa que eu amo, e você sacou muito bem as referências ao estado do Arizona espalhadas pela capa. O deserto, as montanhas, o roqueiro maconheiro (risos), a cascavel, os grandes cactos...

Só faltou uma referência aos Diamondbacks (N.R.: time de beisebol do Arizona)...

Richie: Vai estar lá quando eles vencerem a World Series de novo, mas tenho a impressão de que isso vai demorar (risos). Talvez quando tivermos uma carreira tão longa quanto a dos Rolling Stones (risos gerais).

Baixe em nosso Canal no Telegram: t.me/BIBLIASDEVISTAS

Entre em nosso canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

O RESGATE

Com Alirio Netto no lugar do inesquecível Andre Matos, o Shaman ingressa em nova fase da carreira com *Rescue*

Por Antonio Carlos Monteiro

A história é conhecida de todos. O Shaman havia voltado à ativa e estava em plena atividade quando, em 8 de junho de 2019, surgiu a devastadora notícia da morte de Andre Matos. Era o final de uma carreira que havia, entre passagens em vários outros projetos e bandas, se destacado nos dois primeiros álbuns da banda, *Ritual* (2002) e *Reason* (2005). Após se afastar da banda em 2006, Andre acabou voltando ao Shaman em 2018, junto com os demais músicos originais, fazendo diversos shows nesse período. Após sua morte, muito se especulou sobre o futuro da banda, que chegou a se reunir em diversas homenagens ao vocalista, até que Hugo Mariutti (guitarra), Luis Mariutti (baixo) e Ricardo Confessori (bateria) anunciaram que o grupo prosseguiria sua trajetória com Alirio Netto nos vocais. "Não tinha sentido parar", resume Luis. E agora, contando ainda com o tecladista Fabio Ribeiro, o Shaman solta seu mais novo trabalho, intitulado *Rescue*, que traz a sonoridade que nos habituamos a ouvir, mas alguns detalhes que tornam o disco ainda mais diferenciado, como linhas melódicas bem mais acessíveis ao lado do instrumental que nos habituamos a ouvir. Novamente produzido por Sascha Paeth, *Rescue* acabou se tornando um grande tributo a Andre Matos. A perda do vocalista, a decisão pela volta do grupo, a escolha de Alirio e o disco novo estão entre os temas tratados com Luis Mariutti e Alirio Netto, que conversaram com exclusividade com a ROADIE CREW.

Só depois de um tempo que a gente começou a pensar que a melhor maneira de homenagear o Andre seria continuando (a banda). Não tinha sentido parar.
Luis Mariutti

É inevitável não começar essa conversa sem falar da morte de Andre Matos: foi como um soco no estômago, não?

Luis Mariutti: Ah, com certeza... Ainda mais do jeito que foi. A gente tinha feito um show pouco antes, em Joinville, e aí voltamos todos de busão. Foi o único da turnê, os outros foram feitos de avião, não tinha tanto aquele clima de turnê. Nessa viagem rolou uma interação entre a gente que foi muito legal, parecia que a banda estava voltando aos velhos tempos e culminou no show no Espaço das Américas (N.R.: em 2 de junho de 2019, seis dias antes da morte de Andre), que foi grandioso. Parece que foi pra coroar uma carreira brilhante: o Andre fez o show do Shaman e participou

como convidado do show seguinte, do Avantasia. Dá a impressão que foi a noite pra ele brilhar – e ele realmente brilhou. E quando a gente soube da morte dele foi como se uma bomba tivesse explodido, foi uma coisa louca...

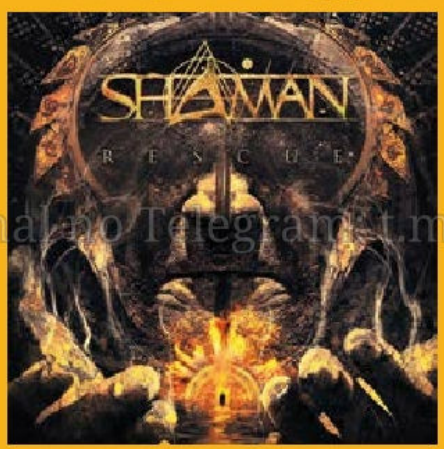
Alirio Netto: Já eu vi o Andre poucas vezes, até pela distância: eu morava em Brasília, depois fui pro México, enfim... Mas a primeira vez que a gente se viu foi emblemático. Foi num show do Shaman que a minha banda, Khallice, que tinha o Marcelo Barbosa, ia abrir lá em Brasília. Eu lembro que estava no backstage e estava com uma camiseta do *News of the World* (Queen, 1977), que é um dos discos que eu mais amo e que o Andre por também gostava. Ele apontou pra minha camiseta e falou: 'Cara, eu adoro esse disco.' E a gente trocou uma ideia ali. Então, a primeira conexão que a gente teve foi através do Queen. Daí em diante a gente se encontrou algumas vezes e em todas ele foi muito solícito, muito gente fina, muito educado. Teve um momento em que eu cheguei a entrar em contato para pedir uma participação dele num disco que eu estava gravando, mas ele estava envolvido em um outro projeto que impossibilitou que ele participasse. Andre tem um diferencial: todos nós do heavy metal brasileiro, principalmente dessa nossa vertente, devemos muito a ele. Foi ele que abriu as portas para nós. E ele tinha o toque de Midas, todos os projetos dele sempre eram bem sucedidos. Pra mim é muito claro que a gente só tem a agradecer a ele por conta disso. E vou te falar uma coisa que eu nunca contei pra ninguém: eu fiquei com vergonha de pedir pra tirar uma foto com ele e me arrependo até hoje.

Depois de processarem o que tinha acontecido, qual foi a primeira reação de vocês: continuar ou parar?

Luis: A gente nem ficou se falando muito logo depois... Rolaram algumas homenagens ao Andre de que a gente participou, mas a banda nem tinha coragem de conversar e se perguntar: 'E aí, o que vai ser?' Só depois de um tempo que a gente começou a pensar que a melhor maneira de homenagear o Andre seria continuando. Não tinha sentido parar. E o próprio Andre tinha falado que queria passar um tempo com o filho na Suécia, então essa turnê ia ter um 'break' de qualquer forma. E ele teve uma conversa com o Hugo em que ele disse: 'Se eu não continuar, eu quero que vocês continuem.' Então, a melhor forma de a gente homenagear e continuar esse legado seria tocando.

Por que a escolha do substituto de Andre recaiu em Alirio Netto?

Luis: No momento em que a gente começou a pensar na volta, resolveu que a pessoa que ia substituir o Andre tinha que vir com bagagem e com respeito, senão não ia rolar. O nome do Alirio partiu do Mariutti Team. Ele tinha feito uma participação num evento nosso e eu nunca o tinha visto ao vivo, exceto em 2015 em que ele tocou no Rock in Rio no mesmo dia que a gente, mas nem deu para acompanhar muito bem com aquela coisa de estar atrás do palco e tal... Nesse dia do evento ele cantou *Nothing to Say* e depois, quando a gente estava voltando pra casa, eu comentei com a Fernanda (N.R.: esposa do Luis) como ele tinha cantado fácil a música. Isso foi muito tempo antes de o Andre morrer, mas aquilo ficou na minha cabeça. E quando a gente começou a pensar em algum nome, eu sugeri o Alirio: é brasileiro, canta muito bem, tem uma grande bagagem, tem influências parecidas com as do Andre e, o principal, tem um super respeito – basta ouvir o disco pra perceber.



RESCUE
Independente/Voice Music - Nac.

Novo Grupo no Telegram! t.me/BRASILREVISTAS

E você, Alirio, chegou a imaginar que poderia vir a substituir Andre no Shaman? E como foi o convite para você ingressar na banda?

Alirio: Quando ele morreu, eu jamais imaginei que o Shaman pudesse voltar. E acho que ninguém pensou nisso naquele momento. Mas na real eu nem pensei nisso. Eu fiquei tão triste no dia em que ele partiu! Fiquei triste alguns dias, e eu nem conhecia ele tão bem. A impressão que eu tenho é que ele aproximava as pessoas através da arte. Depois de um tempo, recebi uma ligação do Luis Mariutti e confesso que quando ouvi a voz dele eu dei uma gelada (risos). Ele me chamou para uma reunião com a banda e é claro que topei. Como você vai falar 'não' pro Shaman, você tá louco? (risos) Aí eu comecei a imaginar o que poderia ser. A princípio, pensei que seria para cobrir algumas datas já marcadas ou algo assim. Mas eu cheguei lá e me chamaram para fazer parte da banda. Fiquei tentando manter a compostura (risos), mas eu estava explodindo de felicidade por dentro. E na hora eu já fiquei pensando: 'Caralho, eu vou cantar aquelas músicas!' Aí eu entrei no carro pra ir embora, já botei as músicas do Shaman e aí me toquei: 'Como eu vou cantar essa porra?' (risos) Andre Matos não facilita pra ninguém! (mais risos) Acho que não tem ninguém nesse nível no heavy metal mundial. Ele tinha um preparo muito grande e quando gênio encontra o foco, meu amigo...

E como você resolveu o problema de cantar essas músicas?

Alirio: Ainda não resolvi, quando eu conseguir te falo (muitos risos). Mas eu tenho dois lados: o foco total no meu trabalho e o lado preguiça, que é quando não quero porra nenhuma. E eu sou bom nos dois! (risos) Então, eu me programei e liberei horários para me dedicar totalmente ao Shaman. Voltei a fazer aula de piano, a estudar canto, porque fazia muito tempo que eu não usava essa região vocal. É muito difícil, o Andre é um exímio cantor e um exímio pianista e eu aceitei o desafio sabendo das minhas limitações. Mas eu também não sou o tipo de cara que vai imitar alguém. Acho que a melhor forma de homenagear o Andre e o Shaman, que é uma banda consolidada, foi colocando a minha personalidade. Então, fui pegando uma música de cada disco para que eu pudesse fazer aquilo da minha maneira. Isso levou um tempo de maturação muito grande. Depois que o repertório estava melhor resolvido, fiz o trabalho de ator, que foi pegar as letras e trabalhar como um monólogo. Isso me ajuda a ter uma intimidade maior com a música, porque mesmo não tendo escrito aquelas palavras, elas têm que significar algo pra mim, senão fica falso. E eu prefiro errar, perder com a minha voz e a minha interpretação do que imitar alguém. Isso não vai acontecer nunca. O Andre não imitava ninguém, por que eu vou imitar? Até porque é impossível, né... (risos)

Nesse sentido, é interessante notar que sua interpretação é muito diferente em *Rescue* e em seu mais recente disco solo, *All Things Must Pass* (2021). Você usa registros muito diferentes nos dois

trabalhos a ponto de às vezes parecer que são dois cantores diferentes.

Alirio: Acredito que o artista deve se emprestar para a arte. Isso quer dizer criar cores diferentes. Um pintor, por mais que tenha uma certa linguagem, ele não vai fazer um quadro igual ao outro. Por que eu faria isso? O Shaman exige de mim um outro Alirio Netto. Na minha carreira solo eu me permito fazer outras coisas, me permito flertar com estilos mais pop e isso é uma característica que aprendi com meus grandes ídolos, como Freddie Mercury, Michael Jackson e o próprio Andre. Ele não fazia as coisas gratuitamente. Em cada ambiente você tem um padrão de comportamento. Cabe ao artista encontrar a sua verdade dentro desse ambiente. E é isso que eu sempre busco em todo trabalho que faço.

Luis, essa volta do Shaman envolve muita coisa, não é mais um simples trabalho para discografia. Por tudo que aconteceu, foi o disco com maior carga emocional que você já fez?

Luis: Com certeza. Acho que na interpretação de todo mundo tem essa carga. Também o fato de a gente não gravar há tanto tempo juntos ajudou a trazer tudo aquilo de volta. No meu caso, teve o fato de eu voltar a gravar com o Ricardo, que é um batera com quem eu me entendo muito bem.

A palavra 'rescue', significa resgate, resgatar. O que vocês estão resgatando em *Rescue*?

Luis: A banda, a alma da banda. Esse nome a gente tinha pensado lá atrás, quando a banda se separou. E não teve momento melhor pra se usar esse nome do que agora. E calhou de ser o melhor momento para ele, já que é o resgate da banda, da nossa alma, da nossa vontade de estar juntos e fazer um trabalho bacana.

Quando vocês começaram a trabalhar no disco?

Luis: A primeira música surgiu na primeira turnê que o Alirio fez com a gente. Nos ensaios a gente fez uma música, *Brand New Me*, que está no disco. Ali foi o start, mas como veio a pandemia a gente teve que se reorganizar, o Alirio também foi morar na Espanha... Então, ele veio para o Brasil, a gente fez uma sessão de ensaios de uns sete ou oito dias em que procuramos alinhavar o maior número de ideias possível. Depois, quando ele já tinha voltado para a Espanha, a gente fez uma pré-produção com o Sascha (Paeth, produtor do disco) online. Nós conseguimos uma tecnologia em que ele nos ouvia em tempo real, sem delay, como se estivéssemos juntos na mesma sala – sendo que o Sascha estava na Alemanha, o Alirio na Espanha e nós num estúdio no Brasil. A gente fez assim música por música, fomos produzindo uma por uma com ele. Isso ajudou a adiantar uma boa parte do trabalho, se não fosse isso, a gente estaria até hoje tentando fazer o disco. E a gente ainda teve a felicidade de o Alirio conseguiu ir da Espanha para a casa do Sascha e gravar lá, da mesma forma que o Andre fazia.

As composições vêm assinadas por todos. Vocês escreveram juntos ou foi um acordo que os músicos fizeram?

Luis: Foi por causa do trabalho que todos fizeram pela banda. Pela doação de todos. Claro que num disco como esse alguém acaba dando mais ideias do que o outro, mas na banda todos fazem um trabalho a mais, então a gente resolveu fazer assim. Porque todo mundo se doou! Sempre tem um ou dois que apresentam mais ideias e isso traz qualidade musical para a banda, mas em outro aspecto alguém está trabalhando de uma forma que não seja musical. E como você vai recompensar isso? Todos se esforçaram igual, então todos estão ali. E também tem aquele lance da vaidade, né?... Não, cara, já que a gente pensa assim, vamos deixar dessa forma.

O Sascha queria saber o que ele tinha nas mãos, me deixou muito à vontade e fez um trabalho primoroso, extraiu de mim coisas que fazia tempo que eu não conseguia.
Alirio Netto

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILHEVYSAS

Alirio: O Queen faz isso, tem outras bandas que fazem isso, por que o Shaman não iria fazer o mesmo? Eu acho isso tão besteira, cara... Criou-se no Shaman essa maneira muito saudável de trabalhar. E até pra evitar besteiras, problemas que não vão mudar a vida de ninguém no futuro. O nome Shaman tem que ser maior do que o de qualquer um de nós.

Sascha Paeth assinou a produção dos dois primeiros discos da banda. Como foi voltar a trabalhar com ele?

Luis: A gente encontrou com o Sascha naquele show do Avantasia e foi muito legal, porque ele é um cara muito humilde, muito bacana, muito amigo. O Andre tinha uma amizade muito grande com ele. Então, nesse encontro já falamos que se fôssemos fazer algo novo, ele estaria no esquema. Ele aceitou de pronto! 'Eu quero fazer esse disco porque eu tive o prazer de trabalhar com vocês, conheço Andre e Luis desde o tempo de *Angels Cry*. Então, eu quero produzir esse disco, estou junto com vocês.' Ele foi 100%. E tirou um puta som, de novo! Os palpites que ele dá são muito certeiros, não é aquele cara que se mete em toda música pra botar a cara dele no trabalho, ele só dá ideias bem certeiras que vão completando o material que você tem. E isso é perfeito na hora de trabalhar com ele.

Já você, Alirio, nunca tinha trabalhado com Sascha e foi o único que gravou presencialmente com ele.

Alirio: Nunca tinha gravado com ele e o tempo que passei lá foi libertador. Pra começar, a gente encerrou esses dias muito amigos. A gente dividia o mesmo interesse e a mesma admiração pelo mesmo cara, então tinha que sair algo especial. E ele faz o que faz com maestria. Ele primeiro tentou entender quem eu era. Ele me fazia gravar dez, vinte takes da mesma música, porque ele queria uma coisa mais orgânica. Ele me disse: 'O fato de você entrar no Shaman com a sua personalidade vai dar um sabor diferente e eu quero explorar isso ao máximo.' O Sascha queria saber o que ele tinha nas mãos, me deixou muito à vontade e fez um trabalho primoroso, extraiu de mim coisas que fazia tempo que eu não conseguia. Foi cansativo, mas eu faria trinta mil vezes!

***Rescue*, apesar de ser um disco com músicas repletas de passagens e mudanças de andamento, tem muitas melodias fáceis – e agradáveis –, como *Don't Let it Rain*. Qual o motivo disso?**

Luis: A mudança é mais na forma de o Alirio compor, das influências dele, do que vem pra ele na hora de compor a melodia. Estruturalmente, as músicas seguem o nosso padrão. No baixo, por exemplo, eu voltei com algumas características que eu usava na época do Angra, como os two hands percussivos. Mas o Alirio viveu muito tempo nos EUA e tem algumas características mais americanas do que o Andre, apesar de os dois serem muito fãs de Queen e de Freddie Mercury, e creio que isso faz alguns refrãos soarem mais 'comerciais'.

Alirio: Eu ouço muito pop. Mas aquele pop que se relaciona com o rock, como Beatles, Paul McCartney solo, adoro a parte pop dos Rolling Stones (cantarola *Anybody Seen My Baby*), Tears for Fears... E acho que esse é um elemento que aproxima as pessoas. A melhor banda do universo pra mim, que é o Queen,

Fabio Ribeiro, Ricardo Confessori, Alirio Netto, Luis Mariutti e Hugo Mariutti homenageiam Andre Matos no novo disco

Divulgação

explorava muito bem isso. E isso é forte em todo mundo na banda. Isso vem da personalidade de cada um de nós.

Algumas músicas, como *The 'I' Inside*, têm algo de ritmo tribal/música brasileira. Essa é uma influência que vem desde o tempo do Angra, não?

Luis: Essa coisa de tocar percussivamente no baixo, por exemplo, eu já usava na época do Firebox (N.R.: banda em que Luis tocava antes de entrar no Angra). Acontece que comecei a tocar na noite com dois amigos e a gente não tinha batera. Então, comecei a fazer algumas coisas percussivas no baixo pra dar uma compensada, pra tentar colocar um ritmo ali (risos). Eu usei isso no começo de *Never Understand*, do primeiro disco do Angra (N.R.: *Angels Cry*, de 1993). E agora a gente usou de novo essas influências, mas foi o que surgiu naturalmente nos ensaios.

E você, Alirio, sempre curtiu isso também?

Alirio: Eu gosto muito de música erudita brasileira. Claudio Santoro, Chiquinha Gonzaga, Villa-Lobos, todos esses caras eu sempre gostei muito e sempre gostei de cantar isso. E usar essas influências acaba sendo algo importante quando se faz um trabalho dessa magnitude, como com o Shaman.

As letras, entre outras coisas, abordam as perdas e as fases do luto, mas elas têm um lado positivo – *Rescue* é antes de tudo uma grande homenagem a Andre, certo?

Luis: Não tem como, né? É a nossa volta, o nosso *Back in Black*... Então, a gente tinha que falar disso, mas é como você falou, não de uma maneira triste, não de uma maneira pesada. Sim, porque é a passagem, a gente acha que coisas melhores nos esperam.

Alirio: Quando a gente começou a criar o disco, me passou uma coisa pela cabeça: fazer um disco conceitual que falasse sobre as fases do luto, mas que não fosse só isso. A gente foi fazendo um pingue-pongue, mandando as letras uns para os outros, e eu conversei com cada um deles sobre como foi o luto para eles. Mas não queríamos que fosse só sobre isso. Eu não queria que fosse um disco pesado, mas que tivesse uma visão positiva. Veja, a morte é a única coisa que iguala todo mundo. E eu queria que as pessoas tivessem uma relação com as letras usando-as da maneira como achassem melhor, mas sempre pensando de uma maneira positiva.

O nome Shaman tem que ser maior do que o de qualquer um de nós
Alirio Netto

A capa do disco é muito interessante, também, já que tem vários elementos diferentes. Qual foi a ideia central dela?

Luis: Como é um resgate, a gente queria elementos que remetessem aos dois momentos que tivemos com o Andre no Shaman, que foram (os discos) *Ritual* e *Reason*. Como a gente pensa que musicalmente conseguiu uma fusão entre os dois álbuns com alguns elementos novos, a capa seria isso também, a mistura dos dois mas com alguns elementos novos.

Dentre tudo que envolve *Rescue* o que mais chama a atenção é o fato de que o disco parece ter sido muito bem pensado e planejado. Vocês realmente pensaram nos mínimos detalhes?

Luis: Engraçado que é uma coisa que vai indo. A gente começa a pensar nas músicas, aí quando nos reunimos já mudamos algumas coisas, chegamos no Sascha e mudamos outros detalhes e aí chega a gravação de batera. Pelo fato de a gente se conhecer bastante e ter tido essa pré-produção, acabou sendo muito rápido pro Ricardo e pra mim. Eu gravei o disco inteiro em dois dias! A gente já estava com os detalhes todos na cabeça. O trabalho instrumental foi todo muito pensado, inclusive a participação do Marcus Vianna – tinha que ter ele no disco! (N.R.: ele participou dos dois discos de Andre com o Shaman) O Marcus quis participar e com certeza vai estar em alguns shows, ele é um cara que não poderia focar de fora. Ou seja, como a gente tinha a experiência dos discos anteriores, alguns detalhes a gente arrematou na hora da gravação mesmo.

Alirio: É muito engraçado porque cada um tem uma chatice em algum ponto (risos). A gente realmente queria fazer algo especial. Não existe o disco perfeito, mas a gente tentou cuidar o máximo para que ficasse o melhor possível.

Exclusivo Canal do Telegram t.me/BRASILBEVILAS

EVERGREY

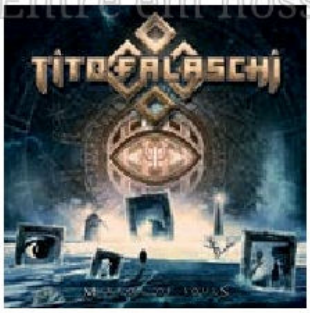
A HEARTLESS PORTRAIT (THE ORPHEAN TESTAMENT)
NAPALM - IMP.

9,5

Não se pode "culpar" a pandemia, porque o Evergrey já havia definido novos parâmetros para a sua discografia em 2019, com *The Atlantic*. O que veio depois, com *Escape of the Phoenix* (2021), foi para fazer o fã pensar 'Ok, o que esses caras vão fazer agora?'. Pois bem, Tom S. Englund (vocal e guitarra) e companhia – Henrik Danhage (guitarra), Rikard Zander (teclados), Johan Niemann (baixo) e Jonas Ekdahl (bateria) – fizeram mais uma obra para brigar na parte de cima da tabela. E, novamente, uma em que os detalhes fazem diferença, a começar por um pouco falado: Englund. Não o compositor e guitarrista, mas o vocalista, porque o líder da banda atingiu um nível que merece ser destacado. Sua interpretação em *Midwinter Calls* (com ponte e refrão incríveis) é um dos pontos altos do álbum, e todo trabalho vocal na excelente *Heartless*, o grande destaque. O cara está cantando muito! Mas tem as músicas, claro, e *A Heartless Portrait (The Orphean Testament)* é um bálsamo dentro do prog metal. A banda sueca acerta em cheio quando dá as mãos ao lado mais pop, digamos assim, porque *Reawakening* é uma das melhores do CD; e também sabe soar suave, como prova a beleza de *Ominous*, que chega mesmo a ser e emotiva e tem um desfecho crescente sensacional. São pontos fora da curva, que ajudam grandes como *The Orphean Testament*, *Blindfolded*, *The Great Unwashed* e *Call Out the Dark* a soarem ainda mais grandiosas – as duas últimas, diga-se, com solos de guitarra de tirar o fôlego, e não porque se tratam de masturbação das seis cordas. O que esses caras vão fazer na próxima vez?

Daniel Dutra

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILRAISTAS



TITO FALASCHI

MIRROR OF SOULS
MS METAL - NAC.

9,0

No mundo do metal é quase que lugar comum escolher entre os primeiros álbuns de uma discografia os seus favoritos de uma banda, como se a juventude e a inocência fossem a fonte da boa música. Não é verdade, pergunte para gente como Alice Cooper, Deep Purple, Rush e muitos outros. Dito isso, ouça este *Mirror Of Souls*, e comprove: a experiência é o nome do jogo. Há décadas atuando como vocalista, instrumentista, produtor, engenheiro de som e o que mais você quiser nomear, Tito Falaschi dá a continuidade que esperávamos para sua carreira, com um disco que conversa com naturalidade com aquilo que ele produziu no final dos anos 90 com a Symbols. Sim, você tem aquele power/melódico esperado em canções como *Dreamers* e *Fight For Freedom*, mas aqui Tito vai muito além do lugar comum. Perceba as referências progressivas em canções como *Like An Angel*, *Grains Of Time* e *Mesmerized*, uma das melhores do disco. Tem até umas linhas de teclado 'new wave' se destacando aqui e acolá, o que é sempre bem-vindo. Variado e muito bem pensado, este álbum tem tudo para decolar.

Valtemir Amler

DISNNEYHELL

O JARDIM DOS EXCLUÍDOS
MS METAL - NAC.

7,0

Se o nome da banda não entrega, a capa deixa as 'intenções sonoras' da Disnneyhell bem claras: é death metal com fortes referências grind, aquela mistura brutal que vem explodindo tímpanos desde o final dos anos 80. Pois bem, não espere por um daqueles discos com 150 faixas de doze segundos, pois a brutalidade aqui é estruturada, as músicas são longas o suficiente para serem compreendidas, mas nem por isso a entrega é menos violenta: à bem da verdade, canções como *A Face dos Excluídos* e *Filho de Maria*, duas primeiras do álbum, já evidenciam o caminho abjeto das composições aqui contidas, são onze canções virulentamente rápidas, com riffs cortantes e vocais que, naturalmente, mesclam o gutural mais puro com o mais gritado, tradição do gênero. Pessoalmente, indico a audição de *Não Zombem de Nós*, *O Fim Está Próximo* e *O Que Nos Resta São Os Ossos*. Ouça a música, dê atenção para as letras e forme seu próprio juízo sobre a arte maníaca do Disnneyhell. Porém, não deixe esse lançamento passar despercebido.

Valtemir Amler

THE TROOPS OF DOOM

ANTICHRIST REBORN
ALMA MATER/VOICE MUSIC/
ROCK BRIGADE - NAC.

10

Recordando os primeiros versos de 'O Senhor dos Aneis', "O mundo mudou. Posso senti-lo na água, posso senti-lo na terra, posso senti-lo no ar. Muito do que havia está perdido, pois nenhum dos que se lembra está vivo". Sim, o mundo mudou, mas não posso senti-lo em *Antichrist Reborn*. Muito do que havia foi perdido, mas aqui tudo está sendo retomado, afinal, Jairo "Tormentor" Guedz não apenas está vivo, mas se lembra bem daquilo que ajudou a forjar. E, para um início de viagem, nenhuma composição poderia ser mais perfeita do que *Dethroned Messiah*. Com seus pouco mais de quatro minutos, tem até o tempo correto para encapsular brutalidade e fulgor, duas coisas essenciais no velho death/thrash. Sua sucessora, *Far from Your God*, evidencia o poder dos vocais podres de Alex Kafer (também baixista), enquanto Vasco e Guedz destroem em riffs pungentes. É difícil para um fã de metal extremo não vibrar com a brutalidade cadenciada de *Deserters from Paradise* ou ainda o apelo cru de *A Queda* (com participação de João Gordo), tudo aqui parece encaixar com perfeição. Dizem que a vida é um ciclo, então a história se repete. Pois bem, esse disco é uma viagem no tempo. Ainda bem que, mesmo se repetindo, a história sempre vem com variantes. *Antichrist Reborn* não repete a do metal extremo como um aluno lerdo repete uma e outra vez a tabuada, simplesmente porque o Troops Of Doom não é formado por 'alunos'. Kafer, Guedz, Vasco e Alexandre Oliveira (bateria) são mestres no que fazem e, após dois EPs, este álbum mixado pelo produtor sueco Peter Tägtgren é mais uma prova disso.

Valtemir Amler

WARSHIPPER

PAST ESSENTIALS
HEAVY METAL ROCK - NAC.

9,5

No embalo da nova fase - com o guitarrista Theo Queiroz se juntando a Renan Roveran (vocal e guitarra), Rodolfo Nekathor (baixo) e Roger Costa (bateria) - e de um disco que a pandemia não permitiu que fosse para os palcos - o espetacular *Barren...* (2020) -, o Warshipper lançou *Past Essentials*, CD duplo que une *Worshippers of Doom* (2014) e *Black Sun* (2018) e faixas bônus numa caprichada edição em digipack (com direito a pôster). Os quase 100 minutos de música mostram o casamento perfeito entre a brutalidade do death metal com melodias e experimentações que fazem a banda de Sorocaba (SP) - nas gravações, com o guitarrista Rafael Oliveira - trilhar um caminho bem particular no metal nacional. Especialmente a partir do segundo disco, com músicas espetaculares como *Black Sun (Part I, II, III)* e *Descending - Genesis & Ontogenesis*, um contraste ao massacre puro (e ainda melódico) de joias como *Warshipper*, *The Theatrical Dissection* e *Absence of Colors - The Obsolete*. E o resumo está numa obra-prima de seis minutos chamada *Atheist*, single que foi a ponte entre os dois primeiros álbuns e *Barren...*, aqui presente na excelente *Respect!* em sua versão crua (sem os vocais de Fernanda Lira no dueto com Roveran). Ouvir tudo isso junto, e na sequência cronológica, faz todo sentido. Mais do que isso, alimenta a expectativa sobre o que o Warshipper já está aprontando para o quarto disco.

Daniel Dutra

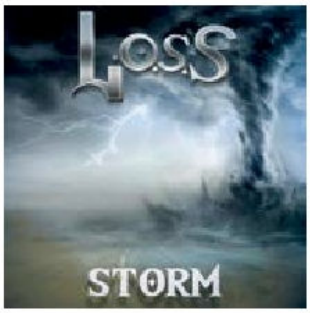
BLACK SWAN

GENERATION MIND
FRONTIERS MUSIC - IMP.

8,0

Após a dispensável intro, *Before The Light*, o segundo álbum do projeto Black Swan, que conta com Robin McAuley (vocal, MSG, Grand Prix), Reb Beach (Winger, Whitesnake, Dokken), Jeff Pilson (baixo, Foreigner, The End Machine, ex-Dokken, Dio e outros) e Matt Starr (bateria, Ace Frehley e Mr. Big), abre bem com a energética com *She Hides Behind*. Durante a audição, não tem como não se lembrar de Winger, seja pela timbragem da guitarra ou pelo próprio estilo pessoal de Reb Beach nas bases e solos. Assim, algumas faixas se parecem como uma perfeita fusão de Winger com o trabalho de McAuley no MSG – ouça a faixa-título, *See You Cry* e *Long Way Down*, por exemplo. O bom disso é constatar, mais uma vez, a excelente forma na performance do vocalista. Outra faixa que traz um mix interessante é *Killer On The Loose*, com uma vibe mais Scorpions. Destaques ainda para *Crown* e *Wicked The Day*. Se curte hard rock, confira!

Ricardo Batalha



LOSS

STORM
DYMM - NAC.

9,0

Quando um disco abre com uma música do quilate de *Life Shows*, com a rifferama do guitarrista Adriano Avelar (ex-Caxakustica) e a pulsante cozinha formada pelo baixista Marcelo Loss (ex-Concreto, também vocalista) e o baterista Teddy Bronsk (ex-Concreto), vem à tona uma grande expectativa para o restante do primeiro full-length dos mineiros do Loss. Qualidade confirmada nas demais nove faixas (e a bônus *A Luz*, versão em português de *The Light*) de *Storm*. Além das quatro faixas (*Burn Inside*, *Até Quando*, *Hate* e *Let's Go*) já presentes no EP de estreia *Let's Go* – que contavam com Edu Megale (The Mist, D.A.M) e tiveram as guitarras regravadas por Avelar no debute –, o novo play tem como outros destaques *In My Mind* e *Entre o Bem e o Mal*, duas pedradas do mais puro stoner/heavy, e duas músicas com ares de balada e ricas em arranjos acústicos, *Tomorrow* (com Marcelo mandando ver nos vocais) e *Insight* (esta com um quê bluesy). Gravado no Analog Dream Studio, em Belo Horizonte, e contando com mixagem e masterização de Jim Siou, em Atenas (GRE), *Storm* é mais um grande trabalho do stoner/metal nacional.

Thiago Prata

DROWNED

RECIPE OF HATE
COGUMELO/GREYHAZE - NAC.

9,0

Quando um álbum de death/thrash começa com um ótimo riff, cria-se toda uma expectativa do que virá a seguir. E *Death Rounds the Fools* não apenas cumpre o papel de soar como "um soco na cara", como dá os melhores indícios de que estamos diante de mais um trabalho do Drowned digno de carregar o selo "quebrando ossos", lema que acompanha a banda mineira desde seus primórdios, nos anos 90. Oitavo álbum de estúdio do grupo, *Recipe of Hate* prossegue com a veia death da faixa-título, com direito a metranca e mais riffs inspiradíssimos. As tradicionais melodias aliadas à característica brutalidade estão presentes em atos como *Doctor Horror Medical Group* e *The Worst of Us*, e as críticas políticas, sociais e religiosas, mais diretas e afiadas, vide em *Disorder-Hate-Destroy* e *Hail, Captain Genocide!* e na capa do disco, assinada pelo vocalista Fernando Lima. Em suma, as nove faixas (e duas bônus da versão física) mostram que Fernando, os guitarristas Marcos Amorim e Rafael Porto, o baixista Rodrigo Nunes e o baterista Beto Loureiro conseguiram manter a química do passado com um elevado nível de maturidade do presente.

Thiago Prata

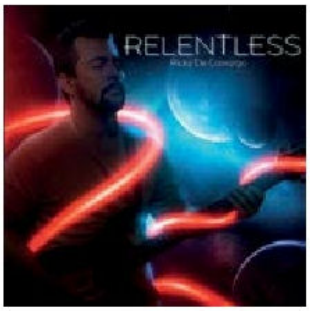
ROCK THE LAB

THIS IS ROCK THE LAB
MS METAL - NAC.

7,5

Nem em todos os momentos você precisa estar com um milhão de diferentes informações complexas sendo colocadas para dentro dos seus ouvidos, existem instantes em que tudo o que quer e precisa é relaxar, deixar o mundo de lado e focar no próprio bem estar ao menos por um instante. É para momentos como esse que existem bandas como o Rock The Lab. Portanto, concentre-se apenas na música, na sonoridade calma e cuidadosa das guitarras em *My Angel*, nas linhas acústicas e nos vocais suaves que movem adiante *Beauty Queen*, ou ainda no riff 'rádio FM' de *The Last Time*, e desfrute de *This Is Rock The Lab*. *Prisoner of my Own* também cai bem, e apenas *Can't You Hear Me* não cativou minha atenção. Porém, é com a lúgubre, mas também extremamente bela e gentil melodia da conhecidíssima *The Sound of Silence* (que ganha aqui uma das suas mais belas versões) que este disco ganha o ouvinte.

Valtemir Amler



RICKY DE CAMARGO

RELENTLESS
MS METAL - NAC.

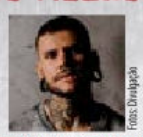
7,5

Apenas para evitar uma possível desatenção, dê uma boa conferida na capa deste álbum. Conferiu? Pois bem, do que acha que se trata, e por que acha que é um álbum de guitarrista? Pois é, não havia possibilidade de errar essa resposta, e Ricky de Camargo é mais um ás revelado entre os mestres da guitarra no Brasil. Dono de uma carreira solo já sólida, Ricky chega nesse novo registro solo pisando fundo no acelerador, como você confere na 'fritação' de *The Exorcism*, segunda faixa. *Wild* faz valer seu título com um riff bem na cola do metal, e acaba como um destaque inevitável, também por conta de suas mudanças de movimento. *Up To The Sky* é tão rápida e melódica que pode ser entendida como 'power metal melódico instrumental', e também cativa, mas é na furiosa *Nightmare* e na 'quebradeira' da faixa-título que residem minhas favoritas (ambas com linhas de bateria muito bem colocadas). Um disco de guitarrista, sim, mas não apenas para guitarristas.

Valtemir Amler

Proibido Roubo e Cópia | Canal do Telegram: t.me/BRAZILIANMETALHEADS

CINCO MELHORES ÁLBUNS SEGUNDO:



Fotos: Divulgação

RENAN ZONTA
(ELECTRIC MOB)

Iron Maiden - *Somewhere In Time*
Dio - *Holy Diver*
King Diamond - *Abigail*
Judas Priest - *Defenders of the Faith*
Accept - *Staying a Life*

TIM "RIPPER" OWENS
(KK'S PRIEST)

Black Sabbath - *Heaven and Hell*
Metal Church - *Metal Church*
Judas Priest - *Point of Entry*
Savatage - *Hall of the Mountain King*
Queensrÿche - *Operation: Mindcrime*

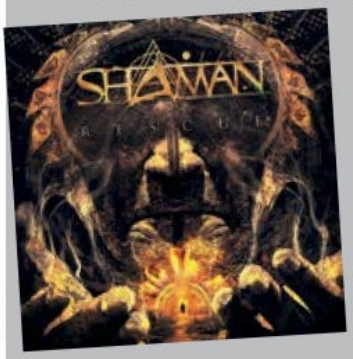
PARA MAIS RESENHAS, ACESSE O PORTAL DA ROADIE CREW

SHAMAN

RESCUE

INDEPENDENTE/VOICE MUSIC - NAC.

9,5



Poucos discos surgiram cercados de tanta expectativa como este. Afinal, trata-se do primeiro trabalho do Shaman sem Andre Matos e coube a Alirio Netto a difícil missão de substituir o Maestro. Pois podem todos ficar tranquilos: ele o fez à altura, com competência, muito talento e extremo respeito. *Rescue* é, logicamente, um tributo à vida e à obra de Andre (uma conferida nas letras nunca foi tão necessária quanto aqui), mas o clima geral do disco é positivo e até alto astral. E são vários os aspectos a se ressaltar no trabalho que Alirio, Hugo Mariutti (guitarra), Luis Mariutti (baixo), Fabio Ribeiro (teclado) e Ricardo Confessori (bateria) acabam de lançar, a começar pelo clima cinematográfico que impera em todo o trabalho (o fato de Alirio ser ator e de o guitarrista Hugo trabalhar com trilhas certamente tem a ver com isso). As melodias de Alirio talvez sejam a mudança mais significativa no som da banda. O vocalista é sabidamente também adepto do pop rock e isso influencia na sua forma de compor. Mas fique tranquilo porque o instrumental exuberante, o peso, os solos talentosos e rápidos, o baixo técnico e ritmado e a bateria avassaladora continuam produzindo linhas harmônicas intrincadas, repletas de mudanças de ritmo e andamento. Assim, lá estão os ritmos brasileiros em *The "I" Inside*, o refrão grudento de *Don't Let it Rain*, o violino de Marcus Vianna em *Resilience* e os ritmos tribais em *Brand New Me*. A produção de Sascha Paeth se mostra primorosa, como sempre, num álbum que claramente foi meticulosamente pensado e trabalhado. Deu certo.

Antonio Carlos Monteiro

Entre em nosso Canal no Telegram de BRASILREVISTAS

SODOMAHORDE

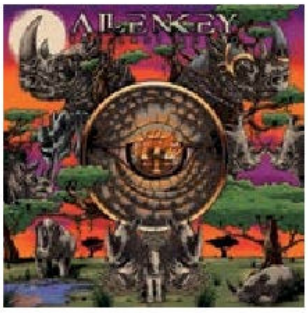
SOTURNOS CAMINHOS

INDEPENDENTE - NAC.

7,5

Com quase vinte anos de jornada, a Sodomahorde vai fazendo o seu catálogo crescer aos poucos, com lançamentos completamente voltados ao underground em sua essência mais pura: demo, splits, e agora o seu primeiro EP, justamente *Soturnos Caminhos*. A proposta musical do trio pernambucano é bastante clara: black metal ríspido, visceral, rápido e sujo, com todas aquelas características que amamos dos primeiros trabalhos do Darkthrone (e outros tantos da mesma era), incluindo-se nesta lista o som pútrido e esculhambado que marcava aqueles mesmos registros citados. Até aí, tudo ótimo, certo? Pois é nesta toada que seguem todos os onze minutos deste EP, que conta com a curta *Druida* na abertura, e então a longa e célere *Sinos de uma Batalha Eterna/ Saudações a Cernunnos* na sequência. Firmemente calcado naquilo que denominados usualmente de 'necrosound', a Sodomahorde vive o underground na alma. Se curte 'raw black metal', certamente vai celebrar este lançamento.

Valtemir Amler



ALLEN KEY

THE LAST RHINO

CANIL RECORDS - IMP.

9,0

Metallica + Pantera + Evancescence. Funciona? *The Last Rhino*, trabalho de estreia da paulistana Allen Key é um sonoro SIM para essa soma. A faixa-título abre a festa com riffs poderosos e aquele ar tipicamente de "banda grande". Se *Straw House* mantém o clima e inclui uma épica mudança de andamento, a pesadona *Granted* – que ganhou um excelente e quase hollywoodiano videoclipe – e *Mr. Whiny* ligam o 'heabanging mode' automaticamente. E, sem nenhum medo de arriscar, Karina Menasché (vocal), Pedro Fornari e Victor Anselmo (guitarras), Felipe Bonomo (bateria) e William Moura (baixo) ainda apostam em um surpreendente encerramento com o clima introspectivo de *Goodbye* e *Flourish*. Se não fosse suficiente isso tudo, ainda tem Karina! Uma das mais agradáveis e polivalentes vozes femininas do metal nacional, com amplitude para ir de doces linhas melódicas de *Love You More* e *Illusionism* aos impressionantes tons mais altos e a voz "rasgada" em *The Last Rhino*. Trata-se da melhor novidade do hard'n'heavy brasileiro nos últimos tempos. Por isso, finalizo deixando a pergunta: quando sai o próximo álbum?

Alessandro Bonassoli

LOUDNESS

SUNBURST - GAMUSHARA KATANA MUSIC - IMP.

5,0

Para celebrar os 40 anos de estrada, os japoneses do Loudness lançaram em dezembro de 2021 o seu novo álbum, o primeiro duplo de estúdio. Por querer abranger diversos momentos da carreira, já adianto que um disco simples estaria de bom tamanho. Isto porque há muitas faixas dispensáveis, desconexas e que vêm na linha da "fase ruim" da banda (pós-1992), formada atualmente por Minoru Niihara (vocal), Akira Takasaki (guitarra), Masayoshi Yamashita (baixo) e Masayuki Suzuki (bateria). No disco 1, os destaques são *Crazy World*, que revive o Loudness da boa fase (anos 80), e a acelerada e pesada *Japanese Heart*, cantada em japonês. O segundo disco se apresenta mais na linha hard (ou hard 'n' heavy), mas ainda assim mostra que eles perderam a manha daqueles tempos áureos nos anos 1980. Ainda assim, vale conferir *Door of Heaven*, que remete ao estilo de *Long Distance Love*, de *Jealousy* (1988), e *Emerald Sea*, ambas cantadas em japonês; a pesada *Fire In The Sky*, com aquele punch do álbum *Loudness* (1992); a épica e bem metal *The Nakigara* e *Hunger For More*. Não dá para passar pano, pois faz muito tempo que o Loudness perdeu a mão e é por isso que muitas gerações que não viveram os anos 80 mal sabem quem é Akira Takasaki. Este álbum é tipo aquele time que ganha um campeonato importante, mas no jogo seguinte toma uma goleada e tem a "faixa carimbada". Se quer algo que represente os 40 anos desta banda, faça a sua coletânea com músicas de 1981 a 1992, e pegue algumas boas dali em diante.

Ricardo Batalha

IGOR STEINER

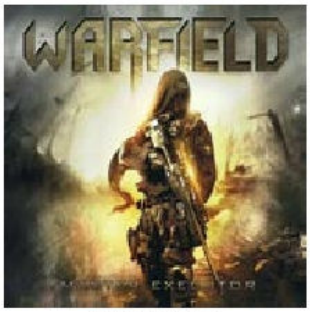
POWER AND FREEDOM

MS METAL - NAC.

8,5

Nascido na Itália, mas já há anos residindo no Brasil, Igor Steiner é um daqueles guitarristas absolutamente apaixonados pelo seu instrumento musical, mas que não querem encher o nosso saco com músicas autoindulgentes e pretenciosas até o caroço. Ou seja, tem músicas realmente boas e não apenas boa técnica neste *Power and Freedom*. Essa sensação já nasce com a ótima abertura, *Sensation*, que traz muito mais daquele rock repleto de referências ao blues típico dos gigantes das décadas de 60 e 70 do que daquela 'fritação' típica dos artistas da Shrapnel Records dos anos 80 (algo que também gosto muito). Outro fator que joga a favor da fácil e boa assimilação deste registro é o fato de que temos vocais, e vocais competentes ao longo do álbum. Assim, todo um novo brilho alcança faixas como *The Freedom of Life*, *Love Conquers All* (bem bluesy) e *Sign of the Times* (mais rápida, e com algo de hard clássico). Embora pareça, esse não é um 'disco de guitarrista', mas um puta álbum de rock à moda antiga!

Valtemir Amler



WARFIELD

MASTER EXECUTOR
MS METAL - NAC.

8,0

Nascida em 2004 em Santa Catarina, a Warfield ralou muito para firmar seu nome no cenário, e lançou seu debut, *Times of Dust*, em 2010. Pois foi justamente quando tudo parecia conspirar para uma grande virada que veio o baque, com a banda se separando pouco depois. Pois bem, mais de uma década se passou, mas finalmente eles estão de volta com *Master Executor*, lançado no ano passado. A sonoridade é o heavy metal clássico, fortemente calcado no tradicional dos anos 80. Dito isso, a faixa-título é um ótimo ponto de entrada nesse universo, com seu riff forte e pulsante. *Breaking The Spell* é outra em que as linhas de guitarra atraem a atenção desde o primeiro instante, mas foi a variação das ótimas *Missing Children* e *June 1944 (D-Day)* que me fizeram retornar à audição mais vezes. Com *Master Executor*, o Warfield mostra que o retorno valeu a pena, e fica a torcida para que desta vez as coisas fluam da forma que a banda realmente merece.

Valtemir Amler

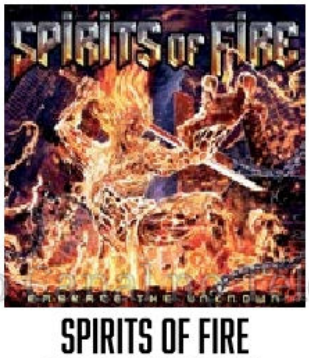
THE HELLACOPTERS

EYES OF OBLIVION
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

9,5

Com o retorno da formação original em 2016, depois de quase nove anos de hiato, a expectativa por um novo álbum era óbvio. Felizmente, Nicke Andersson (vocal e guitarra), Dregen (guitarra), Dolf de Borst (baixo, desde 2018 no lugar que havia sido de Kenny Håkansson), Anders Lindström (teclados) e Robert Erickson (bateria) não apenas saciaram essa expectativa. Eles lançaram um dos melhores discos do The Hellacopters, porque *Eyes of Oblivion* é um nocaute sonoro de 34 minutos! Os dois primeiros singles, *Reap a Hurricane* e a faixa-título, já entregavam uma volta em grande em estilo, mas o conjunto da obra é incrível! Bastaria você escutar o maravilhoso hard blues *So Sorry I Could Die*, com uma interpretação sensacional de Andersson, mas o CD ainda tem (felizmente) faixas 100% Hellacopters *Can it Wait*, *A Plow and a Doctor* e *Try Me Tonight*; outras com apelo mais comercial – *The Pressure's on* e *Tin Foil Soldier*, esta com um quê de Beatles e um refrão absurdo de tão bom; e duas das melhores músicas que você vai ouvir em 2022: *Beguiled* e a magistral *Positively Not Knowing*. Tivesse mais meia hora de duração, o nível continuaria lá em cima. Discaço!

Daniel Dutra



SPIRITS OF FIRE

EMBRACE THE UNKNOWN
FRONTIERS MUSIC - IMP.

8,0

Saca só o time: Fabio Lione (vocal), Christopher Caffery (guitarra), Steve Di Giorgio (baixo), Mark Zonder (bateria) e produção de Aldo Lonobile (Secret Sphere, Archon Angel, Edge of Forever, Sweet Oblivion, Kings of Broadway). Se ficou animado só de ler, pode colocar para rodar o segundo álbum do projeto, porque *Embrace The Unknown* traz um heavy metal versátil e empolgante. Ripper Owens registrou o debut de 2019, mas Lione impressiona com o vocal mais rasgado e agressivo, além de suas características habituais. Curioso foi notar certa semelhança na melodia inicial de *Wildest Dreams* com *Noite de Rock* do Salário Mínimo e também com o Hammerfall – sim, você vai perceber. Afora esse lado hard n' heavy, se prepare para agitar com riffs energéticos de *Into The Mirror*, *A Second Chance* e a faixa-título, que vem com um toque e uma timbragem de guitarra bem no estilo de Caffery no Savatage, assim como em *Shapes of a Fragile Mind*. Destaque ainda para *Hearts in the Sand*. Pode ouvir sem medo, já que há variação no repertório, que se encerra com a balada *Remember My Name* e a épica *Out In the Rain*.

Ricardo Batalha

FRONT COVER

Por Marcelo Vasco*

Distribuição proibida sob pena de multa. Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

KREATOR

PLEASURE TO KILL

Talvez o nome Philip Lawvere não lhe seja tão familiar, mas suas capas icônicas estão gravadas na mente dos fãs de heavy metal. Assim, falarei de uma das minhas artes preferidas e que ilustra um dos álbuns mais clássicos do thrash metal: *Pleasure to Kill*, da banda alemã Kreator.

Lawvere residiu em diversos cantos do mundo, sendo um deles Berlim (ALE), onde acabou chamando a atenção do jovem empresário Karl Walterbach, da Noise Records. Esse foi um passo importante na vida do artista, pois trabalhou para o Kreator pela primeira vez assinando a capa do debut, *Endless Pain* (1985). Seu trabalho foi elogiado e, alguns meses depois, rendeu ao seu portfólio mais uma capa importante, a de *Emperor's Return*, dos suíços do Celtic Frost.

A partir daí, seu talento foi devidamente reconhecido e ele foi se tornando um artista requisitado, trabalhando para Rage, Death Row, Warrant, Vendetta e Helloween, entre outras. Em 1986, ele finalmente pintou a de *Pleasure to Kill*, capa que tem uma estética que lembra muito os desenhos do lendário e influente Frank Frazetta, artista americano famoso pelas ilustrações dos quadrinhos e livros do personagem Conan.

A arte de *Pleasure to Kill*, com energia e aura cativantes, vem em tons quentes avermelhados, trazendo a mascote do Kreator como elemento central, já um pouco mais evoluída se comparada à versão de *Endless Pain*. Ela está imponente, no topo, sobre uma pilha de crânios e ossos, e cercada por uma horda de esqueletos guerreiros. O layout também foi primordial para valorizar a arte, pois tem uma espécie de moldura preta, dando mais destaque para a ilustração e para o título do disco.

O logo do Kreator está em transparência dentro da arte, confundindo-se com a textura do céu apocalíptico. Esse combo, inclusive, é um formato que acabou sendo muito comum para as capas de metal dos anos 80.

Quase quarenta anos depois, esta é uma capa que ainda se destaca. Não à toa, é a preferida de Lawvere, que também foi responsável por outras do Kreator, como as de *Behind the Mirror*, *Terrible Certainty* e *Out of the Dark*.

Lawvere foi um dos primeiros pintores de capas para o gênero na Alemanha e ainda produz artes para uma nova geração de bandas de metal, embora tenha desenvolvido uma série de outros interesses que consomem a maior parte de seu tempo.

(*) ARTISTA GRÁFICO BRASILEIRO QUE JÁ FEZ TRABALHOS PARA BANDAS COMO SLAYER, KREATOR, MACHINE HEAD, HATEBREED, SOULFLY E DARK FUNERAL, ENTRE OUTRAS.

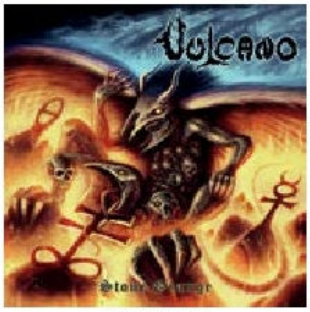
GIANT

SHIFTING TIME
FRONTIERS MUSIC - IMP.

7,5

Quando a banda sueca Perfect Plan lançou o EP *Jukebox Heroes* (2019), que trouxe um cover do hit *Stay*, faixa de *Time to Burn* (1992), do Giant, ninguém poderia imaginar que Kent Hilli assumiria os vocais do próprio Giant no lugar de Terry Brock (Strangeways, Seventh Key). Completado por John Roth (guitarra, Winger, Starship), Mike Brignardello (baixo) e David Huff (bateria), o grupo reaparece agora com o sucessor de *Promise Land* (2010). E Hilli brilha em todas as faixas, algumas elevando a pegada do rock de arena com a classe de Lou Gramm, Steve Overland, Jimi Jamison, Danny Vaughn, Joe Lynn Turner e o ex-Giant, Dann Huff, que gravou o solo do single *Never Die Young*. O som é um melodic rock encorpado, com destaques para *Highway of Love*, com um solo temperado pelo wah-wah de Roth; a hard e com groove *Standing Tall*, além de *Let Our Love Win*, *Don't Say a Word* e *Never Die Young*. Sim, tem aquelas baladas melosas que ouvi só uma vez porque isto cansa.

Ricardo Batalha



VULCANO

STONE ORANGE
HELLION - NAC.

10

Um pequeno problema de ordem técnica: como separar o joio do trigo quando o joio simplesmente não está lá? Agora que expomos o 'problema', abra uma cerveja, aumente o volume e curta *Stone Orange* do início ao fim. Simples assim. O início da jornada não poderia ser mais evocativo: com aquele típico 'crescendo' que evoca ao speed/thrash oitentista, *Metal Seeds* é movida por transições climáticas e rítmicas que caminham entre o black e o thrash, uma mistura tão perigosa quanto viciante. *Putrid Angel Ritual* já valeria só pelo seu título, mas sua brutalidade é tão visceral que logo se uniu às minhas favoritas. E o que não falta são pontos a destacar dentre as 17 (!) faixas que formam *Stone Orange*. A bateria rápida de Bruno Conrado, os riffs afiados de Zhema e Gerson Fajardo, os vocais versáteis de Luiz Carlos Louzada (uma das razões pelas quais o Vulcano transita como ninguém entre os vários estilos da música extrema), é esse conjunto brutal e virulento formado por todos esses fatores que eleva o status de cada composição criada para este álbum. Ouça com atenção os riffs, dedique um tempo aos solos: eles são concebidos na medida para soarem sujos, brutos e feios, não são pensados para serem admirados em simpósios de música, com seus especialistas de monóculo. É música para curtir, agitar, detonar ao vivo, e como sentimos falta disso! Ouça repetidamente *Keep Mind*, *7 Seconds In Hell*, *Trigger Of Violence* (minha favorita) e *Night Terror With Satan*. Mais um clássico na discografia.

Valtemir Amler

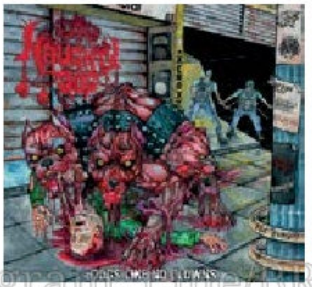
OLD AUDREY'S FUNERAL/ INVENTTOR

DOOM OF THE LIVING DEAD
FALLENIN77.CO - NAC.

8,5

Por si só, o doom metal é um subgênero do metal extremamente influente. E que transpõe limites, criando interessantes simbioses. Dois bons exemplos são as bandas mineiras Inventtor e Old Audrey's Funeral neste split, com suas respectivas fórmulas e que reiteram e ratificam o significado de criativas combinações da música pesada. Calcado no doom/death e com letras em português, o Inventtor apresenta aqui dois singles de 2021. A cadenciada *Ventos Úmidos de Sangue* e a 'mais rápida' *Medo em Seu Rosto* trazem os vocais cavernosos de Gleydson Vitalino (também baixista) e a bateria 'marcada' e eficiente de Alan Souza (responsável pelos backing vocals) – há ainda as participações dos guitarristas Denis Augsanbri e Alan Wallace (Eminence). Também com duas músicas lançadas em 2021, o Old Audrey's Funeral exibe um doom/heavy com melodias bem encaixadas, vocais mais limpos e letras em inglês em *Eternal Nights (The Witch)* e *The Plague Within* – a banda é formada por Elvis Dias (vocal), Renato Audrey e Elimar Rezende (guitarras), Tony Lessa (baixo) e Carlos Coelho (bateria). Quatro sólidas canções que merecem sua atenção e ilustram o vasto mundo do doom metal.

Thiago Prata



NAUGHTY DOG

DOGS LIKE NO CLOWNS
DEATH VOICE/ BATTLE AXE - NAC.

8,5

Em primeiro lugar, o resgate do metal tradicional é sempre bem-vindo. E isso não é papo de "tiozão nostálgico", mas é para lembrarmos que o metal é eterno, já que alguns estilos nascem e morrem no esquecimento. Claro que trabalhos "vanguardistas" são necessários, mas o tradicionalismo é mais que necessário. E, nesse sentido, o quarteto goiano Naughty Dog fez muito bem. É óbvio que todas as referências vêm da era de ouro do estilo: os anos 1980. E o bom que essa "nova velha onda" nos brinda com músicas potentes como *Keep the Flame Burn*, *Dog Like No Clowns* e *Who's the Blame*. Porém, para mim, os grandes destaques do repertório são *Naughty Dogs*, *Metal Hound* e *Out of Control*. Essas faixas dizem tudo sobre a banda, tipo: "fazemos o que gostamos, então f***!". As guitarras de Rafael Montalvão são "endemoniadas", com riffs rápidos e solos pontuais. A cozinha cumpre o dever, com o contrabaixo de Douglas Gonçalves em destaque. A voz de Junior N.N.V é aguda e rasgada, e ele sabe interpretar. Então, aproveite e ouça o álbum tocando guitarra imaginária e batendo cabeça sem dó, pois temos aqui uma verdadeira banda de sangue metálico!

Ivanei Salgado

BLOODY HEELS

ROTTEN ROMANCE
FRONTIERS MUSIC - IMP.

7,5

Parece até uma repetição do que critiquei no segundo álbum do Bloody Heels, *Ignite The Sky*, grupo de hard rock da Letônia, pois em seu terceiro trabalho os mesmos deslizes aparecem. A gravação, com a bateria na pegada digital, segue incomodando e o vocalista Vicky White teima, de forma desnecessária, em gritar em várias ocasiões. Ele precisa entender, ou alguém falar, que ele não precisa fazer o que fez Sebastian Bach no Skid Row. Tirando isso, *Rotten Romance* traz diversas faixas que vão pegar de jeito quem curte um hard rock pesado e com malícia. Sim, a pegada é hard 80's, mas o metal entra em cena com muitos riffs realmente encorpados de Harry Rivers em diversos momentos do repertório, a começar por *Dream Killers*, que traz belos gang vocals. O estilo energético também mescla muita melodia. Confira ainda as faixas *Distant Memory* (com sintetizadores bem 80's), *Hour of Sinners* (eu percebi o riff Dimebag aqui, hein?), *Mirror Mirror*, *Crow's Lullaby* e *Burning Bridges*.

Ricardo Batalha

OMAGO

DECREPITUS
VOICE MUSIC - NAC.

9,0

No death metal técnico e intrincado do debut *Decrepitus*, a banda chileno-paraibana Omago regurgita ódio acumulado sobre o lado podre do comportamento humano. Curiosamente, o grupo liderado pelo frontman Eduardo Jarry (Forahneo, Beha-

Baixe o nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILMETALHEADS

viour, Carcinoma, Stomachal Corrosion) surgiu no início da pandemia, sendo que no decorrer o perfil degradante, corruptivo e egoísta de muita gente se exacerbou no que tange às mazelas da sociedade. Tudo isso inspirou faixas brutais como *Sore Loser*, *Kingdom of Cowards*, *Cold* (com Tito Melin, do Bonebreaker) e *Decrepitus* (com letra em português). *Headless*, *Vile Schemer Vile* e *No Reconciliation* têm belos solos de Victor Hugo Targino, guitarrista responsável pela ótima produção do álbum (mix e master são assinadas pelo produtor sueco Dan Swanö) - o competente baterista convidado Demetrius Pedrosa fecha o time. Grande destaque, *Burn the Books* tem refrão que remete ao de *Dead By Dawn* do Deicide e instrumental alternando tensão, a base de um dedilhado sombrio, e partes de pura brutalidade. Decrepitus está garantido entre os destaques do ano no death metal.

Leandro Nogueira Coppi

TOTH

RISE OF THE GODS
HIMAWARI - NAC.

9,0

Quando você vê uma banda com máscaras, antes mesmo de ouvir sua música, já imagina um lado teatral. Com a paulistana Toth não é diferente. E há um conceito que abrange sua estética visual, as composições deste EP de estreia e até mesmo as alcunhas de seus integrantes, baseadas em deuses egípcios. E tudo isso influencia para um saldo altamente positivo em *Rise of the Gods*, em que Oblivium "Toth" (guitarra), Demmora "Anubis" (vocal), Atef "Sobek" (baixo) e Sekimesh "Hórus" (bateria) não se restringem a um gênero específico para apresentar quatro fortes canções (sem contar a intro). everland começa com um empolgante riff de hard/heavy, mas o que vem a seguir é uma mistura de industrial com AOR e uma veia hard moderna. Essa parte mais hard volta a transparecer na "açucarada" *iFake* e na hard/industrial *Left in the Dark* (esta com participação do rapper brasileiro e radicado na Austrália Ntres). A cereja do bolo vem com *Fading*, na qual cada integrante esbanja seu virtuosismo (e até blast beat) em prol da música. E que música! Curiosidade: o disco tem uma versão com letras em japonês.

Thiago Prata

METAL CROSS

SOUL RIPPER
FROM THE VAULTS - IMP.

8,0

O Metal Cross é uma banda da velha guarda da Dinamarca, que surgiu em 1984, mas só tinha gravado duas demo-tapes (*Metal Cross*, de 1986, e *M.A.D.H.O.U.S.E.*, de 1988) e participado de coletâneas. A história se assemelha ao nosso Virus, que integrou a coletânea *SP Metal* (1984) e só soltou seu debut em 2019. Neste caso, os dinamarqueses, que voltaram à ativa em 2014 e participaram do "Metal Magic Festival", não só resgataram algumas faixas do passado (*Written in the Sand*, *Vernal Equinox* e a *Fall of Cimbria*), como criaram novas composições. Esben Fosgerau Juhl (vocal, substituto do fundador Henrik Kjellerup), Jon Lybæk e Michael Steen Sørensen (guitarras), Ole Quist (baixo) e Peter Mogensen (bateria) souberam adaptar bem seus elementos do passado em uma produção poderosa e mais moderna. Assim, o estilo engloba o velho e bom heavy tradicional (Judas Priest, Candlemass e King Diamond incluídos) com power metal (Angel Dust e pitadas de Helloween antigo em *Fall of Cimbria*) e alguns toques de thrash metal – sim, eles são da terra do Artillery e dividiram o mesmo palco em algumas ocasiões. A primeira promovida em vídeo foi justamente a acelerada e pesada faixa de abertura, *My Time*, um das melhores do repertório. Destaques ainda para *Soul Ripper*, *Distasteful Party*, *Memento Mori* e *Vernal Equinox*. Ouça!

Ricardo Batalha

ROCK AVERAGE

QUE NOTA VOCÊ DARIA PARA?...

MÖTLEY CRÜE

SHOUT AT THE DEVIL

Entre em nosso Canal do Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Não seria exagero afirmar que, para entender o glam metal, basta passear pela discografia do Mötley Crüe. Orgulho de Los Angeles, o grupo criado em 1981 por Vince Neil (vocal), Mick Mars (guitarra), Nikki Sixx (baixo) e Tommy Lee (bateria) começou com a ira juvenil, tendo traços de sleaze em *Too Fast For Love* (1981). Depois, adotou uma imagem mais chocante e tendeu para o lado "satânico". Assim, ainda que ironizado por alguns, *Shout At The Devil* conseguiu, com o passar dos anos, a proeza de agradar gregos e troianos – não é difícil encontrar músicos e fãs de death e black metal que curtam o disco.

Com um hard'n'heavy ainda sujo, esta foi a primeira vez que o quarteto sentiu o gosto do sucesso. Também pudera: o álbum produzido por Tom Werman abre com a narrativa *In The Beginning*, feita pelo engenheiro de som Geoff Workman, segue com a marcante faixa-título e traz os singles *Looks That Kill* e *Too Young To Fall In Love* estava mesmo na hora certa e no lugar certo. Ainda tem um cover de *Helter Skelter* dos Beatles, faixas agressivas como *Bastard* (uma "homenagem" ao ex-agente Alan Coffman) e *Red Hot*, as cadenciadas *Knock 'Em Dead, Kid* e *Ten Seconds To Love* e se encerra com a balada *Danger*. God Bless The Children Of The Beast...

Alessandro Bonassoli (colaborador): **10**
Antonio Carlos Monteiro (redator): **8,0**
Claudio Vicentin (editor): **7,0**
Daniel Dutra (colaborador): **9,0**
Écio Souza Diniz (colaborador): **8,0**
Guilherme Spiazzi (colaborador): **9,0**
Heverton Souza (colaborador): **10**
Ivanei Salgado (colaborador): **10**
João Messias Jr. (colaborador): **9,0**
Leandro de Oliveira (diretor de arte): **7,5**
Leandro Nogueira Coppi (colaborador): **8,5**
Leonardo M. Brauna (colaborador): **10**
Luiz Cesar Pimentel (colunista): **10**
Maicon Leite (colaborador): **8,0**
Matheus Vieira (colaborador): **9,0**
Ricardo Batalha (redator-chefe): **9,0**
Sergiomar Menezes (colaborador): **9,0**
Thiago Prata (colaborador): **9,0**
Valtemir Amler (colaborador): **9,0**

MÉDIA FINAL:

8,8

GHOST

IMPERA
UNIVERSAL - NAC.

8,5

Espere um pouco, antes de qualquer outra coisa, uma pequena mudança de planos. Você sabe, eu estava pronto para lançar meu tradicional 'pule a introdução, e vá direto até a segunda faixa', mas a verdade é que *Imperium* é uma 'intro' tão boa, que peço que preste atenção. As linhas de guitarra, tanto a base (dedilhada) quanto a solo soam extremamente bem, e criam o ambiente perfeito para a mistura de hard rock setentista e AOR trazida à tona em *Kaisarion*, que conta com melodias (na voz e nas guitarras) tão legais e grudentas que nunca sairão da sua cabeça. Mantendo a mesma linha cativante e super melódica, *Spillways* vem em seguida, sendo sucedida por um dos primeiros singles, a ótima *Call Me Little Sunshine*, que, deixando de lado qualquer comparação pejorativa, tem todas as ótimas qualidades dos grandes hits do velho Blue Öyster Cult: melodia firme e um tanto lúgubre, flertes líricos com uma força obscura que tem algo de 'piedade' em sua 'maldade' – lembra de (*Don't Fear*) *The Reaper*? – e aquela característica de canção atemporal, que perdurará em eternas citações em livros, filmes e seriados, quer apostar? Seguindo na trilha das 'favoritas da casa', os riffs soberbos e o clima agourento de *Watcher in the Sky* garantem o posto entre as melhores do repertório, algo que *Darkness at the Heart of My Love* consegue com seu clima depressivo e uma provocada sensação de familiaridade, a sensação de que você já ouviu aquela música antes. Bem, de agora em diante, ouvirá para sempre, pois é do Ghost que falamos. Foi-se há tempos o mistério, ficou a ótima música. Salvou-se o que realmente valia a pena!

Valtemir Amler

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRAVEWARRIORS

CLOVEN HOOF

TIME ASSASSIN
HEAVY METAL RECORDS - IMP.

4,0

É lamentável que um nome tão forte e respeitado apresente algo tão abaixo da média. A abertura, com *Guardians of the Universe*, vem repleta de melodias irritantes, vocal gritado demais (sem necessidade), bateria programada, além de teclados pavorosos, que aparecem em outros momentos do repertório. É bem verdade que se trata de um disco muito pesado para os padrões dos ingleses, tem alguns bons momentos, mas só ser pesado não ganha jogo. Tendo o baixista Lee Payne como único integrante original, o Cloven Hoof hoje conta com George Call (vocal), Ash Baker e Chris Coss (guitarras) e Mark Bristow (bateria), músicos que desta vez falharam miseravelmente. Se fosse uma banda iniciante até daria para relevar alguns pontos. Porém, estamos falando de um nome tradicional da NWOBHM. Dá até vergonha alheia escutar algumas faixas desta conclusão da saga *Dominator*, iniciada em 1988. Passe longe e vá atrás dos álbuns anteriores, inclusive *Eye of the Sun* (2006), que alguns reclamaram por ter uma "linha mais hard rock".

Ricardo Batalha

HARDCORE SUPERSTAR

ABRAKADABRA
GOLDEN ROBOT - IMP.

7,5

Comparado no início com o Bang Tango, já faz muito tempo que o Hardcore Superstar não precisa mais provar que tem identidade própria. Desde que lançou o homônimo *Hardcore Superstar*, seu quinto e mais bem sucedido álbum da carreira, o grupo passou a ser tratado como referência do hard rock/sleaze glam da Suécia, junto com Backyard Babies e Crashdïet. Em 2022, o HCSS celebra um quarto de século com novo álbum, *Abrakadabra*. Para a banda, seu 12° álbum é uma "continuação natural" de *Hardcore Superstar*. Tudo bem, trata-se de um trabalho muito bacana, a faixa-título o abre com efeitos similares aos da música (também de abertura) *Kick on the Upperclass* e, intencionalmente, o HCSS tornou a convocar Johan Reivén para a produção. Entretanto, é um disco que não dá para ser comparado com a obra-prima de 2005. Mas ignoremos quaisquer comparações, só por faixas como *Abrakadabra*, *Weep When You Die*, *Fighter* e as ótimas *Catch Me If You Can* e *Forever and a Day*, que lembra muito *Love ain't No Strangers* (Whitesnake), esse novo álbum do Hardcore Superstar já merece respeito.

Leandro Nogueira Coppi

AEON

GOD ENDS HERE
MUTILATION/MINDSCRAPE - NAC.

8,5

Foi um parto bastante difícil. *Aeons Black* foi lançado no longínquo 2012 e, desde então, os fãs minguavam na falta de músicas e notícias sobre a banda fundada pelo guitarrista Zeb Nilsson e o vocalista Tommy Dahlström. Pois bem, os motivos para os atrasos foram vários, mas todos devidamente superados, e assim temos *God Ends Here*, novo registro dos suecos. Sem grandes surpresas, eles permanecem mais afeitos aos moldes da Flórida do que aos da Suécia, e você certamente perceberá um groove à moda Deicide em *Let It Burn*, um dos destaques entre as 16 novas faixas. Apostando em boas variações de dinâmica, o álbum traz petardos velozes como *Deny Them Eternity*, *Despise The Cross* e *Liar's Den* com outras mais cadenciadas, como *Into The Void* e *Queen Of Lies*, ambas com a mesma devoção aos velhos moldes do death metal. Uma belíssima adição a ainda curta discografia do Aeon, e um ótimo tributo à memória do imortal L.G. Petrov. Agora é esperar que o próximo álbum não demore outra década até ser lançado.

Valtemir Amler

GURO

MISSA PROFANA
INDEPENDENTE - NAC.

7,5

Com alguns anos de experiência no cenário, e depois de arrepiar os cabelos do underground no ano passado com sua estreia oficial, *Anticristo*, os paranaenses do curo estão de volta com novo álbum, *Missa Profana*. E novamente, a parte mais difícil é categorizar a música desse trio insano em uma única categoria. A base musical vem do grindcore, e canções viscerais e rápidas como *Mão Esquerda*, *Missa Profana* e *Retaliação* vão bem por esse caminho, acelerando muito com suas influências do crust/punk. Em outros instantes surgem músicas com cunho quase thrash, caso de *Izo* e *Ética da Morte*, por exemplo. Além disso, existem outros momentos de doideira musical total, como se percebe no riff cheio de 'groove' em *Morte ao Proletário* e em *Deadly Nightmares*, um stoner dos mais chapados de que se tem notícia por essas terras. Ou seja, se é fã de música extrema, ou de música absolutamente enlouquecida, vale a pena conferir.

Valtemir Amler

PARADOX

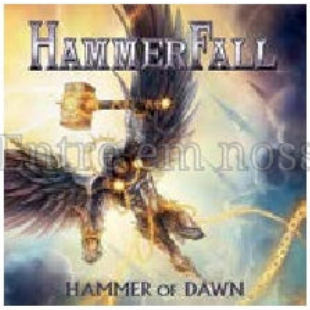
HERESY II - END OF A LEGEND
AFM - IMP.

8,0

Em seu oitavo álbum, sexto após retomar as atividades no começo dos anos 2000 com *Collision Course*, o grupo alemão Paradox consegue agradar fãs de thrash e power metal. Claro, o remanescente da formação clássica, Charly Steinhauer (vocal e guitarra), sabe bem do riscado desde a fase *Product of Imagination* (1987) e o clássico *Heresy*

(1989). Acompanhada novamente pelo cofundador Axel Blaha (bateria) e por Christian Münzner (guitarra) e Olly Keller (baixo), Steinhauer apresenta em *Heresy II – End of a Legend* um som energético em que muitas faixas são velozes. A primeira coisa que vem à mente é o Blind Guardian dos primeiros tempos, com doses de thrash metal. Com arte de capa de Travis Smith (Opeth, Nevermore) e conceito lírico a cargo de Peter Vogt, as letras falam sobre a história da cruzada da Igreja Católica contra os cismáticos cátaros no Século 13 – o repertório começa onde a primeira parte terminou, em 1990. Amplos destaques ainda para *Unholy Conspiracy*, *Priestly Vows*, a longa *The Great Denial* e *Children of a Virgin*, esta última seguindo a linha do Rage de *Black in Mind* e do Blind Guardian. Se aquela coisa quando você escuta que power metal tem coisas "firulentas", orquestrações em excesso ou que exageram em super produções? Tire tudo isso e terá o power agressivo, com aquele tempero alemão da versão obscura da cidade de Wurtzburgo. Este é o Paradox.

Ricardo Batalha



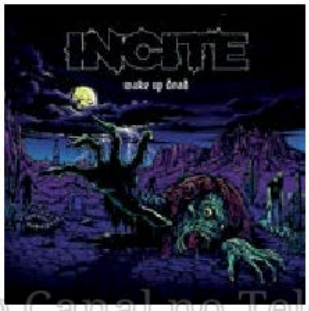
HAMMERFALL

HAMMER OF DAWN
NAPALM - IMP.

7,0

Se o híbrido power metal melódico tem um problema, ele pode ser chamado de saturação. Se não há espaço para inovações ou se as bandas não têm interesse em sair da zona de conforto, pouco importa para os fãs do estilo. E no caso do Hammerfall, em *Hammer of Dawn*, seu 12º disco de estúdio, Joacim Cans (vocal), Oscar Dronjak e Pontus Norgren (guitarras), Fredrik Larsson (baixo) e David Wallin (bateria) entregam aos fãs da banda exatamente o que eles querem ouvir. Então, quem se importa com o corinho bunda mole "nã nã nã" em *Reveries*, pior música do disco? Ou com a chatíssima *Too Old to Die Young*? Afinal, *Brotherhood* já abre os trabalhos com aquele clichê do bumbo duplo, só que aí o riff bacana, o refrão bem legal e Cans salvam o jogo – o vocalista, aliás, é o destaque do álbum. Mais do que o ótimo solo de Norgren, a faixa-título junta as palavras "thunder", "lightning", "hammer" e "fighting" num coro molezinha para o fã se acabar de cantar nos shows. E não dá para esperar muito mais do que isso. Ou do metal tradicional de *No Son of Odin*, da baladinha *Not Today*, do refrão cola-tudo de *No Mercy*, do coral à la Manowar que quase coloca tudo a perder em *Live Free or Die*... Mas tem duas faixas que valem mesmo o CD: *Venerate Me*, com participação de King Diamond em vocais colocados de maneira inteligente, e *State of the W.I.L.D.*, comandada por um grande trabalho de guitarras.

Daniel Dutra



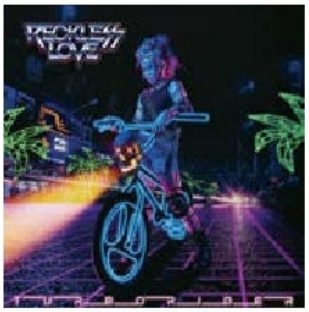
INCITE

WAKE UP DEAD
ATOMIC FIRE - IMP.

8,0

Desde que começou a atrair olhares internacionais com o seu primeiro álbum completo, *The Slaughter* (2009), a banda do Arizona (EUA) sempre apostou no thrash metal, mas nunca esteve conectada à vertente mais clássica do estilo, aquela cujos padrões foram fixados pela geração oitentista da Califórnia. Fazendo uma mistura brutal daquele thrash com elementos um pouco mais modernos (o 'groove' noventista de Pantera e Machine Head) e elementos de hardcore (Madball, Hatebreed), eles conseguiram chegar em sua fórmula própria, revista e expandida neste novo *Wake Up Dead*, seu disco mais brutal em anos. Liricamente mais conectado ao vocalista Richie C., o novo álbum entrega tudo em canções viscerais como *Fuck With Me (Wake Up Dead)*, dona de um 'breakdown' de tirar o fôlego, *Sucker Punched* e *Built To Destroy*, essa última fazendo honrar seu título em cada riff, em cada pegada do baterista Lennon Lopez. Portanto, se admira a sonoridade de bandas como Lamb Of God, Exhorder e Pantera, ou se sente falta de bandas como Sworn Enemy e Full Blown Chaos, temos aqui um disco na medida para você.

Valtemir Amler



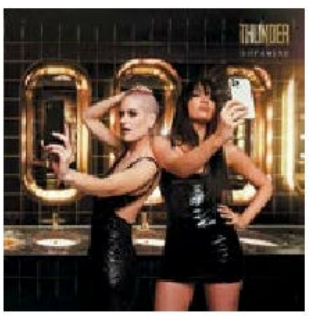
RECKLESS LOVE

TURBORIDER
AFM - IMP.

6,5

Há seis anos, quando o Reckless Love lançou o álbum *InVader*, a sensação para muitos fãs foi de total estranheza. Dessa vez, o grupo finlandês vem com o sucessor *Turborider*, optando em nova mudança sonora. Se a modernidade foi o mote de *InVader*, nesse quinto álbum de estúdio a investida de Olli Herman (vocal), Pepe (guitarra), Jalle Verne (baixo) e Hessu Max (bateria) é pelo resgate do clima mágico e cinematográfico que a synthwave proporcionava à década de 1980. Apesar de essa proposta não ser pioneira nos dias atuais, o resultado não ficou ruim, músicas como a própria *Turborider*, *Outrun* e a quase disco music *'89 Sparkle* causam um agradável sentimento de nostalgia. Além disso, as linhas vocais de Olli e os solos de Pepe soam instigantes. O problema é que, fora a bateria eletrônica tomando o lugar da orgânica, no geral *Turborider* soa repetitivo. Adaptar o cover de *Bark at the Moon* (Ozzy Osbourne) para essa proposta então, foi sacanagem! É uma pena ver o Reckless Love perdendo a identidade mostrada em seus três primeiros álbuns e surfando no que for a onda do momento.

Leandro Nogueira Coppi



THUNDER

DOPAMINE
BMG - NAC.

9,0

Um ano depois do ótimo *All the Right Noises*, o Thunder abusou da criatividade para lançar seu novo trabalho. Sim, porque *Dopamine* traz 16 músicas num CD duplo, e o melhor é que o 14º disco do estúdio do quinteto inglês Danny Bowes (vocal), Luke Morley e Ben Matthews (guitarra e teclados), Chris Childs (baixo) e Gary James (bateria) manteve o padrão de qualidade. E adicionando uma versatilidade que torna a audição tanto prazerosa quanto muito fácil. A adição de coros femininos logo na segunda faixa, *One Day We'll Be Free Again*, ficou tão boa que rolou bis na excelente *I Don't Believe the World*, cujo groove peculiar a deixa distante do lugar-comum. E por falar em destaque, o pódio fica com a maravilhosa *Big Pink Supermoon*, que entra forte na disputa de melhor música de 2022. A levada soul, os teclados (piano, inclusive), o trabalho de baixo, os solo (de sax, também), o refrão... Brilhante! E você encontra blues em *Even If it Takes a Lifetime* (que refrão!), country rock em *Last Orders*, classic rock *The Western Sky*, *All the Way* e *Dancing in the Sunshine*, algo mais moderno em *Black*, hard'n'roll em *The Dead City*, intimismo em *Is Anybody Out There?*... Ouça e não se canse nunca!

Daniel Dutra

EVERLIT

WELCOME TO THE SHOW
INDEPENDENTE - IMP.

8,0

Quem tem banda ultimamente fica confuso em lançar somente singles, EPs ou álbuns completos. Pois bem, a americana Everlit estreou com um EP, *Renovate* (2015), e agora combinou todos os seus singles lançados e apresentou, no ano passado, o álbum *Welcome to the Show*. Trata-se de um dos melhores no que chamam de modern hard rock. Porém, o estilo traz metal, post-hardcore, nu metal e pop. Autor da arte de capa, o vocalista Ryan Panfil é um dos grandes destaques, com uma boa versatilidade e uma voz limpa e melódica na linha do australiano Trenton Woodley (Hands Like Houses) e do brasileiro Theo Vieira (About2Crash, ex-Hard Rocket, Sunseth Midnight, Hangar, Delpht e Widow). Por falar em Brasil, o começo da faixa *Afterglow* remete ao estilo do Threat. Já na densa e mais melancólica *American Psycho* consta a participação do vocalista Spencer Sotelo (Periphery). Destaques ainda para a excelente faixa-título, *Unbreakable*, *Immortal*, *Bullets & Bandages* e *The Call of Gaia*.

Ricardo Batalha

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

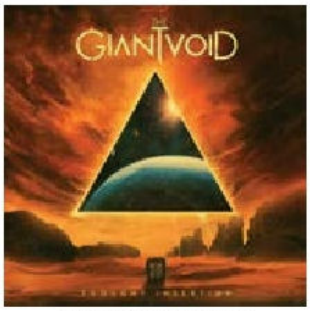
ZINNY ZAN

LULLABIES FOR THE MASSES
WILD KINGDOM - IMP.

7,5

O vocalista sueco Zinny J. Zan, conhecido pelo Shotgun Messiah, Kingpin, Zan Clan e Easy Action, se uniu a Stefan Bergström (guitarra, Skintrade) e Hogge Calmroth (baixo, ex-Skintrade) e apresenta *Lullabies for the Masses*, que abre com *Heartbreak City*, um belíssimo hard rock. *Bombs Away* vem na sequência e mantém o nível lá no alto. Já *It's No Good*, cover do Depeche Mode, vem num formato mais modern hard rock, com Zinny mandando um vocal mais grave e "falado" – no clipe aparece Martina Axén (ex-Drain Sth) na percussão. Na mesma pegada vem *Nobody Gets out of Here Alive*, mas a coisa retoma a energia com a rocker *Welcome To The Show* e *Let It Rock*. A última do repertório, *The One*, tem uma pegada Ozzy Osbourne. O álbum ainda conta com a presença de músicos de renome, como Nalle Påhlsson (baixo, Treat, Therion e outras), Håkan "Måsen" Persson (bateria, Skintrade), Jolle Atlagic (bateria, Electric Boys e The Quill) e Johan Koleberg (bateria, Zan Clan, Wolf, Talk Of The Town, Lion's Share e outros). Trabalho bem interessante, mas não espere Zinny cantando rasgado e alto como no primeirão do Shotgun Messiah.

Ricardo Batalha



THE GIANT VOID

THOUGHT INSERTION
SOM DO DARMA - NAC.

8,0

Tought Insertion marca a estreia do The Giant Void, que é capitaneado pelo músico e produtor Felipe Colenci (ex-Blackdome e Fire Diamond). Ele gravou guitarra e baixo e convocou Hugo Rafael para cuidar dos vocais, enquanto o alemão Michael Ehré (Gamma Ray, Primal Fear e Uli Jon Roth), foi escalado para as baquetas. O resultado é um dos melhores lançamentos do Brasil em 2021, com elementos de prog e power, mas sem exagerados arranjos que marcam muitas das bandas destas linhas. *Bite The Bullet*, com a participação do ótimo vocalista Adrian Barilari (Rata Blanca), já mostra a que veio o The Giant Void. É metalzão de primeira e duvido você ficar indiferente àquele refrão ou aos solos de guitarra. Peso e velocidade são as marcas de *Chernobyl*, que Colenci havia criado para a Blackdome. A pesadona *Voidwalker*, *Beltalowda* e as ótimas *Ordinary Man* e *Dead End Job* são outras que destaco, mas todas as nove faixas merecem repetidas audições. Detalhe positivo demais também a arte da capa, criada por Carlos Fides (Kamelot, Evergrey, Shaman, Noturnall, Edu Falaschi, FlowerLeaf, Alchemia e outros). E se tiver a chance de ver o The Giant Void ao vivo, não deixe passar a oportunidade.

Alessandro Bonassoli

JIZZY PEARL'S LOVE/HATE

HELL, CA
GOLDEN ROBOT - IMP.

8,0

Seja lá como ele assine, Love/Hate, Jizzy Pearl of Love/Hate ou agora Jizzy Pearl's Love/Hate, é nessa banda que o vocalista de nome atrelado também à Quiet Riot, L.A. Guns, Ratt e Adler's Appetite, se sente em casa. *Hell, Ca*, título do sétimo álbum de estúdio do Love/Hate, remete não só a *Hell, Ca, Pop. 4*, faixa de encerramento do debut *Blackout in the Red Room* (1990), como a um lugar homônimo e real fundado em 1954 por Charles Carr – quatro anos depois, ele, sua esposa e filho eram os únicos habitantes desse local que ficou isolado pela construção de rodovias. A faixa de abertura, *One Hot Minute*, tem a explosão do velho Guns N'Roses e é a única ainda com algum vies funkeado, característica que já foi bem mais marcante no som da banda. Muito de Zeppelin aparece em *Acid Babe*, *When You Gonna Come Home* e *Lonely Days Are Gone*. Outros destaques são *Bruised and Battered*, *Soul Mama*, *Hard to Say Goodbye* e *Gonna Take You Higher*, que fala de Jack Parsons, um dos pioneiros da aviação de foguetes e devoto do ocultista Aleister Crowley. Hell Ca tem cacife para unir-se a *Blackout*... e a *Wasted In America* (1992) no top 3 dos fãs do hoje reformulado Love/Hate.

Leandro Nogueira Coppi

WHITE SPIRIT

RIGHT OR WRONG
CONQUEST MUSIC - IMP.

7,5

Este é o mesmo White Spirit, surgido na fase da NWOBHM e que reaparece 42 anos depois do clássico debut. O que temos aqui é o que seria o segundo álbum, que trazia mudanças na formação, pois Janick Gers, hoje no Iron Maiden, saiu para se juntar à banda de Ian Gillan e foi substituído por Mick Tucker, que foi para o Tank junto ao saudoso Graeme Crallan (bateria). Além disso, Toby Sadler (baixo) entrou no lugar de Phil Brady e Bruce Ruff cedeu o posto ao também saudoso Brian Howe, que fez fama ao entrar no Bad Company após passar pela banda de Ted Nugent. Quem deu o start para este projeto de resgate foi o tecladista Malcolm Pearson, que encontrou as tapes originais. Como algumas faixas com Howe não conseguiram ser recuperadas, o jeito foi contar com vocalistas convidados, e aí Jeff Scott Soto e Lee Small (Lionheart, Shy, Phenomena e Sweet) entraram em cena. Tucker e Pearson também trouxeram Neil Murray (Whitesnake) e Russell Gilbrook (Uriah Heep) para regravar a seção rítmica. E tem mais um convidado super especial que presta uma grande homenagem a Howe, Steve Overland (FM), que participa na regravação da clássica *Holy Water*, do Bad Company. Afora isso, a mixagem ficou a cargo de Pontus Norgren (Hammerfall). O White Spirit sempre caminhou mais para o hard rock com muitos teclados e aqui não é diferente. Ouça *Right Or Wrong* e *Better Watch Out* (com Soto), *Runaway* e *Lady of the Night* (com Howe), *Don't Say No* (com Lee Small). Belo resgate de um trabalho que muitos pensavam que nem existia e agora também serve como um tributo a Howe.

Ricardo Batalha

SPADES VANDALL

ROCKS
TREPADA/DOCTOR ROCK/
HURRICANE - NAC.

9,0

E o maior nome do hard/sleaze nacional está de volta com um novo trabalho autoral! Spades Vandall nos apresenta *ROCKS*, um álbum com 10 faixas de puro rock e adrenalina, como só alguém com conhecimento de causa pode fazer. Acompanhado por Lucky Trance (guitarra) e Lee Wills (baixo e backing vocals), Spades se encarregou da bateria, percussão e, obviamente, dos vocais. Além disso, há ainda participações de Mateus Rister (Pétalas Insanas) e Francis Lima (Goaten) em duas faixas. Gravado no Estúdio Hurricane, sob a produção do experiente Sebastian Carsin, o trabalho já é candidato a figurar nas listas de melhores de 2022. Se duvida, escute a primeira faixa, *Satisfaction Guaranteed*, e comprove. Impossível ser fã do estilo e também não se empolgar com *Out of Jail*, *Looking for a Thrill* (regravação de uma das faixas da saudosa Savannah, antiga banda de Spades), *She's a Devil Woman* e *I'm Too Bad*, dona de um refrão pegajoso. Confira também a ótima versão de *I Won't Say Goodbye*, do também saudoso Réus Anjos, outro grande nome do cenário gaúcho e que contava com Lee Wills. Ouça também as versões para *Candy Boy*, *Shock the Plastic Doll* e *Don't Waste my Time*, da banda uruguaia Banzai Babies, projeto de glam metal do produtor Carsin. Um trabalho que é uma verdadeira aula de como fazer o que se gosta com excelência sem precisar se render a nenhum modismo. Resumindo: o título é uma das maiores certezas do universo hard/sleaze: Spades Vandall Rocks!

Sergiomar Menezes

Acesso Gratuito Telegram: t.me/BRAZILIANWARRIORS

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

"RECIPE OF HATE"

NOVO ÁLBUM DO DROWNED

COM A MESMA FORMAÇÃO QUE GRAVOU O "BONEGRINDER"!

DISPONÍVEL APENAS 500 CÓPIAS EM CD
COM BONUS, SLIPCASE E POSTER

CONTATO PARA SHOWS: RAFAEL - (31) 98899-2364 | booking@drowned.com.br

FACEBOOK: drownedmetal | INSTAGRAM: drowned_band

Distribuído nos EUA por GREYHAZE RECORDS

COGUMELO RECORDS
www.cogumelo.com

Spotify DEEZER MUSIC Google Play Music YouTube

VENDAS: COGUMELORECORDS.LOJA2.COM.BR OU FACEBOOK.COM/COGUMELORECOFICIAL

HALESTORM

BACK FROM THE DEAD
WARNER - NAC.

9,0

Se você está se perguntando o que faz uma resenha do Halestorm na ROADIE CREW, posso responder a você pedindo que escute o quinto disco de estúdio da banda americana, porque Lzzy Hale (vocal e guitarra), Joe Hottinger (guitarra), Josh Smith (baixo) e Arejay Hale (bateria) ratificaram com *Back from the Dead* que merecem não apenas estar aqui, mas cair no gosto de quem curte heavy rock. Sem preconceitos. Aliás, a faixa-título, lançada como single em setembro de 2021, já apontava para o trabalho mais pesado do quarteto. E não estava errado, e a interpretação nervosa de Lzzy ainda é um bônus de luxo. Ela canta tanto quanto o irmão toca batera – ou seja, muito! –, mas aqui mostra uma raiva, uma agressividade com intensidade até então inédita. *Wicked Ways* e a nervosa *Brightside* são ótimos exemplos de como ela soltou a garganta com vontade. O que também tem muito a ver com o conteúdo lírico, que vai da insatisfação com o mundo (a balada *Terrible Things* não é uma canção de amor) ao reencontro com os fãs, caso da ótima *The Steeple*. Talvez *I Come First* seja a faixa que mais se aproxima do que os fãs mais tradicionais esperam, mas aqui o Halestorm usou muito bem elementos mais modernos e pop sem desvirtuar do lado mais tradicional do metal, como em *Strange Girl* (ô refrão grudento!), *Psycho Crazy* e na excelente *Bombshell*, que chega a flertar com o industrial e ainda traz uma melodia vocal com bem sacados trechos mais funkeados. Tudo isso até *Raise Your Horns* encerrar a audição de maneira surpreendente. Ouça e entenda. Baita disco.

Daniel Dutra

Entre em nosso Grupo no Telegram: BRASILREVISTAS

UDO DIRKSCHNEIDER

MY WAY
ATOMIC FIRE - IMP.

8,0

Por conta de seu timbre único, Udo Dirkschneider é daqueles caras que divide o mundo em dois: metade adora sua voz gutural puxando para o agudo, o que fez alguns a definirem como sendo equivalente a um "Pato Donald rouco", enquanto a outra metade detesta o cara exatamente pelo mesmo motivo. Ele provavelmente está dando de ombros pra isso. Afinal, são décadas de uma profícua trajetória que renderam a ele fama e fortuna. E agora que está completando 70 anos, ele resolveu celebrar a data com um disco de versões dos mais variados artistas. E bota variedade nisso! Aqui estão, entre muitos outros, Rolling Stones, Led Zeppelin, Tina Turner e Queen, até desembocar na faixa-título, tema que marcou a carreira de ninguém menos que Frank Sinatra (e que Udo cantou com voz "normal"). Claro que *My Way*, o disco, tem tudo para repetir a sina: quem gosta de Udo vai adorar a forma como ele reescreveu vocais de Freddie Mercury, Robert Plant e Mick Jagger; quem detesta vai achar uma heresia. Mas não deixa de ser uma experiência interessante acompanhar esses temas sob uma nova perspectiva – e que fique registrado o belíssimo trabalho da banda que o acompanhou ao recriar fielmente cada tema, além de colocar uma dose de peso em cada um deles.

Antonio Carlos Monteiro

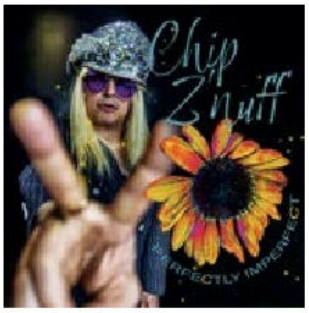
SACRIFIX

THE LIMIT OF THRASH
INDEPENDENTE - NAC.

7,5

Se você gostou de *World Decay 19* (2021), trampo de estreia do paulistano Sacrifix, saiba que nas plataformas digitais tem agora *The Limit of Thrash*, um EP com mais três doses do thrash metal fortemente influenciado pelos grandes nomes dos anos 1980, mas sem soar como mera emulação daquela era. Frank Gasparotto (vocal e guitarra), Kexo (baixo) e Gustavo Piza (bateria), que estavam dedicados à gravação do próximo full-length quando liberaram o EP, continuam firmes em assegurar a dor no pescoço da galera. A primeira das inéditas, a pedrada *Thrash Again* já deixa isso bem claro. Na sequência vem uma grata surpresa e uma prova do respeito não só às influências da Bay Area, mas também aos pioneiros brasileiros, com um belo cover para *No Limite da Força*, do Anthares, banda que Gasparotto chegou a integrar. Voltei à minha adolescência com um sorriso no rosto e sem sentimento triste de "naquela época era melhor". Fechando esse curto, mas importante novo capítulo da história do Sacrifix, temos a versão demo da faixa-título de *World Decay 19*. Só uma guitarra, sem produção, mixagem e masterização, dando aquele saudoso som das demo-tapes que foram fundamentais para a consolidação do metal em todo o mundo.

Alessandro Bonassoli



CHIP Z'NUFF

PERFECTLY IMPERFECT
FRONTIERS MUSIC - IMP.

4,0

Em 2015, Chip Z'Nuff, baixista e hoje vocalista do Enuff Z'Nuff, banda da geração hair metal dos gloriosos anos 80 do hard rock, lançou seu primeiro álbum solo, *Strange Time*. Nele, apostou em uma sonoridade inofensiva, exageradamente lisérgica e recheada de efeitos. Passados todos esses anos, Chip nos apresenta agora esse seu novo álbum solo, *Perfectly Imperfect*. E quer saber? Trata-se praticamente de um repeteco de *Strange Time*, inclusive pelo fato de novamente algumas referências lembrarem o álbum *Tweaked*, um dos mais fracos da carreira do EzN – há até uma releitura de *Heroin*. Assim sendo, prepare-se para mais um punhado de músicas insossas e 'viajandonas', em que, com muito esforço, salvam-se apenas *Roll On* e *3 Way*, faixas que dão algum 'up' para o repertório. Nem as participações do guitarrista Joel Hoekstra (Whitesnake, Michael Sweet, TSO, Cher) e do baterista Steven Adler (Guns N' Roses, Adler's Appetite), ou o cover de *Honaloochie Boogie* (Mott the Hoople) fazem diferença. Álbum solo por álbum solo, Donnie Vie, ex-parceiro de longa data de Chip no EzN, lançou um bem melhor em 2021: *Beautiful Things*. Esse sim eu recomendo!

Leandro Nogueira Coppi

RONNIE ATKINS

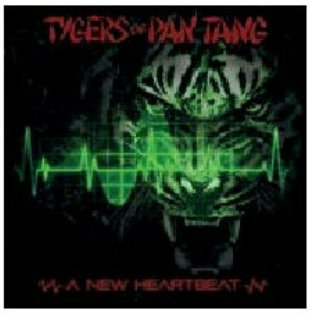
MAKE IT COUNT
FRONTIERS MUSIC - IMP.

9,0

Após a estreia solo com *One Shot*, lançado no ano passado, Ronnie Atkins (Pretty Maids, Nordic Union) apresenta *Make It Count*, que traz faixas variando entre o melodic rock, hard'n'heavy e metal. Lutando contra um câncer de pulmão, o vocalista havia declarado que a melhor maneira de enfrentar a situação era não parar de trabalhar. Assim, ele aborda parte de sua luta nas letras: "Temos que tirar o melhor proveito da vida. É impossível escrever sobre sexo, drogas e rock'n'roll ou qualquer outra coisa vivendo com uma doença fatal e uma adaga pendurada acima de sua cabeça. Ainda sinto que estou correndo contra o tempo por causa do meu diagnóstico", declarou o dinamarquês, que novamente trabalhou com o produtor Chris Laney e vários convidados que tinham participado de *One Shot*, como Allan Sørensen, Morten Sandager, Pontus Egberg, Anders Ringman, Pontus Norgren, John Berg, Linnea Vikström Egg, além de Oliver Hartmann.

Destaque imediato do repertório, *Blood Cries Out* tem riffs pesados e uma estrutura mais próxima da fase *Future World* (1987), do Pretty Maids. Não tem como dissociar o estilo pessoal de Atkins, com as variações de timbres vocais, ao de sua banda principal. Assim, outros destaques são faixas que se aproximam do Pretty Maids, como a ótima *Fallen*, além de *I've Hurt Myself (By Hurting You)*, *Rising Tide*, *The Tracks We Leave Behind* e *All I Ask of You*. Quase 40 anos após sua estreia com o primeiro EP do Pretty Maids, Atkins demonstra a mesma força, ânimo e vitalidade. Uma referência na música e na vida.

Ricardo Batalha



TYGERS OF PAN TANG

A NEW HEARTBEAT
MIGHTY MUSIC - IMP.

8,0

Em 2019 saiu o ótimo álbum *Ritual*, seguido pela coletânea *Majors & Minors* (2021), mas agora o Tygers of Pan Tang apresenta um novo EP, *A New Heartbeat*, que marca a estreia do novo guitarrista, Francesco Marras, para acompanhar o fundador Robb Weir. Das quatro faixas, que tiveram mixagem de Marco Angioni (Vulcano, Evil, Freak Of Nature, Iron Fire, Junkyard Drive, Mike Tramp e Reece) e masterização de Harry Hess (Harem Scarem), duas são novas. As outras são versões encorpadas para as antigas *Fireclown* e *Killers*, ambas do debut *Wild Cat* (1980) e que não tinham sido revisitadas ainda – em 2010, os ingleses soltaram o EP *The Wildcat Sessions*, com cinco faixas do primeiro disco regravadas. Vale lembrar que a formação, completada por Jacopo "Jack" Meille (vocal) e Craig Ellis (bateria) agora tem um novo baixista, Huw Holding, mas quem registrou o baixo foi Gavin Gray. As inéditas, *A New Heartbeat* e *Red Mist*, seguem a linha hard'n'heavy, com bons riffs e aquele show costumeiro de interpretação de Jack Meille. Estas são apenas uma bela amostra do que esperar do próximo full-length. Um EP que une o passado e o futuro e vai contentar os seguidores desta lenda da NWOBHM.

Ricardo Batalha

HEARTLAND

INTO THE FUTURE
ESCAPE MUSIC - IMP.

7,5

Se o título da coletânea *Travelling Through Time*, lançada dez anos atrás, olhava para o passado da banda do vocalista Chris Ousey (Virginia Wolf, Snakecharmer e outros), que estreou com o debut homônimo há trinta anos, o conceito de "ir para o futuro" poderia denotar algo além do nosso tempo. Mas isso, musicalmente, nada tem a ver com o novo álbum Heartland. Ousey, que tinha soltado seu álbum solo, *Dream Machine*, em 2016, agora está acompanhado pelos guitarristas Mike Slamer (Seventh Key, Streets, City Boy, Overland e outros) e Barish Kepic, além de Wayne Banks (baixo), David Anthony (bateria) e Ged Rylands (teclado). O resultado do primeiro de inéditas desde 2007 é o mesmo melodic e hard rock classudo com a inconfundível competência vocal de Ousey. Há alguns toques de prog e uma aura anos 70, especialmente nos teclados e no Hammond, mas a banda inglesa explora bem a sua faceta hard em *Caught Up* (com um belo suingue na caída após o solo), *A Dangerous Game*, *Mouth To Mouth* e *Climbing Your Wall*. Falta aquele hit AOR, se é que me entende, mas ainda assim outros destaques vão para *White Lies* e *When The Band Plays*.

Ricardo Batalha

TRIBAL SCREAM

SACRED LEGACY
WYN RECORDS - NAC.

9,0

Uma cozinha de peso antecede riffs ríspidos e inspirados e vocais com várias texturas da seara do metal extremo. É assim que o Tribal Scream inicia um debut devastador no que se refere à musicalidade thrash/death, com menções ao heavy clássico e até o hard rock, e uma lírica manifestada em viscerais crônicas que emergem como um grito contra qualquer tipo de preconceito. Com metade de seu time oriundo de uma era clássica do Torture Squad – o vocalista Vitor Rodrigues (Victorizer) e o guitarrista Maurício Nogueira (ex-Matanza e Krisiun) – e a outra parcela composta pelos também exímios músicos Vinnie Savastanno (baixo, ex-Playriff e Rygel) e Rômulo "Minduim" (bateria, Victorizer), o Tribal Scream emplaca no começo de *Sacred Legacy* uma trinca espetacular e calcada no thrash/death (*To Each His Own*, *Out of This Hell* e *We Shall Remain*), tece uma homenagem à história do metal com a heavy/hard *Party Rock (With My Heroes)*, exibindo a versatilidade de Vitor nos vocais, evidencia outras nuances agressivas com *Gruesome But Silence*, *Lords of Dead World* e a faixa-título e descamba para um encerramento "Sabbath" em *Solitude*. Foda!

Thiago Prata

Entre em nosso grupo do Telegram: t.me/BRASILHEAVYSTAS

GENTLE SAVAGE

MIDNIGHT WAYLAY
GREY BETON - IMP.

8,5

Banda de hard rock oriunda da Finlândia, ou seja, da Europa. O que esperar? No caso do Gentle Savage, não o lado melódico do gênero tão bem praticado no Velho Continente dos anos 2000 para cá. *Midnight Waylay* tem, sim, traços da década de 1980, mas o que Tornado Bearstone (vocal e guitarra), Tim O'Shore (guitarra, já substituído por Henri Sun), Vance Bead (baixo), Theo van Boom (teclados) e Jay B (bateria) entregam no álbum de estreia é um hard muito mais rock do que AOR. Isso fica claro na ótima semibalada *Into the Abyss*, que tem algo de Led Zeppelin; *Livin' it Up*, que esbarra em Aerosmith; e em *Run Run Poor Boy*, com um quê novamente de Steven Tyler e cia. e, na voz, Ozzy Osbourne. Aliás, é justamente Tornado o grande diferencial, graças ao seu vocal bem peculiar, especialmente para o estilo. Escute a bonita *After All* e comprove – inclusive o solo, porque O'Shore é bom demais –, mas não deixe passar a pesada *Personal Hades* e seu refrão meio Beatles; a ótima e festeira *Honey Bunny*; o groove de *Karelian Magic*; os toques mais pop de *YNAMW*; e o fim apoteótico de *Carry the Fire*. O Gentle Savage é uma agradável injeção de novidade no "moderno" hard rock europeu.

Daniel Dutra

CRASHDÏET

AUTOMATON
CRUSADER/GOLDEN ROBOT - IMP.

6,0

Minha expectativa era boa para o sexto álbum do Crashdïet, referência do hard/sleaze sueco. Uma porque Gabriel Heyes, que estreou em *Rust* (2019), se manteve no Crashdïet após *Rust* (2019), algo não tão comum para uma banda que já teve quatro vocalistas. A outra era pela qualidade do álbum anterior. Porém, *Automaton* não é tão visceral. Tem seus destaques, como *Together Whatever*, faixa de pegada e com um 'breakdown' bacana logo antes do segundo refrão; *Shine On*, de refrão grudento e o baixo de Peter London pulsando e climatizando até o fim; a 'panterística' *Dead Crusade*, com um efeito de guitarra soando feito o início de *Cowboys From Hell* e um riff bem *Psycho Holiday*; *Resurrection of the Damned*, com o peso de um Skid Row; *I Can't Move on (Without You)*, aos moldes das baladas do White Lion; e a acelerada *Unbroken*. No mais, até *Powerline*, que tem participação do vocalista Michael Starr (Steel Panther), soa chata. Neste álbum faltaram, principalmente, refrãos mais instigantes. Sobre a estabilidade na formação, de novo passa longe do Crashdïet: Eric Young vai dar um tempo dos palcos e já entregou as baquetas para o ex-Hanoi Rocks, Lacu.

Leandro Nogueira Coppi

RELEASES

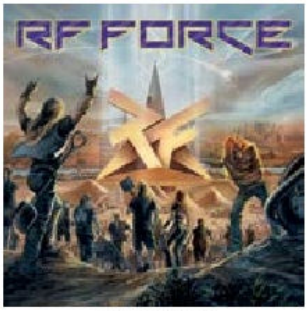
JAMES LABRIE

BEAUTIFUL SHADE OF GRAY
INSIDEOUT - IMP.

8,5

Não é caso de esquecer o que James LaBrie fez em seus três álbuns solos anteriores, mas não espere ouvir em *Beautiful Shade of Gray* sequer resquícios de *Elements of Persuasion* (2005), *Static Impulse* (2010) e *Impermanent Resonance* (2013). A não ser a voz do cantor do Dream Theater, obviamente. Em seu novo trabalho, ele manteve apenas o guitarrista Marco Sfogli, e somente para os solos, e trouxe um novo time de músicos Paul Logue (violão e baixo), Christian Pulkkinen (teclados) e Chance LaBrie (bateria), seu filho para dar vida a um disco de classic rock + prog rock com roupagem acústica. E o trabalho nasceu bonitão. *Devil in Drag* abre o repertório escancarando a proposta, e nem mesmo sua versão elétrica, que aparece como bônus, se desvirtua do caminho traçado. A nova roupagem, aliás, não significa simplicidade, e basta ouvir *What I Missed*, com suas várias camadas de vozes, para perceber isso. Refrãos muito bonitos (*SuperNova Girl*), beleza e melancolia (*Sunset Ruin*, homenagem ao irmão que morreu de câncer no pâncreas, em 2016), anos 1970 (*Wildflower*), hit em potencial (*Am I Right*) e groove (a sensacional *Give and Take*) dão o tom de um álbum agradabilíssimo de ouvir. De quebra, uma versão acima da média de *Ramble on*, uma das melhores músicas da melhor banda de rock da história: Led Zeppelin.

Daniel Dutra



RF FORCE

RF FORCE
CLASSIC METAL - NAC.

9,0

Tem bandas que, quando você entrevista, a primeira pergunta é na tentativa de decifrar em qual (ou quais) dos quase infinitos subgêneros do metal ela se enquadra. No caso do RF Force, essa pergunta é totalmente desnecessária. Basta ouvir a primeira música pra sacar que Marcelo Saracino (vocal), Rodrigo Flausino (guitarra, o RF do nome da banda), Daniel Iasbeck (guitarra), Ricardo Flausino (baixo) e Lucas Emidio (bateria) são ferrenhos adeptos do metal tradicional, Iron Maiden e Judas Priest à frente. Afinal, o vocal melódico e em registro alto, os riffs de guitarra e os solos envolventes e a cozinha pesada e trabalhada são características que saltam aos olhos já na primeira faixa do disco, *Fallen Angel* – e as dúvidas, se houver, acabam na faixa seguinte, intitulada *Old School Metal*. Mais direto, impossível. Claro que, ao longo da audição, detalhes de outros estilos vão surgindo, como thrash e power metal, mas a base é mesmo o metal tradicional. A produção, a cargo de Rodrigo Flausino e Daniel Iasbeck, ajudou a deixar a sonoridade com o peso e a nitidez que o estilo exige, destacando os vocais poderosos de Saracino. Formado por músicos experientes e com muita disposição de marcar o nome da banda na história do heavy nacional, o RF Force certamente inicia aqui uma carreira muito promissora.

Antonio Carlos Monteiro

MARTYR

PLANET METALHEAD
CLASSIC METAL - NAC.

8,0

Clássico grupo holandês dos anos 80 fundado pelo guitarrista Rick Bouwman e o vocalista Rop Van Haren, o Martyr pede passagem com o seu quinto álbum estúdio, *Planet Metalhead*. É fato que as constantes mudanças no line-up desde o retorno da trupe aos palcos, em 2006, fez com que a sonoridade dos caras deixasse o heavy metal tradicional como principal fonte de inspiração, invadindo praias mais modernas, nunca retornando, efetivamente, à pegada que os consolidou em registros como *For the Universe* (1985) e *Darkness at Time's Edge* (1986), por exemplo. E pode apostar: muita gente não gostou. Eu, particularmente, sou sempre a favor da sinceridade artística, muito além de rótulos. Enfim, o fato é que a hora desse "resgate" ainda não chegou, porém é importante dizer *Planet Metalhead* apresenta um heavy/power/speed metal que chega a bater a porta dos clássicos citados algumas linhas acima. A faixa de abertura, *Raise Your Horns, Unite!*, mostra isso. *Diary of a Sinner* também chega com um riff típico. Outro destaque fica para a veloz *Children of the Night*, que carrega poderosas linhas vocais de Van Haren. Aos fãs da velha escolha do heavy metal, vale virar, de novo, os olhos para o Martyr. Qual será o próximo passo?

Matheus Vieira

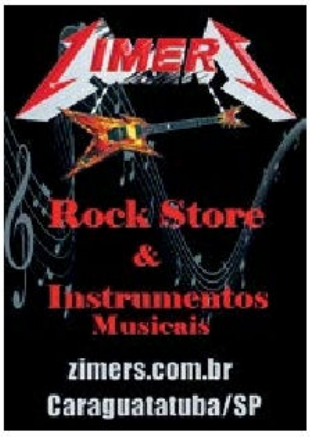
PSICOSFERAS

PSICOSFERAS
INDEPENDENTE - NAC.

8,5

O material de divulgação, convenhamos, não ajuda muito: "*PsicosFeras* faz alusão desde à filosofia acadêmica convencional até aos níveis mais complexos da astrologia hermética e da Kabbalah, repassando, inclusive, alguns tópicos recorrentes nas religiões tradicionais contemporâneas", garante. Só que o som vale muito um confere. Acontece que o dono do negócio, o vocalista, guitarrista e compositor Fabricio Oliveira, além de ter inegável talento, chamou para acompanhá-lo os irmãos Andria (baixo) e Ivan Busic (bateria), o que de cara confere credibilidade ao projeto. E foi Ivan quem, falando com este repórter, melhor definiu o PsicosFeras: "É uma mistura de Frank Zappa com Raul Seixas." É mesmo. Porque, além das viagens verbais de Fabricio, existe um repertório consistente, criativo (não há uma música parecida com outra), centrado nos anos 70 e 80 e que traz um inteligentíssimo uso de recursos eletrônicos, comandados por Fabricio e Andria. Os guitarristas convidados Thiago Melo (Dr. Sin) e Milton Medusa abrilhantam os temas de que participam (*Fogo Sagrado* e *Sintonia*, respectivamente), mas o disco, independente disso, vale uma ouvida atenta. Caso esteja com pressa, vá direto para a zeppeliana *Vitriol* e a também setentista faixa-título, as melhores do trabalho.

Antonio Carlos Monteiro



ROADIE PARADE

1	2	3	4	5
SCORPIONS ROCK BELIEVER	**SHAMAN** RESCUE	**JOE SATRIANI** THE ELEPHANTS OF MARS	**HAMMERFALL** HAMMER OF DAWN	**GHOST** IMPERA

*CLASSIFICAÇÃO OBTIDA POR MEIO DE PESQUISA REALIZADA NAS LOJAS DIE HARD (LOJA E SITE - SÃO PAULO/SP), PARANOID (SÃO PAULO/SP), HEAVY METAL ROCK (AMERICANA/SP) E BLACKOUT DISCOS (RECIFE/PE).

METAMORPHOSIS

HIBRIA

05 JUNHO / THE MEJA CONCERT

05 JUNHO / THE MEJA CONCERT

pic by Fernando Mazza

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

GARANTA SEU INGRESSO EM >>>>> WWW.CLUBEDOINGRESSO.COM

Carioca CLUB

SÃO PAULO - 05 JUNHO

RUA CARDEAL ARCOVERDE, 2899. PINHEIROS - SÃO PAULO

ABERTURA: ALCHEMIA

POA - 22 JULHO <<<<

RUA JOSÉ DO PATRPCÍNIO, 834. CIDADE BAIXA - PORTO ALEGRE

ABERTURA: IT'SALLRED

opinião

CLUBEDOINGRESSO

VOIZA RECORDS

Alessandro Sala, Alex Staropoli, Giacomo Voli , Roberto De Micheli e Paolo Marchesich: confiantes com o novo trabalho e os rumos da banda

Rhapsody of Fire

VIVENDO SUA PRÓPRIA SAGA

Exemplar gratuito disponibilizado em t.me/RAROSPREVISTAS

Alex Staropoli fala sobre o novo disco e as perspectivas da banda

Por Guilherme Spiazzi

Da Itália para o mundo, o Rhapsody of Fire tratou de unir música erudita e heavy metal de uma forma como nenhuma outra banda na história da música fez. Desde a marcante estreia com *Legendary Tales* (1997), são doze discos de estúdio e muitas emoções geradas pela troca de integrantes chave. Mas, apesar das adversidades, nessa trajetória de sagas épicas o grupo hoje liderado pelo tecladista Alex Staropoli segue firme na sua proposta sonora e temática. Completada por Giacomo Voli (vocal), Roberto De Micheli (guitarra), Alessandro Sala (baixo) e Paolo Marchesich (bateria), a banda lança *Glory for Salvation* (2021) – a segunda parte da trilogia que embala a saga "The Nephilim's Empire" – e com ele promete continuidade. Confira nossa conversa com Staropoli e ao final da leitura me responda: será que a banda ainda é a mesma?

Qual o enredo de *Glory for Savation*, a segunda parte da trilogia iniciada em *The Eighth Mountain* (2019)?

Alex Staropoli: Nesse segundo capítulo da saga, o herói abre seus olhos, percebe a realidade ao seu redor e entende que precisa lutar para conquistar seus objetivos. Para aqueles que perguntam se há uma conexão com o dia a dia e a sociedade, eu diria que não de forma direta, mas gostamos de fazer esse tipo de metáfora. Tentamos fazer com que as pessoas busquem acreditar mais em si. Elas devem entender que todos nós podemos ter uma segunda chance, desde que trabalhemos duro para consegui-la. É disso que se trata o disco: ter uma segunda chance.

A trilogia em questão é parte da saga 'The Nephilim's Empire'. Em sua opinião, quais são as diferenças e as similaridades entre a atual e as sagas 'Emerald Sword' e 'Dark Secret'?

Alex: Eu não posso comparar o que fazemos agora com aquilo que fizemos no passado. Anteriormente, era tudo muito mais complicado. Eram vários personagens, lugares etc. Nessa saga nós mantivemos as coisas mais simples, mas a mensagem ainda tem que ser bastante profunda.

Trabalhar com uma temática abrangendo vários discos parece funcionar muito bem para RoF. O que o leva a fazer isso ao invés de buscar por discos independentes, como fizeram em *Dark Wings of Steel* (2013) e *Into the Legend* (2016)?

Alex: Quando lançamos esses dois discos, eu realmente queria trabalhar com uma temática, mas não uma saga completa. Porém, num dado momento percebi que os fãs queriam mais do que apenas a música. Eu entendi que era muito importante para o fã, além de se conectar com a música, ter conexão com letras que passassem uma mensagem por meio de uma história, acompanhadas de boas imagens, bons videoclipes e encartes. Essa junção das coisas faz o trabalho se tornar um mundo completo.

De qualquer forma, a parte instrumental ainda é o centro desse mundo.

Em *Glory for Salvation* vocês mantêm a sonoridade tradicional, mas parece que agora há um volume de informação sonora menor, concorda?

Alex: Sim, concordo. Eu comecei isso no disco anterior, mas eu não diria que há menos coisas. O lance é que eu busquei trazer menos informação nas orquestrações e isso acaba deixando um pouco de espaço extra para as outras coisas. Enquanto produtor, eu tenho que ver tudo e não apenas aquilo que estou fazendo. Depois da mixagem, percebi lacunas sonoras que poderiam ter sido preenchidas com mais informação. Tem um espaço disponível, entende? Isso nem sempre acontecia no passado, pois costumávamos ter bateria e guitarra num volume mais baixo, pois do contrário não dava para escutar a orquestração. Dessa vez, como percebi que deixando essas lacunas o produto final perdia um pouco de força, decidi dar ao baixo, à guitarra, à bateria e ao vocal o espaço que eles merecem e usamos o resto como uma espécie de cola que mantém tudo no lugar. Da forma como fazemos agora está bom, pois proporciona uma audição prazerosa das múltiplas harmonias e melodias.

Quando foi que você percebeu que poderia juntar música erudita e heavy metal?

Alex: É engraçado, pois quando começamos a fazer isso não tínhamos experiência. Conhecíamos o mundo do metal e sabíamos como bandas como Helloween, Blind Guardian, Dio, Malmsteen, Manowar etc. soavam, mas nenhuma delas trazia elementos orquestrais da música erudita. Claro que o Led Zeppelin já havia feito algo próximo a isso, mas não foi da forma que nós queríamos fazer. Queríamos compor e criar música de forma erudita. O que as bandas de metal tipicamente faziam era compor uma música de metal e então trazer os arranjos. Nós já compúnhamos de forma erudita. No começo, achamos que seria uma ótima ideia combinar os dois elementos. Naquela época, meu irmão Manuel Staropoli, que tinha cerca de 12 anos, nos deu uma fita com músicas medievais e disse que talvez a gente se interessasse em adicionar alguns daqueles elementos e nós fizemos isso. Vimos que aquilo estava funcionando muito bem e nos sentimos confiantes para continuar combinando esses elementos. É engraçado porque até os dias de hoje um dos melhores sentimentos que tenho é quando escuto a banda e junto dela há um conjunto de cordas, flautas, harpas etc. Tudo isso muito bem misturado. Isso para mim vai além de apenas tocar heavy metal.

Você comentou sobre a importância de as letras contarem uma história e hoje quem cuida dessa parte é De Micheli, que tem uma ligação interessante com os primórdios do RoF. Conte um pouco dessa relação entre vocês.

Alex: Ele está conosco há dez anos, mas é um amigo de longa data e fez parte da primeira formação da banda. Na época em que conheci Luca Turilli (ex-guitarrista e fundador), no começo dos anos 90 e sonhávamos em ter uma banda, De Micheli era colega de estudos de guitarra e violão clássico de Turilli. Nós três, junto com Daniele Carbonera (ex-baterista), gravamos nossa primeira música. Fizemos algumas apresentações, mas logo ele saiu porque queria tocar música progressiva.

Já são pouco mais de cinco anos desde que Voli substituiu Fabio Lione.

GLORY FOR SALVATION
AFM/Valhall - Nac.

Como vem sendo o desenvolvimento dele dentro da banda?

Alex: Pois é, isso é incrível. Eu o conheci durante as gravações dos corais de *Into the Legend* e tinha certeza de que ele poderia ser o vocalista perfeito para nós quando Lione anunciou sua saída. Voli ainda é muito jovem, mas já se mostra bastante profissional. Ele tem melhorado constantemente e nós dois gostamos de desafios. Os fãs realmente gostam dele cantando e da música que fazemos juntos. Não há tantas bandas que recomeçam com um novo vocalista e têm esse tipo de resultado. Sinto-me muito abençoado por ter isso.

Foram muitas mudanças na formação do RoF desde a sua formação em 1995, restando apenas você como membro original. Sendo assim, o que faz o RoF continuar tendo a mesma proposta desde seu início?

Alex: Eu sei que há fãs que rejeitam a ideia de mudança, mas estou aqui e o RoF ainda representa um estilo de música único. É uma banda que quer continuar entregando emoção e fazer os fãs felizes. É fantástico ainda poder estar aqui e ver fãs às lágrimas na primeira fileira do show. Sob o ponto de vista da gravadora, é muito raro você ver uma banda que troca de vocalista, mas continua e é bem-sucedida. Esse é o nosso caso. Sinto-me abençoado por ainda poder fazer música, lançar discos e rodar o mundo. Isso mostra que estamos no caminho certo. Essa com certeza é uma nova versão do RoF e nós trabalhamos constantemente. Lançar disco após disco mostra que não iremos parar.

Você sente que sua forma de compor amadureceu após todos esses anos e, principalmente, agora com essa formação?

Alex: Sim, eu sinto isso. Claro que ainda passo pelo desafio de começar a compor algo alinhado ao nosso estilo e que soe novo e empolgante, mas hoje as coisas estão mais fluídas. Isso acontece porque eu sei que tenho companheiros de banda que posso chamar de amigos. Pode ser que esse não seja um fator importante para as composições, mas é importante para o seu ânimo, pois você compõe sabendo que num determinado momento aquilo estará gravado e você irá feliz para o palco curtir o resultado com os seus amigos.

Estamos chegando ao final, mas não gostaria de encerrar sem antes matar uma curiosidade: afinal, quem é Thunderforce, responsável pela bateria dos discos *Dawn of Victory* (2000), *Rain of a Thousand Flames* (2001) e *Power of the Dragonflame* (2002)?

Alex: Bom, ouvir essa pergunta depois de tantos anos... Se colocamos esse nome foi porque não queríamos revelar seu nome verdadeiro. Acho que isso deveria ser mantido em segredo. De qualquer forma, isso não é mais relevante.

Pelo menos você admite ser uma pessoa e não um computador?

Alex: Não é um computador. A bateria foi tocada. Na época, não era nossa ideia programar a bateria e com certeza também não era a ideia do nosso produtor, Sascha Paeth. Queríamos que tudo fosse orgânico e real.

Tudo bem. Finalizando, ainda veremos o RoF tocando em breve no Brasil?

Alex: Espero ir no final de 2022. Estamos trabalhando para voltar ao Brasil. Nós sempre curtimos os fãs brasileiros, eles são incríveis. Tudo é empolgante por aí.

Encontre em nosso Canal do Telegram: t.me/ERASVISIONS

Juha Raivio, Mikko Kotamäki, Juuso Raatikainen, Juho Räihä e Matti Honkonen, criatividade e atividade constante

SWALLOW THE SUN

Entre em nosso canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

As Flores do Mal

Mantendo o alto ritmo de trabalho, banda finlandesa apresenta seu novo álbum, *Moonflowers*

Por Valtemir Amler

Multifacetado, emocionalmente complexo e inadvertidamente cativante, o mundo musical do finlandês Swallow the Sun já ultrapassa as duas décadas de tradição, mantendo a constante transição entre luz e trevas, beleza e melancolia que é tão cara à banda liderada pelo guitarrista Juha Raivio. Mesmo atravessando momentos de instabilidade mundial e até mesmo tragédias pessoais, a banda não diminuiu o ritmo e de 2018 para cá já coleciona quatro grandes lançamentos, todos abordados na conversa a seguir com a voz da banda, Mikko Kotamäki. O vocalista, apesar de sua fama de tímido e calado, nos proporcionou mais uma ótima conversa e não poupou detalhes sobre tudo o que aconteceu com a banda nos últimos anos. Confira tudo na entrevista abaixo.

Apesar de todas as restrições, vocês têm tentado se manter bastante ativos durante esse longo período de pandemia, tanto nos palcos quanto no estúdio. Como tem sido esse momento para vocês?

Mikko Kotamäki: Olá, meu amigo, que bom falar com você novamente! Veja, acho que o mais complicado realmente tem sido a parte dos shows. Tudo é muito difícil de ser planejado, existem muitas dúvidas sobre o futuro, então é difícil fazer qualquer coisa neste sentido. Porém, temos um novo álbum em mãos, confiamos muito nele e temos um bocado de shows agendados, esperamos poder cumprir essa turnê. A situação está um pouco melhor por aqui, as casas estão reabrindo e as pessoas estão recuperando a confiança, então espero que de fato possamos cair na estrada e fazer alguns shows em vez de ter de cancelar tudo mais uma vez.

Pois é, imagino que cancelamentos tenham se tornado uma parte mais frequente do planejamento de turnês, infelizmente.

Mikko: É, tem sido bastante estranho para todos, estamos aprendendo a lidar com uma situação nova. Neste último verão, fizemos alguns poucos shows, se me lembro direito, foram dois festivais e também tocamos em um cruzeiro entre Finlândia e Suécia, foi basicamente isso. Todos os grandes shows e eventos foram cancelados ou reagendados por aqui, mas existem os pequenos festivais a céu aberto que ajudaram a manter as bandas ativas neste momento difícil, isso ajudou muita gente a seguir adiante. Agora parece que atingimos o volume esperado de pessoas vacinadas, então os shows em clubes fechados também estão voltando a ser permitidos sem tantas restrições. Aos poucos, a música ao vivo está voltando a ser uma realidade na Finlândia, o que é um alívio para muitos profissionais que lidam com isso e dependem disso.

Estranho pensar que esse momento aconteceu depois de um ano muito bom para o Swallow the Sun, como foi o caso em 2019.

Mikko: Pois é, nós vínhamos embalados, em um ótimo momento, eu diria. Lembro que nós conseguimos cumprir

na íntegra duas turnês europeias e uma turnê norte-americana, então, quando se fala de shows ao vivo, 2019 foi um ano muito bom para todos nós, uma pena que as coisas tenham ficado tão quietas desde então (risos). As coisas são assim, então tentamos tirar o melhor proveito possível do momento.

Sim, isso é bem a cara dessa banda. Lembro que todos pensaram que o Swallow the Sun se dissolveria em 2016, após a morte de Aleah, mas Juha acabou encontrando na música uma espécie de terapia para superar aquele momento.

Mikko: Sim, aquele foi realmente um momento estranho, de longe o mais delicado de toda a nossa carreira. Quando Aleah morreu (N.R.: Aleah Stanbridge, ex-vocalista do Trees of Eternity, participou de três álbuns do Swallow the Sun e mantinha um longo relacionamento com Juha Raivio, guitarrista e principal compositor da banda finlandesa; ela faleceu vítima de câncer em 18 de abril de 2016), foi como se Juha não conseguisse parar de tocar, ele não queria pensar em mais nada. Seguimos com uma turnê que durou quase três anos, mas nenhum de nós realmente sabia se gravaríamos um novo álbum. Ele estava compondo novas canções, mas não sabia se devia lançar aquelas músicas. Naquele momento, o futuro da banda realmente esteve por um fio, mas no fim resolvemos seguir adiante.

Muitos fãs agradecem por essa decisão e acredito que a forma como Juha e vocês lidaram com essa perda deu força a muitas pessoas que passam por situações semelhantes em sua própria família.

Mikko: Sim, eu entendo e fico feliz em saber que pudemos ajudar as pessoas com a nossa música. De fato, acredito com todas as minhas forças que a música é realmente a melhor terapia, a melhor maneira de passar por essas situações. Quer dizer, é uma situação horrível e não acredito que possamos realmente superar algo assim, mas precisamos lidar com isso e encontrar uma maneira de seguir em frente. Foi o que Juha fez, o que nós fizemos, e espero que tenhamos realmente ajudado outras pessoas a encontrar alguma força diante das adversidades.

A primeira etapa desse processo veio com o single *Lumina Aurea*, lançado em dezembro de 2018. Por que decidiram lançá-lo como um EP, independente do álbum que viria logo em seguida?

Mikko: Nós sentimos que precisava ser assim. Acho que o processo de superação tem muitas etapas e algumas delas são bem sombrias, muito dolorosas, por assim dizer. É muito difícil lidar com o luto no início, é pesado demais, intenso demais. Nossa música sempre teve um caráter emocional muito forte, mas quando Juha me mostrou essa música, eu não sabia se conseguiria fazer aquilo, era denso demais, mas eu sentia que tinha que ser feito, e seguimos em frente. No fim, era uma música muito densa, e também longa (N.R.: são mais de treze minutos e ela aparece em duas versões no EP, com voz e instrumental), que não se encaixava tão perfeitamente com o restante do material do álbum, justamente por ter essa energia tão única. Eu gravei alguns vocais no fundo, a parte gritada e nosso amigo Marco (N.R.: Marco Benevento, vocalista da banda italiana de gothic/doom The Foreshadowing) gravou os vocais em latim.

MOONFLOWERS
Century Media - Imp.

Falando nos vocais, deve ter sido estressante encontrar a emoção adequada para as canções e mantê-las sob controle no álbum *When a Shadow Is Forced into the Light* (2019), por tudo que esse disco representa.

Mikko: Não foi tão difícil encontrar o ponto, porque nossas letras sempre foram muito pessoais. Mas manter as emoções sob controle foi sim um desafio, pois tanto Juha quanto Aleah eram meus amigos. Então, para conseguir, eu procuro desfocar minha atenção. Claro que é uma sensação devastadora cantar essas coisas intensas, mas ao mesmo tempo também é muito libertador, é quase algo terapêutico poder tirar tudo isso do meu peito.

Avançando no tempo, já em 2021 vocês lançaram o álbum ao vivo *20 Years of Gloom, Beauty and Despair: Live in Helsinki*, que comemora as duas primeiras décadas de carreira da banda. Que bom que conseguiram concretizar esse projeto.

Mikko: Pois é, ainda bem. Acho que o grande lance para ter funcionado foi que estávamos pensando nesse projeto bem antes da pandemia e já tínhamos tudo basicamente definido no início de 2020. Poucas semanas mais tarde e eu acho que seria tarde demais. Bem, a ideia toda foi bastante simples: nós tínhamos um show marcado em Helsinqui no início de 2020, e achamos que seria a ocasião ideal para comemorar os vinte anos de banda. Pensamos então no repertório, para de fato fazer algo especial. Um show acústico é sempre algo diferente e gostamos de tentar coisas assim. Decidimos tocar na íntegra a segunda parte do álbum *Songs from the North* (2015), intitulada *Beauty*. Ali já tínhamos quase uma hora de show. Além disso, pedimos que os fãs escolhessem as músicas que queriam ouvir em suas versões mais tradicionais e incluímos as mais votadas no show. No fim das contas, ficou um material especial e bem completo.

É verdade, é um material especial tanto para novos quanto para velhos fãs. Adorei o fato de *Falling World* ter sido incluída na segunda parte.

Mikko: Ah sim, essa música é realmente muito legal, gosto muito dela. É engraçado, porque eu gosto de sair gritando nas músicas e essa não me dá chance de fazer isso, mas ainda assim gosto demais dela, é sempre emocionante tocá-la ao vivo, todas as plateias sempre reagem muito bem.

O novo álbum, *Moonflowers*, mantém essa pegada, mesclando canções mais leves e belas com outras mais intensas e extremas, algo que sempre combinou com sua habilidade vocal, indo do emotivo ao extremo.

Mikko: Sim, obrigado. O Swallow the Sun sempre teve músicas muito emotivas, pois essa é a maneira de Juha compor. Ele não consegue escrever sobre algo que não sente, a coisa toda está sempre muito ligada a ele, de corpo e alma. Para você imaginar, até a capa deste álbum é ligada a ele, as flores que aparecem na capa são reais, colhidas por ele mesmo no jardim dele e fotografadas por ele. Quando você trabalha com alguém assim, que coloca tanto de si na música, você só pode fazer o mesmo. As músicas praticamente me mostram o momento em que cada abordagem é necessária, onde deve haver conformidade e contraste. Acho que nesse álbum conseguimos um ótimo equilíbrio dos dois elementos.

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/roadiecrew

Arve Isdal, Håkon Vinje, Grutle Kjellson, Ivar Bjørnson e Iver Sandøy, em atividade constante mesmo em tempos difíceis

Enslaved

Entrevistas Canal do Telegram: t.me/BRASILENTREVISTAS

CARAVANAS PARA O ESPAÇO SIDERAL

A intensa jornada ao vivo e o novo EP de estúdio do maior nome do prog/black metal da Noruega

Por Valtemir Amler

Nem a indelével passagem do tempo, tampouco as inevitáveis agruras da vida na estrada, até hoje nada foi capaz de abalar a intensa e prolífica parceria entre o baixista e vocalista Grutle Kjellson e o guitarrista Ivar Bjørnson. Peças fundamentais do gigante norueguês Enslaved desde o seu nascimento em 1991, eles já eram amigos e parceiros antes disso, nas brincadeiras e descobertas musicais da infância em Bergen e no nascimento de um dos embriões do death metal norueguês, o Phobia, que durou apenas cerca de um ano e forneceu as bases para o nascimento do Enslaved. Desde então, a vida tem sido uma torrente constante de grandes acontecimentos musicais, traduzidos em quinze álbuns de estúdio, uma ótima série de EPs e discos ao vivo, além, é claro, de extensas e prestigiadas turnês. Tão intensa quanto essa jornada é a busca por novas formas de expressão musical, que guiaram a banda do black ao prog ao longo dos anos, e a uma mistura perfeita de ambos os elementos em sua fase mais madura, experimentada desde *Axioma Ethica Odini* (2010). Para compreender melhor essa incrível viagem através de vários mundos, conversamos com Kjellson.

***Utgard* foi lançado mais de um ano atrás, em outubro de 2020. É engraçado pensar que o último álbum completo do Enslaved saiu justamente em 2020.**

Grutle: Verdade. É bizarro, pois *Utgard* é um álbum com um conceito bastante sombrio, e não foi o único desse tipo lançado naquele ano. É até um pouco irônico que tantas bandas tenham lançado álbuns liricamente sombrios em 2020, especialmente se pensarmos que boa parte desses discos já estavam compostos e relativamente prontos no ano anterior. Quer dizer, é como se existisse um sonho ruim atordoando os compositores, como se existisse no ar uma sensação muito ruim de que algo estava por acontecer.

Indo das letras para as músicas, duas explicam bem o espírito do Enslaved em *Utgard*, e gostaria que comentasse ambas. A primeira delas é *Jettegryta*.

Grutle: Eu imaginei que fosse querer começar por esta (risos). Muito bem, o que eu posso dizer? Quer dizer, por mais anos que passem, parece que não conseguimos nos livrar dessa tendência de sempre ter uma canção que lembre o Bathory (risos gerais).

Pois é, ainda bem.

Grutle: É verdade, ainda bem mesmo, pois também fico satisfeito com isso (risos). Sabe, não importa quanto tempo eu trabalhe com música, nunca deixarei de ser um fã, então nunca vou esconder a marca daqueles que me influenciaram para estar aqui. O Bathory é obviamente uma das razões principais para termos fundado o Enslaved depois do fim do Phobia. Estávamos impressionados com aquilo que Quorthon tinha alcançado em *Blood Fire Death* (1988) e *Hammerheart* (1990), e queríamos seguir aquela linha, então aparecemos de volta com uma banda de black metal com elementos da cultura e mitologia viking. O Enslaved iniciou basicamente assim, e ainda é muito sobre isso, como mostra *Jettegryta*. Claro que existe mais prog nessa música do que provavel-

mente Quorthon e seu Bathory tiveram em toda a sua jornada, mas paciência, décadas se passaram desde então (risos). *Jettegryta* é a nossa 'canção Bathory' em *Utgard*, é a música mais pesada e sombria do álbum. E, baseado na recepção que tivemos nos shows que fizemos recentemente na Noruega, essa deve ser uma das favoritas dos fãs.

Acho que sabemos a razão disso, certo?

Grutle: Claro, não tocávamos nada tão rápido em um novo álbum do Enslaved há muito tempo, então uma enorme parcela dos nossos fãs ficou empolgada quando a ouviu. Acho que você está entre esses fãs (risos gerais).

Sim (risos). Mas também gosto do outro espectro da sua música, e aí chegamos em *Urjotun*.

Grutle: Ah sim, faz sentido. Pois é, *Urjotun* é o outro lado da moeda, somos nós fazendo algo bem diferente do Bathory (risos). Mas, vou ser bem sincero, também nela estamos prestando uma homenagem aos nossos velhos ídolos, gente que nos fez desejar trabalhar nesse mundo. E é engraçado, pois muitas pessoas têm percebido algo moderno nela e não consigo entender do que se trata.

Penso que ouvem o contraste dos fortes efeitos e teclados com as linhas de guitarra e pensam em algo como Ministry e Godflesh.

Grutle: OK, pode ser isso (N.R.: fica pensativo). Não tinha pensado por essa perspectiva, mas faz sentido. Bem, talvez essas bandas tenham bebido na mesma fonte que nós, não sei dizer. Mas, na verdade, não tem nada de moderno em *Urjotun*, pois talvez seja a música mais 'old school' que já compusemos. Quer dizer, ela é um olhar intenso para o passado, um mergulho direto pelas nossas influências mais 'fora da casinha', coisas de krautrock e psicodélico. Repare aquelas linhas de teclado, no que você pensa quando as ouve?

Diria que estavam ouvindo muito Kraftwerk naqueles dias, especialmente por aquele início com sequenciador...

Grutle: Pois é exatamente isso, *Urjotun* é a nossa declaração de amor aos primeiros discos do Kraftwerk! Acho que a música era feita de uma forma diferente nos anos 60 e 70. Era mais livre e solto, existia uma vontade real de experimentar e as bandas tentavam conciliar tudo o que estava acontecendo, as novas ideias rítmicas e harmônicas e as possibilidades trazidas por novos equipamentos eletrônicos, sintetizadores, sequenciadores... Estávamos totalmente mergulhados nesse universo de bandas como Silver Apples, Kraftwerk e grupos de krautrock, então pensamos em fazer uma homenagem. Colocamos o sequenciador no início dessa música, como personagem principal. Esse olhar de volta no tempo foi a grande diferença em *Urjotun*. Acredito que se as pessoas voltarem seus olhos ao krautrock encontrarão a verdadeira fonte da música ambientada e mais atmosférica que se faz nos dias de hoje.

Para mover as correntes nos tempos mais duros da pandemia, vocês primeiro ajustaram o lançamento de quatro discos ao vivo, reunidos no box intitulado *Cinematic Tour 2020*. Como surgiu a ideia desse grande projeto?

Grutle: A coisa foi acontecendo aos poucos. Tudo começou com um acordo

CARAVANS TO THE OUTER WORLDS
Nuclear Blast/Shinigami - Nac.

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASUBEVIDAS

que tínhamos com a organização do festival 'Beyond the Gates', que acontece aqui em Bergen. Tínhamos agendado uma apresentação no que seria a edição de 2020 e ela seria especial, apresentando um set do álbum *Below the Lights* (2003). Essa foi a ideia original, ainda antes da pandemia. Acabou se tornando uma apresentação virtual, com a colaboração do mesmo festival. O segundo passo foi *The Rise of Ymir*. Essa foi uma situação um tanto diferente, pois ele já foi pensado como algo típico da pandemia, a apresentação aconteceu justamente no início dos lockdowns, em março ou abril de 2020. Aquele show foi parte de um festival online que reuniu várias bandas (N.R.: Verftet Online Festival 2020) e teve o apoio das autoridades locais e do governo da Noruega, o que fez dele um evento realmente especial para nós, como banda, especialmente em um momento em que as pessoas precisavam tanto de algo assim, uma distração daquilo que acontecia. Mais ou menos na época em que tocamos nesse festival, começamos a pensar em dar sequência a esse momento que vivíamos. Já que estávamos com a nossa equipe reunida e fazendo essas apresentações especiais, porque queríamos fazer algo também em relação a *Utgard*, que era o disco que deveríamos estar divulgando de fato (risos). Foi assim que veio *Utgard – The Journey Within* (2021), o terceiro do pacote ao vivo. Por fim, resolvemos fazer algo ainda mais especial para nossos fãs, e então surgiu a ideia de *Chronicles of the Northbound* (2021), que teve seu set escolhido por nossos fãs. No fim, conseguimos reunir material de qualidade suficiente para um lançamento especial, de grande qualidade gráfica e sonora, o que me deixa muito feliz com o box *Cinematic Tour 2020* (2021).

Fiquei feliz como fã, pois finalmente temos uma versão ao vivo para *793 (Slaget om Lindisfarne)*, minha favorita do seu repertório.

Grutle: Que legal isso, cara! Sabe, é engraçado, não fazíamos ideia de quantas pessoas amavam essa música até abrirmos a votação para o público. Quer dizer, é muito pesada e extrema, mas ela tem aquela longa introdução climática, não é para qualquer um...

Sim, ela tem a mesma vibração de *Shores in Flames*, que abre *Hammerheart* (1990), do Bathory.

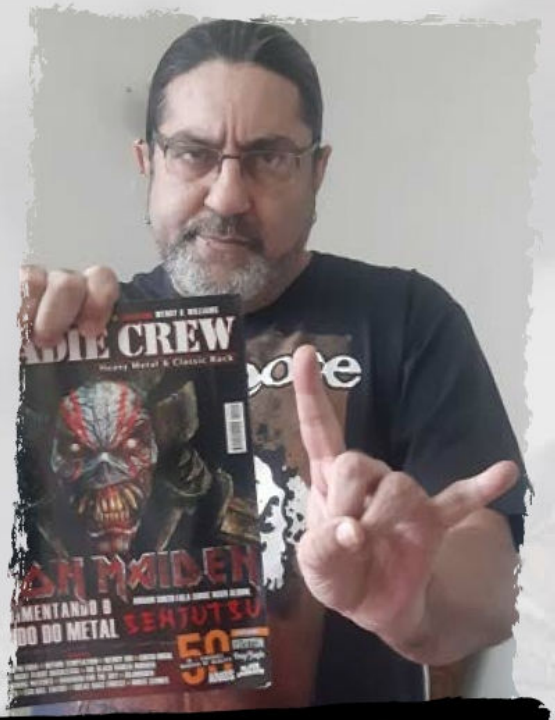
Grutle: Exatamente! É como disse antes, sempre temos em nossos discos ao menos uma canção que lembre o Bathory, essa é a nossa regra (risos). *793 (Slaget om Lindisfarne)* é muito climática e a usamos para abrir *Eld* (1997), nosso terceiro álbum. Foi legal dar esse presente para vocês, espero que curtam muito. Até porque não dá para incluir uma música com uma introdução tão longa no set regular. O que faríamos durante todo aquele tempo, colecionaríamos selos? (risos gerais) Mas foi um momento especial tocar essa música ao vivo, isso eu garanto!

Para encerrar esse ciclo, ainda temos o EP *Caravans to the Outher Worlds* (2021).

Grutle: É isso. Ivar tinha alguns riffs perambulando pela cabeça por algum tempo, então um dia resolveu que queria trabalhar neles. A faixa-título tem alguns desses riffs e essas foram as primeiras novas músicas em que trabalhamos desde o início da pandemia, então representam o mais próximo de quem somos hoje. E, convenhamos, em dias como esses, quem não gostaria de embarcar em uma caravana para fora desse mundo? (risos)

BLIND EAR

Texto e fotos: Thiago Prata



CLAUDIO DAVID (OVERDOSE)

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Iron Maiden
CHARLOTTE THE HARLOT
IRON MAIDEN

"Iron Maiden. Cara, gosto muito do Iron com Paul (Di'Anno). E com Bruce (Dickinson) também. Quando saiu *The Number of the Beast*, fiquei na fila esperando o lançamento do disco na Pop Rock (antiga loja de discos de Belo Horizonte). E quando ouvi eu pirei. Que som foda! Ouvi até furar o disco. Tive a sorte de ir ao Rock in Rio (1985), na época do *Powerslave*, que também é um dos melhores. Adoro o Bruce, gosto inclusive do Samson. E tive a sorte de ver o show do Paul na Virada Cultural de 2008, em que o Overdose também tocou. Não conheço tanto o trabalho solo dele, mas como a maioria do show foi com músicas do Iron, pirei ao ouvi-lo cantando aquelas músicas."

Kiss
SHE
DRESSED TO KILL

"Tenho histórias demais com o Kiss. Eu estava num show do Anthrax, em Los Angeles. De repente, o pessoal do Anthrax anunciou dois convidados especiais, que eram o Gene (Simmons) e o Paul (Stanley) para cantarem *She*. Eu estava num camarote na parte de cima do local e desci correndo. Fiquei 'colado' no Paul, a cinco metros dele (risos). O *Dressed to Kill* foi meu primeiro disco do Kiss, eu tinha 7 ou 8 anos de idade. Conheci minha esposa porque ela também era fã de Kiss, somos casados até hoje. Conheci o Bozó (vocalista do Overdose) por causa do Kiss. E eu tenho até emoldurado num quadro uma camisa que o Paul usou no show em BH (em 1983) e os autógrafos que minha esposa conseguiu do Gene e do Vinnie (Vincent)."

Mercyful Fate
CURSE OF THE PHARAOHS
MELISSA

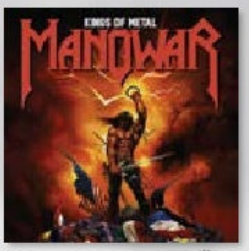
"(N.R.: Em um segundo) Ah, Mercyful Fate. Uma das influências do Overdose desde o começo. Fizemos turnê com o Mercyful Fate nos Estados Unidos e amizade com o pessoal da banda. O King Diamond ficava mais no hotel, por ser um cara mais reservado. No último show da turnê, os caras do Mercyful Fate usaram camisas do Overdose, e o King Diamond ficou mais de três minutos falando o quanto foi legal tocar com a gente. Teve um show em que até liguei para minha esposa de um telefone público para ela ouvir um trecho de *Melissa* ao vivo (risos). Depois, quando vieram a BH para um show (em 1998), foram à casa dos meus pais, saímos com eles à noite... E também é uma das minhas bandas favoritas."

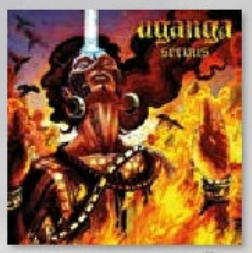
Black Sabbath
ZERO THE HERO
BORN AGAIN

"Isso é Sabbath. É com Dio ou Gillan? (N.R.: Entra a voz) Ah, é com Gillan! Tinha tempo que não ouvia o *Born Again*, mas é um disco que eu gosto, muito foda. É diferente, mas com a alma do Sabbath. Gosto muito do Sabbath em geral, com Ozzy e seu timbre de voz singular. E com o Dio, um dos monstros. Tony Iommi é uma influência, indiscutível não ter influência dele em termos de riffs e bases, um dos pais do heavy metal. Quando ouvi *Sabotage* a primeira vez, eu pirei. Ele e *Sabbath Bloody Sabbath* são meus dois prediletos do Sabbath. E *Heaven and Hell* foi outro disco que me 'jogou para trás'. Assisti shows do Ozzy solo, do Heaven and Hell e do Black Sabbath. Muita lembrança boa."

Slipknot
BEFORE I FORGET
VOL. 3:
(THE SUBLIMINAL VERSES)

"Isso é Slipknot. (RC: Até agora, você está acertando todas as bandas). Por enquanto (risos). Mas não sei de que disco é. (RC: *The Subliminal Verses*). O que mais gosto é o *All I Hope Is Gone*, acho uma obra-prima. O *.5: The Gray Chapter* também é muito bom. O Corey Taylor é sem comentários, é de uma capacidade, tem um timbre de voz muito bonito. Tem riffs de guitarra do Slipknot que eu penso: 'De onde os caras tiraram esse riff?'. É muito legal. Quando eu estava com o ElétriKa, tive a chance de dividir palco com eles num festival na França em 2004. O Slipknot foi vaiado, o público era radical demais. Tocamos antes do Slipknot e, para nossa sorte, não fomos vaiados (risos)."





Manowar
HAIL AND KILL
KINGS OF METAL

"Manowar? (RC: Isso). Gostava de um ou dois discos, como *Battle Hymns* e *Hail to England*. Ouvi pela primeira vez na Rádio Fluminense, do Rio de Janeiro. Achei o vocal legal, cheguei a ter dois discos. Mas achava tudo muito parecido, essa coisa teatral, o visual meio brega. Respeito, porém, não é uma das bandas de que mais gosto. Se colocarem Manowar para tocar, beleza, não vou desligar. Mas não é uma banda que vou pegar para ouvir. Teve uma época em que o Overdose quase fez turnê com eles. Nossa tour manager é muito amiga do pessoal do Manowar. Ela tentou, mas não rolou. Mas Manowar para mim é isso, eu curtia um pouco, mas não me faz falta (risos)."

Pink Floyd
FEARLESS
MEDDLE

"(N.R.: Demora um pouco). Parece Pink Floyd. O que é isso? (RC: É Pink Floyd) (risos). Gosto de algumas coisas. Antes de ouvir metal, curti algo de progressivo. Porém, Pink Floyd não era algo que eu ouvia tanto. Curtia mais Rick Wakeman e Yes. Mas do Floyd não sou muito conhecedor, gosto do *The Dark Side of the Moon*, do *The Wall*, que é meu preferido, e do *The Division Bell*. Fui ao show da turnê do *Division Bell* em Los Angeles e achei muito foda. Foi no Rose Bowl, em Pasadena, onde o Brasil ganhou a Copa (de 1994). Estádio lotado no show. Só tenho uma crítica por conta do som quadrifônico no estádio, porque o som roda o estádio, então dependendo do local onde você está, ouve mais coisas do que se estiver em outro."

Sarcófago
MIDNIGHT QUEEN
THE LAWS OF SCOURGE

"(Risos). Sarcófago, do álbum *The Laws of Scourge*. (RC: Se você não acertasse este seria 'problemático') (risos). Sempre tive uma relação muito próxima com o Wagner ('Antichrist' Lamounier). Ele e o GG (Gerald 'Incubus' Minelli) sempre foram muito fãs de Overdose, tanto que me chamaram para produzir este disco. Uma coisa interessante é que o Overdose chegou a se chamar Sarcófago. Como soubemos que já tinha o registro Overdose, colocamos Sarcófago por um tempo. Depois de um tempo, conseguimos registrar como Overdose. E o Wagner me perguntou se poderia usar o nome Sarcófago. Então pode-se dizer que dei o nome a ele (risos). Foi uma honra produzir este disco."

Uganga
SERVUS
SERVUS

"Isso é Uganga. A música é *Servus*. Não conheço muito Uganga, mas esta música sim. Conheço o Manu (Joker, vocalista), que chegou a participar do Sarcófago (como baterista). Eu fiz uma coletânea chamada *The Song Remains Insane*, da MOG Records, e *Servus* foi uma das músicas dela. Acho ela legal demais. Entraram ela e *Medo*, que também é muito legal. Acabei sendo apresentado ao trabalho do Uganga desta forma. Já tinha ouvido falar da banda, claro, mas nunca tinha parado para ouvir. Não sabia nem que o Manu era o vocalista. Curti muito essas duas. Depois fui ouvir outras coisas, o próprio Manu me mandou algumas. Curti o som e as letras."

The Troops of Doom
A QUEDA
ANTICHRIST REBORN

"Puts! Oitão? (RC: Não). O que é? (RC: The Troops of Doom). Mas em português? (RC: Esta tem a participação do João Gordo). Eu até poderia ter chutado que era Ratos. Ainda não ouvi este disco. (RC: Foi lançado há pouco tempo). Cara, conheço o Jairo (Guedz, guitarrista) da época de colégio, era um dos três rockeiros que havia lá. Perdemos contato durante um tempo, depois nos reencontramos na época em que tocou no Overdose. Gosto muito do Jairo, cara muito engraçado, espirituoso e talentoso. Eu ouvi duas músicas do The Troops of Doom antes. É aquele thrash/death antigo. Não sou muito fã deste estilo, mas achei esta música mais interessante, gosto deste tipo de letra. Vou ouvir depois."

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização prévia. Lei nº 9.610/98 de 19/02/1998. Para saber mais: BRASILIANAS

TOKIO MARINE HALL

Pela ONDE você se lembra vibrar
A MÚSICA TE LEVA

TOKIOMARINEHALL.COM.BR

EDU FALASCHI
VERA CRUZ TOUR 2022

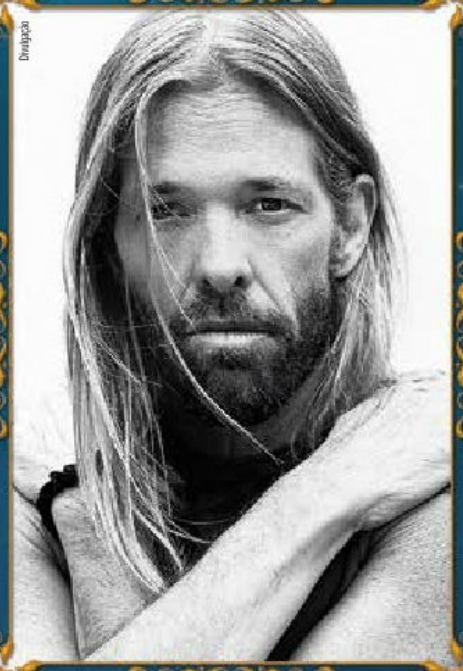
VERA CRUZ NA ÍNTEGRA
REBIRTH NA ÍNTEGRA
21 DE AGOSTO

Patrocínio: Da Magrinha 100% INTEGRAL
Programa: TudoAzul
Mídia Partner: uol
Apoio: ESTANPLAZA, shift, CONSIGAZ.
Realização: grupo Tom
CLIENTES TOKIO MARINE TEM BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS

Seguimos todos os protocolos internacionais de segurança e higienização. Menores de 16 anos somente acompanhados dos Pais ou Responsável Legal.
Os descontos não são válidos para nova entrada. Pré-venda (mínimo de 48 horas de antecedência) de público geral exclusiva para segurados ou colaboradores da Tokio Marine Seguradora S.A. ou corretores cadastrados no Portal do Corretor. Na pré-venda os 50 primeiros segurados ou colaboradores ou corretores têm direito a compra de 04 ingressos, por CPF com desconto exclusivo de 50%. Adicionais aos 50 primeiros CPFs e ainda estando dentro das 48 horas da pré-venda, segurados ou colaboradores ou corretores tem 20% de desconto até o limite de 300, da cota de ingressos. Após a pré-venda será aplicado o desconto de 20% para segurados ou colaboradores ou corretores, não cumulativo com outras promoções e limitado a 4 ingressos por CPF. Segurados passam a ter direito ao desconto um dia após a emissão da apólice e até o término da vigência da segura. Seguros adquiridos por meio de apólices coletivas, certificados e bilhetes não participam da promoção. Todos os descontos desse regulamento são aplicados no valor do ingresso na data de compra e NÃO são cumulativos com outros descontos e outras promoções. A compra da meia-entrada é pessoal e intransferível e a regularidade está condicionada à apresentação dos documentos que comprovem esta condição na entrada do espetáculo, conforme LEI Nº 3344 DE 13 MAIO DE 1982. Capacidade máxima = 4.000 pessoas | Protocolo de Vistoria nº 251233-2/2021. R. Bragança Paulista, 1281 | www.tokiomarinehall.com.br | GRUPOS: (11) 5646.2120

Eternal Idols

Por Antonio Carlos Monteiro


Divulgação

TAYLOR HAWKINS

✶ 17/02/1972 † 25/03/2022

Não apenas na música, mas de um modo geral, a morte sempre choca. Talvez seu efeito seja menor quando se trata de alguém de idade mais avançada ou que já conviva com problemas clínicos, mas sem dúvida é algo que ganha em impacto se acontece com alguém jovem e, ao menos aparentemente, gozando de excelente saúde. Foi o que aconteceu com Taylor Hawkins, baterista do Foo Fighters.

Oliver Taylor Hawkins nasceu em Fort Worth, no Texas, mas aos 4 anos sua família se mudou para Laguna Beach, na Califórnia, onde ele cresceu. Em paralelo aos estudos, foi se interessando por música e começou a tocar bateria. "Quando eu estava na escola, passei a acompanhar várias bandas", disse ele ao site Whalebone. "Eu adorava Queen, Jimi Hendrix, Led Zeppelin, Pink Floyd, mas a que eu mais curtia sem dúvida era o Jane's Addiction."

Sua primeira banda chamava-se Sylvia, mas ele não ficou lá muito tempo: aos 22 anos, foi contratado para fazer parte da banda que acompanharia a turnê da vocalista Sass Jordan. Mais tarde, Hawkins mostraria o quanto era agradecido a Sass: "Ela me ensinou o que é fazer parte de uma banda de rock."

Entre junho de 1995 e março de 1997, Taylor fez duas turnês com a cantora Alanis Morissette e gravou o CD/DVD ao vivo *Jagged Little Pill, Live* (1997).

Por outro lado, em 1997 o Foo Fighters estava em meio à gravação de seu segundo disco e um embate surgiu entre Dave Grohl e o baterista William Goldsmith. Grohl não gostou da forma como William gravou o repertório, acabou ele mesmo assumindo as baquetas no estúdio e por fim o Foo Fighters se viu sem baterista. Dave, então, pediu a seu amigo Taylor Hawkins sugestões de nomes que pudessem assumir o posto. Para surpresa do ex-Nirvana, que pensou que seu chapa jamais abriria mão de um trabalho de projeção como acompanhar Alanis Morissette, Taylor indicou a si mesmo. Ele preferia fazer parte de uma banda de rock.

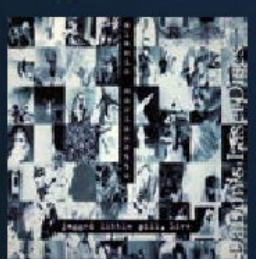
Apesar de ter se encaixado perfeitamente na banda, Taylor não tinha experiência em estúdio. E sofreu para gravar o disco seguinte, *There Is Nothing Left to Lose* (1999) – ouviu até desaforo do produtor, Adam Kasper. "Esse garoto está tentando aprender a usar metrônomo aqui na minha frente?", teria dito ele de acordo com o que Taylor contou ao site Uproxx em 2021. Taylor chegou a dizer a Grohl que não conseguiria gravar. Dave insistiu e ele gravou. "Ele me queria na banda como amigo, como um membro da família. E aqui estamos...", resumiu. Ao todo, foram nove discos de estúdio registrados pelo batera entre 1999 e 2021, além de performances como vocalista nos shows – nesse momento, Grohl assumia a bateria.

Um susto aconteceu em 2001, quando Taylor sofreu uma overdose de heroína e ficou em coma por duas semanas. Em 2018, ele contou o que houve: "Eu estava direto em festas. Não era um viciado, mas vivia festejando, até que um dia passei do ponto." Já no documentário *Foo Fighters – Back & Forth* (2011) ele explicou melhor: "Eu achava que pra ser rockeiro você tinha que ser Keith Richards..."

Em 2004, ele criou o projeto Taylor Hawkins and the Coattail Riders, no qual, além de tocar bateria, era vocalista e principal compositor. O grupo lançou três discos entre 2006 e 2019.

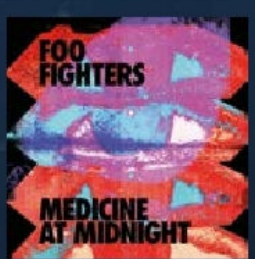
Em 2020, certamente realizou um de seus sonhos ao se unir ao guitarrista Dave Navarro e ao baixista Chris Chaney, ambos de sua banda favorita Jane's Addiction, para, novamente como baterista e vocalista, formar o supergrupo NHC, que ele definia como "uma mistura de Rush com Faces". O EP *Intakes & Outtakes* saiu em fevereiro último.

Até que no dia 25 de março último, em meio à tour sul-americana que passaria pelo Brasil dois dias depois, Taylor Hawkins foi encontrado morto no seu quarto do hotel em que a banda estava hospedada em Bogotá (COL). A causa da morte não chegou a ser revelada, mas todos os indícios levam a crer que se tratou de uma overdose acidental, já que um coquetel de substâncias foi encontrado em seu corpo. Foi uma comoção mundial e até o fechamento desta seção não se sabe qual será o futuro do Foo Fighters – afinal, Dave chamava Taylor de "meu irmão de outra mãe".


Alanis Morissette
Jagged Little Pill, Live (1997)

Foo Fighters - There Is Nothing Left to Lose (1999)

Taylor Hawkins and the Coattail Riders - Get the Money (2019)



Foo Fighters
Medicine at Midnight (2021)

NHC
Intakes & Outtakes (2022)

Metal Hammer · metal.de · EMP · Rock Antenne · Nuclear Blast

17.08. – 20.08.

SUMMER BREEZE 2022

THE RETURN STRONGER THAN EVER!

25TH ANNIVERSARY

HEAVEN SHALL BURN · Blind Guardian · ARCH ENEMY

EISBRECHER · WITHIN TEMPTATION · Electric Callboy

ALESTORM · FEUERSCHWANZ · HÄMATOM · amorphis

HYPOCRISY · TESTAMENT · AVATAR · CANNIBAL CORPSE · JINJER

JBO · BURY TOMORROW · DARK TRANQUILLITY · LORD OF THE LOST

FINNTROLL • KORPIKLAANI • DARK FUNERAL • BEAST IN BLACK
DIE APOKALYPTISCHEN REITER • PARADISE LOST • ORDEN OGAN
EMIL BULLS • IGORRR • ANY GIVEN DAY • NAPALM DEATH • CALIBAN
MADBALL • EXODUS • MR. HURLEY & DIE PULVERAFFEN • INSOMNIUM
ENSIFERUM • FIDDLER'S GREEN • DEATH ANGEL • COMEBACK KID • TURBOBIER
COMBICHRIST • FLESHGOD APOCALYPSE • LORNA SHORE • GHØSTKID
PRIMAL FEAR • DER WEG EINER FREIHEIT • BENEDICTION • PARASITE INC.
BRAINSTORM • EISREGEN • MISERY INDEX • CYPECORE • OMNIUM GATHERUM
DARKEST HOUR • MASS HYSTERIA • BENIGHTED • BROTHERS OF METAL
LANDMVRKS • AVATARIUM • HUMANITY'S LAST BREATH • GUTALAX
INFECTED RAIN • BLOODYWOOD • NEKROGOBLIKON • ANGELUS APATRIDA
CYTOTOXIN • CRISIX • BORN FROM PAIN • THUNDERMOTHER • DEBAUCHERY
VOLA • LIK • ACRANIUS • ENFORCED • WARKINGS • SERENITY • PALLBEARER
AGRYPNIE • NECROTTED • DAGOBA • VENDED • PALEFACE • HANGMAN'S CHAIR
DISTANT • SLOPE • SPASM • DEFOCUS • LÜT • VULTURE • HAMMER KING
SIAMESE • CONJURER • SVALBARD • DJERV • OUR PROMISE • SKYEYE • URNE
HAGGEFUGG • KVAEN • MISSION IN BLACK • SEASONS IN BLACK • NYRST
TEMPTATIONS FOR THE WEAK • DANGERFACE ...and many more

DINKELSBÜHL • BAVARIA

INFO, TICKETS & MORE: **WWW.SUMMER-BREEZE.DE**

LIMITED TICKET PRICE 169,– € · LIMITED TICKET PRICE FROM MAY 5TH: 189,– €

FUNDED BY:

Die Beauftragte der Bundesregierung für Kultur und Medien · NEUSTART KULTUR · GEMA

HAMMERFALL

IRMANDADE E SUPERAÇÃO

Joacim Cans explica como ele e a banda sueca lidaram com o pior momento da pandemia; e passeia pela história do Hammerfall até o novo álbum

Por Daniel Dutra

Hammer of Dawn, o 12º disco de estúdio do Hammerfall, já está nas lojas e nas plataformas de streaming. A turnê com o Helloween finalmente vai chegar aos palcos - a United Forces começa em maio, na Europa, e chega ao Brasil em outubro, com três shows já confirmados em São Paulo: dias 6 (Ribeirão Preto) e 8 e 9 (capital). Tudo isso foi assunto de um longo papo com o animado e bem-humorado vocalista Joacim Cans, que explicou os altos e baixos dele próprio e da banda sueca – completada por Oscar Dronjak e Pontus Norgren (guitarras), Fredrik Larsson (baixo) e David Wallin (bateria) – no auge da pandemia, além da longevidade do grupo e o seu papel "temporário" no Hammerfall. Como assim "temporário"? Confere aí!

Além de compor e gravar o novo álbum do Hammerfall, o que você tem feito com o tempo livre extra por causa da pandemia?

Joacim Cans: Ah, acredito que tem sido um aperitivo de como a vida será quando chegar a aposentadoria. (risos) Fiquei sentado em casa fazendo nada, mas com isso tomei a decisão de nunca me aposentar, porque é entediante demais. (risos) Tenho lido bastante, na verdade, e tentado atualizar a minha leitura de todos os clássicos da literatura sueca, porque são obras de leitura obrigatória. Creio que vocês também tenham livros importantes no Brasil, aquelas que têm de ler. Ainda estou nessa pilha de livros e gostei muito de tomar a decisão de ler todos eles, mas também assisto a algumas séries e experimento uns tipos diferentes de champanhe, só que não todos os dias. (risos). Eu gosto muito de champanhe, então estou aprimorando meus conhecimentos sobre o assunto, lendo muito a respeito e experimentando.

Resumidamente, você se cercou de algo essencial e que está sempre disponível: cultura.

Joacim: Sim! Ler, ouvir música e ver TV... Tudo isso é uma forma de escape da realidade, e as pessoas precisam disso. Nós precisamos disso. Sendo eu um trabalhador da cultura, também, meu escape precisa ser para outras áreas da arte. Preciso de cinema e coisas assim, para que a vida valha a pena ser vivida. Sem isso, seria como voltar aos tempos antigos, quando se trabalhava por 16 horas, voltava para casa e morria aos 35 anos por estafa.

E o Hammerfall ainda estava divulgando *Dominion* quando tudo começou...

Baixe no nosso canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

HAMMER OF DAWN
Napalm - Imp.

Joacim: Sim, mas tivemos sorte, assim como algumas bandas também tiveram, de fazer uma turnê antes de a pandemia começar. Tocamos pelos EUA com o Sabaton e conseguimos fazer toda a turnê europeia, então, quando a pandemia nos atingiu, já tínhamos feito as maiores turnês. E quando todo mundo começou a fazer aquelas transmissões ao vivo, eu perguntava 'Mas por quê?', e algum músico sempre dizia: 'Ah, as pessoas estão presas em casa e querem ouvir e ver nossa banda!'. Ok, mas faltava algo: o público! Tocar para uma câmera? Ah, não! Para a nossa sorte, fomos espertos o suficiente para gravar o maior show da turnê europeia, em Ludwigsburgo, na Alemanha, então, no primeiro ano da pandemia, nós estávamos felizes porque podíamos trabalhar no maior e melhor álbum e Blu-ray ao vivo para lançar no fim de 2020. Só que 2021 foi o pior dos períodos. Tínhamos a gravação do novo álbum, músicas compostas e todo o planejamento para isso, mas é claro que pensamos em sair do estúdio direto para os festivais de verão, o que não aconteceu. E imagine isso: eu estava prestes a voar para Los Angeles para gravar os vocais de *Hammer of Dawn*, mas não pude viajar porque não tive permissão para entrar nos Estados Unidos.

Eu iria tocar exatamente nesse ponto, porque *Dominion* foi lançado em agosto de 2019, e seis meses depois veio a pandemia. Não fosse isso, a banda poderia ter lançado *Live! Against the World* e continuado na estrada...

Joacim: Foi muito triste quando nos demos conta de que seria só isso para a divulgação do *Dominion*, e que teríamos de voltar nossa atenção para um novo disco, uma vez que a pandemia duraria muito tempo. Ou seja, quando as coisas voltassem ao normal, nós precisaríamos apresentar algo inédito. Emocionalmente falando, isso tudo foi muito difícil, porque trabalhamos de corpo e alma no *Dominion*. A turnê europeia foi a maior turnê que fizemos até agora, com a maior produção. Estávamos tocando para quatro mil, cinco mil pessoas em arenas na Alemanha e na República Tcheca, e isso foi um divisor de águas para nós! E aí tudo parou, e não pudemos sequer seguir para a América do Sul. Tivemos de cancelar uma turnê inteira e mais outras duas antes mesmo que fossem anunciadas oficialmente. Então, de uma só vez nós cancelamos três grandes turnês. A sensação foi de que o *Dominion* ficou pela metade. Muitas bandas estavam em período de pré-produção, voaram para os EUA e,

assim que pousaram em Nova York, tiveram que voltar para suas casas. Eu não vou reclamar muito, porque pelo menos conseguimos fazer algo bom.

A situação está melhorando, e tem o novo álbum. Do qual, aliás, eu preciso falar de *Venerate Me*, que tem a participação de King Diamond. A melodia vocal depois do solo de guitarra me deu calafrios, e a música é fantástica!

Joacim: Obrigado. A música toda, da melodia ao conceito da letra e à participação especial de King Diamond, é sobre morrer duas vezes: 'Diga o meu nome, e eu jamais morrerei'. Eu me arrepio só de falar sobre ela! Algumas pessoas talvez digam: 'Ah, vai tocar em todo lugar', mas eu digo que não é sobre quantidade, mas sobre qualidade que estamos falando aqui. Vocês têm King fazendo o que ele faz de melhor, ou seja, soando como King Diamond. Voltando ao conceito, a primeira morte é quando paramos de respirar, e a segunda, quando alguém fala o seu nome pela última vez. A música é sobre isso, e o significado é muito forte. Eu me arrepio só de pensar nisso, mesmo. Elvis Presley, por exemplo, jamais morrerá, porque continuamos ouvindo sua música e falando seu nome, então esse é um conceito do qual me orgulho de ter escrito.

O Hammerfall costuma entregar o que os fãs querem e esperam, e entrega muito bem. Mas há *Infected* (2011), possivelmente o disco que os fãs menos gostam. Passados dez anos, e olhando em retrospectiva, o que ele representa para você e para a história da banda?

Joacim: Sabe o que é mais engraçado? *Infected* é, para mim, o disco que contém algumas das melhores músicas que já fizemos. Se existe desprezo pela capa, então, o fã tem de ouvir as músicas, porque elas são 100% Hammerfall, sem dúvida alguma. Creio que as pessoas surtaram com a capa, porque ela é estranha e tão diferente da temática da banda. Talvez nossa intenção fosse causar comoção ou agitar as coisas, não sei, mas, olhando agora, foi um grande erro termos escolhido aquela arte. E jamais deveríamos ter abandonado Hector. Ele é o Hammerfall, e vice-versa. Ele faz parte da banda! O fato de termos modificado drasticamente o conceito da capa somado ao produtor, que não era conhecido por produzir heavy metal (N.R.: o vocalista do Sixx A.M., James Michael, que já trabalhou com Kelly Clarkson, Alanis Morissette, Mötley Crüe, Scorpions e Hilary Duff, entre vários outros)... Mas eu amo esse disco, e se não tivéssemos feito a mixagem e os vocais com o James, eu não teria a chance de trabalhar com ele, que tem sido o meu produtor de voz desde então. Então, mesmo que a capa e a mixagem tenham ficado meio 'bleh', e mesmo que venhamos a refazer esse disco algum dia, eu não me desfaço dele porque, do contrário, não teríamos conosco o James, que produziu meus vocais em *(r)Evolution* (2014), *Built to Last* (2016) e *Dominion*. E nós compusemos *Second to One* com ele. Infelizmente, não pude gravar os vocais com o James em *Hammer of Dawn*, mas encontrei o Jacob Hansen, que também foi fantástico.

De qualquer maneira, quem sabe esta entrevista não faça com que os reticentes deem uma nova chance a *Infected*?

Joacim: Espero que sim! É claro que cada fã tem direito a sua própria opinião, mas ouçam as músicas. Escutem *The Outlaw*, *Dia de Los Muertos*, que é uma canção bastante enérgica... Ignorem a capa e ouçam as músicas, porque *Infected* é, em minha opinião, um álbum fantástico!

Voltemos ao início do papo, mas de maneira positiva, porque o Hammerfall tem uma turnê com o Helloween a caminho, e eu vou começar dizendo que é um pacote incrível para os fãs de heavy metal, certo?

Joacim: Totalmente! Se não fosse vocalista do Hammerfall, eu provavelmente seria um fã do Hammerfall e morreria por uma turnê como essa (risos). Nós deveríamos fazer nossa própria turnê este ano, mas quando Helloween nos procurou, pensamos:

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

'Sabe de uma coisa? Será uma grande bagunça na estrada!'. Então, nós topamos. Aqui estão duas bandas pioneiras, em tempos diferentes, trabalhando juntas. Os mestres e os pupilos juntos. É o pacote definitivo, cara! Se há um show de heavy metal ao qual se deve assistir este ano, é esse. Vale o dinheiro gasto no ingresso, e eu estava com os dedos cruzados para que começasse na Europa, porque ainda estamos vivendo tempos estranhos. Mas é um sonho levar essa turnê para o mundo todo, então vamos torcer para que isso aconteça. Sei que vou curtir cada momento, e que será muito legal, porque somos amigos próximos da maioria desses caras. A primeira grande turnê do Hammerfall foi abrindo para o Gamma Ray, e pudemos conhecer o Kai Hansen muito bem. Depois gravamos um disco no estúdio do Andi Deris e pudemos conhecê-lo, também. Na turnê de Natal, conhecemos o Michael Kiske... São amigos saindo em turnê.

Ano que vem marca o 30º aniversário de Hammerfall, então minha primeira pergunta é bem simples: você imaginou que a banda iria tão longe e com uma legião leal de fãs ao redor do mundo?

Joacim: Não! De jeito algum! Às vezes, é preciso dar um beliscão no braço. Eu me pego pensando 'Isso está realmente acontecendo? Estou mesmo dando uma entrevista sobre nosso 12º disco? E 25 anos depois do álbum de estreia?'. É inacreditável, que jornada fantástica! Fico muito orgulhoso de termos conquistado isso e, também, feliz porque eu e Oscar tocamos que queremos tocar, mesmo com pessoas nos dizendo que temos que mudar o foco e fazer música que as pessoas ouçam. É o espírito do heavy metal que crescemos ouvindo: nós dois somos muito fãs de Manowar, e eles são exemplo de como se manter firmes à própria escolha. Acredito que é por isso que o Hammerfall continua aí. De um lado, temos os fãs leais; e do outro, aquelas pessoas que, não importa se fizemos o melhor disco de todos os tempos e de todos os gêneros, vão dizer 'Não vou ouvir porque é Hammerfall, e eles são clichê demais'. Azar o deles (risos).

> "Estávamos tocando para quatro mil, cinco mil pessoas em arenas na Alemanha e na República Tcheca, e isso foi um divisor de águas para nós! E aí tudo parou (...)"
> Joacim Cans

E embora você tenha entrado na banda em 1996, não há como negar que os fãs o têm como o cantor original. Verdade seja dita, eu conheço fãs que nem lembram que Mikael Stanne (N.R.: vocalista do Dark Tranquillity) estava lá no começo Como você se sente a respeito disso?

Joacim: O Hammerfall era uma coisa local. O Mikael estava havia três anos na banda, que só tinha feito uns dois ou três shows, e ninguém fora de Gotemburgo sabia que ele era vocalista do Hammerfall, porque eles nunca tinham gravado nada. Quando eu entrei, as peças do quebra-cabeça se encaixaram, e continuo me vendo como o vocalista original do Hammerfall. Ainda assim, é engraçado dizer que Mikael saiu em outra turnê e eu entrei apenas para ajudar, mas como ele nunca foi demitido, então creio que Mikael ainda é o vocalista do Hammerfall, e eu sou apenas o substituto temporário! (risos) A parte boa é que eu estou a salvo na banda. Eles não podem me chutar, porque isso seria uma mudança drástica. (risos) Honestamente, eu digo que Oscar é o Hammerfall, e vice-versa, assim como Joacim é o Hammerfall, e vice-versa. É preciso que nós dois estejamos juntos, é preciso essa irmandade para manter a identidade da banda. Nós sempre brigamos por causa disso, e de brincadeira, quando eu falo para o Oscar que ele é a única pessoa que não pode sair do Hammerfall, e ele responde: 'Nada disso! Eu posso sair sem problemas, mas a banda acaba se você sair!' (risos)

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILHEAVYMETAL

Divulgação

Oscar Dronjak, Fredrik Larsson, Joacim Cans, Pontus Norgren e David Wallin: mais um disco na graça dos fãs

Spotify
eve desire
gaia
Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILEREVISTAS
DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS
Spotify
deezer
amazonmusic
Ouça no Apple Music
@evedesireband
WWW.EVEDESIRE.COM
/EveDesireBand

Ian Jekelis, Sven de Caluwé, Stefano Franceschini e Ken Bedene, técnica e brutalidade em nome do death/grind

ABORTED

UM NOVO CULTO PARA MANÍACOS

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILRETRAS

Em *Maniacult* banda belga encontra o equilíbrio perfeito entre as três fases da sua longa jornada

Por Valtemir Amler

Sven de Caluwé, vocalista e fundador do Aborted, não é exatamente o tipo de pessoa que gosta de ficar quieto no seu canto, simplesmente sentindo a brisa do ar. Não mesmo, e nunca foi assim. Desde que deu início à banda, em 1995, o Aborted trabalha incessantemente, sempre buscando uma expressão ainda mais violenta e pulsante para o seu som. A fórmula aos poucos foi mudando. Do death metal brutal dos primeiros dias com *The Purity of Perversion* (1999), a banda mergulhou em um universo com mais groove (mais ainda devotado aos moldes death) em *The Archaic Abattoir* (2005) e alcançou um resultado ainda mais técnico e atmosférico em seu mais recente EP, *La Grande Mascarade* (2020). Toda essa mudança, comumente expressa em fases, pode ser conferida em sua plenitude no mais novo registro de estúdio do Aborted, *Maniacult*. Com canções que pisam forte no acelerador e outras que ameaçam com um groove violento, Caluwé e seus parceiros – Ian Jekelis (guitarra), Stefano Franceschini (baixo) e Ken Bedene (bateria) – mostram que permanecem relevantes e influentes no cenário atual, tanto quanto ou até mais do que antes. Com vocês, o "poeta" Sven De Caluwé.

Na última vez em que conversamos, você estava promovendo o álbum *Terrorvision*, de 2018. Lembro que você havia sido fortemente influenciado por um filme naquela ocasião. Aconteceu algo semelhante agora, com *Maniacult*?

Sven de Caluwé: Semelhante em partes, mas foi algo diferente. Você sabe, *Terrorvision* foi uma coisa maluca, tinha esse filme americano, uma ficção científica de horror de 1986, chamada 'Terror-Vision'. Nossa, aquele filme é tão bizarro que não poderia deixar de me influenciar (risos). Se me lembro bem, é sobre ETs que aniquilam todo mundo, exceto headbangers, pois essas são pessoas legais (risos). Mas, no fim, o conceito geral nem era sobre isso, mas sobre a ideia de as pessoas serem manipuladas pela propaganda, seja ela comercial, ideológica ou o que quer que seja. As pessoas acabam sendo governadas por uma vontade que não é delas, que não procede delas mesmas. Muito profundo isso, Aborted também é cultura, jovens (risos gerais). Já no aspecto musical, dissemos a nós mesmos durante a composição de *Terrorvision* que, se não fossemos capazes de fazer algo melhor do que alcançamos em *Retrogore* (2016), então nem deveríamos cogitar escrever um novo álbum. Pensamos em como poderíamos melhorar e várias ideias surgiram. Poderíamos ser mais técnicos do que antes. Quem sabe mais brutais, talvez mais rápidos? Ir mais na direção do grindcore? Buscar um mergulho ainda mais profundo naquilo que arranhamos em *Retrogore*, com aquelas partes atmosféricas e obscuras? Acho que escolhemos explorar esse último aspecto um pouco mais, ao passo que ampliamos os outros elementos. Definitivamente, existem algumas músicas em *Terrorvision* que são as coisas mais técnicas que esta banda já fez.

Concordo, mas acho que essa abordagem também foi mantida no novo álbum.

Sven: Sim, porque sejam compassos, riffs ou partes de bateria e tempos, adicionar esse fator dá uma sensação mais

homogênea ao álbum, bem como fornece alguns pontos para a música respirar que são muito necessários na música extrema. Além disso, temos também mais partes memoráveis, que permitem que o caos se destaque e fique ainda mais em evidência, se isso fizer sentido.

Porém, embora muito disso tenha vindo do que fizeram antes, a forma como abordaram a concepção do álbum foi diferente desta vez, certo?

Sven: Sim, com todas as coisas que estão acontecendo no mundo, nós pensamos em fazer algo especial para os fãs, algo que funcionasse nas pré-vendas, algo assim. Mas queríamos que fosse algo especial, algo diferente e que nenhuma banda no nosso segmento estivesse fazendo. Então, acabamos agindo meio que ao contrário do processo habitual, nós pensamos: 'Certo, não sabemos ainda como vamos chamar o álbum, mas para a edição limitada do álbum vamos fazer uma figura de ação de um assassino, um boneco mesmo, para os colecionadores.' Começamos a partir dessa ideia, criamos essa figura central, o líder do culto dos maníacos, Wayland Thurston (N.R: inspirado no personagem Francis Wayland Thurston, presente na obra 'O Chamado de Cthulhu', de H. P. Lovecraft), e então eu comecei a criar todo um conceito em volta disso.

Você já tinha uma ideia de que conceito seria esse?

Sven: Eu tinha um início. Eu sabia que queria algo que tivesse a ver com um culto, mas não queria que fosse algo tradicional, o tipo de história que vemos todos os dias por aí, não era para ser um ataque à religião ou algo assim, precisava ser algo mais sinistro. Então, como aconteceu em *TerrorVision*, que parecia falar sobre uma coisa mas na verdade falava sobre outra, *ManiaCult* também é uma história ambientada sobre vários planos, com várias camadas diferentes. Existe a parte óbvia, que é a porção death metal da coisa: temos esse maníaco que está recrutando pessoas para o seu culto da morte, que está influenciando outros para trazerem sacrifícios humanos e assim invocar os demônios que extinguirão a vida na Terra. Para muitos a história vai terminar aí, pois isso ia bastar (risos), mas é apenas uma metáfora para falar sobre saúde mental. O personagem central é claramente insano, os monstros que enxerga são apenas seus demônios internos, talvez personalidades múltiplas que carrega, nada daquilo existia no mundo real, mas sua imaginação e sua capacidade de convencimento foram tão fortes que muitas pessoas começaram a agir em nome daquilo, criando o verdadeiro caos.

Parece um conceito bem mais conectado com o nosso mundo atual do que muitos podem se dar conta...

Sven: Sim, mas é isso mesmo. Claro que eu fui influenciado por todo esse cenário de merda que estamos vivendo, todo esse ódio no ar, toda essa sede de violência. Você sabe, o que tem acontecido nos últimos anos é uma loucura, pessoas que foram amigas a vida inteira simplesmente não são mais capazes de travar uma conversa saudável, já apelam para a violência. Por conta de diferenças políticas, religiosas ou qualquer outra razão idiota, o que querem é aniquilar o outro lado. A verdade é que os dois lados do espectro se tornaram extremistas e não existe mais voz da razão nesse mundo. Sendo bem sincero, esse que é o tema em *ManiaCult*.

MANIACULT
Century Media - Imp.

Infelizmente, esse é um tema que conecta pessoas do mundo inteiro hoje.

Sven: Pois é, vemos isso em todos os lugares. A violência tem crescido e mudar as cores ou a bandeira não ajuda a resolver o problema. Existem vários documentários e estudos sobre o tema, e diversos deles apontam que uma parte considerável disso tem a ver com a forma como nos conectamos com a mídia, e infelizmente hoje as mídias sociais não estão ajudando em nada, elas agravaram muito o problema. Essa tem se tornado uma questão cada vez mais importante: a maneira como tratamos uns aos outros.

Como tratar um conceito como esse através da música?

Sven: Muitas ideias musicais vieram de 2019, quando começamos a trabalhar no aspecto musical do álbum. Tivemos mais tempo para pensar nisso quando nossa turnê com o Napalm Death foi cancelada, a verdade é que aparentemente todos nós, músicos, tivemos mais tempo livre do que o planejado nesses últimos anos (risos). Já que não havia escolha, usamos o tempo para refinar as coisas, pensamos melhor algumas partes, e acho que isso acabou dando um aspecto muito positivo ao disco. Acho que conseguimos fazer nosso álbum mais dinâmico e diversificado, vamos ver o que os fãs têm a nos dizer sobre isso.

Da forma como vejo, *ManiaCult* revisita o passado do Aborted, traz de volta o aspecto grind, mescla fortemente com o lado groove e acena para o futuro, com ainda mais partes atmosféricas nas canções.

Sven: Cara, muito obrigado, pois é isso mesmo que tentamos fazer aqui (risos). Existia essa preocupação de sempre trazer algo novo, pois não queremos ser uma banda datada, mas também queríamos mostrar que não estamos escondendo nenhum aspecto do nosso passado, muito pelo contrário, estamos orgulhosos de tudo o que fizemos musicalmente. Encontrar o equilíbrio perfeito entre todos esses momentos diferentes foi desafiador, talvez seja desafiador também para os ouvintes, mas no geral acho que ficou uma ótima mistura!

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/VIDASAOVISTAS

Sim, e a faixa-título é uma das que melhor mostra essas variações.

Sven: Sim, e por isso mesmo foi uma das que mais deu trabalho (risos). Foi uma das primeiras que começamos a trabalhar, e acho que a última que finalizamos. Você sabe, no começo do processo trabalhamos com nomes provisórios bem estúpidos e essa música se chamava 'pequeno almoço' (risos); não tinha letra, nada. A progressão inicial, bem, Ken não estava nada feliz com ela, então tive que convencê-lo a continuar tentando coisas diferentes, até conseguirmos o resultado que queríamos. No final, ela ficou tão cativante que se tornou a faixa-título.

Outro destaque é *A Vulgar Quagmire*, que, no fim das contas, não tem nada a ver com Family Guy.

Sven: Você sabe, não somos tão bons nisso quanto nossos amigos do Gutalax, mas temos que ter alguma música sobre merda nos nossos discos (risos gerais). E é engraçado você ter lembrado do Family Guy, pois o personagem Quagmire é vulgar, então faz sentido (risos). Eu amo aquele desenho, 'dig-dig' (N.R: ele imita o som do personagem). Mas não, nossa música não tem a ver com a série, tem a ver com bosta mesmo (risos gerais). É pura poesia, cara!

ClassiCrew

1972 WISHBONE ASH
Argus

Tem horas em que o acaso dá uma ajuda e tanto... Veja o caso do britânico Wishbone Ash: lá nos primórdios, o primeiro guitarrista, Glenn Turner (irmão do baixista Martin Turner), resolveu sair. O anúncio que a banda publicou atraiu muitos candidatos e, no fim, Martin e o baterista Steve Upton não conseguiram se decidir entre os dois que mais se destacaram. Resultado: ficaram com os dois. E foi com Andy Powell e Ted Turner (nada a ver com Martin) nas seis cordas que o grupo não só deu início à sua carreira como criou um estilo que influenciou gerações.

Fundindo elementos de hard rock, progressivo, folk e até música clássica, o quarteto começou a chamar a atenção de público, crítica e colegas – após abrir alguns shows do Deep Purple em 1970, viram Ritchie Blackmore recomendar o Wishbone Ash à Decca/MCA Records e também apresentar a banda ao produtor Derek Lawrence. E depois de dois discos de relativo sucesso, o grupo soltou seu trabalho de maior sucesso: *Argus*. Nesse álbum, o trabalho das guitarras, que viria a influenciar principalmente bandas de heavy metal, está mais evidente do que nunca: são solos alternados entre Ted e Andy e muito uso de guitarras gêmeas.

Com músicas assinadas por toda a banda e vocais divididos entre Ted, Martin e Andy, o quarteto entrou no estúdio De Lane Lea, em Londres, em janeiro de 1972. A exemplo dos dois primeiros álbuns, *Argus* teve Derek Lawrence na produção e foi lançado em 8 de maio seguinte. Foi o disco mais bem sucedido do Wishbone Ash até hoje, chegando ao terceiro posto nos charts britânicos e conquistando Disco de Ouro no mesmo mercado. Além disso, o jornal britânico Sounds elegeu-o como "Disco do Ano" de 1972.

Segundo Powell declarou ao site Decibel em entrevista publicada em 2019, o repertório tem dois lados bem distintos: "O primeiro lado é quase brilhante e ensolarado. Então, você passa para o lado B, que é muito mais sombrio."

Mesmo ostentando uma discografia com 24 trabalhos de estúdio, até hoje o Wishbone Ash recebe pedidos para tocar *Argus* na íntegra. "Isso acontece o tempo todo", confirmou Andy. "Sei que muitas bandas passariam a negar esses pedidos após ouvi-los algumas vezes, mas eu acho muito legal!"

E ele confirma que identifica muitas influências de sua banda nos grupos de heavy metal. "São coisas mais rápidas, mas dá pra ver a relação. Algumas são quase um songbook do Wishbone Ash! (risos) Mas recebo isso como um elogio, é emocionante saber que inspirei as pessoas a criarem música. É um sentimento muito bom."

Antonio Carlos Monteiro

Entre em nosso Canal do Telegram: t.me/BIGASHREVISTAS

1982 RIOT
Restless Breed

No mundo da música, não é novidade alguma bandas lançarem discos acima da média em meio a turbulências internas. O Riot foi apenas mais uma delas, e o início dos anos 1980 para a banda do saudoso Mark Reale (1955-2012) é, talvez, o capítulo mais interessante na história do grupo nova-iorquino. Imagine que o quinteto vinha de seu trabalho mais bem-sucedido comercialmente, *Fire Down Under* (1981), e que este mesmo álbum foi a razão de o Riot ter sido dispensado pela Capitol Records, que o considerou "pesado demais".

E isso antes de o disco ser lançado, o que só aconteceu porque a Elektra Records acreditou e o colocou nas lojas. O novo selo estava certo, e o tempo se encarregou de colocar *Fire Down Under* no panteão de clássicos do Riot, mas... Depois da turnê, as convicções religiosas do igualmente saudoso Guy Speranza (1956-2003) fizeram com que ele deixasse o posto de vocalista da banda. E foi assim que o novato e talentoso Rhett Forrester (1956-1994) se juntou a Reale e Rick Ventura (guitarras), Kip Leming (baixo) e Sandy Slavin (bateria) para dar vida a *Restless Breed*, o quarto álbum do Riot.

Um trabalho com um início matador, incluindo a ótima versão de *When I Was Young*, de Eric Burdon and the Animals, numa releitura que poderia fazer inveja ao UFO. Ouça e entenda por quê. Ainda levaria um tempo para Speranza se tornar um nome icônico, especialmente por causa da decisão de abandonar a carreira musical, mas Forrester foi definitivamente um substituto à altura. Fosse numa música de sua autoria, *C.I.A.*, na qual dá um show de interpretação, ou naquelas em que foi coautor – *Loanshark*, *Violent Crimes* e a sensacional *Hard Lovin' Man* –, o vocalista brilha tanto quanto Reale e Ventura, as forças-motrizes por trás do Riot.

E *Restless Breed* ainda traz outras canções igualmente irresistíveis, como *Loved By You* (qualquer semelhança com AC/DC da era Bon Scott não parece ser mera coincidência), *Over to You*, a empolgante *Dream Away*, a bonita *Showdown* (com uma aula de Reale nas seis cordas) e a faixa-título. A situação, no entanto, começou a desandar. No mesmo ano, a banda lançou o EP *Rare Live*, foi dispensada da Elektra e soltou

seu quinto álbum, *Born in America* (1983), por uma gravadora independente Quality Records, do Canadá. Pior: o relacionamento com Forrester rapidamente se deteriorou, graças ao mau comportamento do vocalista na estrada, e o Riot pediu as contas em 1984. O hiato durou apenas até 1986, quando Reale voltou com outros músicos, soltou mais um clássico, *Thundersteel* (1988)... Bom, mas essa já é outra história.

Daniel Dutra

1992 TRIUMPH
Edge Of Excess

Curiosamente, não são poucos os fãs do Triumph que desconhecem *Edge of Excess*, décimo álbum da discografia do clássico trio canadense. Mais que isso, esses mesmo se espantam ao tomar ciência de que se trata do primeiro trabalho sem a presença do vocalista e guitarrista Rik Emmett, que havia saído em 1988 para seguir em carreira solo. "Era cansativo e fazíamos seguidas turnês, o que deixava nossa vida um tanto tumultuada, pois quase não tínhamos tempo para cuidar dos nossos assuntos pessoais. Isso causou um efeito diferente em cada um de nós e Rik preferiu seguir seu caminho fora do Triumph", explicou o baterista e vocalista Gil Moore certa vez a este que vos escreve. Assim, coube a ele a tarefa de assumir todos os vocais. "Nunca me senti confortável tocando e cantando ao mesmo tempo, mas aprendi com a necessidade", afirmou Moore.

Com a vaga em aberto, Moore e o baixista e tecladista Mike Levine recrutaram o guitarrista Theofilos Xenidis, o Phil X (ex-Sidinex, Flip City e Aldo Nova), aquele mesmo que substituiu Ritchie Sambora no Bon Jovi anos mais tarde. O resultado foi um álbum bem produzido, mais voltado ao hard rock e até com toques de heavy metal. "Foi realmente um disco mais pesado, pois Phil X toca de forma mais pesada que Rik. Além disso, tivemos várias outras influências no processo de composição, sendo que algumas músicas foram feitas com o auxílio de um guitarrista de Toronto, Mladen Alexander", detalhou Moore.

Lançado em outubro de 1992 no Canadá e em janeiro de 1993 nos EUA, o repertório destacou, de cara, as faixas *Child of the City*, que saiu em videoclipe; *Troublemaker*, que integrou a trilha do filme "Hellraiser III: Hell on Earth"; e a faixa-título. "Os fãs responderam de forma positiva. Com relação à mídia, na primeira semana do lançamento, *Edge of Excess* conquistou o topo nos quatro charts mais significativos. Além disso, conquistamos altas posições em paradas de rádios. Aquela resposta foi a melhor da história da banda", comemorou Moore. "Mas, infelizmente, a empresa que era responsável pela distribuição de nossa gravadora fechou logo depois que o álbum foi lançado. Aquilo foi um baque e, como resultado, o marketing promocional foi quase nulo", concluiu Moore, que considera *Edge of Excess* o melhor disco do Triumph.

Se ele considera isso, faça um favor a si mesmo: corra e confira este clássico esquecido, que ainda destaca as hard rockers *Turn My Back on Love*, *Riding High Again*, *Boy's Night Out* e *Love in a Minute*.

Ricardo Batalha

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

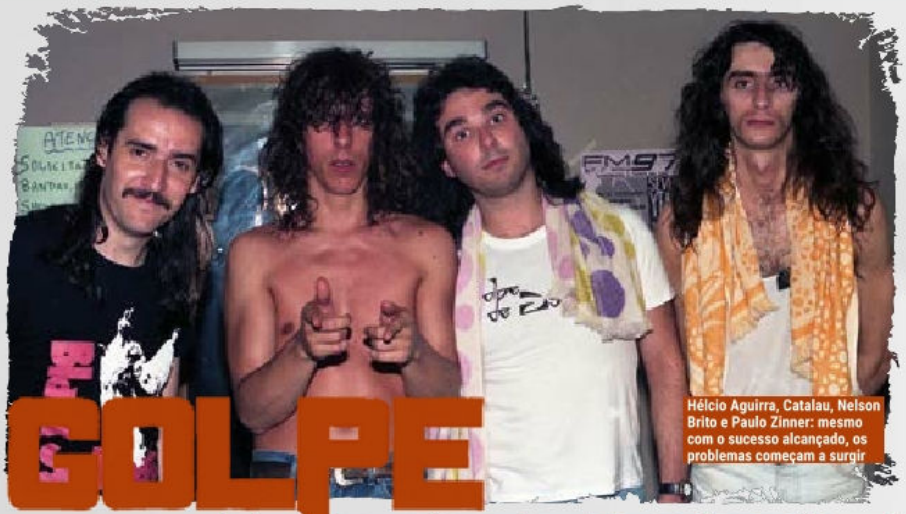
2002 BLOODBATH
Resurrection Through Carnage

Nos anos 90, a Suécia recebeu seu galardão do mundo metálico quando Entombed, Unleashed, Grave e Dismember lançaram alguns dos maiores clássicos do death metal, tornando-se desde então referência para toda uma geração que vinha na esteira do seu sucesso e que por sua vez adicionavam novos registros aos anais dos clássicos underground. Bandas como Opeth, Katatonia, Edge of Sanity e tantas outras usaram dessas referências clássicas na formação de seu som próprio, mas nunca esqueceram a verdadeira essência de sua música, advinda, é claro, do death metal da sua Suécia natal. Isso é tão verdade que, no final dos anos 90, Mikael Åkerfeldt (Opeth, vocal), Dan Swanö (Edge of Sanity, bateria), Jonas Renkse (Katatonia, baixo) e Anders Nyström (Katatonia, guitarra) resolveram se unir em um projeto 'old school death metal', que visava revisitar e honrar o legado de seus ídolos. Nascia assim o Bloodbath, um dos principais nomes do gênero do novo milênio.

A estreia, ainda no tom tipicamente descompromissado de um projeto paralelo, veio no ano 2000 com o EP *Breeding Death*, mas já havia tanta qualidade naquelas três faixas que até o mais cético dos fãs de metal extremo sabia que a "brincadeira" não acabaria por ali. Assim, dois anos mais tarde o quarteto aparecia novamente, desta vez com o completo *Resurrection Through Carnage*, um divisor de águas e grande catalisador para aquilo que seria o death metal dessa nova era.

Para começar, aquilo que havia de mais caro à linhagem sueca do gênero aparecia não apenas preservada, mas evidenciada na música do Bloodbath: o peso é absurdo e inegável, mas as melodias são tão cativantes que não foram poucos os fãs de metal tradicional que caíram de amores ao ouvir os riffs de *Ways to the Grave*, *So You Die* e *Mass Strangulation* (essa última movida por um andamento mais cadenciado) que irrompiam dos alto-falantes em uma sequência avassaladora e completamente devotada aos apreciadores do som produzido à partir do lendário pedal Boss HM-2. Também não há como deixar de evidenciar os urros obcecados de Åkerfeldt, que aqui soa exatamente como alguns fãs gostariam que ele soasse nos álbuns do Opeth. Se você já é fã, ou se é novato no universo sangrento do Bloodbath, não deixe de conferir as músicas acima citadas e acrescente à lista as ótimas *Trail of Insects* (que tem o tradicional 'uh' importado do Celtic Frost) e *Buried By the Dead*. É ouvir uma vez e ser fã para sempre.

Valtemir Amler



Hélcio Aguirra, Catalau, Nelson Brito e Paulo Zinner: mesmo com o sucesso alcançado, os problemas começam a surgir

GOLPE DE ESTADO

PARTE 2

A BONANÇA E A TEMPESTADE

O Golpe finalmente é contratado por uma grande gravadora e atinge grande sucesso, mas começam a surgir problemas internos

Por Antonio Carlos Monteiro

Em 1988, após o lançamento de *Forçando a Barra*, o Golpe de Estado continuou sua rotina de shows. O baixista Nelson Brito, com exclusividade para este Background, diz que "a gente ia tocar em qualquer lugar", o que fez com que algumas apresentações não fossem tão bem sucedidas em termos de público. Mas em outras ocasiões as expectativas eram em muito superadas. O batera Paulo Zinner, também falando para esta biografia, lembra de um especial: a banda ia fazer duas apresentações no teatro Cacilda Becker, em São Bernardo do Campo (SP), em outubro de 1988. "Só que o mesmo número de pessoas que estava dentro do teatro também tinha do lado de fora, querendo entrar. E eles começaram a ficar um pouco revoltados porque não tinham entrado e começaram a depredar a parte externa do teatro." A banda então decidiu que, após encerrar o show, dariam um intervalo de mais ou menos meia hora e depois fariam outra apresentação. "O povo que estava fora lotou o teatro e a gente fez a segunda apresentação, o que não estava previsto para acontecer."

Porém, enquanto a banda saboreava o sucesso de público e crítica, sendo figura constante em rádios e TVs, ainda faltava algo, na visão dos músicos: um contrato com uma grande gravadora – até então, o Golpe tinha lançado seus dois discos pela Baratos Afins, de Luiz Calanca. Segundo Nelson declarou a este repórter em entrevista à época do lançamento de *Forçando a Barra*, "acho que nosso som não interessa às gravadoras." Porém, logo isso mudou. A gravadora Eldorado, que vinha apostando forte no rock nacional, entrou em contato com a banda, graças a uma indicação de André Christovam, contratado do selo e que conhecia muito bem a banda. Nelson reforça que o grupo não tinha uma "grande pretensão (de assinar com uma gravadora maior), mas todo mundo estava na Eldorado: André Christovam, Viper, Sepultura. André conhecia um dos produtores e indicou a gente." Segundo ele, "ofereceram um contrato para dois discos e uma divulgação grande", incluindo os jornais O Estado de S. Paulo e Jornal da Tarde, que faziam parte do mesmo grupo da Eldorado. E aí surgiu o mal estar: "Nós falamos pro Luiz e ele não gostou muito. Ele queria que a gente ficasse lá com ele." Luiz Calanca, também em conversa exclusiva, relembra o caso: "Eu fiquei muito triste mesmo", admite. "Fiquei chateado com o André Christovam, que levou a banda para lá e ele passou por cima de mim."

Catalau em ação

Fotos: Grace Laggi

Zinner também lembra do episódio: "O André falou para a Eldorado contratar gente e começar um trabalho lá. Infelizmente, houve um mal estar com o Luizinho, afinal, ele foi o cara que descobriu a gente, é o cara para quem a gente deve muito, mas não teve outra maneira de isso ser feito, a gente precisava ver o que ia acontecer." E completa: "Mas eu nunca esqueço do que o Luiz Calanca fez e continua fazendo pela gente e sou eternamente grato a ele." Nelson também vê isso como águas passadas: "Mas acho que a mágoa já passou... Trinta anos depois tudo passa (risos)" E Luiz confirma: "Eu fiquei chateado no momento, mas já passou. Torço muito por eles, principalmente pelo Nelson, não tenho mágoa nenhuma."

Entre em nosso canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Novos tempos

Resolvida essa questão, era hora de pensar no novo disco pela nova gravadora. A gravação teve início em setembro de 1989 e aconteceu no próprio estúdio da Eldorado. "Era o estúdio fantasma", brinca Nelson. E reage ao espanto do repórter: "Tinha uns fantasmas lá, sim!" Ele fala sério em seguida: "O estúdio era maravilhoso, tinha um pé direito enorme, parede de pedra..." Paulo completa: "Nós tivemos um tempo maior para gravar. E o estúdio é o mesmo em que Rita Lee e Tutti-Frutti haviam gravado *Fruto Proibido* (1975), que é um disco histórico, né? E de repente a gente estava lá gravando." Já a produção recaiu sobre André Christovam e Alexandre Fontanetti, a mesma dupla que havia trabalhado em *Mandinga* (1989), primeiro disco solo de André. Como o resultado tinha ficado muito bom, a banda resolveu chamar a dupla. "Foi uma escolha natural", informa Paulo, "e foi muito bom trabalhar com os dois, eles deram uma equilibrada em todos nós." Nelson diz que a gravação foi "divertida" e não usa meias palavras para definir o que acha de *Nem Polícia Nem Bandido*: "Ficou do caralho! Só tem hit, parece uma coletânea." Ele tem razão. No repertório estão temas como *Não É Hora*, *Filho de Deus*, *Na Vida* e a genial As *Aparências Enganam*, entre várias outras que dizem presente nos shows até hoje. O baixista continua: "Se foi difícil? Pô, tudo é difícil! Mas o resultado final compensou."

Catalau e Nelson

Por opção da gravadora, pela primeira vez a capa de um disco do Golpe de Estado não trazia uma ilustração de Chico Guerreiro, mas sim as fotos dos quatro músicos. Porém, no encarte a arte de Chico aparece em uma ilustração de um julgamento – uma forma de representar o título do álbum.

Observando a ficha técnica do disco, percebe-se que a maior parte das composições vem assinada por Hélcio Aguirra e Catalau. E isso acabou se tornando uma grande questão dentro da banda. Nelson diz que "começou aquele negócio de preciosismo: 'Isso aqui é meu, isso aqui fui eu que fiz...' Tem músicas assinadas pelos dois, mas os quatro trabalharam naquilo. Pra eles era muito importante essa questão da autoria, parecia que iam ganhar fortunas com aquilo, tipo Jagger & Richards (risos). Isso não é tão importante. Mas o Paulo ficou muito mais incomodado com isso e com razão."

Zinner lembra que aconteceu uma reunião na gravadora para definir esses créditos. "O Catalau e o Hélcio foram assinando como se tivessem feito tudo sozinhos, o que não foi verdade. As músicas iam sendo transformadas depois de a ideia inicial ser lançada e isso era feito pelos quatro. Tentei explicar meu ponto de vista, mas não teve jeito, meu nome não entrou em nenhuma música." Ele diz que ficou "muito chateado e muito, muito decepcionado. Nesse momento, para mim, ali não era mais uma banda, eles estavam agindo por interesse próprio. Pra mim foi um divisor de águas."

Foi nessa época que Paulo Zinner começou a trabalhar com Rita Lee, que seria pivô de um episódio marcante na história da banda. A parceria teve início durante a gravação de *Nem Polícia Nem Bandido*, através de Alexandre Fontanetti, que começara a trabalhar com Rita. Como ela precisava montar uma banda para gravar uma música com Cazuza, chamada *Perto do Fogo*. Fontanetti indicou Zinner para a bateria. Os dois se deram muito bem e ele se tornou baterista da banda de Rita, na qual ficou até 2011.

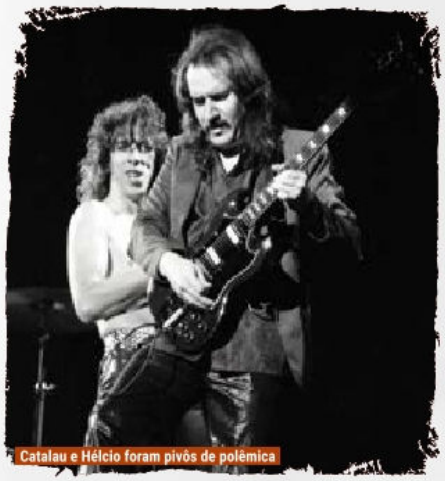
Os shows da banda eram sempre incendiários

Tocando pelo resto da vida

O lançamento de *Nem Polícia Nem Bandido* aconteceu em três shows no tradicional Centro Cultural Vergueiro, em São Paulo, que Paulo define como "memoráveis", Nelson lembra de alguns detalhes: "Cheguei lá com o Paulo de fusquinha e tinha uma puta fila. A gente ficou se perguntando: 'O que será isso aqui?' E era fila pra ver nosso show!" Segundo ele, seriam duas sessões, mas após a primeira surgiu um impasse: quem estava dentro não queria sair! "A gente ficava falando: 'Se vocês quiserem que a gente fique aqui tocando o resto da vida a gente fica, mas o pessoal da outra sessão quer entrar!' (muitos risos) Foi fantástico!"

Se o Golpe sempre foi uma banda que tocou muito, com o apoio de uma gravadora de maior porte e com um disco como *Nem Polícia Nem Bandido* nas mãos a coisa tomou proporções bem maiores. Pra começar, a Eldorado publicou alguns teasers nos cadernos de política dos dois jornais do grupo dizendo: "O Golpe vem aí!" E quando o disco foi lançado, saiu uma propaganda de meia página no caderno de cultura de ambos os jornais. Isso não só alavancou a venda do álbum, mas também proporcionou que a turnê fosse bem maior. "Foi uma tour muito bem sucedida, tocamos em muitos lugares em que a gente nunca tinha tocado", lembra Nelson, citando o Sul do Brasil e o Rio de Janeiro. E nessa época a banda começou a abrir shows internacionais. O primeiro foi o Jethro Tull em duas apresentações no Canecão (Rio de Janeiro) e uma no Ginásio do Ibirapuera (São Paulo), em setembro de 1990. Zinner lembra que "foi sensacional. É uma banda extremamente conhecida no mundo todo, influenciou a gente e de repente você está com eles, trocando ideia e tudo mais. Foi muito legal." Nelson concorda: "Todos eles eram super educados, não tinham nada de estrelas." Em dezembro seguinte, o Golpe ainda abriu um dos shows da turnê do Nazareth pelo Brasil.

Mesmo com a agenda intensa, a banda teve que arrumar tempo para criar um novo repertório para o disco seguinte. "A gravadora dizia que seria bom não demorar muito para lançar o trabalho seguinte", diz Paulo, "eles sabiam muito bem como é que funcionava o negócio." Nelson resume: "Todo mundo estava lançando disco novo. E nós estávamos na pista junto, não podíamos ficar pra trás." Zinner comenta que foi uma época bem intensa porque ao mesmo tempo ele se dedicava também à preparação de um disco de Roberto de Carvalho (marido de Rita Lee) e ficava "metade do dia ensaiando com o Golpe e metade do dia ensaiando com Roberto, praticamente todos os dias da semana, e ainda intercalando shows. Foi bastante corrido."


Catalau e Hélcio foram pivôs de polêmica

Mas certamente valeu a pena. Dessa vez, a gravadora colocou a banda em um dos melhores estúdios de São Paulo, o Mosh. Zinner havia gravado com Rita e Roberto nesse estúdio e convenceu a Eldorado a bancar a empreitada. "É um dos melhores estúdios da América Latina", resume. Nelson diz que "nós adoramos gravar lá! Ficamos um mês lá trabalhando. Agora, eles bancaram o Mosh porque sabiam que iam receber tudo de volta. Ninguém é bobo, né?"

Conhecendo os ídolos

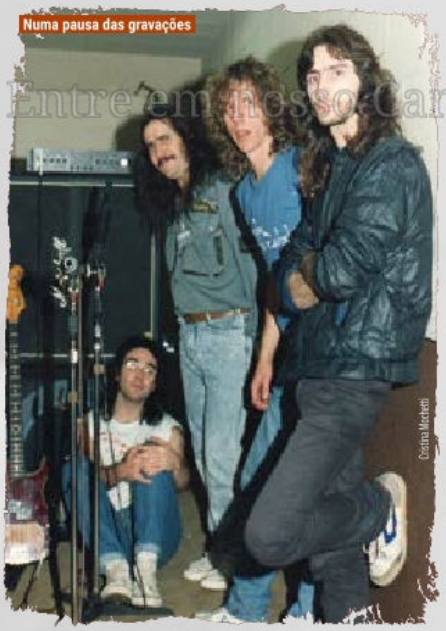
Quarto Golpe teve produção de Plinio Hessel Jr., com quem Paulo tinha trabalhado na gravação de *A Touch of Glass*, segundo trabalho solo de André Christovam. "Eu gostei de trabalhar com ele e aí nós acabamos chamando-o para fazer esse disco. Ele realmente é um cara muito

Baixe em nosso Canal do Telegram e me BRASIL EVS AS

Paulo Zinner

bom, sabe muito bem o que está fazendo e teve muita paciência com a gente."

Poucos dias antes do lançamento do álbum, o Golpe passou por uma das experiências mais legais de sua carreira: abriram os shows de seus grandes ídolos do Deep Purple. Só que, segundo Zinner, a negociação não foi tão simples. Por causa do próprio Golpe. O baterista conta que a banda foi convidada para abrir alguns shows que os ingleses fariam em São Paulo, mas Hélcio Aguirra foi contra.


Numa pausa das gravações

Cristina Machado

"Aí começou um pesadelo", lembra ele. "Nós passamos a brigar e brigar, só pra variar, e não tinha jeito de convencê-lo. Ele estava totalmente radical porque achava que a gente ia ser maltratado, o que obviamente não ia acontecer. Foi um momento muito difícil, mas no final das contas a gente acabou abrindo os dois shows no Olympia", que aconteceram nos dias 20 e 21 de agosto de 1990.

Independente desse impasse, essa participação foi marcante para toda a banda. Em entrevista para o especial sobre vocalistas que a ROADIE CREW publicou na edição #237, Catalau disse que "meu maior momento no rock'n'roll foi abrir para o Deep Purple no Olympia. Foi difícil cantar naquele show." Nelson conta que todos os músicos do Purple tiveram contato com o pessoal do Golpe e que foram muito simpáticos. "No primeiro dia, estavam todos ali do lado assistindo a gente. E até o Blackmore foi legal de conversar." E Paulo, que nunca escondeu sua admiração pela banda e em especial pelo batera Ian Paice, cultivou uma relação mais próxima com ele e com toda a banda. Segundo ele, "todas as vezes em que o Purple vem para cá eu acabo encontrando com o Paice e com o resto da banda." Ele e Ian Paice chegaram a fazer uma apresentação conjunta, em que o batera do Purple fez um workshop, depois a Paulo Zinner Rockestra se apresentou com duas baterias e cada um deles fez um solo. "Quem quiser ver, tem uma música no YouTube", anuncia ele, que também conta que esse evento acabou se tornando uma matéria na revista Cover Batera. "É uma emoção que não tem como descrever", resume.

E dois dias após os shows no Olympia, o Golpe de Estado foi entrevistado por Jô Soares, que ostentava enorme prestígio na época e era até símbolo de status para os entrevistados. E nisso Paulo e Nelson concordam: o Golpe de Estado vivia um momento especial. "O Golpe estava no auge", concorda o baixista. "A gente fez vários programas de TV, mas o Jô era o mais complicado de conseguir. E nós fomos convidados." Paulo lembra que "a cada disco que a gente lançava, mais o público crescia e mais mídia a gente tinha." E conclui: "Tirando as brigas internas, a gente estava muito bem."

Lidando com paixão

E o próprio disco mostrava que internamente as coisas realmente não andavam muito bem. Em *Quarto Golpe*, ao lado de temas como *Caso Sério*, *Real Valor* e *Dias de Glória*, há uma música chamada *Sanguessugas* assinada apenas por Paulo e cuja letra mostrava claramente o que ele sentia a respeito da autoria das composições: "Pessoas que mostram o que não têm / Te ferem e usam pra se dar bem" dizem os primeiros versos da canção, provando que esse assunto estava longe de ser resolvido. "Eu fiz essa música na craviola, depois passei para o violão e finalmente para a guitarra", conta Paulo, que confirma o significado dela: "Ela diz exatamente o que eu estava sentindo e o que eu estava passando naqueles anos todos em relação à minha própria banda. Resolvi colocar todos esses sentimentos nessa música, então eu sugiro que quem estiver interessado em entender isso que ouça a música e leia a letra." Nelson confirma: "Foi isso mesmo. Ele não se

Catalau

conformava com aquilo. E todo mundo sabia que ele estava falando sobre isso." E conclui: "A história está cheia de bandas em que um está apontando o dedo na cara do outro. Não tem que ter muita hipocrisia, a gente está lidando com paixão, uma banda é isso. Se ficar cultivando mágoa, você fica doente. Se fica alimentando isso, você nunca vai ver o lado bom. Será que não tem nada legal?"

O disco, que voltou a ter capa assinada por Chico Guerreiro, teve seu lançamento poucos dias após os shows de abertura do Deep Purple, mais precisamente em 29, 30 e 31 de agosto, na extinta casa Aeroanta, em São Paulo.

A partir de então, o Golpe retomou sua rotina de muitos shows e aparições na mídia. Uma apresentação que nem todo mundo lembra e que ganha relevância pelo simbolismo, foi a participação em um evento que comemorava o impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello realizado no dia 29 de setembro de 1992, no Anhangabaú, em São Paulo. "Esse show foi bem marcante", conta Paulo. "Imagina, uma banda chamada Golpe de Estado tocando diante um Anhangabaú lotado de caras-pintadas no dia do impeachment do presidente!" (N.R.: foi no próprio 29 de setembro que a Câmara dos Deputados aprovou o afastamento de Collor). "Eu lembro que a gente ficou vendo a contagem de votos pela TV, até decretarem o impeachment", continua o batera. "Feito isso, a gente foi para o Anhangabaú, onde já tinha algumas bandas tocando. Pena que não tem nada disso filmado", lamenta ele. E

Hélcio Aguirra

Entre em nosso Grupo no Facebook: facebook.com/groups/BRASILROCKVISTAS

Os shows do Golpe passaram a reunir multidões

Zinner tem uma posição bem clara sobre qual deve ser o envolvimento político do artista: "A missão do músico é entreter as pessoas, emocionar as pessoas. Assim você vai conquistar uma plateia que vai se identificar com sua música e, caso tenha que se posicionar, não há problema, desde que não seja o carro-chefe da música. Em primeiro plano sempre vai estar a música." Nelson lembra que o Golpe chegou a tocar no palanque de Lula em São Bernardo do Campo (foram três shows em eventos da CUT, sempre no Dia do Trabalhador, 1º. de maio, entre 1990 e 1992). E diz que muitas letras do Golpe "falavam o que a gente achava em termos políticos." Ele ainda conta que os quatro tinham opiniões parecidas nesse sentido.

Nelson, Hélcio e Catalau num momento de descontração

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILPROGRESSIVO

Nos anos seguintes, o Golpe, escorado por quatro discos de grande sucesso, fez inúmeros shows. Às vezes, algum percalço fazia com que algum convidado substituísse um dos músicos. Foi o que aconteceu em 30 de abril de 1994, quando a banda fez um show em Santo André com Vitão Bonesso na bateria. "Pelo que me lembre, sofri uma crise de pedra no rim e tive que ser internado", relata o batera. "Eu nem conseguia ficar em pé de tanta dor, então o Vitão, amigo de adolescência e que gostava das músicas, foi lá e mandou ver." Mas a participação de Paulo Zinner na banda de Rita Lee obrigou o Golpe substituí-o em outras ocasiões. Nelson: "O Junior, da Patrulha do Espaço, chegou a tocar com a gente." E ri: "A gente jogava os caras numa puta fogueira!" (risos)

Por que não?

Já haviam se passado três anos desde o último disco e era hora de pensar no sucessor de *Quatro Golpe*. Só que, ao contrário do que aconteceu com os lançamentos anteriores, *Zumbi* teria uma gravação longa, que se estendeu de janeiro a julho de 1994. "A gente estava fazendo muitos shows e tinha que achar brechas para gravar", esclarece Paulo. Já Nelson vê um outro aspecto que teria levado a isso: "A banda já estava começando a cansar... A gente estava no esquema toca, toca, toca, grava, toca, toca, toca... É o que a gente queria, mas quando você está vivendo aquilo a paciência vai acabando." E imagina que as coisas poderiam ser diferentes "se a gente tivesse dado uma parada, cada um fazer um projeto pessoal, tirar umas férias, pensar no que queria..."

A gravação aconteceu no estúdio Cameratti e a produção coube novamente a Alexandre Fontanetti, com engenharia de áudio de Vald Ganzerla. Paulo se recorda: "Os dois trabalharam muito bem juntos e o Alexandre era um cara que ao mesmo tempo deixava a gente à vontade e amenizava as coisas. E ele tinha umas ideias muito boas, também."

Muitas novidades se distribuíram ao longo das treze faixas. Pela primeira vez, o Golpe gravou uma música em inglês, *Slow Down* (letra de Paulo Zinner). Também pela primeira vez foram incluídas duas versões no repertório: *My Generation*, do Who, e o improvável *Hino de Duran*, de Chico Burque de Hollanda (que, para alívio dos puristas, virou um rockão). Além disso, o Golpe teve algumas parcerias na composição, como Rita Lee, Arnaldo Antunes e Paulo de Tarso. "Sempre que vem uma pessoa de fora, a banda respira", garante Nelson. "Olha que aconteceu com os Beatles quando Billy Preston chegou. Nessas horas a gente esquecia dos problemas, botava um oxigênio na banda." Na entrevista feita com a banda por este redator na época do lançamento de *Zumbi*, Paulo esclareceu

Hélcio, Paulo, Catalau e Nelson

todas essas novidades: "O principal lema desse disco foi 'por que não?' Sempre quisemos desenvolver nossas ideias, de som e de produção, do nosso jeito. Dessa vez, saiu." E a partir daí, segundo ele, a banda começou a ousar: por que não gravar covers? Por que não fazer uma letra em inglês? Por que não pedir letra para outro artista (no caso, a faixa-título, de autoria de Rita Lee)? Enfim, por que não? "Foi partindo desse princípio que conseguimos chegar bem perto do que pretendíamos com esse disco".

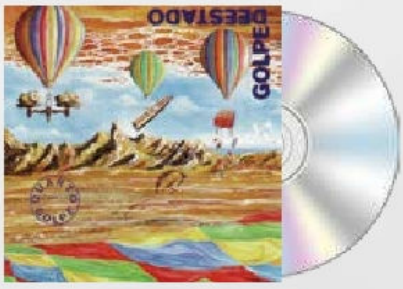
Outra novidade foi que as músicas, em vez de virem de assinadas individualmente, foram creditadas apenas a "Golpe de Estado". Paulo explica: "Na verdade, eu já estava cansado de fazer as coisas e não levar crédito." Ele, então, disse que conversou com Hélcio e pediu que, caso quisesse que as músicas saíssem apenas em seu nome, deveria entregar a Paulo todos os arranjos de bateria. "Aí eu seria creditado apenas como baterista", conclui ele. "Acho que ele teve que concordar com isso porque não ia ter condições de fazer como eu disse. Então, dessa vez, assim como em *Forçando a Barra*, os créditos foram divididos por igual."

Parecia que isso apaziguaria as divergências. Apenas parecia... *Continua...*

Catalau feliz

Fotos: Grace Laytia

Nem Polícia Nem Bandido (1989)



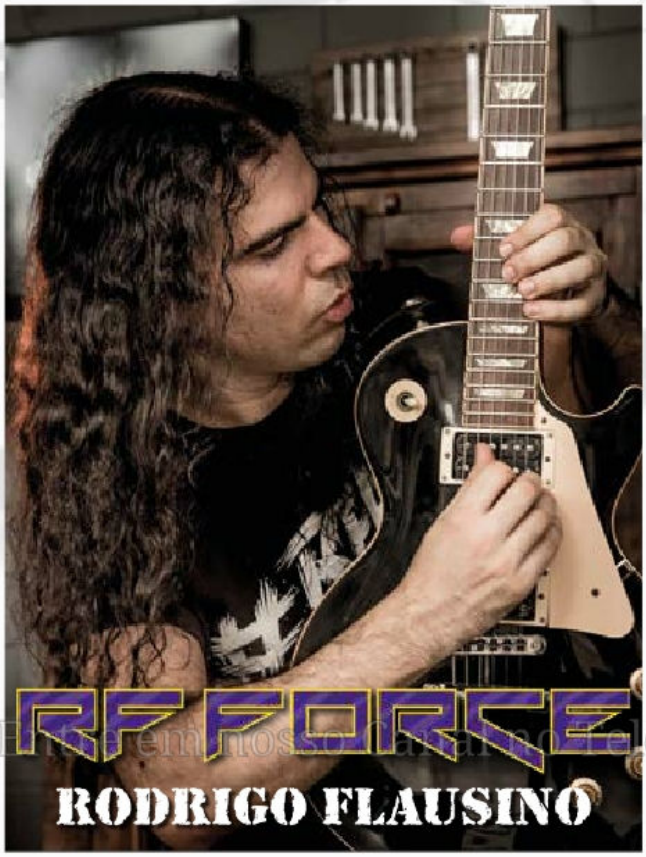
Quarto Golpe (1991)

Zumbi (1994)

HEADPHONES IN FURY

POWERED BY EDIFIER fonesdeouvido.com.br

Por Leandro Nogueira Coppi • Foto: Georgia Amorim

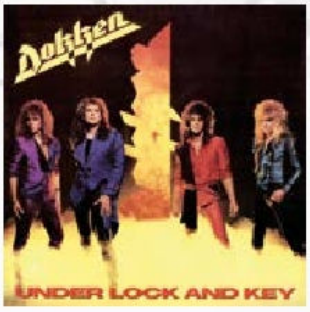


Hard Rock Brasil Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

VANDENBERG

ÁLBUM: 2020 (2020)
MÚSICA: FREIGHT TRAIN

"Essa é a volta do Adrian Vandenberg, que teve uma passagem importantíssima no Whitesnake. Sua banda, Vandenberg, começou ainda na década de 70 e ficou mais conhecida por lançar álbuns maravilhosos no começo dos anos 80, como *Vandenberg* (1982), *Heading for a Storm* (1983) e *Alibi* (1985). E ele voltou fazendo hard rock numa roupagem mais moderna com o vocalista chileno Ronnie Romero (Ritchie Blackmore's Rainbow, Lords of Black, The Ferrymen, MSG). *Freight Train* tem riffão com bumbo e caixa batendo junto com vocal monstruoso. Sonzera!"



DOKKEN

ÁLBUM: UNDER LOCK AND KEY (1985)
MÚSICA: UNCHAIN THE NIGHT

"Esses dias fuçando no mundo infinito do YouTube, me deparei com George Lynch tocando esse som com Jeff Blando, guitarrista do Slaughter e Vince Neil, no vocal. A surpresa foi que Blando canta demais! Eu não acreditei. Aí, voltei lá na gravação original do álbum *Under Lock and Key* e comecei a ouvir em loop – sim, eu tenho esse problema quando piro numa música. Aí a gente vê como o vocal do Don Dokken tinha muita identidade e era único. E outra coisa: as harmonias de vozes do Dokken. Sensacionais! Que refrão lindo! Levada hard oitentista clássica sem erro."

BLACK SABBATH

ÁLBUM: SABBATH BLOODY SABBATH (1973)
MÚSICA: SPIRAL ARCHITECT

"Esses dias eu fui tocar com a Children of the Beast, banda tributo ao Iron Maiden que também integro, e o responsável pelo som mecânico do local deixou rolando Black Sabbath sem parar. O álbum *Sabbath Bloody Sabbath* sempre foi um dos meus favoritos, mas fazia muito tempo que não o ouvia. Quando rolou essa música bateu na alma. Arrepiou. Quando cheguei em casa, fiquei escutando *Spiral Architect* em loop! Música linda! Sabbath com violão e teclado e uma pitada de The Who."

KIX

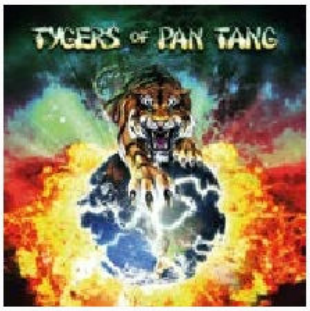
ÁLBUM: BLOW MY FUSE (1988)
MÚSICA: BLOW MY FUSE

"KIX é uma banda americana que nunca me empolgou, mas eu vi um show deles no Monsters of Rock Cruise e o vocalista Steve Whiteman me ganhou. O próprio Ricardo Batalha, da ROADIE CREW, que também esteve no MORC em 2020, já tinha me dito isso. O Whiteman é ultra carismático e todos do público o assistem com um sorriso no rosto. Quando eles mandaram essa música ao vivo, me empolguei. É rock na veia, sem frescura, com um puta refrão massa. Não tem como não cantar com o punho cerrado em riste! Agora eu gosto de KIX (risos)."

ECLIPSE

ÁLBUM: PARADIGM (2019)
MÚSICA: THE MASQUERADE

"A música *The Masquerade* é uma das minhas favoritas do Eclipse. O curioso é que foi acusada de ser plágio do Timo Tolkki por ele mesmo, e ele tem razão. O tema principal do refrão é bem parecido com a música *Revolution Renaissance*, do Stratovarius. Essas coisas podem acontecer por acidente. Não acho que copiaram de propósito. Tanto é que o som do Eclipse é mais legal. O Erik Mårtensson tem a manha de compor ótimas músicas. E o guitarrista Magnus Henriksson tem muito bom gosto."



TYGERS OF PAN TANG

ÁLBUM: TYGERS OF PAN TANG (2016)
MÚSICA: ONLY THE BRAVE

"Essa música já começa com riff e levada empolgantes. No refrão, então, os caras acertaram na mosca! Um amigo meu, Henrik Hartington, falava muito desse guitarrista chamado Micky Crystal. E, realmente, o cara faz jus ao legado do Tygers Of Pan Tang, que contou 'só' com John Sykes e sempre foi um dos grandes nomes da NWOBHM. *Only the Brave* é ainda mais legal que vários sons antigos deles. Queria eu compor um som tão legal assim com o RF Force."

BORRATXERIA IGLESIA

ROADIE CREW
Heavy Metal & Classic Rock

Apresenta:

BORRATXERIA IGLESIA

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

4 edição - 26.05.22

Thrash Metal

R$ 20,00

abertura 21:30
showtime 22:00

La Iglesia - Rua João Moura, 515, galpão 6

Daniel Dlimi, Tommy Dahlström, Zeb Nilsson e Tony Östman, death metal sueco com alma americana

AEON Desprezando a Cruz

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Nove anos depois de *Aeons Black*, banda sueca retoma sua blasfema jornada no death metal com *God Ends Here*

Por Valtemir Amler

Nascido no final dos anos 80 e refinado à perfeição nos anos 90, o death metal sueco foi um dos principais movimentos da história do metal extremo, servindo como referência para milhares de bandas em todo o planeta ao longo das décadas seguintes. Porém, não foi no tradicionalismo da cena de Estocolmo e muito menos no apelo melódico da cena de Gotemburgo que o vocalista Tommy Dahlström e o guitarrista Zeb Nilsson estavam pensando quando fundaram o Aeon em 1999. Mesmo que aficionados do death metal old school, eles buscavam uma sonoridade mais brutal e uma temática mais claramente blasfema, coisas que empurravam a banda aos moldes estabelecidos do outro lado do Atlântico, na prolífica cena de Tampa (EUA). Suecos, mas diferentes dos seus pares, eles muito rapidamente chamaram atenção com o debut, *Bleeding the False* (2005), e não demoraram para lançar outros três álbuns completos, todos aclamados no underground. Porém, desde *Aeons Black* (2012) a banda permanecia em silêncio, com uma falta de novas músicas que já incomodava os velhos fãs. Pois bem, a espera acabou e *God Ends Here* mostra uma sonoridade tão intensa e blasfema quanto antes. Com a palavra, o fundador Zeb Nilsson.

O Aeon vinha com uma carreira muito bem sucedida e álbuns elogiados, mas não lançava novas músicas desde 2012. Apesar do silêncio, a banda nunca realmente foi dissolvida, certo?

Zeb Nilsson: Não, nunca desistimos, mas não éramos mais uma banda completa, essa é a verdade. Daniel (Dlimi, guitarra) deixou a banda em 2013 e por algum tempo Ronnie Björnström (ex-Bone Gnawer e Ribspreader) tocou ao nosso lado, acho que por umas duas turnês ou algo assim. Então, ele também decidiu sair e tentamos seguir adiante somente comigo na guitarra. Fizemos a turnê até o fim e quando voltamos para casa, não sei, não havia mais gás para continuar, foi como se a banda tivesse esfacelando. Precisávamos de um tempo para descansar, mas foi só isso, nunca terminamos a banda, não teve nenhum drama, nem nada disso, foram apenas as circunstâncias da época, mudanças de formação que paravam o processo, essas coisas. Bem, como não tínhamos nenhuma briga, Daniel acabaria voltando ao Aeon alguns anos mais tarde, mas a coisa é que não tínhamos colecionado muito material ao longo daqueles anos estranhos. Acho que eu tinha algumas músicas, *Queen of Lies* e *Despise the Cross* eram temas em que eu já vinha trabalhando, mas era basicamente isso, o processo não fluía, as ideias não avançavam. As coisas permaneceram estranhas assim até 2017 ou 2018, quando um baterista finlandês se juntou ao time (N.R.: Timo Häkkinen) e começamos a ver a luz no fim do túnel. Ele voou aqui para a Suécia e os ensaios fluíam muito bem, os planos e as conversas sobre um novo álbum começaram a se solidificar. Então, em 2018, Daniel entrou em contato, combinamos de conversar, na verdade era só uma desculpa para bebermos algumas cervejas e assistirmos alguns filmes podres da Troma (N.R.: produtora de filmes B de terror, fundada em 1974). Foi uma boa combinação, pois nos deu algumas ótimas ideias (risos). Inevitavelmente, começamos a falar sobre música, ele me perguntou a quantas andava o Aeon e eu disse que planejávamos lançar um novo

álbum e que gostaria que ele fosse parte disso. Ele topou na hora e foi assim que decidimos que ele estava de volta, com ambos totalmente bêbados (risos).

Sim, algumas coisas são muito mais simples quando você está bêbado...

Zeb: Sim, totalmente, nada como um pouco de névoa para ver com clareza... (risos) Uma frase que só faz sentido se você estiver bêbado, inclusive (risos gerais). Mas, vou te dizer, o retorno de Daniel foi a peça que faltava para me colocar definitivamente em 'modo de composição'. Do dia para a noite, as coisas começaram a correr, as ideias iam se aglomerando, as músicas iam surgindo uma após a outra, em ritmo acelerado. Pois bem, tínhamos o disco praticamente pronto e então a covid atacou e toda a nossa agenda foi novamente abalada.

Pois é, e acho que isso explica a razão de o álbum não ter sido gravado pela mesma formação que vinha trabalhando nas músicas, certo?

Zeb: Exatamente. Sabe, logo que a coisa começou a ser aventada na mídia, Timo voltou para sua casa na Finlândia e apenas alguns dias depois começaram os lockdowns. Ficou claro para nós que ele não poderia voltar e que a única forma de seguirmos em diante seria encontrando um baterista sueco, teríamos que achar alguém que estivesse bem ao nosso lado e não precisasse viajar o tempo todo. Bem, pedimos para que o baterista do Dark Funeral (N. R.: Janne Jaloma) nos desse uma mãozinha em estúdio e foi basicamente isso, ele chegou e arrebentou com uma performance incrível no álbum!

Janne é hoje parte da banda?

Zeb: Não, não posso dizer isso nesse momento. Quer dizer, ele tocou como um músico contratado em *God Ends Here*, o que também significa que continuamos a nossa busca por um baterista. Essa foi uma das principais razões desse álbum ter demorado tanto para sair, levamos muito tempo para encontrar Timo e depois ele teve que sair por conta do lockdown, então tivemos que buscar novamente e encontramos Janne. Essa busca por um baterista custou um tempo precioso para nós. Claro que estou muito satisfeito com a performance de Janne no álbum, mas a verdade é que ele toca em uma das maiores bandas da Suécia, o Dark Funeral, então acho que isso acabaria limitando as coisas para o Aeon naquilo que diz respeito a turnês, ensaios e coisas do tipo. Precisamos de alguém que possa estar inteiramente ao nosso lado, pois temos planos para quando a pandemia acabar. Vamos ver como as coisas seguem, no momento ele não é parte oficial do Aeon, mas quem sabe como as coisas vão se arranjar no futuro?

Bem, uma das músicas que mais chama atenção no novo álbum é *Despise the Cross*, que você já adiantou que foi baseada em uma das suas primeiras ideias para o novo álbum. O que mais pode nos dizer sobre essa canção?

Zeb: Acho que a primeira e talvez principal coisa que vocês precisam saber sobre *Despise the Cross* é que na época em que comecei a escrever aqueles riffs eu estava absolutamente alucinado com os discos do Immolation (risos). Eu amo Immolation, é uma das minhas bandas favoritas, especialmente os álbuns mais novos, que são matadores! Aliás, deixe-me falar, as pessoas sempre elogiam os primeiros registros das bandas, mas

GOD ENDS HERE
Mutilation - Nac.

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

quando se fala do Immolation, eles vão ficando melhores e melhores ao longo dos anos, que é exatamente o que tento fazer com o Aeon. Bem, eu estava absolutamente viciado no *Atonement* (N.R.: lançado pelo Immolation em 2017) e obviamente sempre fui viciado em Morbid Angel, então, se alguém quiser saber como soaria uma mistura entre essas duas bandas, acho que *Despise the Cross* é uma ótima dica (risos).

Faz sentido, a estrutura da música realmente lembra o Immolation.

Zeb: Sim, foi uma amálgama de ideias que foi surgindo na minha cabeça aos poucos. Primeiro, eu só sabia que queria uma música curta e direta, algo bem violento e vibrante, como o Morbid Angel fez em *Day of Suffering* (N.R.: parte do álbum *Blessed Are the Sick*, de 1991). Porém, os riffs que vinham à minha cabeça lembravam algo do Immolation, então eu simplesmente deixei seguir assim, misturando as duas coisas. E você disse que é um dos destaques, então acho que funcionou (risos).

Não tinha como dar errado! (risos) Interessante é perceber que a outra música mencionada por você como 'ideia inicial' é *Queen of Lies*, que é quase o oposto de *Despise the Cross*. Ela é mais longa, ultrapassa os seis minutos, e é uma canção primordialmente cadenciada.

Zeb: Sim, ela foi uma das primeiras ideias, na verdade, a primeira de todas. O engraçado é que a primeira parte de *Queen of Lies* que imaginei foram as notas que são cantadas pelo coral no refrão da música, um início de processo nada death metal, confesso (risos). Lembro que estávamos em Munique, na Alemanha, em turnê com o Cannibal Corpse, e eu estava afinando minha guitarra. Aqueles acordes vieram à minha cabeça, mas na hora nem liguei, achei que estivesse lembrando de uma parte da trilha sonora de 'Hellraiser' (N.R.: filme de 1989, dirigido pelo escritor e cineasta inglês Clive Barker), e cheguei a perguntar para o Tommy (Dahlström, vocalista) se era isso mesmo, mas ele não sabia. Tentei não pensar mais nisso, mas quando voltamos para casa, lá estava aquela melodia, aqueles acordes. Peguei a trilha de 'Hellraiser', ouvi tudo com o dobro de atenção e não estava lá, não tinha nada daquele tipo. Então decidi usar, era sinistro pra caralho (risos). Depois que comecei a construir a música vieram as partes mais death metal. Mas uma música que nasceu a partir de uma ideia que lembrava um clássico do terror precisava de uma ambientação mais densa, sorumbática, arrastada. Ela precisava ser cheia de atmosfera, então é basicamente por isso que é diferente de tudo no álbum.

O Aeon sempre esteve musicalmente conectado à cena americana do death metal, e isso permanece claramente no novo álbum. Porém, esse disco tem uma conexão especial com a cena sueca, certo?

Zeb: Sim, meu amigo. Todo este *God Ends Here* é dedicado à memória do nosso amigo e grande pioneiro da cena sueca de death metal L. G. Petrov, que nos deixou em 2021. Ele era um grande amigo, e essa é nossa homenagem a ele. Inclusive, também é em homenagem a ele que nomeamos a introdução de *God Ends Here* como *The Nihilist*. A cena death sueca nunca terá alguém tão grande quanto ele, então fica a nossa gratidão por ter aberto tantas portas para todos nós.

JETHRO TULL

MUITA HISTÓRIA PARA CONTAR

Ian Anderson diz quando e como surgiu a ideia de um novo álbum após 19 anos; e discorre sobre pandemia e seus impactos na cinquentenária banda inglesa

Entre em nosso canal no Telegram: t.me/ARASUREVISTAS

Por Daniel Dutra

Era papo para mais de uma hora, mas a pauta perdeu a corrida contra o relógio. Pode acontecer quando o entrevistado tem conteúdo e o tempo de entrevista é, de fato, rígido. E aconteceu. Assim, o que você acompanha nestas duas páginas é o que rolou nos 15 minutos de conversa com Ian Anderson, que falou de *The Zealot Gene* (2022), o novo álbum do Jethro Tull (e o primeiro em quase duas décadas) - atualmente, com os guitarristas Joe Parrish-James e Florian Opahle (apenas em estúdio), o baixista David Goodier, o tecladista John O'Hara e o batera Scott Hammond. E o vocalista e flautista se empolgou ao falar da pandemia, aproveitando para abordar, também, o impacto causado na sua banda e equipe.

Como a pandemia ainda está lá fora, como você tem passado esse período?

Ian Anderson: Todos nós conseguimos evitar sermos infectados. Eu, minha banda e nossa equipe. Estamos todos triplamente vacinados e somos bastante cuidadosos. Estamos em turnê desde o fim de agosto, fizemos 20 shows e tocamos em vários países diferentes. Vivenciamos as dificuldades de viajar nesse período, de fazer um show seguro para todos, e somos testados constantemente para que tenhamos uma espécie de alerta caso dê positivo em alguém. Neste caso, cavaríamos um buraco onde jogaríamos essa pessoa e, em seguida, o cobriríamos antes que ela nos infectasse (risos). Somos bastante cuidadosos, só que mais cedo ou tarde alguém vai pegar.

Tendo que trabalhar, é quase inevitável, mesmo. Felizmente, temos as vacinas...

Ian: Eu tenho falado para minha família e meus amigos que é inconcebível não sermos infectados pela Covid em algum momento. É claro que seria melhor se acontecesse agora, quando eu ainda tenho anticorpos ativos devido à vacinação, além de a variante ômicron ter se mostrado menos severa em termos de sintomas e consequências. Apesar disso, muitos de nós estamos velhos e com outras questões de saúde que nos deixam mais vulneráveis, e isso pode significar um período muito desagradável ou até mesmo que encontremos com o nosso Criador antes do planejado (risos), por isso temos de continuar sendo cautelosos. Precisarei entrar num avião para a Itália nas próximas semanas, e é lá que estão os níveis mais altos de contágio. Depois, vou para Portugal, Espanha e Suíça, porque as datas da turnê estão surgindo, mas agora está mais problemático do que há três meses. Assim, temos de ser extremamente cuidadosos e fazer o que podemos, afinal, a banda e a equipe ficaram um ano e meio sem trabalho e sem dinheiro. Nada! Nenhum apoio!

É algo que vimos no Brasil, também. O setor cultural foi um dos mais afetados pela pandemia, e algumas bandas chegaram a reverter a venda de merchandising para a equipe técnica...

Ian: Eu realmente faço o meu melhor para que possamos continuar o nosso trabalho e para que todos continuem sendo pagos. Todos nós temos que cuidar uns dos outros e sermos cuidadosos, mas a verdade é que cedo ou tarde vai acontecer. Precisamos aceitar isso como algo inevitável e sermos tolerantes para evitar apontar dedos caso alguém seja contaminado. Meu baterista está escondido num quarto, separado da família, porque sua esposa e um dos seus filhos pegaram Covid há alguns dias. Ele está escondido porque não quer ser contaminado também porque temos shows a fazer.

Não é apenas no caso do Jethro Tull, como você descreveu agora, mas vejo na Europa e mesmo nos Estados Unidos uma preocupação muito maior com a situação do que a que temos no Brasil...

Ian: Bem, o presidente do seu país é um antivacina, e isso é tão triste, sabe? Milhares de pessoas morreram no Brasil, embora nem todas necessariamente em

função da visão ridícula dele, mas mesmo assim... Quando as coisas enfim melhorarem no Brasil e a pandemia como um todo estiver verdadeiramente sob controle, nós vamos voltar. Na verdade, deveríamos ter ido tocar aí, mas nos falaram para esperar até mais para frente deste ano, acho que em outubro, que é quando finalmente poderemos tocar no Brasil. Não dá para prever o que vai acontecer até lá, mas a ômicron está mais devagar no avanço pela América Latina e também pelo Leste Europeu. No Reino Unido, ela foi a maior cepa do vírus até agora, e os níveis de contaminação foram imensos. Aparentemente, estamos numa média de declínio desses níveis, mas ainda bem longe de uma melhora. As pessoas seguem morrendo nos hospitais ou sendo internadas gravemente doentes, então essa ômicron não é um gatinho filhote, mesmo que não seja tão ruim quanto a delta ou o vírus original. Ainda assim, sejamos otimistas de que as coisas vão melhorar. No Leste Europeu, vai levar de duas a três semanas, porque eles parecem estar atrás do Reino Unido este espaço de tempo no que diz respeito às tendências do vírus. Isso porque aqui o governo não foi tão restritivo, então aconteceu primeiro. Vamos ver como ficará, mas espero que continuemos a ser vacinados e, também, que novas e melhores formas de tratamento sejam criadas para quem contrair a doença. Mal posso esperar pelo dia em que estarei num avião ainda de máscara, mas com um frasco de comprimidos para tomar caso seja infectado, minimizando assim seus efeitos. Já estamos acostumados com os testes, porque somos testados a cada 48 horas quando estamos em turnê, e dessa forma nos certificamos de estarmos atentos ao que acontece ao nosso redor.

E *The Zealot Gene* chega num momento que espero ser a reta final da pandemia, mas quando você decidiu que era o momento de, 19 anos depois, lançar um novo álbum do Jethro Tull?

Ian: Em janeiro de 2017, quando comecei a trabalhar no disco e percebi que ele estava soando como um verdadeiro trabalho de grupo. Pensei que deveria ser do Jethro Tull porque os caras da banda já vinham tocando comigo há muitos anos e fizeram centenas de shows como Jethro Tull, mas nunca tinham gravado um álbum como Jethro Tull. Isso porque os três discos anteriores foram lançados com o meu nome... Pensando bem agora, acredito que o *Homo Erraticus* (2014) também era um disco de banda e deveria ter sido lançado como Jethro Tull. Mas não foi, e agora é tarde demais. De qualquer maneira, já estou trabalhando num novo álbum, para ser lançado em 2023, e muito provavelmente será um trabalho do Jethro Tull, afinal, novamente são os mesmos caras comigo.

Considerando que você trabalhou com o nome Jethro Tull em mente, musical e liricamente, como foi o processo criativo?

Ian: Eu gosto de trabalhar rápido. Desde 2012, tenho começado novos projetos no primeiro dia de janeiro, e fiz a mesma coisa naquele ano: comecei a trabalhar no próximo disco no dia 1º de janeiro. Quando defino um prazo para mim, faço de tudo para garantir que o cumprirei, até porque já deixo todo mundo avisado: 'Não me interrompam! A partir das 9h da manhã do dia 1º de janeiro, não me liguem! Estou ocupado!' (risos), e aí tenho que seguir em frente e provar que consigo fazer isso. Sempre trabalho melhor quando existe uma pressão, sabe? Se você sentar e esperar por uma boa ideia, você vai esperar sentado para sempre, vai se distrair com outras coisas na sua vida. Eu não espero pela inspiração, eu saio em busca dela e, depois de uma hora ou duas, a encontro.

THE ZEALOT GENE
InsideOut - Imp.

Leia em nosso canal no Telegram: t.me/BRASILRAVISTAS

Falando em inspiração, então, posso dizer a você que *Mine is the Mountain* é minha música favorita no álbum. As mudanças de clima são incríveis, sem contar a melodia assustadora, porém bela, com voz e piano...

Ian: Essa é uma das músicas do disco que tem um contexto mais bíblico, enquanto as demais estão mais assentadas na história recente ou nos dias atuais. *Mine is the Mountain*, em particular, eu pensei em deixar assim mesmo, uma vez que era uma canção essencialmente sobre a forma como cada um considera Deus, e desde os tempos paleolíticos, quando as primeiras noções de Deus ou de deuses surgiram nas mentes dos primeiros humanos. Era necessário personificar Deus, em ter um Deus reconhecível de forma visual, fosse como um ser humano superior ou talvez um animal, isso além da ideia de Deus intervir e ser responsável por coisas boas e ruins, coisas assustadoras como Sodoma e Gomorra, coisas boas como uma proveitosa colheita ou uma viagem bem-sucedida a outro país para colonizá-lo, como no caso dos antigos Deuses do Norte. Então, Deus teria de intervir, precisaria se parecer com alguma coisa, e essa é a condição humana por muitos milhares de anos. Pessoalmente, tenho certo problema com isso, com a forma como Deus é retratado: sendo o resultado da intervenção de Papas, que decidiram que Ele precisaria ter um rosto e se parecer com alguma coisa. Veja o teto da Capela Sistina, que parece benigno e cuidadoso. Isso não funciona para mim, e parece bobo olhar para algo assim. A Bíblia diz que o homem foi feito à imagem de Deus, e eu já acho que foi o contrário. Deixei isso claro na capa do *Aqualung* (1971).

Curiosamente, eu iria mesmo perguntar sobre o conceito lírico... (N.R.: neste momento, a assessora informa que esta seria a última pergunta.)

Ian: Minhas ideias sobre isso são bem mais de Deus como um Ser, e não apenas O Ser, mas a existência em si. Sinto-me mais à vontade com a ideia do panteísmo, de que encontramos Deus em tudo no Universo, ou talvez do deísmo, que fala de um único Deus, mas não de um Deus intervencionista. São as minhas visões sobre o tema, e eu as coloquei nessa música, mas usando uma passagem bíblica que dá a ideia de que Deus está sendo solicitado a fazer alguma coisa. No caso de Moisés, é subir a montanha e descer com os testamentos em pedras e manter seu poder e autoridade sobre seu povo, guiá-los para longe da bagunça até a terra do leite e do mel. Assim, falando francamente, alguém trair Deus o deixaria muito puto (risos)! Imagina sempre ter que ser responsável pelas coisas e responder às pessoas! A última frase da música diz: 'Basta, pelo amor de Deus! Por favor, me deixe em paz' (risos). É uma reminiscência da minha visão sobre essa noção da persona de Deus como é retratada na Bíblia. E eu falo com a voz Dele, o que é uma coisa perigosa de se fazer, porque algumas pessoas podem ficar meio putas com isso, assim como ficaram putas com Salvador Dalí por ter pintado Cristo na cruz visto de cima, do ponto de vista de Deus, uma vez que não havia drones naquela época (risos). Eu não sou muito fã de Dalí, mas essa foi uma pintura que achei muito pungente, uma expressão especial. Assim como *My God*, do *Aqualung*, *Mine is the Mountain* é um jeito musical de talvez retratar algo que não é similar ao Cristo de Dalí.

ARAUTOS DO CÍRCULO MÍSTICO REUNIDOS!

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Graf von Beelzebub e A. Blackwar, unidos pela primeira vez desde os anos 90

Eterna lenda 'cult' do black metal germânico retorna à vida com a reunião de dois de seus fundadores

Por Valtemir Amler

Estranhos em sua essência, os anos 90 foram o terreno ideal para o fortalecimento do metal extremo, em especial para o black metal. Praticamente do dia para a noite, milhares de bandas começaram a surgir ao redor do mundo, criando cenários lendários em países como Noruega, Brasil e Alemanha. Neste último, a coisa literalmente explodiu na segunda metade da década de 90, época em que era a nação que concentrava o maior número de bandas e fãs do gênero em todo o planeta – fato que curiosamente jamais refletiu na popularidade das bandas black germânicas nem em seu país natal, nem no resto do mundo. Nascido em 1992 em Ludwigshafen, o Mystic Circle é uma dessas formações que construiu um nome sólido no underground, mas nunca passou do status de 'banda cult'. Vivendo às voltas com mudanças de formação e as transformações do cenário musical, o grupo perdeu um de seus cérebros, o baterista A. Blackwar, em 1999 e finalmente em 2006 o vocalista/baixista Graf von Beelzebub tentou sua última cartada discográfica com *The Bloody Path of God*, mas logo em seguida a banda foi dissolvida. Para dar fim a esse longo período de sombras, os dois fundadores se reuniram no ano passado e o resultado pode ser conferido no novo álbum lançado este ano, que simplesmente carrega o nome da banda. Confira os detalhes deste retorno nas palavras de Graf von Beelzebub.

Depois de mais de uma década e meia sem novas músicas, poucos fãs apostavam em um retorno do Mystic Circle. Que a banda retornaria com você e A. Blackwar na formação, depois de mais de duas décadas separados, era algo que parecia impossível. Quando foi que decidiram voltar a trabalhar juntos?

Graf von Beelzebub: Cara, eu estou com você em todos os pontos que mencionou. Quer dizer, se você me perguntasse há dois anos se eu gravaria um novo álbum do Mystic Circle, eu diria que isso não iria acontecer nunca, para mim essa banda estava morta e enterrada, não tinha de onde continuar. Mas, na vida as coisas acontecem de maneira inesperada, e foi assim que esse retorno aconteceu. Depois de ter tentado durante tantos anos com outros músicos e depois de ter desistido e jogado tudo para o alto, finalmente eu estava conversando novamente com Blackwar. Isso aconteceu em uma tarde de dezembro de 2020, um dia antes do Natal, e foi engraçado, pois começamos a falar sobre os velhos tempos, quando começamos o Mystic Circle, e muito rapidamente percebemos que a chama ainda estava acesa. Ainda tínhamos as mesmas motivações, tínhamos a mesma gana, a mesma vontade, não tinha razão para ficarmos sentados como dois 'tiozinhos' falando sobre os velhos tempos e reclamando do cenário atual sem fazer nada para mudar. Nós ainda podíamos fazer ótimas músicas juntos e foi isso que decidimos.

Simples assim.

Graf: Sim, bem simples, eu diria até natural. Decidimos que daríamos uma chance para nós mesmos e para a banda, que tentaríamos escrever algumas músicas juntos como nos velhos tempos e que se a química rolasse, seguiríamos em frente como Mystic Circle, veríamos até onde conseguiríamos chegar. Mas, caso não rolasse, foda-se. Não estávamos perdendo nada, não existia um contrato nos obrigando a nada, apenas deixaríamos os planos de reunião de lado e continuaríamos conversando como bons amigos.

E quando veio a certeza de que teríamos um novo álbum do Mystic Circle?

Graf: Daquele ponto em diante, tudo foi bem rápido. Começamos a reunir ideias e a ensaiar juntos, e em um espaço de cerca de três semanas já tínhamos três músicas completas prontas, o processo criativo estava fluindo tão bem quanto em 1992, então já sabíamos que viria um novo álbum do Mystic Circle.

Você ainda lembra quais foram essas músicas, as que deram o tom do que viria em seguida?

Graf: Sim, foram *Belial Is My Name*, *Seven Headed Dragon* e *Hell Demons Rising*, que são justamente as três primeiras do novo álbum. Não fizemos muitas alterações nesse sentido, as músicas estão organizadas no disco basicamente na ordem em que fomos compondo e registrando, pois queríamos manter intacta a energia do momento, queríamos que os fãs pudessem sentir o rumo que as nossas ideias estavam tomando.

É uma abordagem diferente da usual, gostei da ideia.

Graf: Obrigado, de verdade. A ideia por trás de tudo o que fizemos para este álbum foi basicamente que, já que estávamos voltando a trabalhar juntos, faríamos isso da maneira mais natural possível, da forma como costumávamos fazer nos anos 90. Claro que naquela época a precariedade era parte da equação (risos), mas tirado isso do caminho, tentamos trabalhar do mesmo modo: simples, direto e coeso. O álbum foi construído no estúdio da mesma forma que foi concebido em nossas cabeças. Ele tem um fluxo específico, um movimento que foi pensado por nós enquanto trabalhávamos nas músicas, e é por isso que ele acaba com um ato violento como *Satanic Mistress*. Esta música está no final do disco justamente porque ela encerra esse primeiro capítulo do retorno do Mystic Circle; foi nossa última criação. Da forma como vejo isso, não faria nenhum sentido colocar nossa última composição no início ou no meio do disco, ficaria quase como um movimento forçado, não natural.

Acho que o mesmo pode ser dito em relação às letras, certo? Quer dizer, *Mystic Circle* não é um álbum temático, mas todas as músicas versam sobre o mal e o satânico, como acontecia comumente nos anos 90.

Graf: Pois é, o cenário black metal parece estar sofrendo com uma grande infestação de 'hipsters' na última década, com músicas sobre tudo, exceto o mais básico (risos). Veja, não posso falar por outras bandas ou por outros artistas e o que eles fazem com sua música, mas posso falar sobre o Mystic Circle e sobre como fazemos as coisas por aqui, e o que se ouve em *Mystic Circle* é exatamente o que somos e o que acreditamos. Essa é a música que tocou o nosso coração originalmente, é para tocar músicas intensas, pesadas

MYSTIC CIRCLE
Atomic Fire - Imp.

e com letras satânicas que começamos a banda nos anos 90. Não faria sentido mudar isso agora, especialmente num momento em que tentamos nos reafirmar no cenário. Para mim, black metal é sobre satanismo e será sempre sobre isso que escreverei minhas letas, então, sim, esse também foi um processo muito natural.

No fundo, tudo tem a ver com o que ouvíamos, assistíamos e líamos quando começamos, é assim que formamos nosso caráter na música.

Graf: Exatamente isso que quero dizer, a música do Mystic Circle vem diretamente da nossa alma, é um reflexo da nossa alma no espelho. A música que me atraía quando comecei era obscura e pesada, eu amava ler terror e fantasia, assistia filmes de terror, e é daí que vem o pano de fundo da nossa música. No fim das contas, de onde vêm os temas místicos e satânicos presentes no black metal? Simples, vem do próprio mundo do rock e do metal. De forma às vezes mais direta e outras de mais discreta, as bandas de metal sempre exploraram esses temas de terror e fantasia, e isso ficou gravado na nossa alma, é algo que vem junto quando penso em música, não tem como desconectar as duas coisas.

Antes de terminarmos, gostaria de saber o seu ponto de vista sobre o que aconteceu no cenário black metal alemão na segunda metade dos anos 90. A Alemanha se tornou o maior mercado mundial no gênero e o Mystic Circle era uma das principais bandas naquela cena. Internamente, como funcionavam as coisas?

Graf: Cara, aquela foi uma época absolutamente maluca, isso eu posso dizer sem qualquer dúvida (risos). O que você disse é verdade, a Alemanha tinha se tornado o maior mercado para o black metal e novas bandas surgiam todos os dias – a maior parte delas ninguém nunca ouviu falar, pois eram muito underground. Naquela época, nós éramos uma banda muito bem sucedida e muita gente tinha inveja disso, então sempre tinha aquela coisa de 'vamos matar os traidores', esse tipo de bobagem. Você sabe como funciona, quanto mais fracassada é uma banda, mais dona da verdade ela se sente, pois não tem em que mais se agarrar. Ela não consegue sair do buraco e quer arrastar todos para lá também. Então, para o Mystic Circle nunca houve meio termo, ou você nos amava ou nos odiava, e isso era um problema naquela época. Era um tempo diferente, as pessoas eram muito intolerantes, existiam muitas brigas no nosso círculo, era literalmente perigoso o cenário black alemão, você podia se dar muito mal ali. Pessoalmente, nós tocamos o 'foda-se' nisso tudo, juntávamos nosso equipamento e partíamos para a estrada, saíamos em turnê, era uma atitude até meio punk da nossa parte, pois acreditávamos muito no que estávamos fazendo.

Sinto que hoje está um pouco mais fácil, pois o black metal está menos 'à parte' do cenário.

Graf: É verdade, isso ajudou muito. Naquela época quem curtia black metal era muito fechado, pois os fãs de outros gêneros evitavam contato conosco (risos). Era bizarro, hoje você vê fãs de todos os estilos misturados nos shows, que é como deveria ser. Por isso é tão bom estarmos de volta, é bom que possamos viver um pouco esse novo cenário como banda e sem ninguém tentar nos matar, pra variar (risos).

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASUBEVIL

Hanoi Verbeuren

Anders Odden e Dirk Verbeuren, dupla responsável por *Edder & Bile*

CADAVER DE VOLTA À VIDA!

Exemplar exclusivo Clubinho Telegram t.me/BRASILREVISTAS

Dezesseis anos após o lançamento de *Necrosis*, pioneiros do death metal norueguês estão de volta com nova formação

Por Valtemir Amler

Já é uma informação bastante difundida e certamente você já ouviu falar que a Noruega foi uma nação death metal antes de sediar a segunda onda do black metal. Pois bem: ao lado de nomes como Darkthrone, Old Funeral, Thou Shalt Suffer, Phobia, Molested e tantos outros, o Cadaver se firma como um dos pioneiros daquele cenário, mas com uma diferença gritante: em vez de se desfazer ou rumar para outras paragens musicais, eles continuaram firmes no death metal, e lançaram logo de cara dois eternos clássicos cult do gênero, os álbuns *Hallucinating Anxiety* (1990) e *... In Pains* (1992). O fato é que eles nunca conseguiram o mesmo nível de exposição de seus compatriotas com 'corpse-paint', e muitas foram as voltas e reviravoltas na jornada de Anders Odden e seus muitos parceiros ao longo das décadas. Em sua mais nova encarnação, o multi-instrumentista norueguês se faz acompanhar apenas pelo genial baterista belga Dirk Verbeuren, e aqui você acompanha os pormenores dessa união, que desencadeou o ótimo *Edder & Bile*.

O Cadaver é um dos pioneiros do cenário death metal norueguês, tem alguns clássicos em sua jornada, mas estava sem lançar um novo disco desde o longínquo ano de 2004, quando soltaram *Necrosis*. Sendo sincero, acho que nós, fãs da banda, não imaginávamos um novo álbum completo nesse momento, mas é incrível que isso tenha acontecido. Você pode contar um pouco sobre a maneira como surgiu *Edder & Bile*?

Anders "Neddo" Odden: Em primeiro lugar, muito obrigado pelas palavras e pelo interesse em falar sobre o nosso novo álbum, obrigado mesmo. Bem, eu entendo quando você diz que ninguém estava esperando por esse novo álbum, foi uma surpresa mesmo, ainda lembro como as pessoas reagiram quando anunciamos... A verdade é que os primeiros passos para o novo disco foram dados há vários anos, e se as coisas tivessem sido diferentes, talvez ele tivesse saído muito antes. A motivação inicial para a concepção de *Edder & Bile* surgiu ainda em 2012. Basicamente, eu estava sem banda nenhuma naquele momento. Eu tinha um projeto chamado Doctor Midnight & The Mercy Cult, mas não estava fluindo naquele momento, quer dizer, era apenas um projeto e de repente nenhum dos outros caras estava disponível para trabalhar nele, então eu estava completamente parado, sem uma banda para tocar. Em vez de ficar em casa sentado e reclamando da vida, resolvi começar a escrever algumas canções, trabalhar em um bocado de ideias diferentes, sem um rumo ou um destino definido para elas, queria apenas registrar algumas partes e tentar criar algumas músicas. O engraçado é que, embora eu não estivesse pensando em nada específico na hora de compor, tudo o que eu escrevia parecia ser feito para o Cadaver, pois o death metal é meu lugar de origem. Geralmente, é nesse caminho que surgem as minhas melhores ideias, então, foi o que aconteceu meio que naturalmente.

Pelo visto, nem você esperava um novo álbum do Cadaver...

Neddo: Pois é (risos). Mas é verdade, mesmo com um punhado de canções e ideias circulando pela minha mente, eu não tinha nenhum plano de gravar um novo álbum do Cadaver, a possibilidade nem sequer foi imaginada até eu encon-

trar com o baterista Dirk Verbeuren (N.R.: ex-Soilwork e Aborted, e atual baterista do Megadeth, além de milhares de outras participações em bandas e projetos). Foi uma dessas situações engraçadas da vida, todos sabemos que ele é apaixonado e tem um grande envolvimento com o metal extremo, mas eu não fazia ideia que ele conhecia e apreciava a música do Cadaver.

Esse encontro foi em 2014, suponho.

Neddo: Isso, exatamente. Como você sabe, naquela época eu já estava tocando ao vivo com o Satyricon. Em 2014, Frost (N.R.: Kjetil-Vidar Haraldstad, baterista do Satyricon e 1349, com passagens por Keep of Kalessin, Gorgoroth e Zyklon-B) precisou se ausentar por algumas datas e Dirk foi chamado para substituí-lo. O que eu descobri naquela época é que ele não era apenas um grande fã do Satyricon, mas que ele era o maior fã do Cadaver que eu já tinha encontrado pessoalmente em todos esses anos, foi incrível! Descobri que nossos álbuns foram uma das principais influências para que ele começasse a tocar bateria, e isso me deixou muito feliz e satisfeito. Um dia ele se aproximou de mim ainda com as baquetas na mão, bateu no meu ombro e disse: 'Sabe de uma coisa? O Cadaver deveria lançar um disco novo. O que você acha?'. Eu respondi: 'Acho ótimo e vou chamá-lo para tocar bateria.' (risos) Foi meio que uma brincadeira, mas era sério (risos). Então, eu contei pra ele que vinha trabalhando em algumas ideias e ele me pediu que enviasse essas faixas, que ele então retornaria com algumas ideias de bateria para eu ver como soavam. Acho que enviei umas dez músicas e o que Dirk me enviou de volta era simplesmente absurdo, aquilo explodiu a minha cabeça, nunca tinha ouvido nada assim nas minhas músicas. Cara, eu ouvi aquilo e não tive dúvida, o álbum precisava ser feito, e mais, Dirk não poderia ser apenas alguém que participou da gravação do disco, ele tinha que ser parte da banda, já que com sua ajuda aquelas músicas tinham subido para um outro nível.

Naquela época você já tinha decidido que a banda seria apenas vocês dois?

Neddo: Sim, basicamente. Quer dizer, eu estava plenamente decidido que, se fosse dar uma nova vida para o Cadaver – e isso soou bem legal, não? (risos) –, teria que ser com o mínimo de pessoas possível, era a única maneira que eu conseguia ver essa banda funcionando. Sou multi-instrumentista e já fazia algum tempo que tinha percebido que conseguiria gravar todos os instrumentos para um disco, exceto a bateria. Não queria egos estragando tudo, então manter as coisas simples era fundamental. E aí está a grande coisa: Dirk é um baterista fenomenal, um dos melhores, se não o melhor de todo o cenário extremo, e ainda assim é uma pessoa formidável, zero ego. Ele realmente queria ajudar e ser parte dessa banda, então desde o começo percebi que era ele quem devia estar ao meu lado como integrante do Cadaver.

Imagino que, para você, seja quase como a sensação de um novo começo.

Neddo: É engraçado, mas é exatamente assim que me sinto. Não é como se eu estivesse reformando a banda depois de tantos anos parada, sinto como se esse fosse o começo do zero, e em certo sentido talvez seja isso mesmo. Estou extremamente feliz, satisfeito e orgulhoso com *Edder & Bile*, sinto um enorme orgulho de ele ter sido lançado como um álbum do Cadaver, pois esse é o meu projeto musical original, é o meu filho favorito, por assim dizer.

EDDER & BILE
Nuclear Blast - Imp.

Entre para nosso Canal no Telegram: t.me/ROADIEREVISTAS

Além de você e de Dirk, *Edder & Bile* também destaca a participação de alguns convidados bastante especiais, como é o caso de Kam Lee (Massacre, ex-Death) na faixa *Feed the Pigs*.

Neddo: É verdade. E ter Kam Lee em uma composição era uma ideia antiga, algo que já tinha imaginado e conversado antes mesmo de começar a pensar mais seriamente em *Edder & Bile*... Deixe-me explicar um pouco melhor: como disse antes, só comecei a pensar mais sério em um novo álbum do Cadaver depois de conhecer Dirk, então foi por volta de 2015 quando comecei de fato a planejar *Edder & Bile* mais seriamente. Mas eu estava um pouco em dúvida quanto à minha performance nos vocais naquela época, então passei a considerar a possibilidade de ter alguns convidados especiais. Bom, *Feed the Pigs* tem uma energia tão death metal que a decisão nem precisou ser cogitada, eu queria Kam Lee nela, não poderia ser outra pessoa. Entrei em contato e ele respondeu positivamente, ficou bastante empolgado. Ele mesmo escreveu os versos que canta, e a performance dele é única, como sempre.

O outro convidado foi ninguém menos que Jeff Becerra (Possessed), em *Circle of Morbidity*.

Neddo: Isso mesmo. E essa foi uma situação totalmente diferente, pois eu nunca tinha encontrado Jeff, não conhecia o pessoalmente, mas aí aconteceu outra dessas situações curiosas da vida: em 2019, eu viajei para Los Angeles, pois gravamos o álbum em Hollywood (N.R.: no Northwood Studio), e eu fiquei hospedado na casa de Dirk e sua esposa, Hannah. Bem, Hannah Verbeuren é uma fotógrafa extremamente talentosa, ela que fez todo o material fotográfico para *Edder & Bile*, inclusive a foto da capa. Certo dia eu estava ensaiando no estúdio e na mesma sala ela estava registrando algumas fotos para o Possessed, acho que era material para uma revista, não lembro. Ela sabia que sou fã do Possessed e nos apresentou, tive a chance de conhecer a banda inteira. Jeff de cara se mostrou uma pessoa ótima, muito receptivo. Ele conhecia nossa banda, então perguntei se gostaria de registrar alguma coisa no nosso novo álbum, já que, assim como acontecia então com o Possessed, estávamos registrando nosso álbum de retorno.

Um encontro providencial.

Neddo: De fato. Foi divertido, pois em um momento eu estava conversando com Jeff Becerra e perguntando se ele gostaria de participar do nosso novo álbum, e no momento seguinte ele estava gritando no meu celular, pois foi ali que gravei os vocais dele (risos). Quando gravamos o vídeo para a música, ele também quis fazer e gravou pessoalmente, mas desta vez no celular dele (risos).

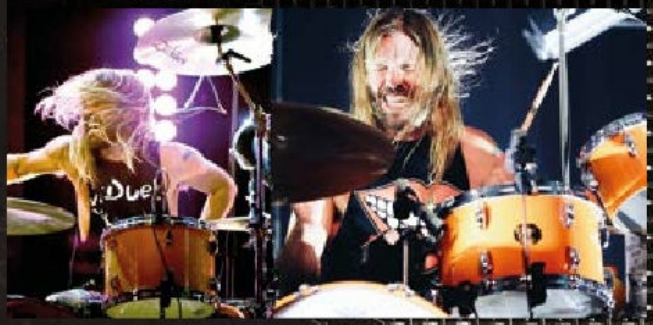
Bem, como um antigo fã fico muito feliz com esse novo álbum, uma pena que o momento não seja o mais oportuno para conferirmos essas músicas ao vivo.

Neddo: Muito obrigado mesmo, espero que todos possam conferir e curtir nossas novas músicas que, na minha opinião, soam como uma mistura da nossa sonoridade clássica com algo ainda mais brutal, espero que gostem. Pois é, a pandemia não chegou a atrapalhar as gravações de *Edder & Bile*, pois gravamos em 2019, mas ela chegou bem a tempo para o lançamento... (risos) É uma situação muito desagradável e bem longe do ideal, mas podemos lidar com isso. Apenas tomem cuidado, cuidem uns dos outros, e nos veremos assim que for possível.

IT'S ONLY ROCK'N'ROLL

Por Antonio Carlos Monteiro

Antonio Carlos Monteiro é redator da Roadie Crew, produtor e apresentador do Rock'n'Brasil (MKK Web Radio) e Vamos Tomar Uma? (YouTube)



COINCIDÊNCIAS E FATALIDADES

Confesso que não gosto de Foo Fighters. Não acho os riffs inspirados, não vejo graça nas composições, não consigo me lembrar de nenhum refrão marcante. Mas gosto muito da postura de Dave Grohl. O cara se posiciona com firmeza e nos shows pinça gente da plateia (inclusive crianças) pra tocar com a banda. Eu já disse mais de uma vez que se o Foo Fighters tivesse músicas tão legais quanto as atitudes de seu líder, seria a maior banda de rock do mundo.

E nesse contexto, assistir um show dos caras é sempre divertido. E foi o que aconteceu no início da madrugada do dia 25 de março. Após um dia intenso de trabalho, nada melhor que aquela relaxada na frente da TV assistindo alguma coisa bacana. E num canal musical estava passando justamente um show do Foo Fighters. Parei pra ver. De cara, a banda comprovou que foi talhada para estar em cima de um palco. Três guitarras, um astral ótimo entre os músicos e Dave fazendo das suas, com direito a descer para o meio da plateia com guitarra e tudo, para desespero dos seguranças.

Mas mesmo com a performance exuberante de seu líder, quem roubou a cena era o batera Taylor Hawkins. Sorrisão cravado no rosto durante todo o tempo, tocando muito e auxiliando em todos os backings vocals com extrema competência, algo raro em se tratando de um baterista. E um dos pontos altos do show acontecia quando ele deixava a bateria para o patrão e assumia o vocal principal, sempre em algum cover – no caso, foi *In the Flesh*, do Pink Floyd. Essa prática até gerou comentários maldosos, dizendo que Grohl deveria voltar à bateria em definitivo e deixar os vocais para Hawkins...

Acabei vendo o show até o fim. E no dia seguinte acordei com a notícia da morte de Taylor Hawkins em Bogotá (COL), dois dias antes de se apresentar no Brasil, no encerramento do festival Lollapalooza. Por conta do ocorrido na véspera, a notícia foi ainda mais chocante. E o fato de Taylor estar aparentemente com plena saúde, no meio de uma turnê, deixou tudo mais triste e misterioso. Apesar de não divulgada oficialmente, todas as evidências levam à conclusão de que foi overdose acidental. Não me cabe neste espaço (e nem em qualquer outro) julgar Taylor Hawkins pelo ocorrido. Todos nós, adultos, sabemos dos riscos e consequências das atitudes que tomamos e paramos por aí, Porém, é sempre lamentável ver alguém no auge como ele partir de forma tão repentina. E fica a dúvida: o que será feito do Foo Fighters? Porque é difícil imaginar como Grohl vai subir no palco novamente, olhar para trás e não ver seu amigo de longa data. Porém, algo é certo: o rock perde muito com a morte de Taylor Hawkins. Que ele descanse em paz.

BROTHERHOOD

Por Luiz Cesar Pimentel

Luiz Cesar Pimentel é jornalista, escritor

HOPELESS CASE OF A KID IN DENIAL

Estava com as mãos no teclado para começar a escrever esta coluna quando leio que o Hellacopters lançou disco novo. Vejo a foto promocional e percebo que o guitarrista original, Dregen, retornou à banda. Isso me faz voltar uns dezoito anos no tempo. À época, eu era sócio de uma revista de música e cultura pop, chamada *| | Zero*. Sócio era a ponta do iceberg, pois de fato éramos três amigos que faziam tudo – pautas, reportagens e até fotos. E, sim, ainda existiam reportagens e a figura do fotógrafo.

Voltemos ao fato.

Fui lá fazer uma pauta com conterrâneos suecos do Hellacopters, o Backyard Babies, a quem o Dregen então liderava. Ele e o baterista (Peder) queriam conhecer uma 'voodoo shop'. Sei lá se confundiram o Brasil com Benim ou Haiti. Sei que peguei a bola pingando e me ofereci para levá-los. Fomos os três no meu carro numa loja de macumba (que era como chamávamos; hoje deve ter um nome bem mais "correto". E chato) na rua Augusta.

Chamei o pai-de-santo-dono de canto e expliquei que os gringos estavam em turnê e blablablá. Falei: "Faz uma ronda pela loja com eles que eu traduzo" (e, de quebra, componho minha matéria).

Ele mostrava as imagens de santos, velas, colares e eu ia traduzindo do jeito que dava. Ponto alto foi quando nos levou a um cômodo no subsolo onde matava animais para os rituais. Quando eu disse que estavam no "altar of sacrifice" (não podia perder a deixa slayeriana), só ouvi um "ooohhhh" longo de admiração.

A foto que ilustra este texto é minha. E na mesma noite fui ao Hangar 110 cobrir o show da banda.

Conto tudo isso para chegar ao que seria o tema desta coluna. Ele (o tema) brotou da indignação de abrir a Ilustrada (Folha de S. Paulo) após o Lollapalooza recente e, tendo a importância musical histórica que o festival teve (apesar do fraco line-up), com morte do Taylor Hawkins, artistas unidos em manifestações contra censura etc., me deparar com página dupla sobre a "volta da moda periguete (nos eventos)" em página e meia e o restante para o dono da toalha da controvérsia que a Pabllo Vittar ergueu.

Sério? Só que esta coluna seria para reclamação, que a tornaria pouco eficiente. Preferi usá-la para contar história. Afinal, foi para isso que estudei – (tentar) levar a melhor versão das melhores histórias. Mas uso-a também para manifestar pena do jornalismo cultural atual e, ainda mais, do público que tem isso que resultou da cobertura do Lollapalooza para consumo. No final, espero tê-lo convencido involuntariamente a escutar o disco novo do Hellacopters, *Eyes of Oblivion*. Vale a pena.

ENTRE NO NOSSO GRUPO DO Telegram COLUNISTAS BRASIL

ANDRE MATOS MAESTRO DO ROCK

O 1º filme do Documentário Andre Matos - Maestro do Rock, já está disponível no streaming em uma parceria com a Roadie Crew. A exibição será na plataforma Vimeo e conta com **CONTEÚDO EXTRA INÉDITO E EXCLUSIVO**, que não estará disponível em nenhum outro lugar.

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

ALUGUE E ASSISTA! ONDE ASSISTIR?

Você vai alugar e assistir através da plataforma VIMEO, totalmente online. Como é uma plataforma gringa, o preço é em dólar americano. Nessa plataforma é possível assistir no celular, tablet ou TV.

GARANTA SEU DESCONTO

Confira descontos disponíveis para assinantes e novos assinantes da Roadie Crew e do canal da revista no YouTube e doadores da vakinha!

ASSINANTES E NOVOS ASSINANTES
ROADIE CREW
50% OFF

ASSINANTES E NOVOS ASSINANTES DO CANAL DO YOUTUBE
ROADIE CREW
20% OFF

DOADORES ACIMA DE R$ 25 PARA A PRODUÇÃO DO FILME
vakinha
50% OFF

COMPRADORES DO BOX DOCUMENTÁRIO "ANDRE MATOS - MAESTRO DO ROCK"
ANDRE MATOS MAESTRO DO ROCK BOX
50% OFF

ROADIE CREW

Alugue o documentário agora mesmo!

ROADIECREW.COM/ANDREMATOS

ROADIE CREW

PROFILE

ARMANDÖ MACEDÖ (FLAGELADÖR)

Por Ricardo Batalha • Fotos: Dani Moreira

Primeiro disco que comprou:
"*Killers* (Iron Maiden)."

Melhor disco de heavy metal:
"*Stained Class* (Judas Priest)."

Último disco que comprou:
"*Dead and Buried*, da banda paulistana Damnation City."

Quatro bandas que chamaria para um festival:
"Whipstriker, Cemitério, Damn Youth e Ratos de Porão."

Música que mais gosta de tocar:
"*Obcecado por Sangue* (Flageladör)."

Música que melhor define sua carreira:
"*Nas Minhas Veias Corre Fogo* (Flageladör)."

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Disco que mudou sua vida:
"*No Remorse* (Motörhead)."

Disco que mais ouviu na vida:
"*Killers* (Iron Maiden)."

Melhor capa de disco:
"*Metal Heart* (Accept)."

Disco que daria a seu pior inimigo:
"Algum do Sérgio Reis."

Disco que gostaria de ter gravado:
"*Melissa* (Mercyful Fate)."

Música que gostaria de ter composto:
"*Caçador da Noite* (Dorsal Atlântica)."

Disco dos anos 70 que recomenda:
"*Live and Dangerous* (Thin Lizzy)."

Disco dos anos 80 que recomenda:
"*Another Perfect Day* (Motörhead)."

Disco dos anos 90 que recomenda:
"*Fear of the Dark* (Iron Maiden)."

Disco dos anos 2000 que recomenda:
"*Demon's Massacre* (Farscape)."

Três hinos do rock/metal:
"*Overkill* (Motörhead), *Vitória* (Dorsal Atlântica) e *Ram it Down* (Judas Priest)."

Uma música que você adora, mas não sabe por que... Afinal, ela é horrível e você sabe disso:
"*Big Balls* (ACDC)."

Qual banda gostaria de ouvir fazendo uma versão de alguma música de seu grupo?
"Damnation City."

Além dos projetos atuais, em qual banda gostaria de tocar um dia?
"Participei de uma tour como guitarrista do Whipstriker e foi extremamente prazerosa por ter sido ao lado de grandes amigos. Sempre estarei disponível para participar em alguma outra ocasião."

Um músico que definitivamente não o agrada:
"Phil Anselmo."

Instagram:
@venenosonoro
@Flagelador

Para qual música de outro artista adoraria gravar uma nova versão?
"*Perto dos Portais da Loucura* (Velho)."

Qual outro instrumento gostaria de saber tocar?
"Trombone. Meu avô paterno (que infelizmente não cheguei a conhecer em vida) era maestro de orquestra. Cresci vendo meus tios e o meu pai tocando instrumentos de sopro e adoro essa sonoridade grave do instrumento."

Quando acorda, qual música prefere ouvir?
"*Screaming for Vengeance* (Judas Priest)."

Além de rock e metal, quais são os seus estilos musicais prediletos?
"Sou bem eclético, curto demais música folk sul-americana, canções de protesto dos anos 60/70, músicas de povos tradicionais das Américas, coisas do tipo."

Se você não fosse músico, o que gostaria de ser?
"Roadie."

Como foi seu encontro mais bizarro com um fã?
"Sempre lembro de um show em Belo Horizonte, onde tocamos com Força Macabra (FIN), Kuolema (FIN), Chakal e Lobotomia. Na frente do palco havia um punk enorme, cheio de rebites e com um moicano armado de uns 15 centímetros. Quando a cortina abriu e ele me viu com o capuz de carrasco que uso nos shows, ele pulou de alegria, dando socos no ar, e gritando: 'NÓSSINHORA, SÔ! É O CEIFADÔÔ, UAI!'"

Complete a frase: Eu sou um sucesso quando...:
"minha música significa algo e toca a alma de outras pessoas que não apenas os integrantes das minhas bandas."

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

ONLINE FESTIVAL

O já tradicional evento online, realizado mensalmente, tem a missão de celebrar e promover o trabalho das bandas brasileiras e fortalecer a cena do heavy metal nacional, sempre com transmissão "Streaming-Live" exclusiva pelo canal oficial da Roadie Crew no Youtube.

15ª EDIÇÃO

16ª EDIÇÃO

17ª EDIÇÃO

18ª EDIÇÃO

Entre no nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

19ª EDIÇÃO

20ª EDIÇÃO

21ª EDIÇÃO

22ª EDIÇÃO

23ª EDIÇÃO

24ª EDIÇÃO

25ª EDIÇÃO

26ª EDIÇÃO

Acesse nosso canal do YouTube e se inscreva. Ative o sininho para receber todas as atualizações.

YouTube.com/RoadieCrewMagTV

CURADORIA
SOM DO DARMA
Management, Booking, Press & Promotion

BANDAS INTERESSADAS, ENTRAR EM CONTATO PELO INSTAGRAM @ELI-TONTOMASI

ROADI

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

No Rest Fo

No Rest Fo

E CREW

Heavy Metal & Classic Rock

The Wicked

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BIBLIOTECAREVISTAS

The Wicked

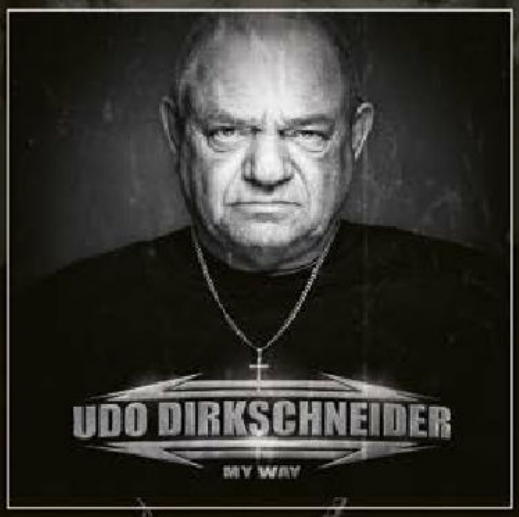
Divulgação
behe
Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS
ROADI

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

E CREW

Heavy Metal & Classic Rock

The anniversary album for the heavy metal icon
Udo Dirkschneider's 70th birthday, with 17 excellent cover versions of
Queen, AC/DC, Motörhead, Judas Priest and many more!



CD Digipak I Earbook I Colored Vinyl I Digital

„A timeless singer, singing timeless classics. A must have!"
LOUD (PT), Jorge Botas

OUT NOW!

The new masterpiece from the exceptional guitarist **Michael Schenker**, with
Ronnie Romero (Rainbow and others) as the main singer, and guests
Michael Kiske (Helloween), Ralf Scheepers (Primal Fear) and more!

CD Digipak I Earbook I Colored Vinyl I Digital
11 new songs plus 2 bonus tracks (CD and Earbook)

OUT 27.05!

The Swiss hard rock giants featuring **Leo Leoni**
(Gotthard) with their 3rd studio album and
11 absolute rock grenades!

2CD digipak I Limited edition Box I Vinyl I Digital
Digipak CD incl. 4-track bonus CD!

OUT 13.05!

The Fist is the Law! The Canadian Heavy Metal
high flyers with their new stroke of genius!

Digipak I Limited edition box I Vinyl I Digital

OUT NOW!

Exclusive editions and merchandise:

www.atomicfire-records.com

www.facebook.com/atomicfirerecords | www.instagram.com/atomicfirerecords

Brasil Jornais

Entre em nosso Grupo no Telegram!

Acesse t.me/Brasiljornais

Clique aqui!

Tenha acesso aos principais jornais do Brasil.

Distribuição gratuita, venda proibida!